

DENISE DE SOUZA ASSIS

**IGREJAS DE FRENTE COM GABI:
UMA ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO MEDIATEZADO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS- BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

A848i
2017 Assis, Denise de Souza, 1992-
Igrejas de frente com Gabi : uma análise do discurso
religioso midiaticizado / Denise de Souza Assis. – Viçosa, MG,
2017.
xii, 204f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Mônica Santos de Souza Melo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.180-185.

1. Comunicação de massa em religião. 2. Comunicação -
Aspectos religiosos. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Letras. Programa de Pós-graduação em Letras.
II. Título.

CDD 22 ed. 302.23

DENISE DE SOUZA ASSIS

**IGREJAS DE FRENTE COM GABI:
UMA ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO MIDIATIZADO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

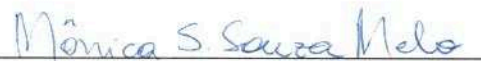
APROVADA: 30 de março de 2017.



Cláudio Humberto Lessa



Cristiane Cataldi dos Santos Paes



Mônica Santos de Souza Melo
(Orientadora)

*Aos meus amados pais,
meus maiores exemplos de força e coragem.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço acima de tudo a Deus, o Senhor da minha história, Aquele que sempre me guiou em minhas escolhas e me deu luz e sabedoria durante toda essa jornada, fazendo com que eu não desistisse e tivesse coragem de seguir em frente sempre.

Às minhas queridas santinhas, Santa Rita de Cássia e Nossa Senhora Aparecida, às quais sempre recorri nos momentos de desespero, angústia e tristeza. Obrigada por terem sempre intercedido a Deus por mim.

Aos meus amados pais, que, em meio a todos os problemas e desafios, sempre estiveram ao meu lado me apoiando em todas as minhas decisões e me fortalecendo com suas orações e confiança. Não teria conseguido sem o apoio, carinho e esforço de vocês dois.

À minha irmã Daiane, por quem nutro um amor incondicional, e aos meus lindos avós, que sempre torceram por mim e me guardaram em suas orações.

À minha querida orientadora Mônica Santos de Souza Melo, a quem devo total gratidão por ter me acolhido desde a graduação e ter me ensinado grandiosas lições, as quais foram primordiais para o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Obrigada por toda paciência, atenção e confiança durante todos esses anos.

Aos professores do Mestrado, pelos ensinamentos e conhecimentos transmitidos. Em especial, aos professores Mariana Procópio e Rony Petterson Gomes do Vale, pelas discussões enriquecedoras e pela boa vontade em contribuir com o desenvolvimento deste trabalho.

À professora Cristiane Cataldi e ao professor Claudio Humberto Lessa, por aceitarem prontamente participarem da banca de defesa dessa dissertação. Agradeço pelo tempo dedicado à leitura de meu trabalho e às excelentes contribuições que certamente o enriquecerão e o tornarão mais completo.

Aos meus queridos amigos que estiveram ao meu lado, dando força e apoio. Em especial, ao Wilson, meu irmão de coração, por todo o amor, compreensão e por sempre confiar em mim e me acalmar dizendo que tudo ia dar certo. Obrigada por me proporcionar infinitos momentos de descontração e alegria e por me aguentar nos

momentos de crise. Ao meu querido Richardson, que além de me ajudar diretamente no desenvolvimento da pesquisa, sempre me escutou e se fez presente mesmo que de longe, me dando carinho e me acalmando com infinitos conselhos os quais foram primordiais para que eu não desistisse. À Nayara e Bruna, por sempre atenderem aos meus pedidos desesperados com toda paciência, amor e presteza. Muito obrigada pelas palavras de carinho e pela boa vontade em me ajudar sempre que precisei. Ao Welton, pelas discussões enriquecedoras e dúvidas tiradas ao longo desse percurso. À Rafaela, Juliely, Débora, Danúbia, Aline e Laura agradeço pela amizade, apoio e confiança, vocês sempre foram muito especiais. À Jessica, Daiane, Marta, Moniki, Nayara e Sílvia, que também me acompanharam nessa difícil jornada de pesquisa e foram minhas companheiras de desabafo nos momentos de angústia. Aos amigos que chegaram ao finalzinho dessa trajetória, mas me encorajaram e me incentivaram, em especial, Thales e Bruno. Às minhas queridas Dhara e Mayara, que me proporcionaram momentos de descontração e me escutaram sempre quando eu precisei. Minha eterna gratidão a todos vocês, meus amigos, que são essenciais em minha vida.

À Universidade Federal de Viçosa e ao DLA, pela acolhida desde a graduação até hoje com o fechamento deste ciclo de minha vida.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras, em especial, à Adriana, por todo o carinho, atenção, eficiência e presteza em ajudar sempre. Muito obrigada mesmo!

À Capes, pelo financiamento dessa pesquisa durante esses dois últimos anos.

No mais, minha eterna gratidão a todos que, de alguma forma, foram essenciais durante essa caminhada dura, porém extraordinariamente enriquecedora!

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE QUADROS	x
RESUMO	xi
ABSTRACT.....	xii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 – MÍDIA, RELIGIÃO E PODER	6
1.1. Católicos e Protestantes no Brasil: uma breve contextualização histórica, social e cultural.....	6
1.1.1. Discurso religioso: algumas características e considerações	12
1.2. Religião, Igreja e Poder.....	15
1.3. A midiaticização do discurso religioso	18
CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	23
2.1. A Teoria Semiolinguística	23
2.2. A Argumentação: da Retórica à contemporaneidade.....	28
2.2.1. Argumentação: visão geral.....	28
2.2.2. A Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca	31
2.2.3. A Argumentação na perspectiva da Semiolinguística.....	33
2.2.3.1. Os Modos de raciocínio	35
2.2.3.1.1. A dedução	35
2.2.3.1.2. A explicação.....	35
2.2.3.1.3. A associação.....	36
2.2.3.1.4. A escolha alternativa.....	36
2.2.3.1.5. A concessão restritiva	36
2.2.4. A encenação argumentativa	36
2.2.4.1. Procedimentos semânticos	37

2.2.4.2. Procedimentos discursivos	38
2.2.4.2.1. A definição	38
2.2.4.2.2. A comparação	38
2.2.4.2.3. A descrição narrativa	39
2.2.4.2.4. A citação	39
2.2.4.2.5. A acumulação.....	39
2.2.4.2.6. O questionamento	40
2.2.4.3. Procedimentos de composição	40
2.3. O <i>Ethos</i> e a construção da imagem de si: da Retórica aos estudos discursivos	40
2.4. Os imaginários sociodiscursivos	45
2.5. O contrato midiático, a televisão e os estudos televisivos	46
2.6. O gênero na perspectiva Semiolinguística	50
2.6.1. A entrevista televisiva ou midiática: o que é esse gênero discursivo?.....	54
2.6.2. A encenação visual e fílmica: alguns pressupostos	57
2.6.2.1. Signos icônicos (figurativos)	59
2.6.2.2. Signos plásticos (não-figurativos).....	59
2.6.2.2.1. Cor.....	60
2.6.2.2. 2. Iluminação.....	60
2.6.2.2.3. Escala de planos	61
2.6.2.2.4. Ângulos	61
2.6.2.2.5. Variáveis proxêmicas	62
2.6.3. Análises das sequências	62
2.6.4.1. Os parâmetros de roteiro	62
2.6.3.2. Movimentos de câmera	62
2.6.3.3. Montagem	63
2.7. A dimensão discursiva da comunicação visual e fílmica.....	63
2.7.1. A dimensão enunciativa no dispositivo televisivo.....	64

2.7.2.1. O dispositivo de mostração	64
2.7.3. A argumentação no estrato visual	65
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	68
3.1. A natureza da pesquisa.....	68
3.2. Descrição do <i>corpus</i>	71
3.2.1. O programa <i>De frente com Gabi</i>	71
3.2.2. Os sujeitos analisados: quem são?	73
3.2.3. Descrição das temáticas “Sexualidade” e “Família”	76
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS	82
4.1. Descrição do programa <i>De frente com Gabi</i> : um exemplo de Entrevista Jornalística	82
4.2. Padre Fábio de Melo: análise da temática “Sexualidade”	87
4.3. Padre Fábio de Melo: análise da temática “Família”	96
4.5 Pastor Silas Malafaia: análise da temática “Sexualidade”	118
4.6. Pastor Silas Malafaia: análise da temática “Família”	131
4.7. Analisando o <i>Ethos</i> na entrevista do pastor Silas Malafaia: a polêmica e a construção da imagem de si	136
4.8. Analisando o estrato visual e fílmico no espaço midiático	141
4.8.1. Analisando a dimensão discursiva da comunicação fílmica.....	151
4.8.2. A argumentação na comunicação visual: o <i>logos</i> , o <i>pathos</i> e o <i>ethos</i>	152
4.9. A questão da sexualidade e da família nas entrevistas: análise dos imaginários ...	154
4.10. Análise comparativa.....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	180
ANEXOS	186

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro de religiões no Brasil referente ao Censo 2010.....	11
Figura 2 - Processo de semiotização do mundo.....	24
Figura 3 - Situação de comunicação.....	26
Figura 4 - A cena argumentativa.....	34
Figura 5 - <i>Ethos</i> para Maingueneau.....	44
Figura 6 - Cenário do programa <i>De Frente com Gabi</i>	72
Figura 7 - Família - Pastor Silas Malafaia.....	76
Figura 8 - Suástica com o nome de Malafaia.....	124
Figura 9 - Cena em que aparecem Fábio de Melo e Marília Gabriela.....	143
Figura 10 - Cena em que aparecem Silas Malafaia e Marília Gabriela.....	143
Figura 11 - Silas Malafaia e Marília Gabriela.....	144
Figura 12 - Padre Fábio de Melo e Marília Gabriela.....	144
Figura 13 - Padre Fábio de Melo.....	145
Figura 14 - Marília Gabriela.....	146
Figura 15 - Silas Malafaia.....	146
Figura 16 - Marília Gabriela.....	146
Figura 17 - Silas Malafaia.....	147
Figura 18 - Padre Fábio de Melo e Marília Gabriela.....	147
Figura 19 - Silas Malafaia e Marília Gabriela.....	147
Figura 20 - Padre Fábio de Melo e Marília Gabriela.....	148
Figura 21 - Cena em que aparecem Malafaia e Marília Gabriela.....	148

Figura 22 - Padre Fábio de Melo.....	149
Figura 23 - Marília Gabriela	149
Figura 24 - Marília Gabriela	150
Figura 25 - Silas Malafaia.....	150
Figura 26 - Cena em que aparecem Fábio de Melo e Marília Gabriela	150
Figura 27 - Cena em que aparecem Silas Malafaia e Marília Gabriela	151
Figura 28 - Imagem do <i>Twitter</i> sobre a entrevista de Fábio de Melo	174
Figura 29 - Imagem do <i>Twitter</i> sobre a entrevista de Silas Malafaia.....	174
Figura 30 - Imagem do <i>Twitter</i> sobre a entrevista de Silas Malafaia.....	175

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais visadas discursivas.....	54
Quadro 2 - Principais temas discutidos em cada temática durante as entrevistas.....	81

RESUMO

ASSIS, Denise de Souza, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2017. **Igrejas de frente com Gabi: uma análise do discurso religioso midiaticizado.** Orientadora: Mônica Santos de Souza Melo.

A religião é uma prática social que contribui efetivamente nos processos estruturais, culturais e sociais da contemporaneidade, sendo importante tanto para a propagação de doutrinas e valores, quanto para a transformação social e para a formação da identidade cultural de um povo. Essa influência da religião se acentua com o uso crescente dos dispositivos midiáticos. Pensando na importância da *midiatização do discurso religioso* para a sociedade contemporânea, objetivamos, nesse trabalho, observar como religiosos de duas vertentes distintas utilizam a visibilidade das mídias com o intuito de captar devotos e propagar doutrinas. O *corpus* do nosso estudo é composto de duas entrevistas exibidas no programa do SBT *De Frente com Gabi*, que não tem como foco a evangelização, e foram concedidas pelo padre Fábio de Melo e pelo pastor Silas Malafaia. Pretendemos analisar a argumentação presente nas respostas dadas pelos dois religiosos aos questionamentos da apresentadora Marília Gabriela referentes às temáticas “sexualidade” e “família”. Para isso, objetivamos descrever a organização argumentativa dessas respostas, de forma a identificar as principais teses defendidas pelo enunciador e as estratégias argumentativas que foram utilizadas para defendê-las, além de identificar e descrever as imagens construídas pelos sujeitos e os imaginários circulados pelos religiosos estudados. Para nossas análises, utilizamos o aparato teórico ligado à Análise do Discurso, às Teorias Argumentativas e à Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau. Preocupamo-nos, também, com a análise do dispositivo fílmico e visual das entrevistas, nos apoiando nos estudos de Soulages (1999, 2008), Melo (2003) e Joly (2007). Depreendemos com nossas análises que tanto Fábio de Melo quanto Malafaia expressam suas opiniões e deixam transparecer o que as Igrejas Católica e Protestante defendem sobre as polêmicas discutidas nas entrevistas. Entretanto, há uma divergência na postura dos dois religiosos, que se centra em um contraste entre o carisma e a polêmica. Percebemos também uma nítida divergência em relação aos saberes e imaginários circulados pelos religiosos. Enquanto a fala do padre se centra mais em compartilhamento de ideias subjetivas, baseadas em sua experiência e vivência, o pastor se vale de saberes científicos e baseados em doutrinas. É importante destacar também que a instância midiática proporciona o alcance a um público diferenciado, que é afetado por diferentes usos da dramaticidade e da emoção nas entrevistas.

ABSTRACT

ASSIS, Denise de Souza, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2017. **Churches facing Gabi: a analysis of the mediatic religious speech.** Advisor: Mônica Santos de Souza Melo.

Religion is a social practice that effectively contributes to the structural, cultural and social processes of the contemporary world, being important both for the propagation of doctrines and values, and for the social transformation and formation of the cultural identity of the people. This influence of religion is accentuated by the increasing use of media. Considering the importance of the mediatization of religious discourse for contemporary society, the aim of this paper is to observe how two religious subjects from two distinct religious perspectives use the visibility of the media in order to attract devotees and propagate doctrines. The *corpus* of our study is composed of two interviews shown in the SBT TV show "De Frente con Gabi", which does not focus on evangelization and were granted by the priest Fábio de Melo and the minister Silas Malafaia. We intend to analyze the argumentation presented in the responses given by the two religious leaders to the questions made by the host Marília Gabriela referring to the themes "sexuality" and "family". For this purpose, we describe the argumentative organization of these answers in order to identify the main theses defended by the enunciator and the argumentative strategies that were used to defend them, besides identifying and describing the images constructed by the peoples and the imaginary circulated by the religious studied. For our analysis, we use the theoretical apparatus related to Discourse Analysis, the Argumentative Theories and the Semiolinguistic Theory developed by Patrick Charaudeau. We are also concerned with the analysis of the film and visual device of the interviews, accordingly to the studies of Soulages (1999, 2008), Melo (2003) and Joly (2007). We infer from our analysis that both Fábio de Melo and Malafaia express their opinions and reveal what the Churches have to say about the controversies discussed in the interviews. However, there is a divergence in the posture of the two religious, which is centered on a contrast between charisma and controversy. We also realized a clear divergence in relation to the knowledge and imaginaries spread by the religious. While the priest's speech is focused more on sharing subjective ideas, based on his experiences, the pastor uses scientific knowledge and bases his thoughts on his doctrine. The media instance provides the reach to a differentiated audience, which is affected by different uses of drama and emotion in the interviews.

INTRODUÇÃO

Como prática social, a religião tem sido constantemente estudada devido à sua contribuição ativa nos processos estruturais, políticos, econômicos e culturais da sociedade. Dentre esses estudos, destacamos Weber (2005), que se dedicou, em um plano mais geral, a desvelar o papel da religião como transformadora da ordem social. De acordo com este autor, essa prática pode ser comparada a um sistema de valores responsável por justificar ou exprimir, no contexto social, mudanças diretamente relacionadas às relações humanas. Visto isso, é possível percebermos a importância histórica da religião, que se estende aos dias atuais, tendo em vista que essa prática é responsável de forma direta pela propagação de valores morais e éticos dentro da sociedade.

É cada vez mais forte, também, o papel da religião como formadora da identidade cultural de um povo. Quanto a isso, podemos perceber que, na maioria das vezes, a religião e as formas de religiosidade são utilizadas pelos fiéis como uma espécie de “válvula de escape”. Muitos devotos encontram nas Igrejas uma forma de aliviar os desafios e conflitos do dia a dia, tais como problemas espirituais e até mesmo físicos. Assim, a Igreja e a religião cada vez mais se tornam responsáveis pelo “pensar” e até mesmo pelo “sentir” dos seus fiéis. Logo, a Igreja se firma como uma instituição transformadora da sociedade e principalmente modificadora da vida individual de cada devoto.

A função da Igreja de propagação de valores e doutrinas e de transformação social faz com que essa instituição se preocupe cada vez mais em expandir sua visibilidade e, portanto, procure novas formas de “fazer religião” que garantam sua face doutrinária, na maioria das vezes amparada pelos dispositivos midiáticos. Essas novas formas de aproximação com os fiéis resultam na relação constante entre dois domínios discursivos que estão cada vez mais próximos: o midiático e o religioso. A articulação entre esses domínios é responsável por uma doutrinação dos fiéis de forma diferente da tradicional, podendo ocorrer de modo direto por meio das missas e cultos televisionados, por exemplo, ou de uma forma indireta, com a presença dos líderes religiosos em programas de TV e nas redes sociais.

Segundo Neto (2001), o processo de midiaticização das instituições ocorre através da “subordinação de suas ações e agendas a processos de produção que são

tomados como empréstimos a esferas do campo dos medias” (NETO, 2001, p. 1). Assim, há, na esfera religiosa midiaticizada, uma relação de subordinação em relação à esfera midiática, para que esta propague os processos de evangelização. Essa relação de subordinação pode ser constatada pelo fato de o discurso religioso ter de adaptar a sua linguagem a padrões do discurso midiático nesse processo.

Segundo Gomes (2004), a aproximação entre os domínios citados proporciona um deslocamento do espaço tradicional, acanhado e restrito dos templos, para um campo aberto e multidimensional. Esse deslocamento é conhecido como *midiatização do discurso religioso*, processo estudado por diversos autores. Destacamos, neste momento, a fala de Peixoto *et al* (2008), que nos fala que através desse processo:

[...] as religiões ficam, assim, sujeitas a processos mais reflexivos, os quais contam com a ajuda fundamental dos meios de comunicação, cujos conteúdos fazem-se cada vez mais presentes na organização das interações sociais contemporâneas, seja de indivíduos ou instituições promovendo a divulgação de ideias e a defesa de um ponto de vista (PEIXOTO, *et al.*, 2008, p. 4).

Partindo da importância da midiatização da religião para a captação de novos fiéis e para a propagação de valores e ideias, nos propomos, nesta pesquisa, a analisar a forma como os religiosos de duas Igrejas distintas utilizam a visibilidade das mídias para propagar os princípios de suas instituições. No entanto, nos deteremos a pesquisar essa influência da midiatização em um espaço no qual a evangelização e doutrinação não é o foco. Essa escolha foi feita como forma de percebermos como a mídia pode estimular e contribuir para a expansão do discurso religioso em um programa que não objetiva a discussão e a propagação de doutrinas. Além disso, nos preocupamos em analisar como a argumentação dos religiosos nesse espaço pode contribuir para que as Igrejas estudadas atinjam seus objetivos de captação e de propagação de doutrinas.

Para isso, escolhemos analisar a organização argumentativa nas entrevistas que o padre Fábio de Melo e o pastor Silas Malafaia concederam ao programa *De frente com Gabi*, que foi apresentado no período de 2010 a 2015, no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), às 00:00 horas dos domingos, por Marília Gabriela. As entrevistas analisadas estão disponíveis no *site Youtube*¹. Optamos por trabalhar com dois segmentos religiosos distintos: o Catolicismo e o Protestantismo, sendo a Igreja

¹Entrevista padre Fábio de Melo.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TmHw0Xt9FXI&t=311s>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Entrevista pastor Silas Malafaia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14>. Acesso em: 20 fev. 2016.

Católica representada pela imagem séria e centrada do Padre Fábio de Melo, e a Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo representada pela figura emblemática e polêmica do Pastor Silas Malafaia.

As perguntas escolhidas pela apresentadora normalmente dizem respeito a temas de interesse social, já que se trata de um programa jornalístico, e o compromisso se dá com o interesse público e com os critérios de noticiabilidade. Nas entrevistas selecionadas, a apresentadora discutiu assuntos polêmicos, abordando questões ligadas à própria Igreja, à família, à sexualidade e à vida pessoal de cada entrevistado. Na situação em foco, nos restringiremos a analisar questões concernentes à sexualidade e à família, de modo a identificar que as estratégias argumentativas utilizadas pelos sujeitos enunciadore s tornam-se importantes recursos de convencimento dos sujeitos destinatários. Isso se torna muito importante, segundo Melo (2007), na medida em que tomamos a palavra, no discurso religioso, como importante mecanismo de sedução e captação de adeptos.

Para nossas análises, como principal referencial teórico, nos basearemos na Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau, nos pautando no Modo de Organização Argumentativo. Também recorreremos a outros autores que trabalham com Teorias Argumentativas, como Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, 2000) e Plantin (2008). Em nossas análises, também nos propomos a observar o *Ethos* (imagem projetada de si dentro do discurso) na estruturação argumentativa desses discursos, utilizando para isso, principalmente, os estudos de Amossy (2014), Charaudeau (2015) e Maingueneau (2007). No que diz respeito aos Imaginários sócio-discursivos referentes à família e à sexualidade, que são construídos pelos religiosos em seus discursos, trabalharemos com Charaudeau (2007, 2015). Pautaremos-nos, também, nos estudos de Soulages (1999), Melo (2003) e Joly (2007) para discutirmos sobre a composição do estrato visual e fílmico das entrevistas, e sobre a importância da iconicidade na construção do significado de algumas mensagens. Dessa forma, abarcaremos de forma mais ampla a importância da relação entre mídia e religião nesse discurso.

A nossa pesquisa tem como objetivo principal fazer uma análise comparativa que nos mostre como a discussão e divulgação de doutrinas se estabelece em um programa sem cunho religioso. Além disso, pretendemos que essa análise descreva e explique as estratégias argumentativas utilizadas em entrevistas concedidas por religiosos no programa *De Frente com Gabi*. Isso é importante devido ao fato de a argumentação ser

fundamental para o processo de doutrinação e captação de devotos que é o objetivo principal das Igrejas.

A análise se centra nas condições de produção e circulação do *corpus* escolhido, tendo em vista a necessidade de reflexão nesses discursos sobre questões que dizem respeito ao que é dito, sobre a forma como é dito e para quem é dito. As perguntas centrais que nos preocupamos em responder com o desenvolvimento desse trabalho são as seguintes: como a mediação interfere na propagação da fé no programa em questão? Quais e como os argumentos e as estratégias argumentativas são utilizados pelos sujeitos enunciativos com o intuito de captar os sujeitos destinatários e difundir suas doutrinas e pensamentos?

Como forma de responder a essas perguntas, vimos a necessidade de estabelecer os seguintes objetivos específicos, que se preocupam em: descrever a configuração do gênero entrevista televisiva de acordo com a noção de gêneros situacionais da Teoria Semiológica; descrever a organização argumentativa das respostas das entrevistas selecionadas, identificando as principais teses defendidas pelos enunciativos em torno dos temas discutidos e as estratégias argumentativas utilizadas na defesa de tais teses; analisar e interpretar o estrato visual e fílmico das entrevistas; analisar os *ethé* construídos pelos religiosos entrevistados e interpretar os imaginários em torno das duas temáticas analisadas.

As temáticas escolhidas para análise e debatidas nos programas analisados dizem respeito à instituição família e à sexualidade, incluindo questões sociais como homossexualidade, pedofilia, castidade e aborto. Sabe-se que essas temáticas são polêmicas e podem se tornar ainda mais questionadoras quando tratadas na perspectiva da religião, devido ao posicionamento rígido e conservador com o qual essa prática social as encara. Então, acreditamos que esse fator potencializa a importância desse estudo, pois a Igreja como uma instituição de propagação de valores, doutrinas e ensinamentos tem grande influência na sociedade, podendo formar, ou até mesmo mudar, a opinião das pessoas sobre determinados temas. Essa pesquisa ainda se faz bastante relevante, ao passo que se preocupa em abordar o pensamento da Igreja em relação às mudanças sociais e até mesmo éticas da atualidade, visto que analisaremos alguns posicionamentos dos religiosos escolhidos sobre temáticas de grande importância social.

Nossa dissertação será dividida em quatro capítulos. No primeiro, apresentaremos uma breve discussão sobre os conceitos de religião e mídia. Em relação ao capítulo dois, faremos considerações sobre o nosso referencial teórico, e os autores e trabalhos utilizados na composição desta dissertação. No capítulo três, traremos os pressupostos metodológicos que nortearam o desenvolvimento deste trabalho. Por fim, no último capítulo, apresentaremos as análises dos dados. O trabalho conta também com um tópico em que estão nossas considerações e reflexões finais. Além das referências bibliográficas e, por fim, a transcrição das entrevistas, que se encontram no anexo.

CAPÍTULO 1

MÍDIA, RELIGIÃO E PODER

Neste primeiro capítulo, faremos uma breve discussão sobre os conceitos de mídia e religião perpassando pelas relações de poder. Em um primeiro momento, nos preocuparemos em discutir a religião a partir de uma perspectiva histórica, social e cultural, tendo como foco as vertentes religiosas da Igreja Católica e da Igreja Protestante. Logo após, apresentaremos uma contextualização a respeito das relações de poder que envolvem as Igrejas que são instituições sociais e religiosas. Apresentaremos também uma discussão acerca das principais características do discurso religioso, nosso objeto de estudo. Por último, exporemos uma apresentação acerca das relações entre mídia e religião focando no fenômeno da midiaticização do discurso religioso.

1.1. Católicos e Protestantes no Brasil: uma breve contextualização histórica, social e cultural

A história do Brasil nos permite dizer que, durante quase quatro séculos, esse país foi classificado como oficialmente católico. Essa classificação se justifica, segundo Pierruci (2016), pelo fato de o país ter sido descoberto em 1500, colonizado pelos portugueses e catequizado pelos padres jesuítas. Mesmo tendo se tornado independente em sete de setembro de 1822, a Igreja Católica continuou a exercer sua hegemonia como instituição oficialmente unida ao Estado-nação no Brasil. Pierruci (2016) destaca que a superioridade da Igreja Católica já estava firmada desde antes do Descobrimento. Esse fato é reforçado, pois, segundo o autor, “décadas antes do Descobrimento, o papado já havia concedido à Coroa Portuguesa o direito de *padroado* sobre as igrejas instaladas nas terras conquistadas por Portugal” (PIERRUCI, 2016, p. 300). Esse *padroado*, de acordo com o estudioso, se caracteriza por atribuir à Coroa Portuguesa o controle sobre as novas igrejas e a conquista de novos fiéis. Dessa forma, o caminho da hegemonia católica no Brasil já estava traçado e iria se consolidar décadas mais tarde. Pierruci (2016) acentua, ainda, que, em virtude desse fato, as conquistas portuguesas aliavam evangelização e dominação colonial, tendo em vista que os portugueses se preocupavam demasiadamente com a conversão católica dos povos desconhecidos.

Os povos que seriam catequizados eram vistos, de acordo com Besen (2007), como “o bárbaro”, o “não-ser”, que só estaria digno de pertencer ao mundo europeu a partir da inserção de uma nova cultura e, principalmente, de uma religião. O autor acredita que:

[...] o europeu não foi capaz de imaginar, e muito menos admitir que outros povos pudessem ter existência própria. Estavam tão convencidos de sua centralidade universal, que logo encararam o homem americano como não-homem, como perigoso. O único caminho seria reduzi-lo à cultura europeia. Se ele reagisse, seria justo o emprego da violência, da “*guerra justa*”, pois estaria renegando a possibilidade de ser transformado em um ser humano. Juntamente com a dominação econômica, chegou até a América a dominação cultural (BESEN, 2007, p. 161).

Em virtude disso, é possível dizer que no Brasil a religião foi instaurada como uma força política aliada às ações educativas para os povos que aqui habitavam. Visto isso, é interessante destacar que naquela época o Clero estava diretamente ligado ao Estado. Assim sendo, Pierruci (2016) destaca que, durante o período colonial, a Igreja era estritamente dependente do Estado português, o que acentuava ainda mais sua face política. Todas as recomendações e instruções do Vaticano passavam antes pela administração portuguesa, sendo responsabilidade do monarca verificar todos os documentos. Ademais, ficava a cargo de Portugal o controle sobre os sínodos da diocese.

De acordo com Pierruci (2016), em 1827, com a administração de D. Pedro I, a religião católica consolidou ainda mais sua hegemonia, destacando-se como a religião oficial do Estado Brasileiro. Nessa época, o controle do Estado sobre o catolicismo era ainda mais forte e mais eficaz. No entanto, no final do século XIX, o regime republicano que substituiu a monarquia destituiu a religião católica de sua hegemonia. Nessa época, a Igreja Católica foi cada vez mais golpeada, perdendo a posição que conquistou junto ao governo português. Conforme salienta o autor citado *a priori*, o período republicano no Brasil declarou o país como estado *laico*, fazendo com que esse passasse a ser religiosamente neutro.

Como resultado, em 1889, essa separação entre a Igreja e o Estado promoveu a liberdade de culto, que Pierruci (2016) destaca como sendo “o respeito a todas as formas de expressão religiosa, o respeito escrupuloso às convicções mais íntimas de um ser humano, a liberdade de consciência” (PIERRUCI, 2016, p. 302). Devido ao caráter

laico do Brasil, hoje o país se instaura como um local onde predomina diversas religiosidades. Sobre isso, o autor nos fala que:

[...] o quadro é de pluralismo religioso, energizado por um processo de conversão e reconversão muito complexo e dinâmico, com os mais diferentes movimentos de reavivamento das religiões tradicionais, além da incorporação de novas formas de religiosidade, não raro com a passagem do converso por várias possibilidades de adesão religiosa (PIERRUCCI, 2016, p. 302).

Nesse contexto, é possível dizer que, atualmente, o Brasil se configura como um país diversificado em termos de religião. Mesmo que o catolicismo ainda predomine com maior número de adeptos, a liberdade religiosa propiciou um espaço em que diversas religiões puderam se propagar e até mesmo competir por visibilidade² dentro do território nacional. Pierruci (2016) afirma que essa liberdade religiosa permitiu ao Brasil uma acentuação de sua faceta multicultural, já que a religião também se justifica como a expressão cultural de um povo. No entanto, o autor destaca que mesmo que o catolicismo perca sua hegemonia como religião central no país, há ainda uma grande visibilidade das religiões cristãs. Segundo ele, “a maior parte dos brasileiros que hoje abandonam o catolicismo adere a um outro ramo do cristianismo” (PIERRUCCI, 2016, p. 303). Houve, assim, um crescimento considerável das religiões protestantes, conhecidas também como evangélicas.

De acordo com Silva (2009), a história do protestantismo se deu a partir da Reforma Protestante, no ano de 1517. Nesse período, o teólogo alemão Martinho Lutero rompeu com a Igreja Católica, insatisfeito com a doutrina da mesma, principalmente no que se referia ao pagamento de indulgências. Em virtude disso, o alemão publicou as “95 teses” criticando a condução do cristianismo, principalmente no que tange àquele aspecto. Silva (2009) nos diz que, para Martinho Lutero, a única salvação do homem é a sua fé, fato que o levava a não concordar com a venda de indulgências. De acordo com Besen (2007), Lutero era um homem com características de pregador, chefe e guia que estava convencido de ser enviado por Deus como anunciador de um caminho para a paz e a salvação. Assim, era reconhecido como responsável por agitar as massas populares e os ouvintes. De acordo com o autor citado anteriormente, “Lutero saiu da Igreja após séria luta e sem ter intenção de fazê-lo. Tornou-se reformador, na luta contra uma

²Embora haja, no Brasil, essa liberdade de culto, sabemos que algumas religiões são consideradas mais estigmatizadas, como por exemplo, as de matrizes africanas, que apresentam uma visibilidade menor dentro do território nacional. No entanto, nesse trabalho, não entraremos nessa questão. Falaremos apenas das religiões católica e protestante.

interpretação do catolicismo que de fato era cheia de deficiências” (BESEN, 2007, p. 166).

Dessa forma, surgiu o protestantismo, que aportou no Brasil, segundo Pierruci (2016), com os imigrantes estrangeiros que traziam o protestantismo de suas culturas e costumes. Destarte, a religião protestante surgiu no país como um “fenômeno populacional significativo” (PIERRUCI, 2016, p. 304). Dentre eles, estão os chamados luteranos, os anglicanos e os metodistas, que vieram dos Estados Unidos. No território brasileiro, há também os protestantes que vieram juntamente com as missões, sendo que, dentre eles, destacam-se os presbiterianos, os batistas e os episcopais provenientes dos Estados Unidos. Pierruci (2016) acentua que os protestantes vieram para o Brasil com a finalidade principal de converter os habitantes deste país. Entre eles, merecem destaque os metodistas norte-americanos que foram os primeiros a aportar no Brasil e instaurar a missão evangelizadora. O principal passo dessas Igrejas foi a distribuição de bíblias entre os brasileiros, fato que resultou na criação de uma Igreja Congregacional na cidade do Rio de Janeiro. Pierruci (2016) ressalta que, no final do século XIX, praticamente todos os segmentos do protestantismo já vigoravam no Brasil, a saber, o luteranismo, o anglicanismo ou episcopado, o metodismo, o presbiterianismo, o congregacionalismo e a batista.

No decorrer dos anos, o protestantismo sofreu diversas remodelações, diferenciando-se do modelo adotado no século XIX. Atualmente, as Igrejas crescem constantemente no país e as denominações se expandem e possuem cada vez mais adeptos. Silva (2009) subdivide o grupo de protestantes em três: os tradicionais, os pentecostais e os neopentecostais. Os tradicionais, de acordo com ela, surgiram imediatamente após a Reforma Protestante; entre suas principais características, reside o fato de rejeitarem a adoração de imagens e a prática do exorcismo. Eles destacam-se pelo interesse pelo estudo e ensinamentos da bíblia. Os tradicionais, segundo a autora, são os luteranos, os metodistas, os batistas, os presbiterianos e os anglicanos.

Os protestantes pentecostais são o grupo que nos interessa de forma mais ampla, pois é nele que se insere a denominação da Igreja comandada pelo pastor Silas Malafaia. Pierruci (2016) afirma que as Igrejas Pentecostais começaram a adentrar o Brasil nas primeiras décadas do século XX, sendo que as primeiras Igrejas instituídas foram a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus, que continuam até hoje figurando entre as principais do pentecostalismo brasileiro. O autor ressalta que no

Brasil a forma de vida religiosa advinda da religião pentecostal é a que mais sofre expansão no Brasil. De acordo com Silva (2009), os pentecostais acreditam na Bíblia e na ação do Espírito Santo. Ademais, também possuem costumes mais rígidos ligados ao vestuário, ao corte de cabelo e ao casamento restrito a apenas casais da mesma filiação religiosa.

Silva (2009) insere os neopentecostais como terceiro constituinte da divisão dos protestantes. Entretanto, Pierruci (2016) os classifica como uma ramificação dos pentecostais. Este autor salienta que essa forma de religião oferece “uma forma de religiosidade muito eficiente em termos práticos, pouco exigente em termos éticos e doutrinariamente descomplicada” (PIERRUCI, 2016, p. 307). Dessa forma, eles são vistos como menos rígidos em comparação aos pentecostais. Entre as principais Igrejas neopentecostais no Brasil, podemos citar, de acordo com Pierruci (2016): a Igreja de Nova Vida, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Renascer em Cristo.

Conforme vimos, no Brasil, a circulação de pessoas em torno de ritos e crenças trouxe diversas mudanças ao longo dos anos e fez com que, concomitante a essa circulação ocorresse também uma mudança cultural. Quanto a isso, Almeida e Monteiro (2001) ressaltam que houve na forma de propagação de religião do Brasil uma:

[...] multiplicação das alternativas religiosas, encontrando sua expressão máxima entre os evangélicos, cuja fragmentação institucional é estrutural ao seu próprio movimento de expansão. Nesse processo sempre renovado de divisão por “cissiparidade”, as denominações continuamente dão origem a novos grupos. (ALMEIDA; MONTERO, 2001, p. 92).

De acordo com Pierruci (2016), “o evangelismo pentecostal, portanto, ao se implantar e expandir, nada mais faz do que recristianizar os católicos desistentes ou desapontados com sua antiga Igreja” (PIERRUCI, 2016, p. 303). Assim, percebe-se o crescimento considerável das religiões evangélicas no território brasileiro, que se confirma a cada censo que é divulgado no Brasil. Segundo Almeida e Montero (2001), essa disposição revela a face das Igrejas Protestantes, já que algumas se projetam como mais “receptoras”, outras como mais “doadoras” e, em algumas, as crenças estão mais presentes e circulam mais.

No censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado em 2010³, foi possível perceber o declínio da religião Católica em relação às religiões evangélicas. Na época, os dados mostraram que houve uma redução de 1,7 milhão de fiéis na Igreja Católica, o que se refere a um percentual de 12,2%, número que provavelmente apresentará um aumento no próximo censo que será realizado pelo IBGE. Essa suposição é feita devido ao fato de que a pesquisa realizada anteriormente a esta de 2010 mostrava apenas um declínio da população católica, sem o aumento das religiões protestantes. Isso evidencia que em um futuro próximo a tendência é que haja uma aproximação entre o número de católicos e evangélicos. A mudança foi drástica se levarmos em consideração que em 1970 a população católica era de 91,8% e a evangélica de 5,2%. Na tabela abaixo é possível percebermos essa mudança em relação à religiosidade no Brasil no período de 1872 a 2010.

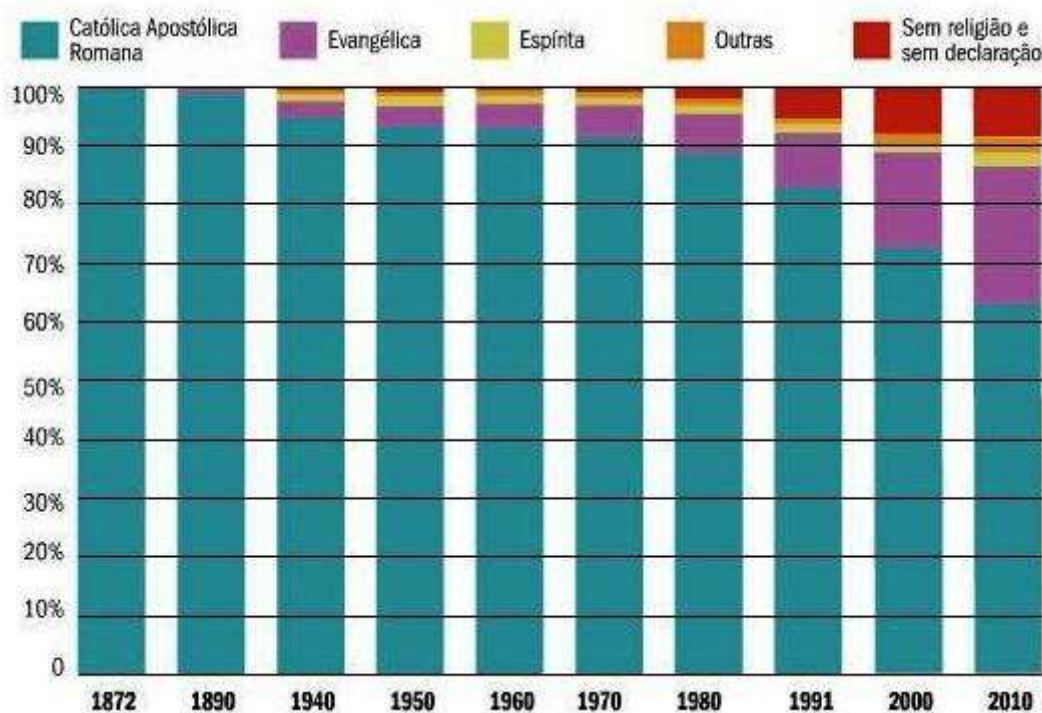


Figura 1 - Quadro de religiões no Brasil referente ao Censo 2010⁴

³ Informações retiradas do site Último segundo. Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-06-29/censo-2010-8-dos-brasileiros-se-declaram-sem-religiao.html>. Acesso em: 24 ago. 2016.

⁴ Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-06-29/censo-2010-8-dos-brasileiros-se-declaram-sem-religiao.html>. Acesso em: 24 ago. 2016.

Steil e Toniol (2013) ressaltam que, mesmo com as estatísticas mostrando um decréscimo da população católica, não é possível dizer que o catolicismo não figura entre as religiões estruturantes da cultura nacional. Pierruci (2016) corrobora a ideia dos autores ao dizer que a religião Católica ainda é a predominante culturalmente, além de manter firme sua hegemonia. Conforme Steil e Toniol (2013), a diminuição dos católicos em território brasileiro se deve a um problema cultural e à relação da Igreja Católica com o catolicismo popular. Sobre a cultura, os autores acreditam que essa religião possui cada vez menos recursos e espaços tradicionais nos quais podem se reproduzir. No que diz respeito à relação da Igreja com o catolicismo popular, os autores vêm nos dizer que constataram:

[...] uma quebra dos laços de complementariedade que legitimavam a Igreja Católica como representante da extensa população de pobres que se declaravam católicos por tradição no espaço político e social. A emergência de um campo religioso diverso não apenas tornou tal representação questionável pelos demais agentes religiosos concorrenciais, como também instituiu, no seio da cultura popular, uma divisão religiosa. Enfim, a crise do catolicismo não se reduz ao desmantelamento de um universo de representações, mas acompanha a destruição de um consenso no nível da crença e das relações sociais que, até a década de 1970, estava assegurado pela maioria absoluta de católicos no meio popular (STEIL; TONIOL, 2013, p. 226).

O catolicismo então deixou de figurar como uma religião predominante no âmbito popular, sendo que até mesmo o interesse por sacramentos como o batismo e o matrimônio teve um decréscimo entre a população. Steil e Toniol (2013) declaram que isso se relaciona diretamente às restrições que a Igreja Católica tem com a disposição dos sacramentos a fiéis que não compartilham das regras e normas impostas pela doutrina Católica. Assim, a diminuição dos fiéis católicos também está ligada diretamente à forma como a Igreja transmite suas doutrinas e compartilha seus sacramentos à sociedade. Os autores salientam, então, que a diminuição de fiéis da Igreja Católica se deve a um processo cultural, que se configura pelo sentido que a religião passou a tomar dentro da sociedade contemporânea. Logo, eles acreditam que houve uma destradicionalização da religião Católica.

1.1.1. Discurso religioso: algumas características e considerações

Acreditamos que um maior entendimento sobre as características gerais do discurso religioso se faz necessário para a compreensão do nosso objeto de estudo, uma vez que centramos nosso trabalho na argumentação das respostas dos entrevistados.

Apontaremos características ressaltadas principalmente por Orlandi (1987), que se dedicou a refletir sobre as propriedades gerais do discurso religioso, focando no discurso católico, bem como Maingueneau (2008), que trouxe reflexões sobre esse discurso, principalmente no que se refere ao gênero sermão.

O discurso religioso, juntamente com o discurso literário e o discurso filosófico, integra os chamados *corpora* de prestígio. Segundo Maingueneau (2008), mesmo que o discurso religioso não possua nada de marginal, ele normalmente é pouco estudado e necessita de pesquisas e trabalhos mais sistemáticos. Além disso, o autor também explicita o fato de esse discurso englobar “textos cuja simples compreensão implica o conhecimento de um vasto intertexto, que pode não ser acessível a todos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 199). No entanto, não podemos esquecer que, segundo Orlandi (1987), todo discurso é incompleto e necessita de outros discursos como complemento. Em virtude disso, a autora explica que o sentido de um discurso se constitui a partir do contexto da enunciação e de características sociais, culturais e históricas, o que faz com que o sentido do discurso escape ao domínio total do locutor.

Maingueneau (2008) também resalta o fato de que muitos analistas do discurso se preocupam em estudar textos que trazem interesses sociais imediatos, o que para ele não é o caso do discurso religioso. Esse discurso englobaria textos que mantêm uma relação indireta com a realidade social. Entretanto, como prática social, a religião, segundo Pereira (2008), é vista como um veículo de poder e política que transforma a sociedade a partir do sagrado. Assim, incorporada no discurso religioso, essa prática trabalha com aspectos relevantes da sociedade, tendo em vista que as instituições religiosas estão presentes diretamente nas discussões mais polêmicas que são o cerne da sociedade contemporânea.

Mesmo apresentando essas considerações, Maingueneau (2008) é enfático ao dizer que o discurso religioso está extremamente presente no mundo contemporâneo. Fato que nos é confirmado principalmente pela televisão, que abarca todo tipo de programação religiosa e aumenta a visibilidade dessa prática social. Portanto, por ser tão importante no que diz respeito às relações sociais e por estar presente na sociedade contemporânea e agir diretamente na vida dos fiéis, fazem-se necessários estudos e discussões que abarquem o discurso religioso.

Voltando-nos especificamente para as características que integram o discurso mencionado anteriormente, podemos destacar a contribuição de Orlandi (1987), a qual

nos mostra que a *assimetria* que permeia as relações entre instância de produção e instância de recepção é uma das principais marcas do discurso religioso. Essa assimetria revela uma hierarquia entre o plano espiritual e o plano terreno, uma vez que a instância de produção é constituída por Deus, pela Igreja e pelos representantes desta instituição, que falam representando Deus. E a instância de recepção se compõe pelos fiéis e devotos. Entretanto, os representantes do plano terreno não podem ocupar o espaço do Locutor, que é fixo de Deus. Esse espaço é preenchido através de uma relação simbólica, já que, no discurso católico, o padre fala em nome de Deus e no discurso protestante essa fala fica por conta do pastor.

De acordo com Orlandi (1987), no discurso religioso, aquele que fala em nome de Deus não tem autonomia para modificar essa voz. Segundo a autora, “há regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz da Deus: a relação do representante com a voz é regulada pelo texto sagrado, pela Igreja, pelas cerimônias” (ORLANDI, 1987, p. 245). Por isso, vemos tão constantemente as Igrejas centradas nos preceitos bíblicos e teológicos, justificando suas tomadas de posição com argumentos pautados principalmente na Bíblia, que é considerada pela Igreja como a materialização da palavra de Deus. Sobre isso, a autora ainda acrescenta que:

Dada a forma da representação da voz, e dada a assimetria fundamental que caracteriza a relação falante/ouvinte no discurso religioso, mantém-se a distância entre o dito de Deus e o dizer do homem, ou seja, há uma separação (diferença?) entre a significação divina e a linguagem humana, separação essa que deriva da dissimetria entre os planos (ORLANDI, 1987, p. 245).

Desse modo, o discurso religioso reforça a diferença entre o plano espiritual e o plano terreno, mostrando, assim, a superioridade da Força Maior que centraliza esse tipo de discurso, no caso, a figura de Deus. Além disso, essa separação traz certa regulação para os sentidos provenientes da fala deste Ser Superior. Quanto a isso, Orlandi (1987) nos fala que os significados desses discursos não são quaisquer significados, visto que o discurso religioso se classifica, muitas vezes, como monossêmico. Como forma de ilustrar esse pensamento, a autora cita o Cristianismo, que tem a Bíblia como texto próprio, sendo a interpretação desta cabível apenas à Igreja, além de que os lugares de celebrações são definidos de acordo com a cerimônia. Assim, é possível dizer que a Igreja mantém estreito domínio sobre o discurso religioso e suas diferentes manifestações.

O discurso religioso, segundo Orlandi (1987), mantém relação direta com o sagrado e se configura por ser menos formal se comparado ao discurso teológico. Há

rituais que comandam esse tipo de discurso, como, por exemplo, as orações que são utilizadas com o intuito de que o fiel fale diretamente com Deus, que é um Ser onipresente e onipotente. A partir da oração e do contato com esse Ser Superior, que o discurso religioso proporciona, a religião, por meio das práticas discursivas, manifesta sobre o fiel um grande poder. Por meio de símbolos e pela instituição do sagrado, esse poder pode afetar as crenças, os pensamentos, os comportamentos e as ideias dos devotos. Em virtude disso, é que podemos dizer que a palavra no discurso religioso possui grande força e é, por isso, uma fonte de convencimento.

Através da oração, do espaço das Igrejas e do contato com a religião, o fiel pode falar com Deus e conclamar Sua misericórdia, a partir do relato dos conflitos e problemas, sejam espirituais ou físicos. Entretanto, nessa interlocução, há o que Orlandi (1987) chama de *dissemetria*. Ela advém da hierarquia que a relação entre o plano espiritual e o plano terreno convoca, já que “de um lado, temos sempre a onipotência divina, de outro, a submissão humana” (ORLANDI, 1987, p. 247). Para mostrar o funcionamento dessa dissemetria, a autora nos explica que:

Como a dissemetria se mantém, é preciso que os homens, para serem ouvidos por Deus, se submetam às regras: eles devem ser bons, puros, devem ter mérito, ter fé, etc. É preciso, pois, que eles assumam a relação da dualidade, a relação com o Sujeito diante do qual a alma religiosa se define: esses sujeitos, para serem ouvidos, assumem as qualidades do espírito, qualidades do homem que tem fé (ORLANDI, 1987, p. 247).

Desse modo, parece que a Igreja oferece os mecanismos para que o fiel possa se comunicar com Deus, mas espera que esse devoto possa recompensar esse contato, agindo em conformidade com os preceitos dessa instituição. Por isso, o discurso religioso é tão enfático em justificar suas atitudes e doutrinas com a Sagrada Escritura, para que, dessa forma, o fiel perceba que é Deus quem impõe tais ideias, e que Ele espera que o devoto o atenda e o respeite.

1.2. Religião, Igreja e Poder

Desde tempos remotos, a prática religiosa se configura como responsável por auxiliar o fiel a encontrar respostas a perguntas que dão sentido à sua vida e norteiam à sua vivência. Segundo Gaarder, Hellern e Notaker (2016), “a necessidade de se orientar na vida é fundamental para os seres humanos. Não precisamos apenas de comida e bebida, de calor, compreensão e contatos físicos; precisamos também descobrir por que estamos vivos” (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2016, p.10). Dessa forma,

necessitamos de respostas que nos mostrem quem somos; o que acontece conosco após a morte e que também nos esclareça a verdade sobre a existência de Deus. Esses autores acreditam que esse tipo de pergunta é basilar de toda a religião e acabam revelando a necessidade do ser humano de se apoiar na prática religiosa como forma de norteamo da vivência terrena.

É através da religião e do sagrado que muitos fiéis encontram respostas para vários de seus conflitos e problemas externos e internos. Esse sentido da vida que é comumente descoberto pelos fiéis através da religião, e a responsabilidade que é confiada a essa prática, confere às Igrejas e à religião o título de instância de poder. Segundo Foucault (1979), o poder está presente em toda a sociedade, especialmente nas relações humanas, mas muitas vezes se dá de forma enigmática e invisível. Em virtude disso, podemos dizer que algumas vezes a Igreja pode procurar mascarar sua forma de poder, de modo que os fiéis percebam essa capacidade como uma simples interação com o fiel e não como uma manifestação de poder. É nesse sentido que a Igreja se apresenta como uma instituição que propõe doutrinas e comportamentos e não como uma instituição que impõe ou determina o seguimento delas.

Segundo Foucault (1996), o discurso religioso, assim como o judiciário e o terapêutico, revela rituais que vão determinar para os sujeitos falantes papéis pré-estabelecidos. Desse modo, podemos inferir que quem fala pela religião já possui em seu discurso a materialização do poder da Igreja, não podendo, dessa forma, desvincular de sua fala os rituais e as doutrinas da instituição que defende. Assim, mesmo que nesse discurso haja a exposição de opinião pessoal, os pensamentos da Igreja sempre estarão envoltos nessa opinião. Logo, haverá a configuração do poder dessa instituição sobre a sociedade, que, muitas vezes, orienta e molda os comportamentos dos seus fiéis em relação a diversas temáticas sociais e polêmicas.

É nesse sentido que podemos pensar no poder da Igreja manifestado na imagem daqueles que a conduzem em uma determinada comunidade, como, por exemplo, os padres e os pastores, que são mais ligados ao fiel devido a uma proximidade física e afetiva maior. Pode-se dizer que a fala desses representantes religiosos trazem discursos que auxiliam o devoto na procura pelo bem-estar e na resolução de seus problemas. Isso se justifica pelo fato de eles reproduzirem “promessas” de cura espiritual através da fé, do comprometimento com a Igreja e com Deus.

Podemos dizer que a noção de fé também está ligada ao poder da Igreja, porém, o poder da fé é direcionado especificamente ao fiel. Segundo Orlandi (1987), a fé é uma das qualidades do espírito, que indica uma possibilidade de mudança que leva à salvação. Sobre isso, a autora também acrescenta que “a fé é uma graça recebida de Deus pelo homem. A fé remove montanhas. O homem, com fé, tem muito mais poder, mas como a fé é um dom divino, ela não emana do próprio homem, lhe vem de Deus” (ORLANDI, 1987, p. 250). Levando em consideração que a fé distingue o fiel do não fiel, podemos dizer que a Igreja utiliza desse sentimento para, mesmo que implicitamente, exercer o seu poder sobre o seu devoto. A partir disso, Orlandi (1987) afirma que o discurso religioso se consolida como uma promessa para aqueles que possuem fé, mas pode ser uma ameaça para os que não creem. Tal característica afirma ainda mais o poder da Igreja sobre o sagrado e sobre as crenças dos fiéis, sendo que os pastores e os padres são os principais estimuladores da fé daqueles que os seguem.

De acordo com Pereira (2008), levando em consideração a concepção de Bourdieu, “os padres fazem parte de um campo de luta pela manutenção simbólica da vida privada e a orientação da visão de mundo, colocando em prática, na sua ação, definições concernentes à cura do corpo e da alma” (PEREIRA, 2008, p. 94). Esse pensamento dos autores pode também ser equiparado à ação dos pastores nas Igrejas Protestantes, levando em consideração que esses líderes possuem grande força de persuasão com os seus fiéis, podendo, assim, propor a eles comportamentos e visões de mundo.

Para retratar o poder na instituição religiosa, Pereira (2008) propõe que pensemos em Igreja e religião como um conjunto que constitui uma dominação espiritual utilizando o sagrado. Esse autor trabalha a partir da perspectiva de que juntas, religião e Igreja permitem a formação de uma associação de dominação, que podem controlar os bens simbólicos e o acesso e o uso dos fiéis a esses bens, levando em consideração o comportamento de cada um em relação às normas e regras da Igreja. Para Pereira (2008), “a religião usa signos ou elementos figurados para exercer seu domínio coercitivo sobre os fiéis que respondem de maneira submissa e obediente aos preceitos religiosos” (PEREIRA, 2008, p. 82). Então, de certa forma, é possível inferir que a Igreja utiliza o poder que lhe é concedido para operar sobre o fiel, que passa a ser submisso à religião e a agir conforme as regras ditadas pela instituição que segue.

Entretanto, é necessário destacar que esse “poder coercitivo” é de natureza estritamente simbólica e ideológica.

Pereira (2008) afirma que o conceito de poder pode ser interpretado como uma forma de controlar indivíduos, eventos ou recursos, reais ou simbólicos. Assim, esse poder se constitui como algo negativo e, conseqüentemente, é interpretado na religião como responsável pela submissão e subordinação de devotos. No entanto, Foucault (1979) nos diz que é necessário deixar de associar o conceito de poder à repressão e passar a tratá-lo como uma força que impulsiona a produção das coisas. Logo, esse autor acredita que:

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 1979, p. 8).

Levando em consideração o pensamento do autor, podemos dizer que essa definição de poder, ao ser instaurada na religião, pode nos levar a pensar que ele se expressa a partir da forma como o fiel se engaja pela prática religiosa, como, por exemplo, através da busca pelo sentido da vida encontrado, muitas vezes, por meio dos preceitos e das doutrinas religiosas. Dessa forma, a fé no sagrado e no simbólico permite que o fiel possa se sentir estimulado a buscar mudanças e transformações de vida, na medida em que procura se adequar à instituição que segue e a buscar os comportamentos ditados pela mesma. Corroborando o pensamento de Pereira (2008), é possível dizer que, nessas condições, “a religião, longe de representar um aditamento inútil, ou até mesmo um empecilho à vida social, exerce influência psicológica, de modo a fazer com que os fiéis confiem no êxito dos sacramentos, como também nas suas orações e práticas rituais [...]” (PEREIRA, 2008, p. 85). Em virtude disso, o poder da Igreja pode ser visto, nessa perspectiva, como uma força que impulsiona positivamente o fiel, permitindo que ele compreenda a religião como algo que trará benefícios para sua vida espiritual, social e física.

1.3. A midiatização do discurso religioso

A partir da década de 80 houve um aumento em relação aos estudos sobre a presença das mídias no que se refere às práticas sociais e culturais. A partir dessa época,

o processo de midiaticização começou a se difundir mais fortemente no contexto social. De acordo com Hepp (2014), o conceito de mídia refere-se a instrumentos técnicos que interferem diretamente no nosso processo de comunicação. Dentre esses instrumentos, destacam-se a televisão, o rádio e as redes sociais. Segundo Furtado (2015), o conceito de midiaticização ainda está em formação e necessita de investigações teóricas e empíricas. Entretanto, isso não diminui sua importância para as ciências da Comunicação.

A importância da midiaticização se torna mais visível se articulada a outras práticas sociais que levem em consideração os indivíduos e seus comportamentos. A partir disso, podemos pensar no conceito de *mediação*, que para muitos autores e estudiosos está estritamente ligado ao conceito de *midiaticização*. De acordo com Braga (2012), “uma mediação corresponde a um processo em que um elemento é intercalado entre sujeitos e/ou ações diversas organizando as relações entre estes” (BRAGA, 2012, p. 32). Assim sendo, a mediação é utilizada como um sustentáculo para o processo de midiaticização, pois é responsável por estabelecer uma ligação entre os sujeitos e as ações presentes na interação. Logo, há nesse processo a constituição de significação.

Para o autor, a ideia de *mediação* está ligada à percepção da realidade de uma forma não pura, mas integrada a elementos psicológicos, sociais e culturais, o que faz com que entendamos os dois conceitos em discussão como integrados e relacionados entre si. Podemos compreender que nesse processo de *mediação* há um foco mútuo entre emissor e receptor. Corroborando as ideias de Braga (2012), Fieguembaum (2006) assume que o campo das mídias é uma instância de *mediação social*. Entretanto, essa mediação é, muitas vezes, caracterizada por tensionalidades, devido ao fato de algumas esferas da sociedade almejarem o controle sobre o campo midiático e, por isso, interferirem no bom funcionamento do mesmo. O autor também destaca que a *mediação* realizada pelos meios de comunicação corresponde ao que é chamado de *mediação midiaticizada*. Fiegenbaum (2006) ainda acrescenta que a esfera midiática é responsável pela regulação das esferas da sociedade, possibilitando uma integração entre elas.

Segundo Braga (2012), na contemporaneidade, a midiaticização é um processo de criação e recriação de circuitos que se articulam a processos de escrita, a processos orais e a processos tecnológicos e, desse modo, caracterizam a dita interação. Esse autor acredita que a prática social é permeada por circuitos, relatando que cada setor social integra uma diversidade de circuitos. Desse modo, ele reitera que “com a midiaticização

crescente, os campos sociais, que antes podiam interagir com outros campos segundo processos marcados por suas próprias lógicas e por negociações mais ou menos específicas de fronteiras, são crescentemente atravessados por circuitos diversos” (BRAGA, 2012, p. 44). Ainda segundo o autor, a midiatização é hoje a principal mediação de todos os processos sociais, e daí advém sua importância e constante avanço dentro da sociedade.

Para Gasparetto (2009), a midiatização é um processo técnico, social e discursivo através do qual as mídias se relacionam com outras esferas sociais, afetando-as e por elas sendo afetadas. Desse modo, podemos pensar que a religião é afetada por essa influência, já que, muitas vezes, sofre mudanças em seu próprio discurso como forma de adaptação aos dispositivos midiáticos. É importante destacar também que, segundo Fiegnbaum (2006), os meios de comunicação como dispositivos de interação social proporcionam uma mediação discursiva e uma tecnológica que estabelecem uma mediação interligada no discurso religioso.

Pensando na religião como uma prática social que norteia comportamentos e dita dogmas e doutrinas, verifica-se a importância da relação entre discurso midiático e discurso religioso, visto que a mídia é procurada, muitas vezes, devido à rapidez, à flexibilidade nas informações e à facilidade de contato com o público. Assim, muitas esferas sociais utilizam desse dispositivo como forma de expandir o seu posicionamento e de atingir os seus objetivos, como ocorre com a religião, que faz da mídia um dispositivo de propagação da fé. Isso faz com que as diversas religiões, independente das vertentes, rompam com o fazer religioso tradicional, buscando novas formas de se aproximar dos fiéis e propagar suas ideias e doutrinas, configurando dessa forma o processo de *midiatização do discurso religioso*.

Segundo Gutiérrez (2006), pode-se dizer que esse processo é um fenômeno recente, visto que aconteceu por volta de 40 anos atrás, devido à influência de evangelizadores norte-americanos. No Brasil, país predominantemente cristão e com maior número de católicos no mundo, esse processo vem causando uma modificação no fazer tradicional da religião. Em virtude disso, é possível que os fiéis acompanhem o fazer religioso nos próprios lares a partir da comodidade que as mídias oferecem. Levando em consideração o dito processo, podemos dizer que a esfera religiosa a partir do uso do discurso midiático pretende reafirmar o processo de doutrinação religiosa e o

contato com os fiéis que, através da influência das mídias, pode se estabelecer de uma forma indireta.

O fato de as mídias terem grande ligação com o social é outro motivo que serve para explicar a utilização desse domínio pela religião, visto que a divulgação das informações pelos dispositivos midiáticos acaba atingindo de forma eficaz a pessoa que recebe e necessita de notícias a respeito das diversas temáticas que circulam na sociedade contemporânea. Entre as temáticas estão as informações e os posicionamentos ligados à Igreja, o que confirma às mídias o *status* de instância de informação, que precisa trabalhar em favor da cidadania e da democracia. Assim, para Charaudeau (2013):

As mídias apresentam-se como um *organismo especializado* que tem a vocação de responder a uma demanda social por dever de democracia. Justifica-se assim a profissão de informadores que buscam tornar público aquilo que seria ignorado, oculto ou secreto. Essa profissão se define como devendo exercer uma função de serviço: um serviço em benefício da cidadania (CHARAUDEAU, 2013, p. 58).

A midiatização do discurso religioso atua como um espaço para que as atividades religiosas não se esgotem nos templos. Isso se dá pelo fato de que quando os fiéis deixam as missas ou os cultos, eles podem continuar tendo acesso ao “fazer” religioso pelas mídias. Assim, corroboramos o pensamento de Neto (2001), que ressalta que “a cultura midiática não é algo que está fora da experiência religiosa. Muito pelo contrário, ela com suas operações de produção, é hoje, o nicho por onde se instituem predominantemente, as novas formas de religiosidade católica e pentecostal” (NETO, 2001, p. 9). Dessa forma, atualmente é possível concordar que esses dois discursos estão intimamente ligados, fazendo com que um seja dependente do outro.

Podemos assumir as entrevistas concedidas pelo padre Fábio de Melo e pelo pastor Silas Malafaia como exemplos em que há a utilização da mídia como forma de divulgação de doutrinas, pelo fato principal de os religiosos, ao serem convidados a participar do programa *De frente com Gabi*, serem reconhecidos como celebridades midiáticas. É possível constatar que eles também estão presentes ativamente em outras mídias, já que se utilizam sistematicamente das redes sociais, nas quais têm milhares de seguidores, e apresentam programas televisivos. Em relação às redes sociais, podemos destacar a presença do padre Fábio de Melo em um aplicativo para *smartphones*, o *Snapchat*, através do qual vem revelando seu lado humorístico e descontraído. O fato de o programa *De frente com Gabi* não ser um programa de cunho exclusivamente

religioso também acentua esse processo de mediação, pois possibilita que esses religiosos tenham a oportunidade de falar a um público diversificado, em um espaço, no qual são tratados temas sociais e cotidianos, que permitem ao público acessar o pensamento da Igreja a respeito deles.

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentaremos nosso aporte teórico que trará considerações sobre a Teoria Semiociuística, principal base teórica desse trabalho. Preocuparemos em apresentar uma discussão acerca da Argumentação, levando em consideração os pressupostos da Semiociuística, bem como de outras teorias argumentativas, como a Nova Retórica, de Perelman e Tyteca (1996). Ainda nos pautaremos em algumas discussões sobre *ethos* e sobre os Imaginários sociodiscursivos. Como forma de abarcar a midiatização, traremos considerações sobre a estrutura televisiva a partir dos estudos de Melo (2003) e Soulages (1999, 2008). Por fim, apresentaremos considerações sobre o estudo da imagem a partir de Joly (2007).

2.1. A Teoria Semiociuística

O principal aporte teórico que orienta esse estudo é a Teoria Semiociuística de Patrick Charaudeau, que se preocupa, principalmente, em estudar os discursos sociais do ponto de vista do sentido. Charaudeau (2005) afirma que o radical *semio-* provém de *semiosis*, e lembra que a construção do significado e a sua configuração são feitos a partir de uma relação forma-sentido que está sob a responsabilidade de um sujeito intencional que pretende influenciar alguém. O termo *linguística* serve como forma de destacar que a ação do sujeito falante está construída a partir de um material linguageiro proveniente das línguas naturais. Esse material linguageiro propõe um processo de semiotização do mundo, no qual o sujeito constrói um sentido, a partir de um processo de *transformação* e de um processo de *transação*, que se estabelecem pelo *princípio de pertinência*. Esse processo de semiotização do mundo pode ser entendido a partir do esquema a seguir:



Figura 2 - Processo de semiotização do mundo
 Fonte: Charaudeau (2005, p. 2).

A Semiolinguística de Charaudeau estuda o ato de linguagem como o produto de um contexto no qual se inserem um emissor e um receptor que têm condições de atribuir a uma expressão linguística diferentes formas de interpretação. Esses são considerados sujeitos do discurso responsáveis pela produção de sentido e significado durante o ato de linguagem, sendo que nessa produção de sentido são levadas em consideração as características psicológicas, sociais e linguísticas desses sujeitos. De acordo com Charaudeau (2001, p. 28), “todo ato de linguagem é o produto da ação de seres psicossociais que são testemunhas, mais ou menos conscientes, das práticas sociais e das representações imaginárias da comunidade a qual pertencem”. Desse modo, no processo de produção e interpretação de um ato de linguagem, há a dependência de condições extralinguísticas para que esse seja efetivado, o que faz com que fatores psicossociolinguageiros sejam considerados durante o processo.

Este autor acredita que todo ato de linguagem é inserido em um projeto geral de comunicação concebido por um sujeito comunicante, que organiza seu discurso a partir do contexto e da situação em que está inserido, sendo, assim, estabelecida uma relação de contrato. É importante destacar que esse contrato de comunicação se configura como uma espécie de ritual sociolinguageiro, a partir do qual a significação ocorre, na maioria das vezes, através do implícito. Em suma, cabe ao contrato de comunicação a função de pressupor que os sujeitos do ato de linguagem reconheçam as competências um do outro, ou seja, há uma relação de acordo entre instância de produção e instância de recepção que precisam reconhecer que o ato de linguagem pressupõe restrições que precisam ser consideradas durante a comunicação. Dessa forma, a partir dessas restrições, salientamos que as circunstâncias do discurso são cruciais para o desenvolvimento efetivo do ato de linguagem. Para Charaudeau (2010), as circunstâncias do discurso, ao serem definidas, transformam esse ato em um processo de interpretação dependente dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem. De acordo com esse linguista, um ato de linguagem carrega em si uma

intencionalidade dentro de uma determinada *situação de comunicação* a partir de um *propósito* sobre o mundo, sendo que é importante considerar dentro deste ato de linguagem a *identidade* (psicológica ou social) dos parceiros.

De acordo com Charaudeau (2001), o ato de linguagem também se estabelece como um fenômeno que perpassa pela combinação entre o *dizer* e o *fazer*. O primeiro se define como o lugar da instância discursiva, no qual há uma encenação da qual participam os seres de palavra. Já o segundo, o autor reconhece como o lugar da instância situacional que define o espaço que ocupam os responsáveis por este ato. Ao serem combinados, a dupla realidade que permeia os espaços do *dizer* e do *fazer* colocam o ato de linguagem como uma totalidade que se compõe de um circuito externo (*fazer*) e de um circuito interno (*dizer*), ligados intrinsecamente um ao outro.

Diante dessa dupla realidade, encontram-se os sujeitos, que fazem com que o ato de linguagem seja, conforme descrito por Charaudeau (2010), um ato interenunciativo, que advém da relação de um EU (sujeito produtor) e um TU (sujeito-interlocutor), sendo que este TU não deve ser considerado apenas como um receptor da mensagem, mas precisa ser reconhecido como o sujeito que constrói uma interpretação a partir de um ponto de vista que tem sobre as circunstâncias do discurso. Desse modo, dentro do discurso, teremos a presença do TU-interpretante (TU') e do TU-destinatário (TU). A partir disso, é importante ressaltar que a encenação da comunicação ocorre na medida em que:

[...] o EU dirige-se a um TU-destinatário que o EU acredita (deseja) ser adequado ao seu propósito linguageiro (a “aposta” contida no ato de linguagem). No entanto, ao descobrir que o TU-interpretante (TU') não corresponde ao que havia imaginado (fabricado), acaba por descobrir-se como um outro EU (EU'), sujeito falante suposto (fabricado) pelo TU-interpretante (TU') (CHARAUDEAU, 2010, p. 44)

Levando em consideração os sujeitos do discurso, e o próprio processo de interpretação, pode-se dizer que o ato de linguagem se insere como um encontro dialético entre o processo de produção, que é criado por um EU e dirigido a um TU-destinatário, e um processo de interpretação, criado por um TU'-interpretante, que acaba construindo uma imagem EU' do locutor.

O contrato de comunicação no qual estão presentes os sujeitos psicossociolinguageiros pode ser verificado no conhecido quadro construído por Charaudeau (2010) e exposto a seguir:

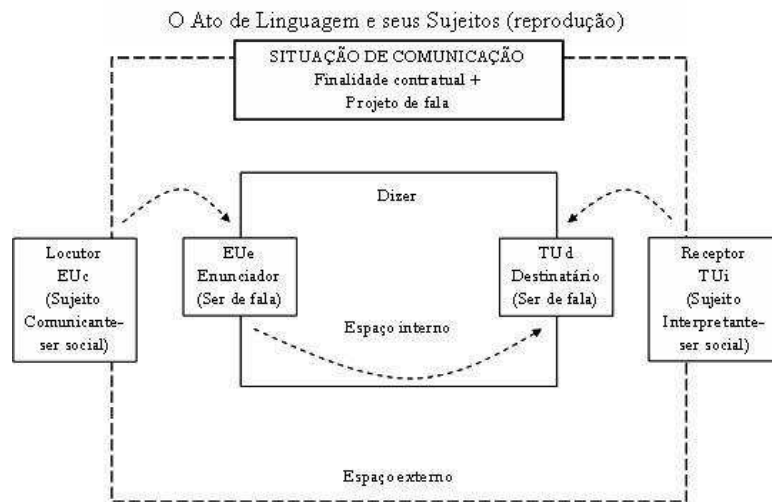


Figura 3 - Situação de comunicação
Fonte: Charaudeau (2010, p.77).

Para Charaudeau, o ato de linguagem é estruturado em três níveis, sendo eles os níveis situacional, comunicacional e discursivo. No nível situacional, que diz respeito ao espaço externo do ato de comunicação, encontra-se a finalidade do ato, a identidade dos parceiros presentes na troca, o domínio do saber veiculado e o dispositivo que integra a troca; o nível comunicacional determina e organiza os papéis do sujeito e suas maneiras de falar; por fim, no nível discursivo, encontra-se o espaço de intervenção do sujeito que fala que, ao assumir um papel de enunciador, deve atender às condições de legitimidade, credibilidade e captação. As duas últimas condições citadas são obtidas pelo uso de estratégias discursivas, sendo que, para Charaudeau (2010), o conceito de *estratégia* permite ao falante conceber, organizar e concretizar suas intenções de forma a produzir certos efeitos sobre o interlocutor, recorrendo a diversos procedimentos. Esses efeitos estão ligados à tentativa de convencimento do sujeito destinatário, e podem ser relacionados às provas retóricas de Aristóteles. Através da estratégia discursiva da legitimidade, relacionada ao *ethos*, o sujeito constrói imagens de si; já pela estratégia da credibilidade, relacionada ao *ethos* e ao *logos*, o sujeito utiliza argumentos racionalizantes. Por fim, a estratégia discursiva da captação é relacionada ao *pathos* aristotélico e diz respeito ao uso de argumentos ligados à emoção. Essas provas retóricas serão retomadas mais adiante, em especial, o *ethos*, que compôs nossa análise de dados.

Charaudeau (2010) também nos diz que o falante deve estar consciente de que o ato de linguagem se desenvolve a partir de uma série de restrições que permitem que ele conheça as regras do contrato e saiba o que é permitido naquela determinada situação de comunicação. Esse sujeito também tem acesso a um espaço de manobras que permite que o falante utilize o discurso de forma a influenciar efetivamente o seu destinatário. Dessa forma, para o autor, “o locutor, mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela Situação de comunicação, utiliza categorias de língua ordenadas nos Modos de Organização do discurso para produzir sentido [...]” (CHARAUDEAU, 2010, p. 25). Assim, o autor nos apresenta o que ele designa de *Modos de Organização do Discurso*, que estruturam o discurso levando em consideração o sujeito e a sua intenção comunicativa. São eles: o Modo Enunciativo, o Modo Narrativo, o Modo Descritivo e o Modo Argumentativo.

O *Modo Enunciativo* do discurso integra os parceiros do ato de linguagem, que são os seres sociais. Desse modo, o foco está nos protagonistas do discurso; ele aponta a forma em que se estabelece a ação dos sujeitos no ato de comunicação. De acordo com Charaudeau (2010), a partir do modo enunciativo, as categorias da língua são organizadas de forma a dar conta da posição que o falante ocupa diante do ato de linguagem. Dessa forma, esse modo integra três modalidades diferentes: *Modalidade alocutiva*, que estabelece uma relação de influência entre locutor e interlocutor, sendo que o locutor age em relação ao interlocutor a partir de um ponto de vista acional; a *Modalidade elocutiva*, na qual o sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo e não implica o seu interlocutor. E a *Modalidade delocutiva*, pela qual o sujeito falante não se impõe nem implica o seu interlocutor, havendo a retomada de fala de um terceiro.

Charaudeau (2010) também nos apresenta o *Modo de Organização Descritivo*, que se constitui de três componentes: o nomear, o qualificar e o localizar-situar. Esses componentes são indissociáveis e são dependentes da finalidade da situação de comunicação.

No *Modo Narrativo*, segundo Charaudeau (2010), está presente o sujeito que narra e é testemunha de uma ação com a qual está em contato direto. Através deste modo, descobrimos um mundo que é “construído no desenrolar de uma sucessão de ações que se influenciam umas às outras e se transformam num encadeamento

progressivo” (CHARAUDEAU, 2010, p. 157). O *Modo Narrativo* organiza o mundo de forma sucessiva e contínua, já que há um princípio e um fim.

Por fim, o autor nos apresenta o *Modo de Organização Argumentativo*, pelo qual o sujeito utiliza o discurso como fonte de persuasão e convencimento. Vale a pena destacar que, embora Charaudeau (2010) descreva cada modo de forma individual, a partir dos traços gerais e das características e configurações próprias de cada um, podemos afirmar que durante o processo argumentativo e persuasivo do sujeito falante, esses modos agem, na maioria das vezes, em conjunto. Isso pode ser justificado, pois no momento da argumentação, os modos enunciativo, narrativo e descritivo também podem ser mobilizados a favor do ato de persuasivo.

A partir das estratégias e dos modos de organização apresentados acima, acreditamos que uma análise baseada na Teoria Semiociológica deve pautar-se sobre os Modos de Organização e sobre as estratégias discursivas de credibilidade, legitimidade e captação como forma de se chegar a possibilidades de interpretação de um determinado discurso. Por considerarmos o discurso religioso como predominantemente argumentativo, utilizamos como base para nossas análises a argumentação sob a perspectiva da Semiociologia e também de outros estudos, como a Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca. Os pressupostos básicos dessas teorias serão expostos na próxima seção dessa dissertação.

2.2. A Argumentação: da Retórica à contemporaneidade

2.2.1. Argumentação: visão geral

Desde a Grécia Antiga, a argumentação se destaca por meio da Retórica, que engloba variados estudos e discussões que procuram entender esse conceito a partir de uma relação de convencimento e persuasão. A argumentação, do ponto de vista clássico, está estritamente ligada à arte de pensar corretamente e à arte de bem falar. Segundo Plantin (2008), a base da argumentação pensada de Aristóteles, ao final do século XIX, está vinculada diretamente à Retórica, no momento em que essa visa trazer a melhor prova para o discurso; à dialética, que se dirige ao conversacional e à fala privada; e à lógica, que se liga à apreensão, ao juízo e ao raciocínio. O autor ressalta a importância da argumentação no momento em que nos mostra que:

A argumentação incide sobre aquilo em que é preciso crer, região na qual encontra a questão da prova e da demonstração, mas ela incide tanto mais sobre aquilo que é preciso fazer, a que é preciso renunciar ou não, recusar ou aceitar ofertas de negociação... Enquanto para algumas questões derivadas do crer e da predição científica, podemos pensar que a incerteza é contingente, ela é essencial quando se consideram situações na qual intervêm agentes humanos. Recorremos à argumentação quando as crenças, hipóteses e leis são instáveis, insuficientes ou de má qualidade e submetidas a um princípio contínuo de revisão (PLANTIN, 2008, p. 89).

A partir dos estudos de Aristóteles (2005), entende-se a argumentação como centrada na razão, que se manifesta na tomada de decisões e na influência e incitação de determinadas ações. Os estudos aristotélicos foram primordiais para se reconhecer a importância da persuasão a partir da relação entre orador e destinatário e também para trazer aos estudos discursivos discussões baseadas nos *Topoi*, plural de *Topos*, significando lugar comum, que se relacionam a valores sociais partilhados por um grupo em um determinado momento. Nos estudos sobre argumentação, o filósofo também nos diz que as provas persuasivas fornecidas pelo discurso se apresentam de três formas: “umas residem no caráter moral do orador, outras, no modo como se dispõe o ouvinte, e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 2005, p. 96).

De acordo com os escritos do autor, a persuasão pelo caráter é adquirida no momento em que o falante se mostra como uma pessoa digna de ser crível e demonstra confiança a partir do seu discurso. Para ele, “quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão” (ARISTÓTELES, 2005, p. 96). O ouvinte também é peça crucial no processo de persuasão, segundo Aristóteles (2005), devido à sua capacidade de demonstrar emoções e juízos de valores durante o discurso, o que leva o autor a discorrer sobre as paixões no discurso. O discurso por si próprio também é persuasivo, já que a partir dele “mostramos a verdade ou o que parece ser verdade.” (ARISTÓTELES, 2005, p. 97). A partir das discussões apresentadas anteriormente, e pela preocupação do autor em definir a argumentação a partir de critérios de prova, o filósofo trouxe para seus estudos as provas retóricas que se constituem na tríade *Logos*, *Pathos* e *Ethos*.

O *Logos* é de ordem racional, sendo que a partir dele o sujeito falante faz uso de argumentos racionalizantes, lógicos ou quase lógicos, de modo a persuadir seu auditório. Então, pode-se dizer que, segundo Aristóteles (2005), esse meio de persuasão diz respeito ao discurso propriamente dito. O *Ethos* e o *Pathos* estão relacionados ao

campo afetivo, sendo que o *ethos* diz respeito à construção de uma imagem positiva de si pelo orador. Essa imagem deve revelar traços ligados ao caráter e à virtude do orador de modo que o auditório o reconheça como crível e verdadeiro. Dessa forma, o *ethos* se centra no orador. Por fim, o *pathos* diz respeito às emoções que o orador visa suscitar no seu auditório, sendo, portanto, centrado nesse sujeito da argumentação. Esses conceitos estão intrinsecamente ligados, mesmo que em algum momento haja a predominância de um sobre o outro. Entretanto, de acordo com Lima (2006), questões metodológicas acabam permitindo que eles sejam estudados separadamente. Vista a importância da tríade abordada acima nos estudos da argumentação, vários estudiosos e pesquisadores retomaram esses conceitos ao longo dos anos.

No final do século XIX, a retórica começou a perder seu caráter de disciplina científica e passou a ser cruelmente criticada como incapaz de produzir um saber positivo, passando, assim, a ser eliminada do currículo da Universidade Republicana. Nessa época, houve uma redefinição de tarefas baseadas em uma visão laica e positivista, tanto da ciência quanto da cultura e da sociedade como um todo, sendo que passaram a vislumbrar um novo tipo de saber, o saber positivo. Para Plantin (2008),

Esse saber positivo é concebido como antagonista do “saber formal”, cujo melhor exemplo é, sem dúvida, o “tino” retórico, reduzido à arte do artifício eloquente, que funciona de imediato, mas que não resiste à crítica mais elementar. Diante das descobertas positivas da pesquisa histórica, nenhuma posição fundada no bom senso, no consenso, na opinião, na *doxa* ou nos lugares comuns pode ser seriamente sustentada. O saber retórico não é saber. Além disso, a nova divisão dos conhecimentos especializados é incompatível com a pretensão retórica de fornecer a síntese útil de todos os saberes (PLANTIN, 2008, p. 14).

Assim, tendo em vista a exposição do autor, podemos dizer que a Retórica se tornou deslegitimada por ser considerada incapaz de produzir saber científico, sendo que também a lógica deixou de ser vista não como uma arte de pensar que propicia um bom discurso, mas sim, como um ramo da matemática.

A Nova Retórica de Perelman e Tyteca, que trouxe uma releitura para a Retórica, é vista, de acordo com Plantin (2008), como o momento de renascimento e refundação dos estudos da argumentação. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a argumentação é fundamental no discurso e está estritamente relacionada à persuasão e ao convencimento, conceitos diferentes que serão explicados a seguir. No próximo tópico, discutiremos um pouco a respeito da Argumentação na Nova Retórica, base teórica que também utilizaremos durante nossas análises.

2.2.2. A Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca

A Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca foi publicada em 1958 e trouxe uma releitura para os estudos da argumentação. Os autores se preocuparam em definir esse objeto levando em consideração a importância da argumentação no âmbito do convencimento e da adesão de espíritos. Para isso, primeiramente, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) estabeleceram uma oposição entre os conceitos de demonstração e argumentação. A demonstração, na perspectiva dos autores, é apenas uma atividade que exige um cálculo e possui somente uma conclusão. Em contrapartida, os autores acreditam que a argumentação é uma atividade de interação, diálogo e debate centrada na adesão de espíritos, sendo que a mesma leva em consideração condições sociais e psíquicas.

Segundo Amossy (2014), a Nova Retórica está situada em um quadro comunicacional e “concebe a argumentação como o conjunto de meios verbais pelos quais um orador tenta provocar ou reforçar a adesão de um auditório às teses que ele submete a seu assentimento” (AMOSSY, 2014, p. 123). Dessa forma, a autora vê que essa releitura da Retórica se desdobra sobre a ação do locutor sobre seu alocutário, sendo que esta ação se estabelece em uma troca verbal composta de regras próprias.

Assim, pautando-se na importância do auditório, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) mostram que, ao argumentar, o sujeito falante precisa admitir que “deve persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se pelo seu estado de espírito” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 18). Dessa forma, esses autores ressaltam a importância do auditório. Para eles:

O objetivo de toda argumentação é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficiente é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção), ou pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 50).

Os autores também admitem que o falante não pode apenas falar ou escrever, ele precisa ser ouvido e visto como crível, já que o ouvinte precisa mostrar-se disposto a aceitar o ponto de vista que lhe é colocado. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), na medida em que o orador argumenta, caberá ao ouvinte se posicionar diante dessa argumentação, tomando uma atitude diante do que está sendo exposto. Para

Amossy (2014), essa importância atribuída ao ouvinte confirma a necessidade de se levar em consideração na argumentação o conjunto de valores, de evidências e crenças dos sujeitos, sendo que a ausência desses fatores culminaria em uma não existência de diálogo.

Os autores da Nova Retórica, ao ressaltarem a importância da adesão de um determinado auditório, distinguem argumentação persuasiva e argumentação convincente, sendo que a diferença crucial entre elas reside no efeito que se deseja produzir sobre o destinatário. Pela persuasão, o sujeito falante pretende atingir um auditório específico. Pelo convencimento, é possível dizer que há o desejo de aderir todo o ser racional, o que faz com que o auditório seja amplo. Dessa forma, é na presença do auditório que se manifesta a qualidade e a eficácia da argumentação, já que é “a natureza do auditório ao qual alguns argumentos podem ser submetidos com sucesso que determina em ampla medida tanto o aspecto que assumirão as argumentações quanto o caráter, o alcance que lhes serão atribuídos” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p.33). Segundo Perelman e Tyteca (1996), na medida em que o orador argumenta, caberá ao ouvinte se posicionar diante dessa argumentação, tomando uma atitude diante do que está sendo exposto, por isso, caberá ao ouvinte a capacidade de mudar o resultado da argumentação. Quanto a isso, Amossy (2014) ainda acrescenta que, na Nova Retórica, o auditório é construído pelo orador e a interação entre esses sujeitos, o que garante a eficácia da argumentação.

Visando a adesão do auditório e uma eficiência do processo argumentativo, Perelman e Tyteca (1996) trazem na Nova Retórica o que chamam de Técnicas argumentativas. Essas técnicas têm o objetivo de auxiliar o sujeito que argumenta a atingir os efeitos esperados durante o processo argumentativo. Ao nos apresentar as técnicas argumentativas, os autores também nos mostram que, ao argumentar, o sujeito falante terá a possibilidade de utilizar os *argumentos quase lógicos*, os *argumentos baseados na estrutura do real* e os *argumentos que fundamentam a estrutura do real*. Sobre os *argumentos quase-lógicos*, os autores nos dizem que o que define uma argumentação quase-lógica é o “seu caráter não formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal”. (PERELMAN E TYTECA, 1996, P.220). Dessa forma, percebemos que os argumentos quase lógicos estão ligados à razão e à lógica, possuindo uma determinada força de convicção, mas desprovidos de valor conclusivo.

Os argumentos baseados na estrutura real traduzem uma ideia de causa e efeito, podendo ser classificados de acordo com a realidade que os afeta. A descrição dessa realidade é tratada, principalmente, através de fatos, presunções ou verdades. Em relação aos *argumentos que fundamentam a estrutura do real*, é possível dizer que possuem uma estrutura ligada à princípios universais, os quais estruturam a realidade. Temos nesse tipo de argumentação, os exemplos, que servem como justificativa e ilustração, e os modelos, que podem ou não ser seguidos.

A Nova Retórica se consolida como uma obra importante para os estudos de argumentação numa perspectiva discursiva, pois, como afirma Melo (2013), os autores se preocuparam em estudar a argumentação como um processo que se desenvolve a partir de um contexto social. Isso se confirma no momento em que percebemos que essa teoria se centra nos sujeitos da argumentação, levando em consideração a situação de comunicação.

No próximo tópico, seguiremos as discussões acerca da Argumentação a partir de uma perspectiva discursiva, através dos estudos de Charaudeau (2010), que reconhece a Argumentação como uma totalidade do Modo de Organização Argumentativo.

2.2.3. A Argumentação na perspectiva da Semiologia

Como vimos, o interesse pela argumentação surgiu na antiguidade, na época em que os gregos a colocavam no centro da Retórica, como a “arte de falar”. Para Charaudeau (2010), “o estudo da argumentação tem por função orientar a sequência do discurso e, portanto, representar uma maneira de agir sobre o outro (interlocutor ou destinatário)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 202). Dessa forma, a argumentação não está limitada a uma sequência de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos, visto que, na maioria das vezes, o sentido da argumentação esconde-se no implícito. É importante ressaltar ainda que, pela argumentação, o falante transmite ao seu interlocutor uma convicção que possa levá-lo a modificar seu comportamento.

A partir das ideias expostas acima, Charaudeau (2010) ainda resalta que para a argumentação ser de fato efetuada é necessário que haja no discurso uma proposição sobre o mundo que irá provocar um questionamento em alguém, quanto à legitimidade da proposta; um sujeito que esteja convencido em relação a esse questionamento e um outro sujeito, que é o destinatário e o alvo do discurso. Essa estruturação discutida por

Charaudeau (2010) pode ser melhor interpretada a partir do quadro abaixo, utilizado frequentemente por analistas do discurso e professores, por se tratar de um modelo didático, que proporciona uma compreensão acerca do que é a argumentação.

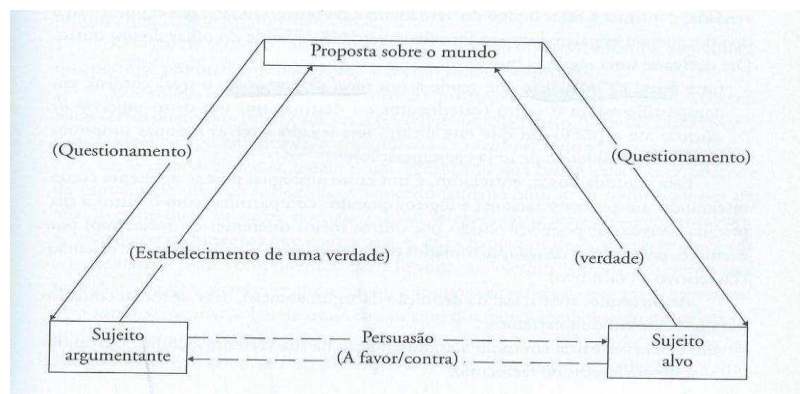


Figura 4 - A cena argumentativa
Fonte: Charaudeau (2010, p. 205).

A argumentação é vista por Charaudeau (2010) como uma atividade discursiva, através da qual o sujeito argumentante participa de uma dupla busca: primeiramente, há uma *busca de racionalidade*, pela qual se espera atingir um ideal de verdade, baseada em uma *experiência* individual e social do sujeito, e em *operações do pensamento*, para se chegar à explicação dos fenômenos do mundo. E depois, há uma *busca de influência* que tende a um *ideal de persuasão*. Entretanto, isso pode ser visto como ambíguo, já que integra um processo lógico, mas também se estabelece a partir da *sedução*. Desse modo, o autor ressalta que é preciso enxergar a argumentação através de sua vertente racional e lógica, mas não desconsiderar as estratégias de persuasão e sedução.

Como modo argumentativo, Charaudeau (2010) coloca a argumentação como totalidade do referido modo, que “tem por função permitir a construção de explicações sobre asserções feitas acerca do mundo” (CHARAUDEAU, 2010, p. 207). É preciso salientar ainda que toda relação argumentativa se estabelece a partir de três elementos base: a asserção de partida (A1), a asserção de chegada (A2) e a asserção de passagem. Nesse caso, A1 representa um *dado* ou *premissa* através do qual a argumentação irá se desenvolver; A2 é a conclusão da relação argumentativa e constitui a legitimidade do processo argumentativo; e a asserção de passagem justifica a relação de causalidade existente entre A1 e A2. Essa asserção de passagem está ligada à experiência ou ao conhecimento de mundo dos sujeitos. Na organização da lógica argumentativa, ainda se fazem presentes os *modos de encadeamento*, *as condições de realização* e *o escopo do*

valor de verdade. Esses diferentes componentes, segundo Charaudeau (2010), ao se combinarem, permitem que os *modos de raciocínio* organizem a lógica argumentativa a partir de uma *razão demonstrativa*. A seguir, descreveremos brevemente esses modos de raciocínio.

2.2.3.1. Os Modos de raciocínio

2.2.3.1.1. A dedução

Esse modo de raciocínio se baseia na asserção de partida (A1) como forma de se chegar à asserção de chegada (A2). Assim, de acordo com Charaudeau (2010), há uma relação de causa e consequência entre A1 e A2 que se estabelece a partir de uma relação de inferência. De acordo com o autor, tem-se a *dedução por silogismo*, que se baseia no modo de encadeamento *consequência implicativa*, no qual as asserções se encontram numa relação de sentido de *Equivalência* por um vínculo modal de *Necessidade* e pelo escopo de *Generalização*. Ocorre também a *dedução pragmática*, que se estabelece pelos modos de encadeamento *Consequência explicativa* e *conjunção*, a *dedução por cálculo* baseada no modo de encadeamento *consequência implicativa* e, por fim, a *dedução condicional*, que se estabelece pelos modos de encadeamento *Consequência* e *Conjunção*.

2.2.3.1.2. A explicação

Segundo Charaudeau (2010), pela explicação também há uma relação de ligação entre A1 e A2, já que esse modo de raciocínio se baseia em A1 para chegar a uma conclusão A2. Entretanto, aqui, A2 manifesta o motivo, razão, causa mental ou origem de A1, também por meio de uma inferência. Para o autor, na *explicação*, a relação de causalidade ocorre da *consequência* para a *causa*. A explicação divide-se em: *explicação por silogismo*, que possui modo de encadeamento *causal* baseado na *conjunção porque*, em *explicação pragmática*, que tem um modo de encadeamento *causal* que pode ser expresso por uma *causa pontual*, *um desejo* ou uma *experiência pessoal*; em *explicação por cálculo* que se baseia em um modo de encadeamento *causal* e tem o raciocínio por *extrapolação* ou *precedente*; e, por fim, em *explicação hipotética*, na qual a causa se dá como um objeto de suposição.

2.2.3.1.3. A associação

Na associação, os modos de encadeamento mais comuns são: a *conjunção*, a *causa* e a *consequência*, sendo que as relações entre a asserção de partida e a asserção de chegada se expressam numa relação de *identidade* ou de *contrário*. Pela *associação dos contrários*, segundo Charaudeau (2010), trabalha-se com o paradoxo, mas por não atender o princípio argumentativo da não-contradição, esse modo de raciocínio é mais utilizado em textos com a finalidade estratégica de sedução. O autor destaca que pela *associação do idêntico* – tautologia –, que é expressa pela redundância, pode ser dissociado do processo de argumentação, por trazer redundância ao texto.

2.2.3.1.4. A escolha alternativa

A partir do modo de raciocínio “escolha alternativa”, tem-se um raciocínio dedutivo e explicativo, como confirma Charaudeau (2010). Há a oposição entre duas relações argumentativas, sendo que o locutor coloca à disposição do interlocutor duas alternativas, cabendo ao ouvinte a possibilidade de escolha de uma ou outra. Pela escolha alternativa é possível colocar em evidência uma simples incompatibilidade; uma escolha entre positivo e negativo; uma escolha entre duas negativas e uma escolha entre duas positivas.

2.2.3.1.5. A concessão restritiva

Por esse modo de raciocínio há uma relação dedutiva que “consiste em aceitar A1, em colocá-la como verdadeira (fazer uma concessão), e, ao mesmo tempo, retificar a relação argumentativa” (CHARAUDEAU, 2010. p. 218). A asserção de partida é contestada por outra que resulta em uma conclusão diferente.

2.2.4. A encenação argumentativa

Sabe-se que a argumentação não se consolida somente a partir da lógica. Temos também uma *razão persuasiva* que depende do sujeito argumentante e do contrato de comunicação. Para Charaudeau (2010), “não é suficiente que sejam emitidas *propostas*

sobre o mundo, é necessário também que estas se inscrevam num quadro de questionamento que possa gerar um ato de persuasão” (CHARAUDEAU, 2010, p. 221). Assim, conclui-se que toda a asserção que estiver inserida em um dispositivo argumentativo pode ser considerada uma asserção argumentativa.

Conforme o linguista, para que a asserção seja considerada argumentativa, é necessário que o dispositivo argumentativo esteja definido, pois assim, através da definição e do funcionamento do mesmo, a sua encenação será realizada através de configurações dependentes do contrato que liga os sujeitos do ato de linguagem; o sujeito colocado no centro do dispositivo deverá tomar uma posição levando em consideração o desenrolar da argumentação e, por fim, como forma de justificar essa tomada de posição e garantir uma persuasão para o discurso, o sujeito que argumenta fará uso de procedimentos *semânticos*, *discursivos* e de *composição* nesse processo.

Os procedimentos citados “contribuem, portanto, cada um de maneira particular, para produzir aquilo que tende a provar a validade de uma argumentação” (CHARAUDEAU, 2010, p. 231). Assim, é possível destacar que o dispositivo argumentativo compõe-se de Proposta, Proposição e Persuasão que estão interligados com o intuito de estabelecer a relação argumentativa. A seguir, será feita uma breve apresentação desses três procedimentos que serão considerados durante nossas análises.

2.2.4.1. Procedimentos semânticos

De acordo com Charaudeau (2010), os procedimentos semânticos são responsáveis por utilizar argumentos fundamentados num *consenso social*, tendo em vista que os membros de um determinado grupo da sociedade compartilham entre si *valores* adequados a um determinado *domínio de avaliação*.

Os domínios de avaliação, ainda segundo o estudioso, se dividem em cinco, a saber:

- i. Domínio da Verdade: define-se em uma relação de verdadeiro ou falso em relação à existência dos seres, levando em consideração sua originalidade, sua autenticidade e sua unicidade.
- ii. Domínio do Estético: define os seres em termos de belo ou feio.
- iii. Domínio do Ético: define os comportamentos humanos em termos de bem ou mal, levando em consideração uma moral externa ou interna.

iv. Domínio do Hedônico: define em termos de agradável ou desagradável ao que estiver em relação com os sentidos, sendo que eles devem buscar prazer em relação aos projetos e as ações humanas.

v. Domínio do Pragmático: define como útil ou inútil o que for dependente de um cálculo. Aqui, o argumento é expresso como consequência de uma ação.

Correspondendo a esses domínios de avaliação, são definidos os *Valores* que, segundo Charaudeau (2010), são normas de representação social construídas nos domínios de avaliação.

2.2.4.2. Procedimentos discursivos

Para Charaudeau (2010),

Os procedimentos discursivos consistem em utilizar ocasionalmente ou sistematicamente certas categorias de língua ou os procedimentos de outros Modos de organização do discurso, para, no âmbito de uma argumentação, produzir certos efeitos de persuasão (CHARAUDEAU, 2010, p.236).

Entre os procedimentos discursivos, destacam-se a definição, a comparação, a citação, a descrição narrativa, a reiteração e o questionamento.

2.2.4.2.1. A definição

Este procedimento discursivo pertence ao modo de organização descritivo e pertence à categoria de qualificação. A partir dele se caracteriza uma palavra dentro de um contexto determinado. De acordo com Charaudeau (2010), a definição “*serve para produzir um efeito de evidência e de saber para o sujeito que argumenta*”(CHARAUDEAU, 2010, p.236).O autor ressalta que há a definição de um ser (objeto, pessoa, palavra etc.) e a definição de um comportamento.

2.2.4.2.2. A comparação

A comparação está ligada às categorias de língua Qualificação e Quantificação. Conforme afirma Charaudeau (2010), a comparação serve como forma de reforçar uma prova de conclusão ou julgamento com dois efeitos, a saber, *efeito pedagógico* (comparação objetiva) e *efeito de ofuscamento* (comparação subjetiva). Podemos encontrar a comparação a partir de vocábulos gramaticais e de vocábulos lexicais.

A comparação pode se dar por *semelhança* ou *dessemelhança*, podendo, ainda, ser *objetiva* ou *subjetiva*. Charaudeau (2010) propõe uma distinção entre esses tipos de comparação, mostrando que a comparação por semelhança é responsável por evidenciar uma igualdade, uma proporcionalidade ou uma extensão, enquanto a comparação por dessemelhança evidencia uma desigualdade, uma desproporcionalidade e uma não extensão.

A comparação objetiva se estabelece por meio de um *comparante* palpável ou verificável e, a comparação subjetiva, por outro lado, provém de uma analogia a fim de produzir uma evidência por parte do interlocutor.

2.2.4.2.3. A descrição narrativa

O procedimento de *descrição narrativa* tem o intuito de descrever um fato ou contar uma história para reforçar uma prova ou para produzi-la, produzindo também um *efeito de exemplificação*.

2.2.4.2.4. A citação

O procedimento de citação é descrito por Charaudeau (2010) como responsável por produzir um efeito de autenticidade à argumentação, trazendo de uma forma mais fiel possível referências escritas ou orais de um outro locutor. Desse modo, a citação se insere como uma fonte de verdade, um testemunho de um dizer, de uma experiência ou de um saber. O testemunho *de um dizer* traz a declaração de alguém, com o intuito de ressaltar a veracidade, a constatação ou o destaque de exatidão para um determinado fato; *de uma experiência* traz a declaração de testemunhas que viram ou ouviram um determinado fato e podem incorporá-lo ao texto; e *de um saber* refere-se a uma citação de uma proposta científica ou de alguém que possui autoridade e pode exercê-la dentro do discurso.

2.2.4.2.5. A acumulação

Consiste na utilização de vários argumentos que irão funcionar como uma mesma prova, sendo, assim, imposta uma evidência ou uma autenticidade com valor de

verdade. O linguista acredita que isso pode ser conseguido através de uma *simples acumulação*, de uma *gradação* ou de uma *falsa tautologia*.

2.2.4.2.6. O questionamento

Charaudeau (2010) afirma que esse procedimento corresponde a uma validação hipotética, que consiste em colocar em questão uma determinada Proposta que dependerá da resposta de um interlocutor. Assim, o questionamento se embasa em diferentes visadas, tais como, *incitação a fazer*, *de proposta de uma escolha*, *de verificação do saber*, *de provocação e de denegação*.

2.2.4.3. Procedimentos de composição

Esses procedimentos estão ligados a um processo de distribuição e hierarquização dos elementos dispostos no texto, com o intuito de facilitar a localização dos argumentos de raciocínio (composição linear), ou ligados à compreensão das conclusões da encenação argumentativa (composição classificatória).

Charaudeau (2010) descreve objetivamente os dois processos, sendo que coloca a composição linear como responsável por “programar os argumentos segundo uma cronologia, acompanhada de um jogo de vai e vem entre seus diferentes momentos e de uma pontuação dos tempos fortes da argumentação” (CHARAUDEAU, 2010, p. 244). Para isso, o autor se preocupa em definir *as etapas da argumentação*, *o vai e vem* e *os tempos fortes*. No que tange às *etapas*, é importante destacar que se trata de uma organização interna da argumentação, que se estabelece por meio de uma sucessão de etapas, a saber, o começo, a transição e o fim. O *vai e vem* se preocupa com a retomada de alguns momentos que se sucederão na argumentação ou no anúncio de novos momentos. Os *tempos fortes* são responsáveis por prender e chamar a atenção do leitor e consistem em enfatizar momentos do desenvolvimento com o objetivo de hierarquizar alguns argumentos e imprimir um ritmo a uma argumentação muito extensa.

2.3. O *Ethos* e a construção da imagem de si: da Retórica aos estudos discursivos

O *Ethos* é uma prova ou meio de persuasão estudado desde a antiguidade sendo relacionado ao caráter de quem fala. Conforme Aristóteles (2005), a persuasão de um

discurso deve-se ao caráter moral do orador, e, como já falado anteriormente, ligados ao *Ethos*, temos o *Pathos* e o *Logos* que correspondem à tríade responsável pela persuasão em um dado discurso. Aristóteles (2005) acredita que persuadir pelo caráter é necessário, pois somos levados a acreditar em pessoas que se colocam como honestas e de confiança. Dessa forma, na Retórica, o *ethos* está estritamente ligado à moral do orador. Entretanto, segundo Amossy (2014a), alguns estudiosos romanos, tais como Quintiliano e Cícero, associavam o *ethos* à vida do orador e ao seu posicionamento social. Para eles, segundo a autora, esse meio de persuasão não estava restrito apenas ao que era dito. Segundo Charaudeau (2015), a filiação de Aristóteles inscreve o *ethos* no ato de enunciação, ou seja, na própria fala do sujeito argumentante. O linguista afirma que essa posição é a tomada pelos analistas do discurso que reconhecem o *ethos* como a imagem construída pelo locutor para que o seu interlocutor veja e entenda.

Segundo Amossy (2014a), os antigos reconheciam como *ethos* a construção de uma imagem de si que tinha a intenção de adesão de um determinado auditório. Logo, ficava a cargo do locutor a criação de uma imagem que pudesse causar uma boa impressão ao seu interlocutor. De acordo com Barthes, aludido por Amossy (2014a), essa boa impressão é o *jeito* do orador, que enuncia uma informação e, através dela, diz ser alguma coisa.

De acordo com Amossy (2014a), todo ato de tomar a palavra faz com que o orador construa uma imagem de si, sendo que essa apresentação de si ocorre nas trocas verbais mais corriqueiras. Entretanto, a autora ressalta que essa construção não é feita como um autorretrato do orador a partir do detalhamento de suas qualidades, já que ela explicita que:

Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências (AMOSSY, 2014a, p. 9).

Dessa forma, podemos pensar que a construção de uma imagem de si pressupõe as opiniões do sujeito que fala, sendo que elas refletem a forma como esse sujeito se enxerga e enxerga o seu alocutário; assim, o *ethos* se constitui como involuntário, como explicita Charaudeau (2015). Grande parte dele é inconsciente, visto que, muitas vezes, o locutor não tem controle sobre a imagem construída, o que pode levar o destinatário a construir uma imagem não compatível com a criada pelo locutor. Amossy (2014b)

também nos lembra que o *ethos* discursivo está estritamente ligado à posição institucional do locutor, já que:

[...] a posição institucional do orador e o grau de legitimidade que ela lhe confere contribuem para suscitar uma imagem prévia. Esse *ethos* pré-discursivo faz parte da bagagem dóxica dos interlocutores e é necessariamente mobilizado pelo enunciado em situação (AMOSSY, 2014b, p. 136).

Assim, é possível dizer que coisas simples como um nome ou a assinatura do falante já evocam representações do mesmo que são consideradas dentro da troca. Logo, podemos concluir que o *status* do locutor contribui efetivamente na sua construção verbal e na construção de sua imagem, o que pode ser considerado um *ethos* prévio. Segundo Amossy (2014b), uma imagem de si construída no discurso nos revela a capacidade que o locutor tem de agir sobre seus destinatários. Dessa forma, Haddad (2014) reitera que o locutor, ao falar no discurso, constrói uma imagem condizente com o seu objetivo argumentativo, tendo em vista uma ideia que o seu destinatário projeta dele. Dessa forma, esse autor reforça que “o *ethos* prévio ou pré-discursivo condiciona a construção do *ethos* discursivo e demanda a reelaboração dos estereótipos desfavoráveis que podem diminuir a eficácia do argumento” (HADDAD, 2014, p.148). Por outro lado, de acordo com Charaudeau (2015), ainda é importante ressaltar que o *ethos* está ligado ao papel do sujeito falante enquanto enunciador. Partindo dessa perspectiva, esse autor salienta que:

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso- o que ele sabe a *priori* do locutor – e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2015, p. 115).

A partir disso, percebemos a importância da identidade do falante na construção de uma imagem de si, já que pela identidade social do locutor, conforme afirma Charaudeau (2015), o falante tem o direito à palavra e pode se legitimar através do seu papel social e, como sujeito que enuncia, o falante “aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si” (CHARAUDEAU,

2015, p.115). Dessa forma, podemos pensar que o que falamos está estritamente ligado ao que somos e ao que o outro enxerga de nós.

De acordo com Maingueneau (2014), o *Ethos* está ligado diretamente a uma reflexividade enunciativa e estabelece relação entre corpo e discurso, devido ao fato de a instância subjetiva manifestada no discurso se estabelecer também como voz e como um corpo enunciante. De acordo com esse autor, para que o interlocutor crie uma imagem do falante, o locutor se investe de um caráter e de uma corporalidade, que varia de acordo com cada texto. Levando em consideração o que foi exposto, o linguista nos diz que:

O caráter corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição corporal, mas também a uma forma de vestir-se e de mover-se no espaço social. O *ethos* implica assim um controle tácito do corpo, apreendido por meio de um comportamento global (MAINGUENEAU, 2014, p. 72).

Podemos dizer que, ao nos mostrar que o *ethos* está ligado à corporalidade e ao caráter, Maingueneau (2014) se aproxima das ideias de Charaudeau (2015), que aborda a existência dos *Ethé*⁵ de *identificação* e de *credibilidade*, através dos quais o falante constrói sua imagem de forma que o interlocutor possa se identificar com ele e enxergar que se trata de alguém que transmite confiança.

Maingueneau (2014) também ressalta que o *ethos* está ligado à enunciação. O autor se preocupa em nos mostrar que essa prova retórica não está presente apenas no que é “dito”, mas se estabelece principalmente no registro do “mostrado”. Então,

[...] o universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo *ethos* quanto pela “doutrina”; as “ideias” apresentam-se por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em um vivido (MAINGUENEAU, 2014, p. 73).

Assim, a qualidade do *ethos* está ligada à figura do falante, através da legitimação do seu dizer. O autor também ressalta a existência de um *ethos* pré-discursivo que permite ao interlocutor a construção de uma imagem do sujeito que fale antes mesmo de seu discurso. De forma a melhorar a compreensão acerca do que reconhece como *ethos*, Maingueneau (2014) propõe o seguinte esquema:

⁵ A noção de *Ethé* (CHARAUDEAU, 2015) se refere ao plural de *ethos*, levando em consideração, também, as características físicas, psicológicas e sociais do sujeito.

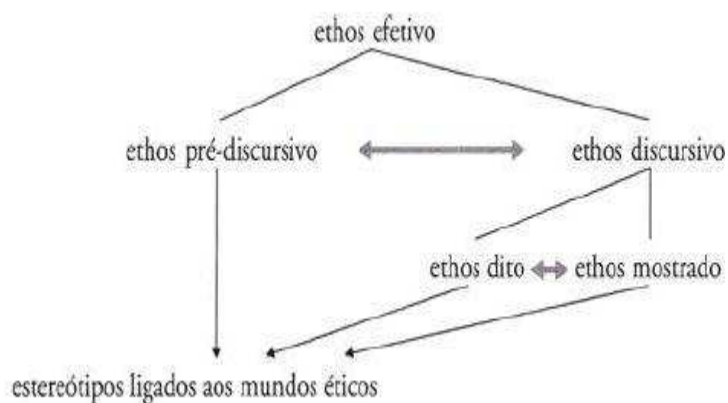


Figura 5 - *Ethos* para Maingueneau
 Fonte: MAINGUENEAU (2014, p. 83).

Na figura acima, o autor nos mostra as diferentes instâncias que compõem o *ethos* discursivo. Levando em consideração a imagem, o autor nos explica que:

O *ethos* efetivo, aquele que, pelo discurso, os coenunciadores, em sua diversidade, construirão, resulta assim da interação entre diversas instâncias, cujo peso varia segundo os discursos. A distinção entre *ethos* dito e *ethos* mostrado inscreve-se nos extremos de uma linha contínua, já que é impossível definir uma fronteira clara entre o dito sugerido e o mostrado não explícito (MAINGUENEAU, 2014, p. 82).

A diferença entre *ethos* mostrado e *ethos* dito é difícil de conceituar, pois não é explícita. Sobre esses conceitos, Silva (2016) nos diz que o *ethos* dito é a explicitação da imagem que o locutor constrói de si no discurso, enquanto o *ethos* mostrado leva em consideração aspectos como o conteúdo do enunciado, as roupas e o tom de voz na construção da imagem do locutor.

Conforme nos mostra Maingueneau (2014), a construção do *ethos* efetivo se estabelece a partir de uma interação entre instâncias que o compõem, sendo que essa interação apoia-se nos estereótipos. Esses estereótipos correspondem às representações sociais a partir das quais o destinatário consegue construir uma imagem daquele que enuncia. Logo, o conceito de estereótipo é usado como forma de o destinatário construir uma representação a respeito daquele que fala. Contudo, de acordo com Charaudeau (2007), o conceito de estereótipo esconde ou distorce a realidade, de modo que ele não é o mais apropriado para a AD, sendo substituído pela noção de imaginários sociodiscursivos. Segundo o autor, os imaginários constroem sistemas de pensamento que podem se excluir ou se sobressair uns em relação aos outros, cabendo ao analista mostrar qual visão de mundo cada imaginário evidencia. Como forma de melhor

compreender o que são os imaginários sociodiscursivos para Charaudeau, discorreremos sobre eles, brevemente, no próximo item.

2.4. Os imaginários sociodiscursivos

De acordo com Charaudeau (2015), o conceito de imaginário, oriundo da sociologia, se refere a um conjunto de saberes partilhados por grupos de uma sociedade. Esses imaginários ajudam nas “representações sociais”(MOSCOVICI, 2012) e constroem a realidade, sendo que estão entrelaçados nos discursos e permitem, assim, que os sujeitos construam o significado do que está sendo apresentado. É importante ressaltar que essa construção de significado leva em consideração o princípio de coerência. Conforme Charaudeau (2015), a expressão “imaginário sociodiscursivo” é coerente devido ao fato de as representações sociais serem identificadas nos discursos produzidos de diversas formas, e pelo fato de circularem em um determinado grupo social. Levando em consideração o que foi explicitado, o autor acrescenta que os imaginários são responsáveis por testemunhar as identidades coletivas e a percepção dos grupos sociais em relação aos acontecimentos. Assim, esse conceito circula na sociedade em um espaço de interdiscursividade.

O termo imaginário não deve ser entendido como algo que se opõe à realidade ou que é inventado. Segundo Charaudeau (2015), esse termo diz respeito a uma representação da realidade, visto que para ele “o imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, mas imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações” (CHARAUDEAU, 2015, p. 203). Logo, esse conceito serve para nos dar uma representação da realidade a partir dos discursos acerca do mundo, levando em consideração pensamentos e ideias de um determinado grupo social. Quanto a isso, Charaudeau (2015) afirma que essa construção de significado se estabelece por uma dupla relação, a saber, “a relação que o homem mantém com a realidade por meio de sua experiência, e a que estabelece com os outros para alcançar consenso de significação” (CHARAUDEAU, 2015, p. 203). Desse modo, os imaginários ajudam na percepção da realidade e conseqüentemente na sua significação, ou seja, os imaginários conseguem atribuir sentido à realidade.

Os imaginários são divididos em dois tipos de saberes: *saberes de conhecimento* e *saberes de crença*. É importante destacar que Charaudeau (2007) ao discutir sobre os saberes, afirma que se trata de conceitos construídos na dinâmica das representações

sociais. Segundo Charaudeau (2015), os *saberes de conhecimento* são responsáveis pelo estabelecimento de uma verdade a respeito dos fatos do mundo, cabendo a eles a explicação desses acontecimentos. Assim, necessitam de comprovação científica e são estabelecidos pela experiência, mas também são dependentes da cultura na qual circulam. Os saberes de conhecimento incluem o *saber científico* e o *saber de experiência*: o *saber científico* é aquele ligado às teorias e precisa de experimentação e observação, ou seja, é um conhecimento provado. Já o *saber de experiência* está ligado ao conhecimento empírico e não necessita de prova científica. O sujeito prova o que está sendo dito a partir de sua experiência e vivência.

Já os *saberes de crença* têm a responsabilidade de sustentar um julgamento a respeito do mundo e “referem-se, portanto, aos valores que lhe atribuímos e não ao conhecimento sobre o mundo” (CHARAUDEAU, 2015, p. 198), tornando-os mais subjetivos. Ainda de acordo com autor citado, esses saberes de crença estabelecem um movimento de avaliação do sujeito em relação ao fato explicitado, sendo que neste momento tanto a razão quanto a emoção podem predominar; eles incluem o *saber de opinião* e o *saber de revelação*. O *saber de opinião* traz diferentes julgamentos possíveis sobre um determinado assunto, é um saber compartilhado entre diversas pessoas e pode, dessa forma, ser questionado. Há a manifestação da voz coletiva e uma revelação de posicionamento por parte do sujeito. Esse saber engloba opiniões como a *opinião comum*, a *opinião relativa* e a *opinião coletiva*. A primeira se manifesta a partir dos provérbios e ditos populares, além dos argumentos de senso comum; a *opinião relativa* possui uma função crítica e é feita de forma individual; por fim, a *opinião coletiva* é manifestada por um grupo a respeito de outro grupo. O *saber de revelação*, por sua vez, necessita de uma adesão total dos sujeitos, que é conseguida através de textos que transmitam uma verdade absoluta, como, por exemplo, as doutrinas.

Charaudeau (2015) afirma, ainda, que os *saberes de conhecimento* e os *saberes de crença* estruturam as representações sociais e constroem os imaginários sociodiscursivos. Assim, uma análise desses imaginários fornece ao analista do discurso uma base mais sólida para a construção de significados acerca do discurso analisado.

2.5. O contrato midiático, a televisão e os estudos televisivos

Informar, garantir a veiculação dos fatos e o acesso do público a esses, além de entreter e divertir, são alguns dos propósitos que permeiam a comunicação midiática.

Esses propósitos estão ligados a fatores, como, por exemplo, a credibilidade das informações, visto que estas precisam ser dignas de fé, à instância de recepção, que precisa se manifestar diante das ditas informações e, por fim, à visibilidade das mídias, o que permite que essa informação atinja uma dimensão pública. Em relação a isso, Charaudeau (2013) nos diz que a informação midiática precisa “gozar da maior credibilidade possível com o maior número possível de receptores” (CHARAUDEAU, 2013, p. 86). Tendo em vista essa colocação do autor, percebemos cada vez mais a importância da comunicação midiática na sociedade contemporânea, tendo em vista que esse tipo de comunicação objetiva garantir a veiculação da informação e a captação de adeptos através da mediatização dos campos sociais.

A comunicação midiática é estruturada a partir de um contrato de comunicação específico, conforme nos mostra Melo (2003). Segundo a autora, “as atividades discursivas que compõem o contrato midiático caracterizam-se por finalidades particulares, identidades e papéis específicos dos sujeitos envolvidos e formas específicas dos esquemas situacionais de cada mídia” (MELO, 2003, p. 107). Desse modo, sabe-se que essas particularidades influenciam na mensagem que será liberada por esse contrato midiático. Primeiramente, é necessário pensar que a identidade dos sujeitos corresponde a uma coletividade, tendo em vista que, segundo Melo (2003), uma produção midiática sempre visará um coletivo. Além disso, essa produção não conta com um interlocutor explicitamente presente e, portanto, trata-se de uma situação monologal. Entretanto, a mídia se vale de um suposto diálogo com esse destinatário. A respeito disso, Charaudeau (2013) acrescenta que a televisão cria um efeito de contato com o seu receptor através da criação de uma ilusão de representar a realidade da forma como ela é.

Toda comunicação midiática se funda a partir de um dispositivo que é o suporte físico da mensagem. De acordo com Charaudeau (2013), a finalidade principal desse dispositivo é formatar a mensagem conferindo-lhe um significado, tendo em vista que o suporte interfere na construção de significado. Por isso, forma e conteúdo estão estritamente ligados. O autor ressalta que suporte e mensagem possuem uma reciprocidade dialética, sendo praticamente impossível atingir um sem tocar o outro. Levando em conta essas características, o autor define dispositivo como:

Uma maneira de pensar a articulação entre vários elementos que formam um conjunto estruturado, pela solidariedade combinatória que os liga. Esses elementos são de ordem material, mas localizados, agenciados, repartidos

segundo uma rede conceitual mais ou menos complexa. O dispositivo constitui o ambiente, o quadro, o suporte físico da mensagem, mas não se trata de um simples vetor indiferente ao que veicula ou de um meio de transportar qualquer mensagem sem que esta se ressinta das características do suporte (CHARAUDEAU, 2013, p. 104).

É possível compreender, então, que o dispositivo é um componente essencial na composição dos significados das mensagens, que juntamente com elementos como gestos, oralidade e imagens compõem a encenação comunicativa. Charaudeau (2013) acrescenta ainda que, ao se estudar um dispositivo, o pesquisador não pode se abster de elementos como a vibração da voz, o pigmento das cores e a tipografia. Isso nos lembra que uma comunicação midiática se desenvolve a partir da junção entre estrato verbal e não-verbal e combina “oralidade, escrituralidade, gestualidade e iconicidade” (CHARAUDEAU, 2013, p. 106).

Nessa dissertação, nos interessam discussões que permeiam o dispositivo visual que é a televisão, pois nosso *corpus* de estudo é um programa de TV. O dispositivo televisivo veicula suas mensagens a partir da combinação do estrato verbal com o estrato visual, sendo que a imagem naquele suporte conduz a comunicação entre os interlocutores. Charaudeau (2013) é sucinto ao definir esse dispositivo, pois, para ele, “a televisão é imagem e fala, fala e imagem” (CHARAUDEAU, 2013, p. 109). Nesse sentido, esses dois elementos estão em correspondência unívoca e estrita solidariedade na composição do sentido.

Ao pensarmos em televisão, três possíveis objetivos nos vêm à cabeça: veiculação de informação, entretenimento e propaganda. Assim, esse dispositivo, ao longo dos anos, se configura como um veículo de informação, que tem o propósito também de proporcionar momentos de diversão, mas não se desvincula de um objetivo econômico. A partir disso, percebemos que o alcance da televisão é abrangente, já que ela se interessa pelos diversos tipos de público e produz programas que atinjam essa diversidade de destinatários. Nos programas televisivos, hoje, vemos diversos interesses: há aqueles que se destinam somente para crianças, outros que desejam captar apenas o público feminino, além dos que têm como público específico os homens. Há também por parte da televisão um desejo de ser vista como acolhedora e promotora de interação e diálogo, que faz com que ela pense em programas para toda a família como forma de promover a integração e união dos membros. Esse dispositivo midiático também se interessa em obter audiência de um público mais vasto, além de almejar o alcance de mais patrocinadores.

Levando em consideração a perspectiva de integração citada, Miller (2009) descreve a televisão como parte de um contexto no qual prevalece um ambiente de comunicação e interação que contribui para a geração de diversas possibilidades discursivas. Isso pode ser verificado pelo fato de estarmos vivenciando hoje uma era de transformações, nas quais as mudanças sociais, comportamentais e tecnológicas estão cada vez mais intensas. Além disso, os dispositivos de comunicação midiática frequentemente vêm se adaptando a essas mudanças, inclusive a televisão, que sofreu uma remodelação na sua estrutura e composição, de forma a não perder o seu espaço nessa era digital que está cada vez mais forte na contemporaneidade. Isso pode ser visto através da instauração do Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTV) criado em 2003, por meio do Decreto nº 4901.

Miller (2009) aponta perspectivas de sucesso para a TV nos anos seguintes. Segundo esse autor, “o alcance da televisão está aumentando, a sua flexibilidade está se desenvolvendo, a sua popularidade está crescendo; e a sua capacidade de influenciar e incorporar mídias mais antigas e mais novas é indiscutível” (MILLER, 2009, p. 24). A partir disso, podemos perceber que, além de se modificar, a televisão também procura integrar-se aos outros dispositivos midiáticos. Um exemplo disso é a interação dos dispositivos televisivos com as redes sociais, que cada vez mais têm se tornado uma alternativa dos programas televisivos de interação com o público através de uma relação de proximidade e contato, o que conseqüentemente ajuda na audiência.

A televisão tem uma influência que vai desde a divulgação de informação à imposição de valores e padrões. Desse modo, os estudos televisivos se tornam cada vez mais importantes no contexto atual, de forma a percebemos o destaque desse meio de comunicação que cumpre um papel social através da realidade que emana e evidencia. Além disso, Charaudeau (2013) nos diz que, através da disseminação dessa realidade, a televisão exerce um poder de fascinação sobre seu telespectador. Melo (2013) corrobora os pensamentos de Charaudeau e acrescenta que, além de fascinante, a televisão também pode ser assustadora. Essa dualidade é explicada de forma exemplar pela autora, que nos diz que:

A TV é fascinante pelo alcance que tem, pelo poder de relativizar os conceitos de tempo e espaço, por ser capaz de aproximar o que está distante, possibilitando, com isso, uma maior cooperação e solidariedade entre os homens. Ela fascina porque pode ser usada como meio de informação, de educação, mas ao mesmo tempo como uma fábrica de sonhos, de fantasias e, conseqüentemente, como estímulo à imaginação, como forma de relaxamento, como válvula de escape para as tensões do dia-a-dia. A

televisão fascina porque representa, reflete, mas ao mesmo tempo molda e recria uma cultura. Finalmente, ela assusta pelo crescente poder político e econômico daqueles que detêm seu controle: a TV é, hoje, sem dúvida, um importante instrumento de imposição de valores e padrões e culturais de um grupo para toda a sociedade (MELO, 2003, p. 109).

Tendo em vista as palavras da autora que refletiram tão bem sobre o alcance da televisão e suas funções no cotidiano, podemos pensar que esse dispositivo se consolida como um sistema, que se preocupa em trazer para o interlocutor valores culturais, diversão e formas de relaxamento, mas que também perpetua poderes como o político e o econômico. Dessa maneira, por trás dos interesses culturais e sociais, a televisão se concretiza também como um sistema moldado de acordo com as perspectivas econômicas. Ademais, a mídia televisiva, foco do nosso trabalho, se caracteriza, primordialmente, como uma atividade de produção e recepção que se perpetua pela disseminação de produtos simbólicos e valores socioculturais, reforçando-os e oferecendo-os pontos de identificação e reconhecimentos ideológicos para os diversos públicos e classes sociais.

Nosso *corpus* de estudo é um programa de televisão que visa principalmente informar e entreter. Esse programa se enquadra no gênero “entrevista televisiva” ou “entrevista midiática” e será descrito nesse trabalho. Apresentaremos algumas considerações e características a respeito desse gênero e da importância desse tipo de programa na televisão brasileira. Antes de nos atentarmos ao gênero escolhido, trabalharemos a perspectiva de gênero na Teoria Semiológica. Isso se deve ao fato de nas análises nos preocuparmos em descrever o gênero entrevista televisiva e o programa em questão sob a perspectiva da teoria de Charaudeau.

2.6. O gênero na perspectiva Semiológica

Uma nova perspectiva de estudo dos gêneros foi proposta por Charaudeau (2004), o autor acreditava ser pertinente o rompimento com a tradição literária no que diz respeito à classificação dos gêneros. Ele afirma que os gêneros textuais apresentam uma perspectiva social que determina os “domínios da palavra”, no momento em que se leva em consideração a *ancoragem social* do discurso, sua *natureza comunicacional*, as *atividades linguageiras* e as *características formais* dos textos produzidos.

No que diz respeito à *ancoragem social*, Charaudeau (2004) explica que se trata de um conceito que reconhece que os gêneros se unem a diferentes práticas sociais. Essas práticas, para o autor, são os “domínios da prática linguageira” que determinam a

identidade dos sujeitos da enunciação e os papéis que representam nela. Para o linguista, são essas características que nos permitem julgar a conformidade de um discurso em relação ao domínio em que ele está inserido. Assim, de acordo com Charaudeau (2004), “todo discurso seria marcado por uma certa ‘performatividade’, desde que o ‘ator social’, que está na origem enunciativa, fosse reconhecido em seu estatuto: não é mais o que é dito que conta, mas a origem enunciativa externa do que é dito” (CHARAUDEAU, 2004, p. 2).

No que diz respeito às *atividades languageiras*, a problemática de Charaudeau (2004) se insere na própria descrição das mesmas, já que não se sabe se podem ser operações mentais ou modos de organização do discurso. Isso se dá pelo fato de alguns autores considerarem as operações mentais como processos que levam em consideração a narrativa, a explicação, a argumentação e o diálogo que apresentam regularidades no texto. No entanto, outros acreditam que essas operações estão ligadas aos modos de organização do discurso – enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo (CHARAUDEAU, 2010) – que dizem respeito à organização discursiva do texto. A partir disso, Charaudeau (2004) reitera que um mesmo tipo de texto pode conter vários procedimentos de organização.

Ao reconhecer os gêneros como construtos sociais, Charaudeau (2004) salienta que é necessário compreender que eles estão sujeitos a restrições. Entretanto, essas restrições podem anular a legitimidade do sujeito dentro do texto, que teria que agir em conformidade com as ditas restrições. Assim, ele acredita que é a partir do processo de socialização do sujeito falante que este consegue se comunicar. Esse processo se constrói a partir da existência, no sujeito, de três memórias que dizem respeito às maneiras pelas quais as comunidades se constituem.

Na *memória dos discursos* circulam os discursos como representações que constroem as identidades coletivas e dividem a sociedade em “comunidades discursivas”. Assim, “as comunidades discursivas reúnem – virtualmente – sujeitos que partilham os mesmos posicionamentos, os mesmos sistemas de valores, quer se trate de opiniões políticas, julgamentos morais, doutrinas, ideologias, etc” (CHARAUDEAU, 2004, p. 4). A segunda é a *memória das situações de comunicação*, que constitui as “comunidades comunicacionais” através das quais os parceiros podem se reconhecer e entender o que se passa nessa troca languageira. Segundo Charaudeau (2004), essas comunidades comunicacionais englobam sujeitos que compartilham uma visão

semelhante sobre o que é uma constante dentro da situação de comunicação. Por fim, temos *uma memória da forma dos signos* que, para o autor, é a que concentra comunidades de “saber dizer” ou de “estilo”. A partir dessa memória, o sujeito falante consegue “elaborar julgamentos de ordem estética, ética, pragmática, etc., sobre a maneira de se comportar e de falar em nome de normas sociais supostamente partilhadas” (CHARAUDEAU, 2010, p. 4). Isso é o que o autor reconhece como comunidade semiológica.

A situação de comunicação, para Charaudeau (2004), é o lugar onde se encontram restrições ligadas à identidade dos parceiros, ao papel que assumem na troca, à finalidade que os coloca nessa troca, sendo que é essa finalidade que seleciona as visadas discursivas, que irão caracterizar o gênero, ao propósito da troca e das circunstâncias materiais que permitem a realização da troca. O autor ressalta que se várias situações de comunicação possuem essas mesmas características isso se deve ao fato de elas estarem no mesmo domínio de comunicação. Já a discursivização, de acordo com Charaudeau (2004), é onde estão as *maneiras de dizer*, que permitem que esse espaço também seja enxergado como um espaço de restrições. Porém, o autor acredita que para esclarecer o fato de que textos diferentes pudessem ter características que os fizessem parecer pertencentes a um mesmo tipo de texto, mesmo com algumas formas distintas, seria necessário distinguir *restrições discursivas* de *restrições formais*, sendo que as primeiras se ligam aos modos de discurso, e as segundas correspondem às *maneiras de dizer* que sempre são encontradas em textos da mesma classe.

No que tange às *restrições discursivas* do contrato comunicacional, Charaudeau (2004) diz que se trata de dados externos que têm por função construir o discurso. Assim, esse autor salienta que as restrições discursivas são caracterizadas pela escolha dos *modos enoncivos* (narrativo, descritivo, argumentativo) que o sujeito falante precisa empregar, os *modos enunciativos*, nos quais ele se engaja (alocutivo, elocutivo, delocutivo), os *modos de tematização*, que se referem aos temas e subtemas que serão retratados no discurso e os *modos de semiologização*, que dizem respeito à organização visual e verbal do ato de linguagem.

Ao falar sobre as *restrições das marcas formais*, Charaudeau (2004) explica que textos pertencentes a um mesmo gênero trazem regularidades e diferenças, e, ao levarmos em conta somente essas regularidades como forma de agrupá-los em um determinado gênero, nos debruçaremos sobre dois problemas. O primeiro se relaciona

ao sentido das formas encontradas, visto que uma palavra, uma nominalização ou até mesmo uma interrogação podem trazer variados sentidos. Assim, o autor acredita que esse “polipertencimento das formas a categorias diferentes constitui um primeiro obstáculo — certamente, não — intransponível — para uma classificação dos textos a partir de suas recorrências formais” (CHARAUDEAU, 2004, p. 3). Já o segundo problema reside no fato de que não é possível afirmar que as recorrências garantem um tipo de texto específico, pois é necessário reconhecer se elas são específicas ou exclusivas do texto, já que a especificidade garante apenas uma classe heterogênea diante da situação de comunicação. Desse modo, Charaudeau (2004) conclui que “as características formais seriam somente traços caracterizadores que trariam aos textos propriedades *específicas* e não traços definitórios que trazem aos textos propriedades *constituintes*” (CHARAUDEAU, 2004, p. 3).

Em relação às visadas, Charaudeau (2004) salienta que “correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte, uma troca linguageira” (CHARAUDEAU, 2004, p. 5). Assim, é importante salientar que as visadas correspondem a uma instância de produção que deseja atingir um destinatário ideal. As visadas não correspondem a uma tipologização de texto, visto que um texto pode ter mais de uma visada, e uma situação de comunicação através de uma dita finalidade pode selecionar uma ou mais visadas para sua enunciação. Entretanto, uma será mais dominante do que a outra. Charaudeau (2004) esclarece também que “não há, então, correspondência bi-unívoca entre visada discursiva e situação de comunicação, uma mesma situação podendo convocar várias visadas, ou uma mesma visada podendo se encontrar em diferentes situações” (CHARAUDEAU, 2004, p. 6). Assim, é importante ressaltar que a *finalidade* e a visada que esta seleciona se juntam à *identidade* dos participantes, ao *propósito* e sua estruturação temática e às *circunstâncias de produção* para formar o todo da situação de comunicação.

A situação de comunicação é responsável por estruturar os domínios de prática em domínios de comunicação. Devido a isso, Charaudeau (2004) prefere utilizar o termo “gêneros situacionais”. Além disso, o autor estabelece sua noção de contrato que, para ele, é o conceito que permite reunir textos que possuem as mesmas condições situacionais.

No próximo quadro, colocaremos e explicaremos as principais visadas discursivas, destacando as posições em que o Eu e o Tu se encontram em cada visada, já que as seis principais visadas discursivas se definem a partir de uma intenção pragmática do EU em relação à posição que o TU ocupa dentro do ato de linguagem e o TU em relação à posição do EU.

Quadro 1 - Principais visadas discursivas

Fonte: Charaudeau (2004)

Visada Discursiva	EU (posição)	TU (posição)
Prescrição	mandar fazer/ autoridade.	"dever fazer"
Solicitação	Quer saber / inferioridade de saber, mas legitimado.	"dever responder"
Incitação	mandar fazer/ não tem autoridade, só pode incitar a fazer.	"dever acreditar"
Instrução	fazer saber-fazer- autoridade de saber fazer e legitimação para transferir o saber fazer.	"deve saber"
Demonstração	quer "estabelecer a verdade e mostrar as provas", segundo uma certa posição de autoridade de saber (cientista, especialista, expert).	ter que receber e "ter que avaliar" uma verdade para ter a capacidade de fazê-lo.
Informação	Fazer saber- Legitimação.	"deve saber" algo sobre os fatos.

No próximo item, nos preocuparemos em trazer considerações e salientar as principais características do gênero trabalhado nessa dissertação.

2.6.1. A entrevista televisiva ou midiática: o que é esse gênero discursivo?

Considerando a língua como proveniente de um processo histórico, cultural e social e não como um sistema imutável composto de regras e combinações gramaticais, Bakhtin (2003) ressalta que o discurso é inerentemente ligado ao diálogo, sendo que o diálogo refere-se aos textos, às culturas e à sociedade, não ficando restrito apenas a uma comunicação face-a-face. Esse autor também aborda que, no diálogo, falante e ouvinte estão num processo mútuo de interação cultural, social e política, compartilhando as características extralinguísticas que compõem o diálogo. Desse modo, é possível dizer que o autor acredita que:

Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume

(extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (BAKHTIN, 2003, p. 302).

Os gêneros não são puros ou individuais, podendo, então, juntar-se aos outros, transformando-se, na medida em que são considerados como maneiras que determinam ações, em interações sociais, comunicação e poder dentro de contextos determinados. Eles são os construtos sociais e dinâmicos relacionados a questões sociais, culturais e até mesmo políticas de uma determinada sociedade. Tendo em vista essa caracterização a respeito de gênero discursivo, escolhemos trabalhar com o gênero “entrevista” que, segundo Charaudeau (2013), integra-se na categoria de “*Gênero de informação midiática*”.

De acordo com o linguista francês, a definição de gênero enquanto informação midiática advém do cruzamento entre um tipo de *instância enunciativa*, um tipo de *modo discursivo*, um tipo de *conteúdo* e um tipo de *dispositivo*. Assim, podemos pensar os gêneros de informação como sendo:

O resultado do entrecruzamento das características de um dispositivo, do grau de engajamento do sujeito que informa e do modo de organização discursivo que é escolhido. Além disso, como o contrato midiático se desdobra numa relação triangular entre uma instância consumidora, três desafios estão presentes na construção de qualquer gênero de informação: um desafio de visibilidade, um desafio de inteligibilidade e um desafio de espetacularização, que fazem eco à dupla finalidade de informação e captação do contrato (CHARAUDEAU, 2013, p. 212).

A entrevista midiática ou televisiva é um gênero que permite uma troca linguageira entre dois parceiros fisicamente presentes um próximo ao outro, alternando os turnos de fala. De acordo com Arfuch (2010), esse tipo de entrevista é um gênero em si mesmo, independente da temática abordada e de sua tipologia. Para Charaudeau (2013), a entrevista requer uma diferenciação de *status*. Isso se dá pelo fato de um dos parceiros ocupar o papel de “questionador” e o outro assumir um papel de “questionado-com-razões-para-ser-questionado”. Dessa forma, esse autor acredita que a alternância da fala dos dois parceiros é encontrada regulada e controlada por quem entrevista de acordo com as finalidades dessa situação de comunicação. Essa diferenciação de *status* é a principal divergência entre entrevista, conversa e diálogo. Segundo Arfuch (2010), os papéis destinados a entrevistador e entrevistado

compartilham uma relação pragmática, na qual prevalece a dinâmica interacional da entrevista. Assim, nitidamente, se percebe a troca linguageira estabelecida pelo gênero.

É possível dizer, segundo Arfuch (2010), que o produto obtido na entrevista terá uma autoria conjunta, presente na cena da interação e que demarcará a subjetividade do entrevistado, já que haverá o compartilhamento da voz, da presença e da proximidade. Então, supõe-se que será um diálogo centrado nas expectativas do entrevistado, ressaltando, assim, seus posicionamentos e ideias. Para Charaudeau (2013), o entrevistador utiliza sua legitimidade como forma de fazer com que seu convidado fale e possivelmente revele algum segredo ou verdade oculta. Já o entrevistado se coloca como alguém que tem algo a dizer, sendo que este algo representa uma informação importante e de cunho social. O autor também insere o público nessa caracterização e o descreve como um terceiro que deseja ouvir uma informação ou a descrição de um fato importante para a sociedade.

A entrevista feita por Marília Gabriela insere-se na categoria “Entrevista Jornalística”, termo que usaremos em nossas análises para referir-se a tal gênero. Como ressalta Charaudeau (2013), apresenta características comuns de uma entrevista, mas é especificada pelo contrato midiático, já que há a presença do entrevistador e do entrevistado que são ouvidos por um terceiro que está ausente, o ouvinte, todos inseridos em um dispositivo triangular. A entrevista jornalística, segundo Charaudeau (2013), ainda abarca a entrevista política, a entrevista de especialista, a entrevista de testemunho, a entrevista cultural e a entrevista de estrelas.

Charaudeau (2013) nos alerta que a entrevista jornalística obedece a diversos limites e pode trazer problemas quanto à credibilidade. Segundo o autor, o fato de as perguntas serem previsíveis, já que são elaboradas de acordo com o convidado escolhido, e as respostas serem de defesa ou contra-ataque faz com que a mecânica desses programas esbarre no que é credível. O linguista francês também faz uma ressalva em relação ao tempo desses programas, que muitas vezes são curtos e tratam de temas profundos e complexos. Portanto, o fato de ser um tempo breve faz com que os convidados expressem seus pontos de vista sem detalhamento. No entanto, o autor também acredita que o tempo longo faz com que o público perca o interesse sobre o que está sendo debatido. Sobre isso, ele nos diz que “na informação midiática, supõe-se que o público-alvo deva ser *captado* o tempo todo” (CHARAUDEAU, 2013, p. 218). Visto

isso, é importante que o programa se atente ao tempo, ao espaço e ao tema para que o público seja captado e se convença do que está sendo discutido.

2.6.2. A encenação visual e fílmica: alguns pressupostos

O estudo das imagens começou a tomar forma a partir de Barthes (1990), que caracterizava a imagem como um sistema de signos que apresentava mensagens implícitas e explícitas, baseando-se nos estudos de Saussure sobre o signo linguístico. Barthes (1990) se interessou em estudar as imagens por perceber que elas traziam mensagens visuais e possuíam caráter argumentativo. Esse autor acreditava que a mensagem visual era constituída de diferentes materiais, sendo eles o linguístico e o icônico (codificado e não-codificado). Barthes também permitiu que percebêssemos que a imagem poderia ser conotativa e denotativa, sendo que pelo plano denotativo teríamos conhecimento do sentido referencial, e pelo plano conotativo estariam as significações simbólicas, de sentido figurado.

As inúmeras contribuições da Retórica da imagem de Roland Barthes não podem ser deixadas de lado. Entretanto, a partir da perspectiva de Melo (2003), essa abordagem precisaria ser complementada por possuir uma faceta mais semiológica do que simbólica. Desse modo, nos apropriaremos, nesse trabalho, de uma abordagem da Semiologia da Imagem que se preocupou em aprimorar os estudos de Barthes. Assim, nos preocuparemos em apresentar e distinguir os signos icônicos ou figurativos dos signos plásticos ou não figurativos, nos termos de Joly (2007). Além disso, incorporaremos ao nosso estudo as contribuições de Melo (2003) e Soulages (1999, 2008) que abordam, mais especificamente, a análise do discurso nos estudos televisuais.

Nesse tópico, pretendemos, portanto, delimitar os pressupostos teóricos que irão nos auxiliar em uma análise do discurso dos estudos televisuais, visto que trabalhamos com um programa de televisão e entendemos que é de suma importância a descrição e interpretação dos componentes visual e fílmico que estruturam as entrevistas estudadas. Ademais, entendemos que o nosso objeto de análise comporta, além da dimensão linguístico-discursiva, uma dimensão visual que não pode ser descartada. Logo, com essa análise, pretendemos avaliar a influência da midiatização nas entrevistas e, principalmente, na fala dos religiosos.

Conforme salienta Melo (2003), análises que trabalham com o discurso televisivo e se pautam sob a perspectiva de análise dos componentes visual e fílmico se deparam com pequenas dificuldades, já que são norteadas pela desconstrução do objeto, o que se dá pelo congelamento e corte das imagens. Sobre isso, a autora nos diz que “se por um lado esse procedimento nos permite identificar componentes relevantes à interpretação do filme, por outro acarreta alguns prejuízos, já que o trabalho a partir de fragmentos corre o risco de ser incompleto e deficiente” (MELO, 2003, p.41). Entretanto, mesmo apresentando limitações, esse trabalho se torna necessário para a visualização de detalhes que poderiam ser esquecidos e, principalmente, para abarcar o processo de midiaticização nas entrevistas.

O trabalho com discursos televisuais permite ao analista ter uma percepção de uma dimensão humana, já que, segundo Soulages (2008), a imagem televisual transfere as relações transitivas para um mundo figurado que, por meio de recursos audiovisuais, podem imitar a percepção humana. Assim, esse autor salienta que a operação de televisualização “propõe um *efeito de mundo* carregado de afetos e de percepções, e não, como muitos estimam, um efeito de discurso ou de texto” (SOULAGES, 2008, p. 257). Logo, percebe-se que o estudo dos materiais televisuais nos permite perceber os efeitos dos quais somente as análises linguísticas não dariam conta, como, por exemplo, os olhares e as posturas dos protagonistas, os planos de movimentos, o cenário, entre outros. Segundo Soulages (2008), são esses procedimentos que nutrem a *performatividade* dos dispositivos televisuais e sustentam todos os níveis de quadros participativos. Para o autor, essa noção de *performatividade* é crucial nos estudos televisivos, a partir do momento em que há ali duas dimensões, como:

[...] a fusão da ação e a linguagem, que caracteriza sobre o plano da interação e o performativo austiniano; uma emissão de televisão é, antes de tudo, uma cerimônia — acontecimento — inserida em uma grade de programas, com suas visadas, seu enquadramento genérico, seu formato, seu limite e seu processo de interação- consumo, sinônimo na maioria dos casos de seu puro e simples desaparecimento. Por outro lado, cada programa comporta também uma dimensão pragmática mais extensa, que diz respeito à publicização de uma performance discursiva que toca não somente o telespectador como membro do público, mas o ator social e cultural, membro do espaço público de uma sociedade com todas as visadas de influência que atravessam esse último e do qual a televisão constitui hoje a peça mais importante (SOULAGES, 2008, p. 259).

Desse modo, a partir das ideias do autor, podemos dizer que a televisão abarca uma dimensão dita sensitiva que se junta a uma dimensão comunicativa, sendo que as duas, ao se ligarem, nos propiciam uma análise mais completa do dispositivo televisivo.

Levando em consideração outro estudo de Soulages (1999), os estratos visual e fílmico, que serão o foco de nossas análises, podem ser descritos em dois momentos, a saber, a partir de sua estrutura interna, pela descrição de videogramas, e pela análise das sequências. Entretanto, não nos preocuparemos em analisar os videogramas, pois acreditamos que uma análise mais geral nos propiciará um trabalho mais interessante. Assim, nos permitiremos analisar o componente visual e fílmico primeiramente, pelos signos figurativos ou icônicos e, posteriormente, pelos signos não-figurativos ou plásticos, que serão descritos brevemente a seguir e utilizados durante as análises.

2.6.2.1. Signos icônicos (figurativos)

De acordo com Joly (2007), a imagem, no sentido teórico do termo, corresponde aos signos icônicos que, ao serem codificados, se assemelham ao real. Isso acontece através de recursos como analogia, o que faz com que esses signos também sejam chamados de analógicos, e através do uso de códigos de representação. No estudo dos signos icônicos é interessante descrever as *formas de visualização* que, segundo Soulages (1999), nos permitem a visualização dos protagonistas das cenas analisadas, neste caso, os religiosos e a entrevistadora.

As *formas de visualização*, segundo Soulages (1999), correspondem aos modos e níveis dos protagonistas na tela. De acordo com Melo (2003), elas “referem-se à forma de agenciamento do espaço referencial e interacional que são incorporados no espaço fílmico e reapropriados pela instância de realização” (MELO, 2003, p. 46). Logo, a compreensão dessa operação de agenciamento se dá através de uma observação dessas formas de visualização das cenas analisadas.

2.6.2.2. Signos plásticos (não-figurativos)

Para Joly (2007), a imagem é um todo heterogêneo que se constitui através da associação dos signos icônicos e dos signos plásticos. Esses últimos, segundo a autora, dizem respeito aos materiais plásticos que compõem a imagem, tais como a cor, as formas, a composição e a textura. Esses elementos são vistos como signos plenos e integrais. Neste trabalho, consideraremos os seguintes signos plásticos: formas,

iluminação, escala de planos, os ângulos e as variáveis proxêmicas, que serão descritos brevemente a seguir.

2.6.2.2.1. Cor

A percepção e a interpretação das cores é estritamente cultural e não podem ser desconsideradas na análises das mensagens visuais, visto que evidenciam trabalham com as emoções e carregam significados e simbologias. Sobre isso, Melo (2003) nos diz que:

No dia-a-dia compartilhamos os significados associativos das cores dos elementos que compõem o ambiente que está ao nosso redor (o céu, o mar, as árvores). Porém, as cores estão também associadas a uma vasta gama de significados simbólicos. A cor vermelha, por exemplo, é comumente associada a amor, calor, vida, mas também a perigo ou raiva. As três matizes primárias ou elementares (o amarelo, o vermelho e o azul) representam qualidades fundamentais (MELO, 2003, p. 48).

Devido à sua força de representação, a cor é um elemento primordial, no que concerne às informações visuais, e como produtora de sentido. Podemos dizer então que a cor é um elemento utilizado por um determinado emissor como forma de causar um efeito em seu receptor, que, conseqüentemente, pelo seu conhecimento de mundo, consegue produzir significado a partir da cor expressa, levando em consideração que ambos estão inseridos em um mesmo patamar cultural. Conforme Mendes (2013), conseguimos perceber a finalidade representativa das cores a partir de suas funções nos símbolos religiosos e pátrios, por exemplo.

2.6.2.2. 2. Iluminação

A iluminação, assim como a cor, requer uma interpretação cultural e causa no receptor um efeito psicofisiológico (JOLY, 2007). De acordo com Melo (2003), a luminosidade está ligada aos fatores claridade ou obscuridade do que está sendo visto, sendo que, para esta autora, as variações que remetem à luz ou ao tom nos permitem assinalar a informação visual que está sendo transmitida naquele ambiente, como o movimento de alguém, sua proximidade ou sua distância.

2.6.2.2.3. Escala de planos

A escala de planos está mais diretamente ligada ao tratamento da imagem fílmica. Pode-se dizer que ela se refere ao objeto que se deseja registrar posicionado no visor da câmera. Basearemos-nos nas distinções feitas por Coutinho e Millerson, estudados por Melo (2003), que podem ser vistas a seguir:

- i. Plano *close-up*: apenas a cabeça do ator aparece no visor, recurso que traz dramaticidade para a cena;
- ii. Primeiro plano: o cenário quase não aparece, já que os personagens são focados dos ombros para cima, deixando suas expressões faciais evidentes. Nesse plano, o foco é o personagem.
- iii. Plano próximo: frequentemente utilizado nas cenas de conversa e diálogo, esse plano focaliza os personagens da metade do tórax para cima.
- iv. Plano médio: na tela, os personagens aparecem da cintura para cima, ocupando a maior parte dela.
- v. Plano americano: os personagens são cortados à altura do joelho.
- vi. Plano conjunto: na tela, os personagens aparecem de corpo inteiro, não há recorte.
- vii. Plano geral: a partir desse plano é possível visualizar o cenário e os personagens, entretanto não são mostrados detalhes do cenário.

2.6.2.2.4. Ângulos

O ângulo de filmagem direciona-se ao assunto destacado em cena, visto que diz respeito à posição da câmera em relação a esse assunto. Levando em consideração os estudos de Melo (2003), distinguimos os ângulos da seguinte forma:

- i. *Contre-plongée*: Esse ângulo tem a função de enaltecer o personagem que está em foco, causando, assim, uma impressão de superioridade. Isso é feito pelo fato de ele ser fotografado de baixo para cima.
- ii. *Plongée*: Ao contrário do primeiro, esse ângulo serve para diminuir o sujeito focalizado, pois ele é fotografado de cima para baixo.
- iii. Horizontal: Nesse ângulo, a tomada pode ser frontal ou lateral, já que a câmera está localizada à altura do olhar do sujeito em foco.

2.6.2.2.5. Variáveis proxêmicas

As variáveis proxêmicas são discutidas por Soulages e Lochard (1993), sendo retomadas por Melo (2003). Esses autores mostram que as variáveis proxêmicas se classificam como sendo o resultado do cruzamento entre as escalas de planos e as distâncias interpessoais, conhecidas como proxêmicas, estudadas por Hall (2005). A partir desse cruzamento, surgem as seguintes correspondências:

- i. distância íntima = plano *close-up*
- ii. distância pessoal = primeiro plano e plano próximo
- iii. distância social = plano americano e plano médio
- iv. distância pública = plano conjunto e plano geral

2.6.3. Análises das sequências

Conforme já dissemos anteriormente, nossas análises também englobarão as análises das sequências, tendo em vista a colocação feita por Melo (2003), que salienta que:

O estudo do objeto fílmico visual compreende não só a análise interna dos videogramas, mas também a compreensão da forma pela qual esses são organizados em sequências, já que o filme se compõe de imagens em movimento que se articulam num todo significativo. (MELO, 2003, p. 51)

Assim, nessas análises, nos preocuparemos principalmente em analisar os parâmetros de roteiro e os movimentos de câmera, que serão descritos a seguir.

2.6.4.1. Os parâmetros de roteiro

A partir das discussões de Melo (2003), temos que os parâmetros de roteiro distinguem as sequências em: externa/interna; visual/dialogada; íntima/coletiva; com um personagem/com dois personagens/de grupo.

2.6.3.2. Movimentos de câmera

Soulages (1999), citado por Melo (2003), nos afirma que há três tipos de movimentos de câmera importantes e que devem ser considerados na análise do estrato visual e fílmico. São eles:

i. Movimento primário: diz respeito aos movimentos e deslocamentos ocorridos em um mesmo quadro fixo. Trata-se, portanto, de um movimento construído. Por exemplo, a imagem panorâmica, que consiste em uma rotação da câmera a partir de seu eixo vertical ou horizontal, mas sem nenhum deslocamento do aparelho.

ii. Movimento secundário: é a própria movimentação da câmera, que pode ter a função de descrever e identificar-localizar; de focalizar-identificar, como é o caso do *zoom*, e também uma função apenas pontuativa, que são os movimentos programados. Um exemplo de movimento secundário é o *travelling*, a partir do qual a câmera pode se movimentar de várias formas, proporcionando uma visualização com detalhes do objeto focalizado.

iii. Movimento terciário: esse movimento produz um efeito dinâmico que não corresponde a um movimento da câmera ou dos personagens. Esse movimento é produzido pelo agenciamento da banda imagem e está ligado à montagem.

2.6.3.3. Montagem

De acordo com Melo (2003), a montagem organiza os planos de um filme levando em consideração a ordem e o tempo. A montagem ajuda na criação do movimento e do ritmo da encenação, sobretudo, da ideia que ela quer transmitir. Logo, percebe-se que ela tem um papel descritivo, narrativo e explicativo. Os principais tipos de montagens são as montagens de continuidade e as montagens de compilação. De acordo com Gage (1991) aludido por Melo (2003), a montagem de continuidade diz respeito às sequências narrativas, pois seus cortes não comprometem a ação desenrolada. Já na montagem de compilação, as imagens apresentadas dizem respeito ao texto em *off* e, por isso, não há uma sequência narrativa.

2.7. A dimensão discursiva da comunicação visual e fílmica

Ao retratarmos a imagem como signo icônico e plástico que tem como função transmitir um significado a partir do visual, pensamos que a entrevista midiática, por focalizar os dois sujeitos presentes em cena, também poderia ser estudada a partir desses dois aspectos, levando em consideração sua encenação fílmica. Assim, nos preocuparemos em destacar nas nossas análises as características enunciativas e argumentativas da encenação fílmica do nosso objeto de estudo. Para isso, traremos

considerações teóricas breves sobre essas duas perspectivas, nos baseando principalmente em Soulages (2008) e Mendes (2013).

2.7.1. A dimensão enunciativa no dispositivo televisivo

De acordo com Melo (2003), é possível trabalhar a enunciação fílmica a partir dos protagonistas que estão presentes no ato de comunicação. Segundo a autora, “o estudo da ‘enunciação fílmica’ consistiria, a nosso ver, na compreensão dos traços de inscrição do quadro enunciativo e dos seus protagonistas no seio do enunciado, assim como na interpretação dos traços das relações entre esses protagonistas” (MELO, 2003, p. 64). Desse modo, é possível afirmar que uma análise de produções fílmicas a partir do modo enunciativo é possível na medida em que consideramos a combinação entre o estrato verbal e o visual.

Levando em consideração que a comunicação midiática se estabelece a partir da junção de uma comunicação verbal com uma comunicação visual, parece-nos pertinente utilizar o pensamento de Melo (2013) que corrobora a proposta de Lochard (1993) e mostra que “a comunicação televisiva, em seus diferentes gêneros, é sempre a resultante de uma dupla enunciação: uma *enunciação verbal*, de um lado, envolvendo os diferentes atores midiáticos que obedecem às restrições de cada gênero, e uma *enunciação visual*” (MELO, 2013, p. 180). Assim, os significados presentes na comunicação visual são estabelecidos pela junção do verbal e do não-verbal.

Soulages (2008) descreve três dispositivos enunciativos, a saber, o dispositivo de ficção, o dispositivo de mostração e o dispositivo de espetáculo. No nosso trabalho, consideraremos apenas o dispositivo de mostração, que se aplica diretamente ao nosso *corpus*.

2.7.2.1. O dispositivo de mostração

Para Soulages (2008), toda produção midiática é o resultado de uma performance pública e programada, sendo que a televisão é “o produto da encarnação de um artifício perceptual” (SOULAGES, 2008, p. 256). Desse modo, é possível compreender que hoje a mídia televisiva se constitui como um espaço que perpassa o social, o lúdico, o informativo, entre outros. Visto isso, Soulages (2008) nos fala de

“performances midiático-discursivas” e considera que há três dispositivos que constituem essa performatividade televisual, sendo eles os dispositivos de ficção, de mostraçã o e de espetáculo. Faremos uma breve contextualizaçã o teórica acerca do dispositivo de mostraçã o, o qual usaremos na análise das entrevistas. O uso desse dispositivo em nossas análises se deve ao fato de ele trabalhar com enunciados da realidade e remeter diretamente ao telespectador, que partilha de saberes de uma determinada comunidade.

No dispositivo de mostraçã o, a enunciaçã o visual se efetua sem mediaçã o explícita. Esse dispositivo, segundo Soulages (2008), se preocupa com o estabelecimento de uma verdade e oferece ao público “a garantia de uma conexã o com um mundo fenomenal restituído em sua verdade” (SOULAGES, 2008, p. 261). Nele, a enunciaçã o visual é feita a partir de um efeito de transparência, sendo que o que está sendo mostrado não necessita de mediaçã o explícita. Assim, esse dispositivo fica por conta dos enunciados da realidade.

2.7.3. A argumentaçã o no estrato visual

Como sabemos, a argumentaçã o se fundamenta pela busca da persuasã o e do convencimento. Entretanto, nas imagens, é mais difícil perceber marcas explícitas que remetam à persuasã o, que são facilmente identificadas nos textos escritos. Mas, de acordo com Mendes (2013), podemos pensar que a imagem pode se constituir como uma prova, um argumento ou até mesmo um contra-argumento. Essa autora nos revela que as imagens se inserem em uma dimensã o argumentativa, pois “nã o possuem marcas explícitas de argumentaçã o, mas podem constituir estratégias de persuasã o” (MENDES, 2013, p. 146). Logo, na televisã o, essa dimensã o argumentativa pode ser vista a partir da postura dos protagonistas e da forma como seus posicionamentos sã o expressos pelos gestos e olhares, que poderã o revelar efeitos *ethoticos*, *patêmicos* e ligados ao *logos*.

Segundo Mendes (2013), ao pensar nas imagens, o *ethos* se revela a partir do corpo, gestos, voz, roupa, entre outras características do sujeito focalizado. Assim, na iconicidade, podemos verificar a relevância desses elementos para a obtençã o de credibilidade e de captaçã o da mensagem. A postura e as maneiras de expressã o também traduzem um caráter de afetividade e revelam sentimentos no discurso. Com

isso, a partir do icônico, também é possível captar efeitos patêmicos que ajudarão na compreensão das mensagens visuais expressas nos textos.

Soulages (2008) nos mostra que os programas de auditório podem ser estudados a partir dessa perspectiva, levando em consideração seu papel comunicacional central, centrado em assuntos de cunho social e de interesse do público. Em virtude dessas características, acreditamos que o programa que propomos analisar, mesmo não contando com um auditório presente durante sua exibição, também pode ser analisado de acordo com a perspectiva denotada por Soulages (2008). Este autor salienta que o *logos*, o *ethos* e o *pathos* contribuem para a análise desse tipo de programa e podem ser considerados. Além do mais, em sua abordagem, o autor coloca essa tríade responsável pela persuasão em programas televisivos, de alcance geral do público. É importante ressaltar que a abordagem do autor considera essa tríade como “palavras”, terminologia que utilizaremos nesse trabalho.

De acordo com Soulages (2008), a *palavra do logos*, que diz respeito ao uso de argumentos racionalizantes durante a argumentação, é típica de programas nos quais o foco são as questões de noticiabilidade e interesse social. Isso se dá a partir da interação entre convidados, na maioria das vezes pessoas públicas, e de um jornalista. Normalmente, esses programas se desenrolam em cenários televisivos que demonstram seriedade e austeridade e se assemelha a um diálogo, devido à posição dos sujeitos um em frente ao outro. No que diz respeito ao conteúdo, Soulages (2008) nos fala que há nesse tipo de programa “a co-construção de autênticos universos de discursos comuns, edificados sobre a fala argumentativa e exclusivamente centrados sobre os interesses do espaço público” (SOULAGES, 2008, p. 269). O autor cita a presença de um mediador nesse espaço que se faz como um colaborador informativo, que norteia a dinâmica do programa, mas também interage, questiona e opina nas questões discutidas.

No que diz respeito à *palavra do pathos*, ainda segundo o autor, na comunicação visual, essa prova de persuasão se estabelece principalmente em um espaço teatral, que transforma os personagens através da acentuação e do valor dado à sua palavra privada. Destarte, o autor nos diz que, por essa palavra, o locutor foca em apresentar narrativas de vida e compartilhar suas experiências pessoais. A respeito disso, Soulages (2008) nos diz que:

Todo o programa parece funcionar na passagem desse saber informal, saído da experiência e da palavra singular, para um saber formalizado e legitimado pela prova qualificante, não mais da dialética da discussão pública, mas da

função epifânica do depoimento pessoal em público e de sua apropriação pela instituição midiática (SOULAGES, 2008, p. 271).

Pela *palavra do pathos*, Soulages (2008) também fala a respeito do telespectador que diante do que é produzido é tomado por diversos afetos e atitudes em relação à fala do outro. Logo, esse telespectador pode revelar sentimentos de apreciação ou depreciação a respeito do que está vendo. O autor também afirma que a palavra do *pathos* faz com que os programas se preocupem principalmente com a existência de atitudes e opiniões, tentando abarcar o que é insólito, além de exprimir uma função enfática.

Segundo Soulages (2008), a *palavra do ethos* é fundamentada no falar de si e possui caráter ornamental, sendo que o dispositivo televisual assume um papel central. Esse falar de si é visualizado a partir de vários efeitos que realçam e acentuam o “eu” no momento da fala, sendo tais efeitos as luzes, as cores e os *jingles* que eventualmente podem aparecer durante o programa. O autor nos diz que pelo *ethos* o que importa é a *performance* discursiva dos protagonistas, apoiadas em visadas de entretenimento em detrimento dos depoimentos e compartilhamento de experiências individuais. Assim, há, nesse momento, o interesse pelo falar de si, omitindo, dessa forma, o espaço reservado para debate e discussão.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesse capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos que nortearam essa pesquisa. Traremos algumas explicações acerca da Teoria Semiolinguística que nos forneceu subsídios metodológicos e teóricos para o desenvolvimento dessa dissertação. Ademais, faremos uma apresentação e descrição do nosso *corpus* de pesquisa, além de apresentarmos brevemente os passos aos quais percorremos para desenvolver esse trabalho.

3.1. A natureza da pesquisa

Nosso trabalho teve como base teórica principal os pressupostos da Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau. Para o linguista, o ato de linguagem só se concebe como um conjunto de atos significadores que se estabelecem a partir das condições do discurso e de sua transmissão. Dessa forma, “o objeto do conhecimento é o *do que* fala a linguagem através do *como* fala a linguagem, um constituindo o outro (e não um após o outro)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 20). Pode-se dizer, então, que o significado não é dado a princípio, mas precisa ser construído pela estratégia humana da significação. Além disso, é importante frisar que na Semiolinguística o objeto só se constituirá pela intertextualidade, que depende dos sujeitos da linguagem para extrair os seus possíveis significantes. Não podemos esquecer também que a análise semiolinguística também é linguística, visto que, segundo Charaudeau (2010), o instrumento utilizado para interrogar o objeto construído pela intertextualidade é concebido a partir de um trabalho que permite uma conceituação da estrutura dos fatos linguageiros. De acordo com Charaudeau (2010), a AD se preocupa com os processos de produção e de recepção e, por isso, se centra em dar conta dos possíveis interpretativos que surgem no encontro dos dois processos.

A Análise do Discurso também é uma disciplina de caráter qualitativo. Entretanto, algumas pesquisas em AD necessitam de medidas e quantificação de dados e fazem com que seus pesquisadores utilizem a análise quantitativa. Nessa pesquisa, nos centramos em uma análise qualitativa, pautada na descrição e interpretação dos dados. Segundo Charaudeau (2013), uma metodologia de caráter qualitativo e empírico-dedutivo “vai desde a observação dos fenômenos sociais, de acordo com alguns

métodos de coleta de dados, até a descrição de um objeto construído em categorias interpretativas em função de um instrumento metodológico” (CHARAUDEAU, 2013, p. 27). Para o autor, essa abordagem é importante por se tratar de um método construtivista no qual um mesmo domínio de prática pode ser construído a partir de vários objetos de análise, a depender apenas da problematização. De acordo com Rey (2002), a pesquisa qualitativa:

[...] se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto. A história e o contexto que caracterizam o desenvolvimento do sujeito marcam sua singularidade, que é expressão da riqueza e plasticidade do fenômeno subjetivo (REY, 2002, p. 51).

Tal metodologia foi escolhida tendo em vista os objetivos e a teoria adotada. Para Charaudeau (2010), o analista precisa decompor uma substância semiológica com o intuito de analisar a relação entre os comportamentos linguageiros e as condições contratuais, ou seja, as condições psicossociais que regulam a situação de comunicação. Assim, temos o que o autor reconhece como estudo psicossociolinguageiro, que leva em conta os sujeitos, a linguagem e os fatores psicológicos, sociais e culturais que influenciam o ato de comunicação.

Como sabemos, o *corpus* de análise da nossa pesquisa é formado por dois vídeos de entrevistas exibidas no Programa *De Frente com Gabi*, da emissora de televisão SBT. Como nos pautamos em analisar dois sujeitos divergentes em relação à denominação religiosa, optamos por trabalhar com a noção de *contrastividade*, que, segundo Charaudeau (2005), é utilizada para estudar as condições que estruturam o contrato de comunicação, conforme visto a seguir:

As *condições*, para nós, são estruturadas num “contrato de comunicação” [25] o qual preside a toda produção linguageira. Para descrevê-las, é necessário, reunir produções que, por hipótese, pertençam ao mesmo tipo de situação: a isso denominamos de “corpus de textos”. Este trabalho se faz ao mesmo tempo por um levantamento empírico (intuitivo) das *constantes* que permitem reunir estes textos (por exemplo, para a publicidade, destacam-se as constantes : produto, marca, slogan-promessa, assinatura de uma agência de publicidade, suporte de difusão), e por um levantamento também empírico das *diferenças* entre estes textos e os textos que se assemelham a eles mas não possuem todas as constantes levantadas anteriormente (por exemplo, textos de propaganda política). Estabelecem-se assim fronteiras que circunscrevem, de início, um (ou mais) corpus de textos relativamente homogêneo. Este tipo trabalho determina uma das condições que consideramos fundamental para a constituição de um corpus, e que é constitutiva do procedimento de análise : a condição de “contrastividade” (CHARAUDEAU, 2005, p. 6).

Essa escolha nos possibilitará selecionar as *constantes* e as *diferenças* que norteiam a forma como cada religioso argumenta e se posiciona diante das temáticas estudadas. A partir disso, perceberemos também como as estratégias argumentativas são utilizadas por cada religioso para atingirem as condições de legitimação, credibilidade e captação. De acordo com Charaudeau (2005), é importante entender que muitos contratos comportam diversas variantes que nos permitem estudar suas modificações ao longo do tempo, bem como suas diferenças em contextos sociais e culturais divergentes. Por isso, essa noção de *contrastividade* está diretamente ligada a um critério de abertura/fechamento que se constitui por diversos contrastes e que, segundo Charaudeau (2005), podem ser internos ou externos. Os primeiros se estabelecem a partir de dados do contrato, tais como, o contraste entre “marcas” de um determinado produto ou entre suportes nos quais este produto é anunciado. Já os contrastes externos enfocam as variáveis relativas a espaços.

Além de qualitativa e empírico-dedutiva, nossa pesquisa, como citado anteriormente, também possui cunho descritivo e interpretativo. Primeiramente, nos atentamos a uma descrição do *corpus* segundo os pressupostos da Teoria Semiolinguística e a uma descrição dos dados levando em conta principalmente o Modo Argumentativo de Patrick Charaudeau e outras Teorias Argumentativas. Ademais, nos preocupamos também com a descrição e a interpretação do estrato visual e fílmico das entrevistas. Posteriormente, nos debruçamos sobre uma análise interpretativa baseada nos *ethé* construídos pelos religiosos no discurso e nos imaginários de conhecimento e crença relacionados à sexualidade e à família e divulgados pelos sujeitos entrevistados.

A análise da organização discursiva que pretendemos fazer se pautará nas respostas dadas pelos entrevistados às perguntas da apresentadora. Propomo-nos a fazer isso a partir das seguintes estratégias de ação:

- i. Coleta e gravação dos vídeos escolhidos como *corpus* do nosso trabalho;
- ii. Transcrição dos vídeos;
- iii. Descrição das estratégias de argumentação e do estrato fílmico e visual das entrevistas;
- iv. Descrição dos *ethé* criados pelos entrevistados;
- v. Interpretação dos imaginários em torno da sexualidade e da família.

3.2. Descrição do *corpus*

Os dois vídeos escolhidos para análise possuem aproximadamente 50 minutos de duração e podem ser encontrados no *site Youtube*, que é de fácil acesso e domínio de grande parte da população. As entrevistas são comandadas pela apresentadora Marília Gabriela e os convidados são o padre Fábio de Melo, representando a Igreja Católica, e o pastor Silas Malafaia, líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo. As entrevistas tratam de temas sociais e de interesse coletivo, sendo que a do padre Fábio de Melo foi exibida no dia 19 de janeiro de 2014 e a do pastor Silas Malafaia no dia 03 de fevereiro de 2013. De acordo com os temas discutidos, conseguimos dividi-las em quatro grandes temáticas, a saber, “vida pessoal”, “Igreja”, “sexualidade” e “família”. Por motivos relacionados à dimensão do trabalho, e por acreditarmos que as temáticas “sexualidade” e “família” nos dariam um suporte de análise maior, visto a postura tradicionalista da Igreja em relação a esses temas, nos limitaremos ao estudo dessas duas temáticas. Assim, nos preocuparemos principalmente em perceber quais estratégias argumentativas os religiosos estudados utilizam para captar e persuadir devotos, além de propagar doutrinas, em um espaço que não é destinado para a propagação de doutrinas.

A título de maior detalhamento e conhecimento do nosso *corpus*, traremos a seguir uma descrição do programa estudado, logo após, faremos uma breve apresentação dos dois religiosos analisados e, por fim, descreveremos as duas temáticas abordadas.

3.2.1. O programa *De frente com Gabi*

O programa *De frente com Gabi* foi apresentado durante cinco anos no SBT, pela jornalista e apresentadora Marília Gabriela. A atração foi de grande popularidade, o que pode ser comprovado, principalmente, pelo fato de o programa ter tido todos esses anos de exibição nessa emissora. A atração deixou de ser transmitida em março de 2015, por iniciativa da entrevistadora, que revelou não querer mais atuar na televisão aberta. Na época, o dono do SBT, o apresentador e empresário Sílvio Santos, lamentou publicamente essa perda do seu canal de televisão.

O programa era exibido semanalmente, aos domingos, após o programa “Sílvio Santos”. Era comum o apresentador Sílvio Santos finalizar sua atração conversando com Marília Gabriela a respeito do convidado que seria entrevistado por ela naquele dia.

Desse modo, então, suas entrevistas eram iniciadas a partir de um diálogo com o dono do SBT. Havia, desse modo, uma interação entre os apresentadores permitindo que o público percebesse uma integração na emissora. Isso pode ser visto como uma alternativa de acolhimento do público, já que o programa, mesmo sendo exibido por volta de 00:00, era classificado como um programa de entretenimento e informação para toda a família.

No *site*⁶ da emissora, em um espaço destinado ao programa, há uma pequena descrição sobre a atração. Nessa apresentação, há destaque para os temas que são abordados no programa, tais como, política, economia, medicina, cultura e temas como pedofilia, eutanásia, bioética e sexo, entre tantos outros. Assim, há no programa o destaque para a informação e para temas de interesse social. A descrição do *site* também chama a atenção para o cenário do *De frente com Gabi*, que possui apenas um fundo preto, duas cadeiras e uma bancada de acrílico. A escolha desse cenário propicia o foco nos sujeitos da interação, de forma que o telespectador fique atento aos debates e discussões. Na descrição, o *site* classifica o programa como de “informação” e “entretenimento”. A imagem a seguir é uma ilustração do cenário:



Figura 6 - Cenário do programa *De Frente com Gabi*.
Fonte: *Site* do programa.

A credibilidade e popularidade do programa devem-se, sobretudo, à sua apresentadora. Marília Gabriela Baston de Toledo Cochrane⁷ é uma jornalista renomada e com grande confiabilidade no que diz respeito à mídia e à comunicação. Alguns *sites*

⁶ Disponível em: <http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/programa/>. Acesso em: 20 nov. 2016.

⁷ As informações foram retiradas do *site* oficial do programa *De frente com Gabi*. Disponível em: <http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/programa/>. Acesso em: 20 nov. 2016.

e jornais a qualificam como a “melhor apresentadora do país”. Nascida na cidade de Campinas (SP), Gabriela é professora, publicitária, atriz, escritora, cantora, apresentadora e jornalista. Ela começou a trabalhar na TV em 1969 como repórter na TV Globo, mas foi na década de 80 que seu talento para a TV foi reconhecido na apresentação do antológico TV Mulher. Antes de passar pelo SBT, Marília Gabriela trabalhou alguns anos na TV Bandeirantes como apresentadora de telejornal e mediadora de debates televisivos. Ela também teve passagem pelo canal de TV pago “GNT”, no qual ainda apresenta o programa “Marília Gabriela entrevista”.

De 1995 a 2000, Marília Gabriela trabalhou no SBT, sendo, nessa época, a primeira fase do *De frente com Gabi*. De maio de 2002 a maio de 2003, depois de uma passagem pela Rede TV, Marília Gabriela voltou a apresentar o *De frente com Gabi*. A última fase do programa teve início em 2010 e se encerrou em fevereiro de 2015; foi nessa última fase que foram realizadas as duas entrevistas analisadas neste trabalho.

A representatividade da apresentadora no que se refere à comunicação e à mídia, juntamente com a postura que ela assumia diante das entrevistas, é algo que sempre mereceu atenção. A jornalista procurava sempre problematizar as temáticas discutidas, questionando com firmeza os seus convidados, mesmo em se tratando de temas mais polêmicos. Assim, ela não se colocava apenas como alguém passivo, que dirigia a entrevista e tinha como função apenas fazer as perguntas propostas. Marília Gabriela se mostrava como alguém que questionava, debatia e expunha sua opinião sobre o assunto, mesmo que essa fosse de descontentamento às ideias colocadas pelo entrevistado. Certamente, a postura ativa da apresentadora contribuiu significativamente para o sucesso do programa que figurou tantos anos durante a programação do SBT.

3.2.2. Os sujeitos analisados: quem são?

Como já reiteramos anteriormente, nosso foco principal é o discurso religioso centralizado nas respostas dos entrevistados. Por isso, convém, nesse momento, fazer uma breve apresentação dos sujeitos.

A figura escolhida para representar o Catolicismo foi o padre Fábio José de Melo Silva ou, simplesmente, Padre Fábio de Melo⁸. O sacerdote católico é mineiro da cidade de Formiga e nasceu em 03 de abril de 1971. De família simples e humilde, filho de um pedreiro e de uma dona de casa, Padre Fábio é o caçula entre oito irmãos. É graduado em Teologia pela faculdade Dehoniana de Taubaté (SP), pós-graduado em Educação, no Rio de Janeiro, e possui mestrado no Instituto Santo Inácio, em Belo Horizonte (MG). Fábio de Melo se tornou padre no dia 15 de dezembro de 2001, na cidade de Formiga, onde nasceu, depois de dezesseis anos de estudo. Segundo Senna (2011), o sacerdote começou a atuar na Igreja como líder religioso na Congregação Sagrado Coração de Jesus. Entretanto, hoje, não pertence mais a essa Igreja e atua como padre no Clero Diocesano de Taubaté (SP).

Além de padre e teólogo, Fábio de Melo é cantor, compositor e escritor. Ele não dissocia seu talento artístico de sua condição sacerdotal, pois sempre une os dois exercícios, colocando um como reflexo do outro, como o mesmo disse em entrevista à Marília Gabriela, quando foi indagado sobre as duas atividades. Como celebridade midiática, Fábio de Melo faz shows de evangelização por todo o Brasil, sendo que cada um tem duração de mais ou menos três horas. Além de apresentações musicais, durante seus shows, o padre conversa com o público, profere aconselhamentos e ensinamentos espirituais, além de contar histórias reais, como casos de sua própria vida.

Em seu *site* oficial, a obra de padre Fábio de Melo é identificada como composta, até o momento de elaboração dessa dissertação, de 14 livros publicados e 20 CDs lançados. O líder católico também é apresentador do programa *Direção espiritual* na emissora Canção Nova e teve uma biografia recentemente lançada, escrita pelo correspondente internacional da Rede Globo Rodrigo Alvarez, cujo título é “Humano Demais”. Essa biografia serve ainda mais para realçar a carreira artística de Fábio de Melo, pois espera-se que, para ganhar uma biografia, o sujeito seja reconhecido e tenha ampla popularidade diante do público.

Além disso, Fábio de Melo é comumente convidado a participar de programas de televisão nas diversas emissoras do Brasil, como por exemplo, o programa *De frente com Gabi*, no qual o padre foi entrevistado duas vezes.

De acordo com Senna (2011), em um de seus shows em Belo Horizonte, no ano de 2008, ao se encontrar rouco, padre Fábio não deixou de fazer a apresentação,

⁸ Algumas informações foram retiradas do *site* oficial do padre Fábio de Melo. Disponível em: <http://www.fabiodemelo.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2016.

alegando que além de cantor, também era padre e precisava, como tal, evangelizar. Dessa forma, contaria com a ajuda do público, que complementaria as limitações da sua voz, já que, para ele, a voz do povo é a voz de Deus. Solidarizados com o problema do padre e comovidos com a sua humildade, o público o ajudou em todas as músicas “suavizando e poupando o esforço da voz do padre” (SENNÁ, 2011, p. 91). Esse fato serve para mostrar a forma como Fábio de Melo encara o exercício sacerdotal e sua carreira artística, justificando seu modo de evangelização e mostrando que os dois exercícios não precisam ser dissociados e, sim, complementares.

Para representar a Igreja protestante, escolhemos o pastor Silas Lima Malafaia, conhecido comumente como Silas Malafaia⁹, que é um pastor pentecostal brasileiro. Ele é nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1958, e graduado em Psicologia. Além de pastor, Malafaia é considerado um grande televangelista que coordena e apresenta o programa ‘Vitória em Cristo’, que está há 30 anos no ar, sendo apresentado na TV Band e na Rede TV. O programa também possui uma versão dublada em inglês que é transmitida em mais de 200 países. Além de televangelista, o pastor é presidente da Editora Central Gospel e da Gravadora Central Gospel Music. É vice-presidente do Conselho Interdominical de Ministros Evangélicos do Brasil (CIMEB), entidade que agrega mais de 8 mil pastores de todas as denominações protestantes do Brasil, além de presidir o Conselho de Ministros do Estado do Rio de Janeiro (COMERJ). Malafaia também participa de vários projetos sociais através da Associação Vitória em Cristo.

Silas Malafaia se coloca abertamente como polêmico e defensor dos princípios e valores morais, éticos e cristãos. Entre suas principais pautas está a defesa da família, fundada a partir dos princípios da Bíblia. O pastor é constantemente convidado a participar de congressos, palestras e ministrar estudos bíblicos, devido à sua extensa fama de pregador do Evangelho de Cristo. Essa sua fama de evangelizador, juntamente às suas ações sociais, já renderam a Malafaia diversas homenagens, como o título de Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro, concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro; a medalha de Pacificador, concedida pelo Exército Brasileiro, e a Medalha do Mérito Legislativo, maior honraria concedida pela Câmara dos Deputados.

⁹ Algumas informações foram retiradas do *site* oficial da Associação Vitória em Cristo. Disponível em: http://www.vitoriaemcristo.org/_gutenweb/_site/gw-pr-silas/. Acesso em: 20 nov. 2016.

O pastor Silas Malafaia é casado com a pastora Elizete Malafaia com a qual tem três filhos; ele também é avô de quatro netos. Famoso por defender princípios e valores ligados à família, Malafaia condena abertamente práticas como as relações homoafetivas e a legalização do aborto. No *site* oficial de sua associação há uma breve biografia do pastor, seguida de uma foto de sua família, que serve como forma de legitimar a posição de Malafaia em defesa dos ideais cristãos e da família. Essa fotografia reitera a imagem construída pelo pastor de alguém que luta pelos ideais da família, sempre pautado nos mandamentos da Igreja. Segue, a título de exemplificação, a ilustração presente no *site*, logo após a apresentação da biografia do pastor:



Figura 7 - Família - Pastor Silas Malafaia
Fonte: Site da associação Vitória em Cristo.

3.2.3. Descrição das temáticas “Sexualidade” e “Família”

Nos centraremos nessa dissertação na análise de duas temáticas que dizem respeito à instituição família e à sexualidade, incluindo os seguintes assuntos: homossexualidade, pedofilia, castidade e aborto. Sabe-se que essas podem se tornar mais polêmicas quando tratadas pela perspectiva da religião, devido ao fato do posicionamento rígido e conservador com o qual essa prática social os encara. É importante destacar, a título de esclarecimento, que nas duas temáticas o pastor Silas Malafaia se centralizou em discutir questões relacionadas às relações homoafetivas, como a adoção de crianças por casais homossexuais e o conceito de família centrado somente na união entre homem e mulher. Atentaremos a seguir a fazer uma descrição das duas temáticas estudadas.

A temática “sexualidade” é abrangente e abarca vários assuntos polêmicos e considerados tabus dentro das Igrejas estudadas. No que tange a essa temática, a apresentadora preocupou-se em abordar questões referentes à castidade, aos métodos contraceptivos, à pedofilia, às relações homoafetivas e ao casamento entre homossexuais. Vale a pena salientar que na entrevista do pastor Silas Malafaia os dois últimos tópicos citados foram tratados com maior detalhamento. É importante destacar também que todos os tópicos anteriormente apresentados são tratados pelas Igrejas com uma postura rígida e, ao serem abordados em um programa popular, provocam a curiosidade do público.

A questão da castidade é alvo de polêmica, já que, no âmbito religioso, essa prática não é defendida só para os sacerdotes, mas também para homens e mulheres antes do casamento. Essa conduta vem expressa no “Catecismo da Igreja Católica”¹⁰ como algo a ser preservado como símbolo de fidelidade a Deus. A Igreja Católica se coloca contra o uso de métodos contraceptivos desde os anos 60, com a promulgação da Encíclica Humana Vitae, em 1968, e justifica que esse posicionamento se deve à concepção da Igreja de que a finalidade exclusiva do ato sexual deve ser a procriação, o que leva essa instituição a se posicionar diretamente contra o controle da natalidade. Entretanto, com o avanço do movimento feminista sobre as questões sociais, a sociedade moderna prega o uso livre dos métodos contraceptivos, tendo em vista a liberdade sexual da mulher e o controle de doenças sexualmente transmissíveis, o que faz com que essa questão seja bastante polêmica.

No que se refere às relações homoafetivas, o tema tem se tornado mais presente no nosso cotidiano em função de mudanças na legislação aprovadas pelo Supremo Tribunal de Justiça, em 2011, quando esse reconheceu a união estável homoafetiva. O debate em torno do tema tem envolvido toda a sociedade, e também as instituições religiosas. Em relação às Igrejas Cristãs, especificamente, estas adotam uma postura, em certo sentido, ambígua, uma vez que pregam o respeito ao ser humano, porém, pautadas nos ensinamentos bíblicos, recusam-se a aceitar o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo.

O Catecismo da Igreja Católica destina uma seção para falar sobre a homossexualidade. Nesse livro, que se justifica por se apoiar nos ensinamentos da Bíblia, a homossexualidade é vista como depravação e um ato desordenado que

¹⁰ Os ensinamentos do Catecismo da Igreja Católica estão disponíveis em: <http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/h/h.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.

contraria a ordem natural da vida. Dessa forma, percebemos nitidamente a posição da Igreja Católica quanto a essa discussão, já que o livro ainda acrescenta que esse tipo de ato não é advindo de uma relação afetiva que diz respeito a algo verdadeiro. De forma enfática, o documento faz um convite à castidade a quem pratica a homossexualidade, para que, dessa forma, essas pessoas possam aproximar-se da perfeição cristã.

Com a chegada do novo Papa à Igreja Católica, em março de 2013, eram esperadas posturas mais maleáveis dessa instituição para questões polêmicas como as relações homoafetivas. Isso se deve ao fato de o Papa Francisco ser conhecido como aquele que poderá mudar os rumos da Igreja Católica, devido as suas posturas menos conservadoras e tradicionalistas. No que diz respeito à homossexualidade, o pontífice já declarou em entrevista¹¹ que a Igreja precisa “pedir desculpas” aos homossexuais, o que nos faz pensar que Francisco desaprova a forma como o Catolicismo agiu contra esse grupo nos últimos anos. Entretanto, as mudanças são lentas e a Igreja Católica continua firme aos seus propósitos tradicionalistas que foram confirmados com a promulgação da exortação “*Amoris Laetitia*”¹², traduzido do latim para “Alegria do Amor”.

Tal documento é chamado de exortação apostólica pós-sinodal de amor à família e foi divulgado pelo Papa Francisco no dia 19 de março de 2016. A exortação é extensa e conta com 256 páginas. O documento¹³ foi redigido após dois sínodos, realizados em 2014 e 2015, cujo tema discutido foi a crise na família. Nessa exortação, Francisco pediu maior compreensão com relação às famílias não-tradicionais do mundo, solicitando, dessa forma, que a Igreja fosse mais cautelosa e respeitosa com os homoafetivos, divorciados e outras pessoas que vivam de uma forma considerada “irregular” pela Igreja. Entretanto, o documento salienta que a Igreja Católica não reconhece a união estável entre pessoas do mesmo sexo, o que confirma o tradicionalismo da instituição e posturas mais conservadoras que distanciam a Igreja de mudanças mais concretas.

¹¹Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/papa-diz-que-igreja-deve-pedir-perdao-a-gays-por-tratamento-no-passado.html>. Acesso em: 20 nov. 2016.

¹²A síntese do documento está disponível em: http://br.radiovaticana.va/news/2016/04/11/leia_a_s%C3%ADntese_da_exorta%C3%A7%C3%A3o_a_alegria_do_amor/1221179. Acesso em: 20 nov. 2016.

¹³ Algumas informações foram retiradas do site G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/04/papa-francisco-pede-maior-compreensao-com-familias-modernas.html>. Acesso em: 21 nov. 2016.

A Igreja Protestante também condena abertamente a homossexualidade, apoiando-se sempre na Sagrada Escritura como forma de justificar a sua posição. Para isso, na maioria das vezes, utilizam o Livro de Levíticos como principal forma de exemplificação, já que nesse livro, em 18:22 e 20:13, a homossexualidade é vista como uma abominação que precisa de uma punição dura e severa. Assim, baseando-se nesses ensinamentos, o protestantismo, principalmente, acredita que o ato é condenado por Deus e não deve ser aceito; fato que permite que os praticantes dessa religião condenem abertamente a prática e não a aceitem como correta.

Levando em consideração as discussões feitas acima, é interessante citar que, de acordo com Pereira (2008), os posicionamentos das igrejas quanto à homossexualidade:

[...] estão sustentadas em suportes tradicionais que insistem em ver a homossexualidade e a possibilidade de pluralidade afetiva como mecanismos de “desconstrução” do que já está estabelecido (norma) em função de um novo que ninguém sabe muito bem o que é (PEREIRA, 2008, p. 30).

Assim, a possibilidade de mudança é lenta, visto que as Igrejas se confirmam como instituições rígidas fundadas a partir de normas e regras difíceis de serem modificadas, o que interfere diretamente no desenvolvimento dos sujeitos que ficam “presos” a essas regras, sendo que qualquer atitude que fuja delas pode levá-los à segregação. Pereira (2014) ainda salienta que “na perspectiva cristã, a moralidade não teria apenas como base os costumes sociais ou o senso comum, e sim a revelação divina ou a percepção da intervenção divina na existência humana” (PEREIRA, 2014, p. 31). Dessa maneira, a homossexualidade difere da prática usual e do que é considerado “normal” dentro da sociedade. Além disso, há ainda o fator “divino”, já que tendo em vista a Bíblia como forma de justificativa, a ordem natural da vida é fundada na união entre homem e mulher, ou seja, na união heterossexual.

Por outro lado, a temática “Família” inclui tópicos como casamento, divórcio, relações humanas, o conceito de família na contemporaneidade e a adoção de crianças por casais homoafetivos. A entrevista do pastor Silas Malafaia se centralizou nos dois últimos tópicos. No que diz respeito ao “divórcio”, as duas Igrejas se posicionam de forma tradicionalista. As instituições admitem o divórcio alegando que duas pessoas que não se amam e não se respeitam como casal não devem continuar uma vida conjugal. Entretanto, há diversas limitações para essas pessoas dentro das instituições religiosas, como, por exemplo, a participação delas nos rituais das Igrejas.

No Catecismo da Igreja Católica, há uma seção destinada a falar sobre a posição da Igreja Católica a respeito do divórcio. Nesse livro, há uma ressalva sobre o divórcio civil, mostrando que a Igreja acaba aceitando tal prática. No entanto, no documento é explícita a censura em relação aos casais que recorrem ao divórcio civil, mas casam-se novamente. Esse fato não é reconhecido pela Igreja Católica, que aceita apenas a primeira união matrimonial. Desse modo, é vetado aos casais divorciados e casados pela segunda vez participarem ativamente da vida da Igreja, pois, esse segundo casamento está explicitado como algo que contraria à lei de Deus.

No documento de exortação “*Amoris Laetitia*”, o Papa Francisco também fala sobre os divorciados e a posição deles dentro da Igreja Católica. Como já era esperado, o pontífice demonstra maior abertura e pede para que os divorciados católicos sejam acolhidos pela Igreja e não sejam tratados como excomungados. Entretanto, o documento não menciona o fato desses casais poderem comungar, o que novamente ressalta a lentidão com a qual as mudanças ocorrem, e mostra que o documento não admite uma mudança doutrinária.

No que se refere às relações humanas, tema discutido na entrevista do padre Fábio de Melo, há a reflexão sobre tópicos como o relacionamento entre pais e filhos, relacionamento entre casais e, por fim, os relacionamentos virtuais. Esses temas fazem parte das discussões do livro *Quem me roubou de mim?* escrito por padre Fábio de Melo e que foi citado várias vezes durante a entrevista. Pode-se dizer que, ao tratar dessas relações, o padre assumiu um papel enunciativo de aconselhador, atuando como guia e conselheiro durante suas respostas. Optamos por inserir dentro dessa temática os relacionamentos entre casais e os relacionamentos virtuais, visto que são relações interpessoais e que o padre trabalha-os trazendo as dificuldades e desafios presentes nas relações humanas, aproximando esses dois tipos de relacionamentos às relações entre pais e filhos. Por isso, acreditamos que os três subtemas se interligam e podem ser trabalhados dentro da temática “Família”.

Em relação ao conceito de família, sabe-se que as duas vertentes religiosas, pautadas nos ensinamentos bíblicos e teológicos, consideram como família somente a união matrimonial entre um homem e uma mulher, e a prole advinda dessa união. As discussões a respeito desse tema tomaram proporções maiores nos últimos anos, com a emergência das “novas famílias”. Entretanto, as Igrejas não consideram como legítima nenhuma formação familiar que fuja do tradicionalismo e dos preceitos e ensinamentos

cristãos. Dessa forma, esse tema é discutido nas entrevistas, principalmente, na fala do pastor Silas Malafaia, que se posiciona contrariamente a tudo que é contra a legalidade da noção de casamento concebida pelo cristianismo. Assim, as relações homoafetivas, os casais divorciados que formam novas famílias, mães solteiras e etc. são desvinculados do que é considerado “Família”. Juntamente a essa discussão, o pastor fala também sobre a adoção de crianças por casais homossexuais, fato que ele e a sua Igreja também julgam incorreto, por acreditar que pais homossexuais influenciariam negativamente no desenvolvimento psicológico, emocional e intelectual da criança. Em outras palavras, as Igrejas condenam esse tipo de adoção, por acreditar que a homossexualidade é comportamental e a influência de pais homossexuais pode fazer com que a criança adira a esse comportamento no decorrer dos anos. Além disso, as Igrejas, na contemporaneidade, alegam que apenas um casal heterossexual teria amplas condições de criar uma criança em um ambiente propício para a formação moral, ética e psicológica de um cidadão.

A discussão acerca da adoção de crianças por casais homossexuais ganhou mais visibilidade após a promulgação de uma lei federal, em março de 2015, na qual o Supremo Tribunal Federal (STF) reconhece, no Brasil, a legalidade da adoção de crianças por casais homossexuais.

Após uma breve apresentação das duas temáticas estudadas, mostraremos, no quadro abaixo, os principais temas discutidos em cada temática durante as entrevistas.

Quadro 2 - Principais temas discutidos em cada temática durante as entrevistas

Religiosos estudados	Temática 1: Sexualidade	Temática 2: Família
Padre Fábio de Melo	Castidade; métodos contraceptivos; pedofilia; Relações homoafetivas.	Casamento; divórcio; relações humanas.
Pastor Silas Malafaia	Relações homoafetivas; casamento entre homossexuais.	Casamento; divórcio; conceito de família; adoção de crianças por casais do mesmo sexo.

Percebemos no quadro acima que há uma semelhança entre os subtemas discutidos nas duas entrevistas. No entanto, é importante ressaltar que a entrevista do pastor Silas Malafaia é mais restrita à questão das relações homoafetivas e a questões referentes à essa prática, como a adoção de crianças por casais homoafetivos.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo, apresentaremos as análises das entrevistas escolhidas como *corpus* do nosso trabalho. Primeiramente, faremos uma análise individual de cada entrevista. Assim, no primeiro tópico, apresentaremos a análise das estratégias argumentativas utilizadas na entrevista do padre Fábio de Melo, sendo que as dividiremos em temáticas. Em seguida, exporemos a análise da entrevista feita ao pastor Silas Malafaia. Posteriormente, apresentaremos uma análise da encenação fílmica e visual que compõem o programa trabalhado. Também apresentaremos uma análise interpretativa das duas entrevistas, focando nos imaginários sociodiscursivos. Por fim, de forma a abarcar nosso objetivo, faremos uma análise comparativa que evidencie as constantes e as variáveis presentes nas duas entrevistas.

Antes de passarmos para a análise propriamente dita, é necessária uma descrição da configuração do gênero situacional “entrevista jornalística”. Essa descrição será feita no próximo tópico e seguirá os pressupostos da Teoria Semiolinguística.

4.1. Descrição do programa *De frente com Gabi*: um exemplo de Entrevista Jornalística

O foco do nosso estudo são duas entrevistas jornalísticas do programa que era exibido semanalmente no SBT, *De frente com Gabi*. Apesar de se tratar de entrevistas jornalísticas, centramos nossas análises especificamente nas falas dos entrevistados, mas em alguns momentos, também trabalhamos as intervenções da apresentadora, visto que ela não é passiva na entrevista e questiona os entrevistados. Nessa dissertação, trataremos o programa mencionado como um exemplo de entrevista jornalística, abordando esse gênero situacional e, portanto, as características particulares desse programa e as gerais do gênero.

O programa analisado pertence ao gênero situacional “entrevista jornalística”, que configura-se como um gênero de domínio de comunicação midiático, tendo em vista que foi veiculado em um programa de TV aberta e por estar disponível na Internet, no *site Youtube*. No que diz respeito aos níveis de restrições do gênero situacional em questão, propomos uma configuração que diz respeito aos *aspectos situacionais*, aos *aspectos discursivos* e aos *aspectos formais*.

Em relação aos *aspectos situacionais*, temos, em um primeiro momento, um domínio de comunicação midiático que comanda a execução do programa e, posteriormente, um domínio religioso com a finalidade de orientar o destinatário sobre as doutrinas das Igrejas, e convencê-lo de que se trata de pensamentos pertinentes que devem ser considerados como verdades absolutas. Por se tratar de uma situação comunicativa midiática, que se insere em um contrato midiático, a finalidade é informar, visto que consideramos o objetivo da instância midiática e, também, de cada religioso. O líder religioso se preocupa em responder e problematizar os questionamentos feitos pela entrevistadora, conseqüentemente, atuando como um informante dos assuntos expostos, apresentando não só o seu pensamento pessoal, mas a opinião da instituição religiosa à qual cada um está vinculado. Nas entrevistas em questão, encontramos as instâncias religiosa e midiática. A primeira possui como objeto de discurso convencer o público ouvinte que as doutrinas das Igrejas que representam devem ser vistas como corretas; já a segunda instância necessita divulgar essas ideias e levá-las ao conhecimento do público. A instância público, que é o cidadão, deve crer, aceitar ou reconhecer a legitimidade do que está sendo propagado pelo religioso. Para isso, a instância midiática seleciona as visadas de informação e captação, e a instância religiosa utiliza as visadas de informação, incitação e captação. Em alguns momentos, dependendo do propósito dos entrevistados, há o uso das visadas de demonstração e de instrução.

Pela *visada de informação*, a instância midiática, na figura da apresentadora Marília Gabriela, deseja transmitir um saber que é relacionado às suas opiniões e convicções. Dessa forma, deseja *fazer saber* para que o Tu, no caso os religiosos entrevistados, em posição de *dever saber*, tomem conhecimento de seus posicionamentos e possam rever as ideias expressas pelas Igrejas que representam. Em contrapartida, pela *visada de captação*, o programa deseja alcançar principalmente o público que acompanha os ditos religiosos, pois não é aleatoriamente que a escolha dos entrevistados foi feita. Percebemos, dessa forma, um desejo do programa em alcançar uma audiência com a presença desses sujeitos.

Por outro lado, a instância religiosa, pela *visada de informação*, em posição de autoridade, quer *fazer saber* para que o Tu em posição de *dever saber* reconheça os posicionamentos e ideias do Eu que trazem consigo a voz da Igreja para que, dessa forma, o Tu possa crer e tomar essas ideias como verdadeiras.

Na *visada de incitação*, o Eu (os religiosos), não estando em posição de autoridade, precisa incitar o Tu a fazer algo, ou seja, o Eu precisa *fazer acreditar* o Tu que as ideias e os posicionamentos expressos são os mais corretos a serem tomados como verdade. Assim, o Tu se encontra em posição de *dever acreditar* que aquilo é realmente correto e ensinado por Deus.

Na *visada de captação*, o religioso, com suas ideias e posicionamentos e, principalmente, revelando as doutrinas da Igreja que lidera, espera alcançar um público mais amplo e diversificado. Isso se deve ao fato de estarem promovendo uma discussão religiosa em um espaço sem cunho religioso, o que amplia ainda mais essa visada de captação, por estarem lidando com muitas pessoas que não correspondem aos seus fiéis e devotos.

Na *visada de instrução*, o Eu quer *fazer saber fazer* e encontra-se em posição de autoridade e legitimidade. Assim, os religiosos querem fazer com que o público acredite em seus argumentos e, dessa forma, sejam convencidos. O Tu se encontra em posição de *dever saber fazer*, o que faz com que o público tenha conhecimento e, conseqüentemente, saiba aplicar os aconselhamentos dados pelos religiosos.

Pela *visada de demonstração*, o Eu quer *estabelecer uma verdade a partir de provas*, estando em uma posição de autoridade de saber. Dessa forma, para convencer seu destinatário, os religiosos, principalmente o pastor Silas Malafaia, apresenta provas que considera serem pertinentes para que o público acredite em suas ideias.

Nas entrevistas estudadas, a situação de comunicação se dá com a alternância de papéis entre entrevistado e entrevistadora, o que implica que o sujeito comunicante pode ser tanto a entrevistadora quanto o entrevistado, e o sujeito enunciativo também pode ser, em um momento, a entrevistadora e, em outro, o entrevistado. Porém, essas duas situações se entrecruzam, sendo ligadas entre si. Ao descrevermos essa situação, podemos dizer que em um primeiro momento, no espaço externo, há a presença de um sujeito comunicante, na figura da entrevistadora Marília Gabriela, que é aquela que faz as perguntas e norteia a entrevista. Nesse momento, a entrevistadora se dirige ao seu TUi (interpretante), destinatário direto que está presente fisicamente, no caso, os religiosos estudados. A apresentadora não está sozinha como sujeito comunicante, já que ela se configura como porta-voz de outras vozes que a ajudam na composição do programa. Então, na figura de sujeito comunicante, há também o que chamamos de instância compósita, representada pela figura da emissora SBT, que se faz presente

através do modo de produção do programa. Isso se evidencia na medida em que sabemos que Marília Gabriela possui uma equipe que a ajuda na produção dessa atração. Essa produção é composta, entre outras pessoas, por cinegrafistas que norteiam o enquadramento dos personagens durante a exibição do programa, produtores que ajudam na elaboração das perguntas que são feitas ao entrevistado, entre outros.

Ainda nesse espaço externo, temos o TUi (interpretante) que está em casa, assistindo ao programa, e que a entrevistadora deseja atingir com suas perguntas, que se supõe ser aquilo que esse destinatário tem interesse em saber. Esse público se manifesta como um público real, que pode ser qualquer cidadão que possui acesso ao programa, seja durante sua exibição ou após o seu término através da Internet. Em um segundo momento, também no espaço externo, temos agora o sujeito comunicante na figura do religioso entrevistado, que está presente nesse espaço para responder e expor, sobretudo, as ideias da Igreja que representa. Esse sujeito comunicante deseja atingir, primeiramente, o seu TUi (interpretante) direto, que, no caso, é a apresentadora do programa, tendo em vista que as respostas são dadas a perguntas feitas por ela. Nesse momento, o público real também é acionado e mesmo que este não esteja presente, supõe-se que se trata do cidadão comum que terá acesso à entrevista, mesmo quando o programa já estiver encerrado.

No que se refere ao espaço do dizer, no circuito interno, temos, em um primeiro momento, a entrevistadora que assume uma postura de ser enunciador que questiona, debate e até mesmo expressa seu ponto de vista e opinião. Esse enunciador se dirige ao TUd (destinatário), um ser de fala, que é o entrevistado que também assume um posicionamento de questionador, visto que defende os princípios de sua instituição. Esse ser de fala se manifesta como porta-voz da Igreja que defende, posicionando-se como uma figura de liderança religiosa. Nesse momento há também o público-alvo da entrevista, que é visto como um público idealizado e desencarnado, do qual se espera que haja interesse pela atração.

Acreditamos que esse público é cheio de expectativa e deseja compreender diversos problemas sociais a partir do que está sendo tratado na entrevista e, conseqüentemente, espera entender os posicionamentos da Igreja a respeito desses temas. Em contrapartida, temos o público que pode não concordar com o que está sendo defendido. Esse também é cheio de expectativas e espera que a fala dos religiosos possa ser questionada. Em um segundo momento, temos o entrevistado, como ser de fala, na

posição de debatedor, aconselhador e doutrinador, que se manifesta como porta-voz da Igreja da qual faz parte, posicionando-se como uma liderança religiosa. Esse ser de fala se dirige, em um primeiro momento, à entrevistadora e, logo após, a um público real.

Os religiosos, como Eu-comunicante, assumem a postura de Eu-enunciador no momento em que respondem os questionamentos da entrevistadora sem se apagarem no discurso. Isso é perceptível pelo fato de haver a expressão de opinião pessoal dos religiosos, além da revelação das doutrinas de cada Igreja. Esse líder religioso se revela como doutrinador que deseja aconselhar o público e expor as ideias propostas por eles como as mais cabíveis e suscetíveis de verdade.

Por se tratar de uma entrevista jornalística, podemos dizer que o contrato admite uma troca dialogal, também designada como troca interlocutiva (CHARAUDEAU, 2010). Isso ocorre pelo fato de haver um diálogo evidente entre o entrevistado e a entrevistadora. Nessa comunicação dialogal, Marília Gabriela dirige a entrevista, questionando e expondo sua opinião, enquanto aguarda as respostas do religioso, agindo como locutora e interlocutora. Aquele, em posição de aconselhador, doutrinador e líder religioso, responde os questionamentos, expõe sua opinião e de sua Igreja e pode ser favorável ou não às opiniões expostas pela entrevistadora. Em contrapartida, temos também a presença do público como outro interlocutor dessa situação de comunicação, e a quem o religioso pretende atingir e convencer. O público não se encontra presente fisicamente no espaço estudado. Logo, ele não pode se expor nem opinar naquele momento, o que faz com que haja também, nesse espaço, uma situação monologal. Essa situação se dá na medida em que o entrevistado fala, mas um de seus interlocutores não está presente fisicamente na troca.

No que diz respeito aos *aspectos discursivos*, e levando em consideração os *Modos de Organização*, temos o *Modo Argumentativo*, que é o foco da nossa análise. Como a entrevista é um diálogo e uma exposição de ideias e posicionamentos, cremos que há uma predominância de argumentação com o intuito de defesa dessas ideias. O *Modo Enunciativo* também foi identificado a partir das três modalidades: *alocutivo*, *delocutivo* e *elocutivo*, sendo que o *delocutivo* foi o menos predominante nas duas entrevistas. No que se refere aos modos de tematização, as quatro temáticas encontradas nas entrevistas — vida pessoal, Igreja, sexualidade e família — abordam temas polêmicos e de grande interesse do público comum. Esse público deseja conhecer e entender os posicionamentos da Igreja e da religião em relação a essas temáticas.

Entretanto, como já reiteramos, nos atentamos para a análise das duas últimas temáticas. Nelas, tivemos como discussão temas polêmicos, tais como as relações homoafetivas, adoção de crianças por casais homoafetivos, o divórcio, a castidade, as relações humanas, entre outros.

Levando em consideração os *aspectos formais*, as três entrevistas apresentam o mesmo formato, tendo aproximadamente 55 minutos de duração, divididos em três blocos de discussão e um último bloco denominado “bate bola”, no qual a entrevistadora escolhe um tema e o entrevistado deve responder brevemente com apenas uma palavra ou frase. Como esse bloco é mais curto e as respostas são muito breves, optamos por não analisá-lo. Por trabalharmos com figuras divergentes, mas que apresentam como convergência o fato de serem religiosos e celebridades, nos propomos a fazer uma análise comparativa e, para isso, dividimos as entrevistas em temáticas para que fosse possível encontrar pontos em comum que nos permitissem realizar as análises.

No próximo tópico, apresentaremos a análise da entrevista do padre Fábio de Melo. Em um primeiro momento, traremos a análise da temática “sexualidade”; posteriormente, apresentaremos a análise da temática “família” e, em seguida, a análise do *ethos*. Será apresentada, também, a análise do estrato visual e fílmico das entrevistas e, por fim, uma análise de cunho mais interpretativo que dá conta dos imaginários sociodiscursivos circulados pelos religiosos estudados. No final, apresentaremos nossa análise comparativa.

4.2. Padre Fábio de Melo: análise da temática “Sexualidade”

Na temática “sexualidade”, as principais teses defendidas pelo padre Fábio de Melo são:

- i. A castidade é um sacrifício, porém, trata-se de uma escolha;
- ii. O cristão precisa saber o valor da renúncia e o valor do sacrifício;
- iii. A Igreja condena o uso de métodos contraceptivos;
- iv. Os métodos contraceptivos não livram as pessoas dos problemas da sexualidade;
- v. A Igreja não tem pretensão de agradar a todos;
- vi. O maior problema da sexualidade se dá quando as pessoas vivem relações objetais;

- vii. As escolhas dependem do nível de envolvimento que se tem com a fé, o que define quem é cristão e quem não é;
- viii. Pedofilia é crime e doença e precisa ser reconhecida como tal;
- ix. A Igreja precisa acolher as escolhas dos outros;
- x. A Igreja não concorda com as relações homoafetivas, mas aceita as escolhas de seus fiéis.

Após a identificação das teses, trabalharemos, nesse momento, com a descrição e a interpretação das estratégias argumentativas utilizadas pelo padre como forma de defendê-las. É importante ressaltar que estruturaremos as análises de acordo com os subtemas que foram discutidos na entrevista. Dessa forma, analisaremos primeiramente as questões referentes ao uso de métodos contraceptivos e à castidade, em seguida, falaremos sobre a pedofilia e, por fim, nos dedicaremos à análise das relações homoafetivas.

Nessa temática, um dos subtemas discutidos pelo padre Fábio de Melo diz respeito à castidade, focando no uso dos métodos contraceptivos. A apresentadora o questiona se a Igreja Católica perde fiéis pelo fato de ser contra o uso de tais métodos, como, por exemplo, a pílula e a camisinha. A partir da resposta do padre, no exemplo (1), inferimos o uso do modo de raciocínio *dedução por silogismo*. Padre Fábio traz a seguinte resposta:

(1) [...] Eu acredito que nós, no momento em que nós temos uma postura, é natural contrariar muita gente. A Igreja não tem a pretensão de agradar o mundo todo. A única coisa que a gente precisa fazer... A gente, a partir do momento que nós escutamos a palavra do papa, ela não tem pretensão de ser para todos, ela tem a pretensão de ser para aqueles que são liderados por ele. Então, é só a gente esclarecer bem, eu sou cristão católico, então, a palavra do papa tem um peso, a palavra do papa me orienta [...].

Nessa resposta, podemos inferir que o padre trabalha com um silogismo, que se baseia em um raciocínio entimemático, visto que uma das premissas não se expressa explicitamente. Tendo em vista isso, abstraímos de sua fala o seguinte pensamento silogístico: *a palavra do papa e da Igreja não têm a pretensão de ser para todos, somente para aqueles que a seguem. Eu sou cristão católico e sigo essa palavra, logo eu a considero digna para me orientar*. Cabe ao interlocutor, portanto, perceber se faz parte desse grupo e se realmente se considera cristão e, conseqüentemente, obedece as regras da Igreja. Assim, há um escopo de valor de verdade baseado na *Particularização*, que pode ser expressa a partir do momento em que interpretamos que as regras

estabelecidas pela Igreja Católica, dentre as quais se inclui a proibição dos métodos contraceptivos, são exclusivas para os cristãos católicos. A partir dessa interpretação, é possível inferir que Padre Fábio age como um doutrinador, fazendo com que o fiel reconheça que há normas na Igreja que precisam ser seguidas por aquele que é considerado católico, sendo que a rejeição aos métodos contraceptivos é um exemplo delas. Podemos dizer que essa fala é categórica e não abre espaço para ser questionada.

Na fala mencionada, prevalece o uso da *modalidade alocutiva*, porque o padre, ao utilizar a 1ª pessoa do plural, “nós”, insere a Igreja na sua fala e se coloca como parte dela, constituindo, assim, uma totalidade que não pode ser dissociada.

No exemplo (1), podemos considerar, também, o que é reconhecido por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) *como argumento baseado na estrutura do real*. Esse exemplo traz uma *ligação de sucessão* que é um *vínculo causal*. Levando em consideração o que é expresso pelos autores, o excerto evidencia que, no momento em que há um determinado acontecimento, conseqüentemente há a evidência do efeito que esse fato irá resultar. Logo, podemos dizer que o efeito resultante dessa afirmação é o reconhecimento da fala do papa por aqueles que são verdadeiramente católicos. Os autores ressaltam que muitas vezes esse tipo de argumento traz conseqüências, sendo que algumas são previstas. Dessa forma, o efeito gerado na fala do padre serve como uma imposição de uma prática àqueles que se veem como católicos.

Continuando essa resposta, o padre ressalta:

(2) Eu não sei se ela chega a perder fiéis. Eu acredito que muitos fiéis católicos, que vivem o dia a dia de uma fé, de um processo de fé, vai prestar atenção nisso. Talvez outros, que não tenham convicções mais profundas, se dizem cristãos católicos e façam essas práticas todas aí sem levar em consideração [...].

Temos uma *conseqüência implicativa* revelada no seguinte raciocínio: *se a pessoa é um cristão católico, então ela não vai praticar o que é contra a Igreja*. Isso se manifesta como uma forma de o padre instruir o fiel a uma maneira certa de agir, ou seja, os preceitos e regras que devem ser seguidos sobre aquele que deseja ser considerado, de fato, um cristão católico. Novamente, o padre age como doutrinador e identifica a Igreja como uma instituição que propõe normas e regras a serem obedecidas. Em virtude disso, podemos dizer que apenas o cumprimento dessas normas é que reconhecem quem é verdadeiramente um cristão. Há, nesse momento, uma distinção entre fiéis e não fiéis, ou seja, a fala do padre nos sugere uma separação que identifica quem realmente é um cristão.

Pela *modalidade elocutiva*, que se estabelece pelo uso da 1ª pessoa do singular, o padre expressa uma *opinião*, revelando seu ponto de vista, que consiste em mostrar que nem todos os cristãos podem ser considerados verdadeiramente cristãos católicos. Entretanto, podemos considerar também que, mesmo utilizando a primeira pessoa do singular, essa opinião do padre não é exclusivamente dele, mas carrega consigo as doutrinas da Igreja Católica.

Ao falar sobre castidade, Marília Gabriela é incisiva ao manifestar sua indignação pelo fato de a Igreja Católica se posicionar a favor dessa prática, como podemos ver a partir de sua fala. Contudo, o padre responde sempre em defesa e preservação da instituição a qual representa. Vejamos o “diálogo” no excerto abaixo:

(3) **Marília Gabriela:** Você falou a palavra “sacrifício”. Então, é um Deus cruel esse, que nos dá o desejo, mas exige de nós o sacrifício.

Silas Malafaia: Na verdade, eles nos propõem. Eu não sou obrigado a ser padre. Ninguém me levou ao altar de sacrifício. Eu quis ir, sacrificar algumas dimensões da minha vida, que eu sei que ela floresce em outras [...].

A partir de uma *explicação pragmática*, pautada em uma *experiência pessoal* que revela o seguinte posicionamento: *sou padre por opção, portanto opto pela castidade*, o religioso novamente pretende que o interlocutor reconheça a Igreja Católica como um espaço que propõe vivências positivas para cada cristão. Além disso, tais vivências devem ser vistas como uma forma de se manter um contato maior com Deus e com a religião. Podemos reforçar que o padre modaliza e redefine sua fala, ao colocar que não se trata de uma “exigência” de um Deus cruel, mas de uma “proposta”. Isso reforça o que foi exposto no exemplo (2), já que nele o padre instrui o verdadeiro cristão a agir de acordo com os princípios do catolicismo.

Podemos dizer que há a presença de um *silogismo* na resposta do padre, sendo que esse se manifesta a partir do posicionamento: *optei por ser padre, padres são castos. Optei pela castidade*. Através dessa fala, Fábio de Melo reconhece o exercício da castidade como um sacrifício, mas ressalta que se trata de uma escolha. Há nessa resposta, também, a predominância da *modalidade elocutiva*. O padre expõe uma *apreciação* em sua fala, ao relatar que o sacrifício da castidade é algo que foi escolhido por ele. Essa escolha se deve ao fato de ele reconhecer que a prática lhe proporcionaria coisas boas posteriormente. Assim, Fábio de Melo revela um sentimento de gratidão pelo seu exercício.

De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), o exemplo (3) também pode ser considerado um *argumento pelo sacrifício*. Este tipo de argumento, segundo os autores, é um exemplo de *argumento quase-lógico*. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), esse tipo de argumento revela um sacrifício que é feito para que se obtenha um determinado resultado. Dessa forma, levando em consideração a fala do padre, percebemos a sua opção pela castidade, que é classificada por ele como um sacrifício. Entretanto, trata-se de uma escolha e não uma imposição. Ainda podemos acrescentar que os autores citados acreditam que o argumento por sacrifício, dependendo da forma como for empregado, pode servir para realçar o valor de uma determinada coisa. Podemos afirmar, então, que a fala de Fábio de Melo deseja ressaltar o valor da castidade e, conseqüentemente, fazer com que os destinatários a reconheçam como algo necessário, incorporando essa prática em sua vida.

No exemplo (4), exposto a seguir, a *associação dos contrários* é utilizada para referir-se especificamente à sexualidade, que é descrita como riqueza e como destruição. Nesse sentido, o paradoxo se desenvolve a partir do momento em que o locutor demonstra a intenção de mostrar ao seu destinatário que o convite à castidade feito pela Igreja é totalmente aceitável. Essa aceitação ocorre no momento em que passamos a enxergar a sexualidade como algo que pode nos levar à destruição. Nesse exemplo, podemos dizer que o padre faz uso da *visada de instrução* para mostrar ao destinatário que o simples ato de reflexão e aprofundamento sobre a sexualidade pode fazer com que ele reconheça a importância da castidade e do sacrifício. Logo, o padre espera que o seu interlocutor entenda e execute a instrução e o aconselhamento dado por ele.

Pelo exemplo (5), o padre evidencia a importância da castidade, reafirmando sua necessidade. Ele explicita que tal prática é fácil de ser incorporada quando o cristão consegue enxergar que o sacrifício é uma entrada que possibilita às pessoas encontrarem coisas boas posteriormente. Dessa maneira, a *associação dos contrários* é construída como forma de aconselhamento para que o interlocutor compreenda a importância do sacrifício, que pode trazer oportunidades que proporcionam o crescimento como pessoa.

(4) Justamente, porque agora você é convidado a aprofundar suas riquezas humanas, e a sexualidade faz parte dessas **riquezas** e pode ser, você sabe disso, que ela pode ser a porta para muitas **destruições**.

(5) Eu não sou obrigado a ser padre, ninguém me levou ao altar de sacrifício, eu quis ir, **sacrificar** algumas dimensões da minha vida, que eu sei que ela **floresce** em outras.

Percebemos, pelos argumentos apresentados, que o padre é enfático ao apoiar a castidade; entretanto, como forma de mostrar que a Igreja é uma instituição tolerante e compassiva, Fábio de Melo ressalta que entende o que é a sexualidade. Dessa forma, o padre faz uso de um argumento fundamentado em um consenso social de forma a reforçar que concorda que o desejo pela sexualidade é representado como universal e presente intrinsecamente na nossa natureza humana. Assim, ele utiliza um domínio de avaliação, o *Domínio de Verdade*. Esse procedimento semântico auxilia o padre na postura de reconhecimento da necessidade da sexualidade e, conseqüentemente, faz com que ele se coloque como um guia. Essa imagem permite que ele reconheça a necessidade do desejo do cristão, mas ressalte a importância de suprimir esse desejo e se adaptar à castidade.

Em relação aos procedimentos discursivos, observamos, no exemplo (6), uma *comparação objetiva* que “se faz com um *comparante* verificável” (CHARAUDEAU, 2010, p. 238). Esse comparante é a castidade, que permite uma comparação do ato vivido tanto pelos religiosos quanto, no passado, por intelectuais. Há uma oposição entre passado e presente. Entretanto, ao mencionar a Idade Média, o padre remete a um período obscuro, repleto de conflitos e problemas, que não deveria servir de comparação à contemporaneidade. Novamente, o padre insere a ideia da castidade como uma opção que possibilita uma entrega total e exclusiva a essa vocação. Percebemos, mais uma vez, o uso da *modalidade alocutiva*. Nessa resposta, a expressão “veja bem” destaca a fala do padre em relação à sua interlocutora, porém, mais uma vez, a expressão é usada para se referir à totalidade do público.

(6) Veja bem, **a castidade não é uma questão só religiosa. Na idade média, você tem intelectuais fazendo a opção pela castidade** porque eles compreendiam que a dedicação total ao conhecimento era importante. Eles não se dispersavam [...].

Conforme nos afirma Perelman e Tyteca (1996), o *argumento de comparação* é fundamental para a argumentação. Os exemplos anteriores, de acordo com os autores, tratam-se de *comparações por semelhança*.

Outro subtema inserido dentro dessa temática é a pedofilia, tratada nessa entrevista de forma radical, visto que, na situação em foco, tal prática é reconhecida como um crime e como uma patologia. Sobre a pedofilia, Marília Gabriela questiona o padre a respeito do motivo que fez com que esse tema deixasse de ser tratado como tabu dentro da Cúria Vaticana. A respeito disso, o entrevistado traz a seguinte resposta:

(7) Pela necessidade de enfrentar a situação. Eu acho que nós não temos o direito de fingir que não existe. Eu acho que os bispos, hoje, especialmente no Brasil, estão muito atentos a qualquer denúncia que há. Algum padre com possibilidade de estar envolvido com pedofilia, acho que é uma questão de polícia, é uma questão de justiça.

A *explicação pragmática* desenvolvida nessa resposta diz respeito ao escopo do *Necessário*, pois o padre ressalta a necessidade de a Igreja se atentar para os casos de pedofilia. Fábio de Melo, então, mostra ao interlocutor que essa instituição age de forma rígida diante desse problema, tratando-o como crime. Isso se deve ao fato de o sacerdote citar a necessidade de uma punição legal a esses casos. De certa forma, essa colocação do padre serve como um alerta ao público sobre a importância de se combater esse problema, que está cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Novamente, há a predominância da *modalidade elocutiva*, pela qual o falante expressa sua opinião e reconhece a necessidade de uma punição da justiça aos atos de pedofilia.

No exemplo (8), o padre demonstra a preocupação da Instituição Católica em punir os membros que forem condenados por envolvimento em casos de pedofilia. Para isso, o padre insere um *Domínio do Ético baseado na Justiça*. Nesse exemplo, ao citar os bispos do Brasil como justificativa para a resposta, o padre insere a *modalidade delocutiva* em sua fala. Observamos também a *modalidade elocutiva* de opinião pautada, novamente, pelo uso da primeira pessoa do singular.

(8) Eu acho que os bispos, hoje, especialmente no Brasil, estão muito atentos a qualquer denúncia que há, algum padre com possibilidade de estar envolvido com pedofilia, acho que é uma questão de polícia, é uma questão de justiça [...].

Pelo exemplo (9), encontramos um procedimento discursivo na argumentação de Fábio de Melo. Observamos a *definição de um comportamento*, no caso, a pedofilia. Há a desqualificação dessa prática e a sua definição como uma doença e um crime, evidenciando, dessa forma, a postura rígida da Igreja em relação a esse tema. Ao definir pedofilia como doença, o padre a coloca como algo que precisa de tratamento médico, podendo ser fruto de um distúrbio mental. Entretanto, ao defini-la como crime, conseqüentemente, é vista como uma prática que precisa de punição legal. É importante ressaltar que, ao incorporar a discussão que diz a respeito ao assunto, às dimensões psicológicas, psiquiátricas e de outros profissionais qualificados, o padre deixa implícito que não cabe à Igreja a prerrogativa ou o papel de julgar os religiosos responsáveis por atos de pedofilia, cabendo julgamentos e punições à justiça comum.

Na Nova Retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) consideram a *definição* como um exemplo de *argumento quase-lógico*. De acordo com esses autores, podemos dizer que o exemplo (9) é uma *definição descritiva* que identifica o sentido de uma palavra em um determinado momento. Dessa forma, vemos a definição descritiva do comportamento da pedofilia a partir da perspectiva do catolicismo. No exemplo (9), percebemos que, para o padre, esse comportamento traz arraigadas duas definições diferentes, que salientam seu caráter negativo. De acordo com Perelman e Tyteca (1996), o fato de ter mais de uma definição para um mesmo termo faz com que o caráter argumentativo das definições fique mais patente. Além do mais, para esses autores, a definição por si só se constitui como um argumento.

(9) É uma **doença** que precisa ser tratada e é um **crime** que precisa ser punido.

Ao fazer uma reflexão sobre a homoafetividade, subtema inserido pela apresentadora do programa ao se referir ao posicionamento mais flexível do papa em relação a essa orientação sexual, o padre utiliza o modo de raciocínio *associação dos contrários*. No exemplo (10), Fábio de Melo utiliza o *paradoxo* voltado para o *problema x solução: errado x correto*, como forma de destacar um dos princípios da Igreja, que é o acolhimento e o respeito, sobrepondo o julgamento de escolhas diferentes. Essa associação é utilizada como forma de sedução para que o interlocutor não enxergue a Igreja como uma instituição que, ao discordar de uma determinada diferença, segrega ou separa seus membros. O padre pretende que seu interlocutor reconheça a Igreja como um espaço no qual prevalece o acolhimento e o respeito a todos, inclusive, aos homossexuais.

(10) A partir do momento que você abre mão de fazer esse **julgamento** e parte para o **acolhimento**, você ganha naturalmente o respeito daquela pessoa.

No que se refere à *concessão restritiva*, encontramos um exemplo que se refere ao posicionamento do padre em relação a esse subtema, como pode ser visto no excerto (11):

(11) Eu, como padre, tenho o direito de me posicionar contra qualquer situação, desde que não me falte a caridade no meu posicionamento para que aquele que está me ouvindo seja capaz de compreender por que eu penso diferente dele. Que quando falta o amor, falta a caridade e prejudica a

compreensão do nosso ponto de vista, do outro, que nós apresentamos a ele. O ódio macula tudo.

Através da *concessão restritiva* pautada em sua vivência como padre, Fábio de Melo confirma o posicionamento contrário às relações homoafetivas imposto pela Igreja Católica. Porém, há a reiteração da necessidade da caridade no entendimento do outro, o que evidencia a homossexualidade como uma escolha e não como uma orientação sexual, podendo, conseqüentemente, ser mudada. É importante ressaltar que o uso da afirmação: “o ódio macula tudo” traduz uma preocupação do padre em mostrar ao interlocutor que a sua Igreja desaprova as reações de ódio contra os grupos LGBTs, que cada vez são mais frequentes na sociedade.

O sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre esse subtema a partir de uma *opinião*, já que é claro o posicionamento defendido por Fábio de Melo em relação à homoafetividade. Ademais, o padre resgata a sua legitimidade ao evidenciar sua posição como padre. Isso é feito como forma de justificar a sua tomada de fala e o motivo pelo qual ele se posiciona contrariamente a esse tema. Ao evidenciar sua posição de padre na resposta, Fábio de Melo acaba deixando transparecer a voz da Igreja sobre a prática, ressaltando, mais uma vez, a desqualificação dessa instituição a ela.

Em relação ao *processo de composição*, nas *etapas*, em relação à *transição* e à forma como o padre distribui seus argumentos, Fábio de Melo fala sobre a sexualidade abordando, primeiramente, a homossexualidade, e logo após o uso dos métodos contraceptivos. O padre relaciona esse tema ao fato de a Igreja ser contrária ao uso de métodos contraceptivos. Dessa maneira, seguindo esse raciocínio, Fábio de Melo insere a figura do papa como forma de justificar que a instituição católica se configura como um espaço que não pretende agradar a todos, somente aos que realmente seguem as práticas determinadas por ela.

O padre também faz uma pequena associação entre castidade e o uso dos métodos contraceptivos e evidencia sua opção pela castidade, mostrando que se trata de um exercício de sacrifício que, porém, é uma escolha. Esse argumento serve como forma de mostrar que a Igreja não impõe regras, mas propõe o seguimento delas. O último subtema referente à temática da *sexualidade* é a pedofilia. O padre é enfático ao dizer que esse comportamento não pode ser associado ao celibato, evidenciando, ainda, que se trata de uma doença e de um crime, eximindo, dessa forma, o papel da Igreja em punir quem a pratica. Fábio de Melo retoma a figura do papa para falar sobre esse tema e mostra, mais uma vez, que a sua argumentação durante a entrevista é pautada,

frequentemente, em ideias propostas pelo papa e, principalmente, pelo próprio comportamento do pontífice.

No que se refere aos *procedimentos de composição*, nessa temática, encontramos também exemplos de *Vai e Vem*, sendo que as retomadas expressas nos excertos (12) e (13) se referem à primeira entrevista que Fábio de Melo concedeu ao programa *De Frente com Gabi*. Elas mostram a preocupação da apresentadora em recuperar temas que já foram discutidos pelo padre em seu programa, mas que ainda continuam polêmicos diante da perspectiva da Igreja, como é o caso da pedofilia. Devido ao fato de ser uma entrevista televisiva e, por isso, ter alguém responsável pela sua direção, confirmamos o fato de que as retomadas apareciam apenas na fala da entrevistadora.

(12) **Marília Gabriela:** Eu nem vou passar pelo assunto aborto, porque eu sei que esse é fato concreto e acabado. Eu não vou tocar nesse assunto.

Padre Fábio de Melo: Mesmo porque você me prometeu que me faria uma entrevista mais suave dessa vez.

(13) **Marília Gabriela:** Estamos de volta e seguimos de frente com o padre Fábio de Melo. Eu quero falar sobre o seu livro, mas antes vou tocar num assunto que tem a ver com o momento atual da Igreja e tem a ver com a sua entrevista anterior aqui, faz o que? Faz quanto tempo que você veio?

Padre Fábio de Melo: Acho que uns dois anos.

Agora continuaremos nossa análise da entrevista do padre Fábio de Melo, entretanto, trataremos da questão da “família”, que será mostrada no tópico seguinte.

4.3. Padre Fábio de Melo: análise da temática “Família”

Nessa temática, o padre responde perguntas que dizem respeito ao divórcio, ao casamento e às relações humanas. As principais teses depreendidas da fala do padre são:

- i. A Igreja já aceita o divórcio, porém não anula o sacramento do matrimônio;
- ii. A Igreja aceita que as pessoas divorciadas atuem dentro da instituição, porém existem restrições;
- iii. Nas relações entre pais e filhos, os pais não devem depositar suas expectativas nos filhos;
- iv. Os filhos precisam viver por si só;
- v. Nos relacionamentos amorosos, todos precisamos enxergar quem realmente o outro é;
- vi. Relacionamentos idealizados não devem acontecer;

- vii. Não se pode permitir que as relações humanas se transformem em relações e cativeiros;
- viii. A maioria dos relacionamentos virtuais são feitos de idealizações;
- ix. Cada pessoa é responsável por sua própria vida e não pode depositar as expectativas no outro.

As análises serão divididas por subtemas. Primeiramente, trataremos da fala sobre o casamento e o divórcio; depois falaremos dos relacionamentos humanos e interpessoais. Em seguida, trataremos das relações entre pais e filhos; feito isso, dos relacionamentos entre casais e, por fim, das relações via Internet. Essa sequência foi escolhida a partir do desenvolvimento da fala do padre, que se deu baseada nessa divisão.

Ao falar sobre o casamento e o divórcio, o líder religioso afirma que a Igreja Católica está agindo de forma mais flexível em relação aos casais que não conseguem mais manter o matrimônio. Assim, ele revela que essa instituição concorda com o divórcio devido ao fato de não entender como saudável uma relação na qual duas pessoas não se amam nem se respeitam. Como forma de justificar seu posicionamento, o padre diz:

(14) Hoje ela já aceita, já aceita. Ela não trabalha mais com a possibilidade de que duas pessoas infelizes, se machucando, fazendo mal, cometendo um sequestro de subjetividade, como é a proposta de um livro que escrevi. Quando você tem um amor...

No exemplo (14), há uma *explicação pragmática* baseada em uma *causa pontual*, já que o padre constata que a Igreja aceita o divórcio pelo fato de não concordar com a união entre duas pessoas que não se respeitam mais. Entretanto, percebemos que o padre não concluiu o seu raciocínio e, pela forma como esse foi exposto, inferimos que poderia ser concluído da seguinte forma: *duas pessoas infelizes, se machucando, fazendo mal, cometendo um sequestro de subjetividade não podem mais continuar essa união*. O interesse do padre é mostrar que a Igreja se preocupa em minimizar o sofrimento dos mal casados, optando, dessa forma, por uma mudança do pensamento tradicional que essa instituição detinha a respeito desse tema. Há, assim, a exposição de uma preocupação e valorização do outro. No exemplo, há o predomínio da *modalidade delocutiva*, já que, ao utilizar a 3ª pessoa do singular, o padre refere-se à Igreja Católica. Podemos dizer também que, no exemplo (14), o padre aproveita o

espaço que lhe é concedido para uma autopromoção, já que ele cita em sua fala um dos livros de sua autoria.

Podemos dizer que há nesse exemplo um *vínculo causal*, na perspectiva da Nova Retórica. Isso se dá se considerarmos que há uma relação de causa e efeito na fala do padre, estabelecida pela conjunção explicativa “porque”. Por exemplo, *a igreja aceita o divórcio porque não concorda com a possibilidade de duas pessoas infelizes manterem um matrimônio*. Assim, de acordo com Perelman e Tyteca (1996), esse *vínculo causal* se estabelece no momento em que ocorre um acontecimento e temos uma causa que o determina.

O exemplo (15) traz uma *concessão restritiva*. Esse modo de raciocínio se apresenta na medida em que o padre relata a forma como a Igreja lida com o divórcio, já que, segundo ele, essa instituição não pode anular um sacramento como o matrimônio. Entretanto, com o uso da conjunção adversativa “mas”, Fábio de Melo faz uma ressalva que confirma que a Igreja pode, através de um processo de nulidade, afirmar que o casamento não houve. Novamente, é explicitada a preocupação com o outro. No entanto, há também a preocupação em preservar as doutrinas do catolicismo, o que acentua ainda mais o caráter tradicionalista da Instituição Católica. No exemplo (15), há a predominância da modalidade *delocutiva*, levando em consideração que, ao utilizar o pronome pessoal “ela”, o padre se refere à Igreja Católica, especificando uma de suas doutrinas.

(15) Um amor, na verdade. Em muitos casamentos, a Igreja declara, Marília, que aquele sacramento nunca houve. A Igreja não pode anular um sacramento. Um sacramento que realmente existiu não pode jamais ser anulado, mas ela pode, mediante um processo investigativo daquelas causas, dizer que este casamento nunca houve. E ela faz muito isso.

No exemplo (16), ainda falando sobre o casamento e o divórcio, Fábio de Melo traz mais um exemplo de *concessão restritiva* no momento em que confirma que os casais divorciados podem participar das atividades da Igreja Católica, embora haja restrições e limites para isso.

(16) Mas agora, a participação dessas pessoas na Igreja nunca será negada, nunca foi negada. Elas participam com limites. Não podem comungar, podem participar da missa, podem participar dos encontros. Hoje existe a pastoral dos recasados, dos divorciados [...].

Em (16), o padre reforça sua preocupação com o outro ao afirmar que a Igreja não abandona os casais divorciados. Pelo contrário, proporciona a eles participar das

atividades da Instituição Católica. Entretanto, há uma contradição na postura da Igreja Católica, pois podemos questionar que se essa instituição aceita o divórcio, qual o motivo para que os divorciados não participem ativamente das atividades que ela oferece? Por que ainda há restrições e limites? Essa postura pode culminar em uma exclusão dos fiéis, que contraria o princípio da Igreja de acolhimento e não segregação.

Ao inserir as pastorais dos recasados e dos divorciados em sua fala, o padre traz um *argumento pelo exemplo*. De acordo com a Nova Retórica, esse tipo de argumentação serve para ressaltar um caso particular. Nessa situação, há a evidência das restrições àqueles que são divorciados. Perelman e Tyteca (1996) consideram o *argumento pelo exemplo* como uma prova que se assemelha a uma confissão.

Pelo *Domínio de Verdade*, o padre mostra que a Igreja tem defeitos e pode agir de forma incorreta em algumas situações. Dessa forma, ele faz uso da figura retórica antítese, que destaca oposição, e reforça a Igreja como uma Instituição santa, mas também pecadora, com o propósito de que o interlocutor reconheça isso como verdade e entenda as falhas dessa Instituição. Esse exemplo é apresentado no momento em que Marília Gabriela questiona o padre sobre o fato de a Igreja ainda ter restrições contra o divórcio e, por isso, acabar rejeitando e segregando os fiéis.

(17) A igreja é santa e pecadora.

Ao mostrar que por se tratar de um sacramento, o matrimônio do casamento não pode ocorrer duas vezes na Igreja Católica, Fábio de Melo se preocupa em justificar esse posicionamento do catolicismo se apoiando na figura de Jesus. Ele utiliza, para isso, uma *citação* que ressalta a importância da imagem religiosa de Jesus, realçando o seu valor dentro do discurso religioso, além de justificar tal importância através da expressão: “Nós somos fundamentados no verbo que se fez carne.” Essa citação refere-se à Bíblia Sagrada, em João 1:14. A partir disso, podemos inferir que Fábio de Melo deseja que seu interlocutor reconheça que essa doutrina foi imposta por Jesus, devendo, portanto, ser seguida.

(18) Marília, a Igreja não pode em nenhum momento, por mais autoridade que ela tenha, contradizer o que disse Jesus. Então quando nós... qual é o nosso exercício? Toda grande instituição precisa naturalmente voltar às fontes, a gente não tem o direito de viver distante das fontes que nos geraram. Qual é a nossa fonte? É Jesus, a experiência dele, teologicamente falando nós somos fundamentados no verbo que se torna carne, que passa por nós, que faz discípulos e que deixa uma igreja.

(19) Os casamentos, muitos casamentos, muitos relacionamentos que deveriam ser um exercício de liberdade, acabam sendo isso, uma experiência de cativo.

Ao falar sobre os relacionamentos entre casais, o padre acaba citando o casamento como exemplo. Ele desqualifica algumas relações que não são saudáveis e utiliza uma *comparação* que faz com que enxerguemos alguns casamentos como uma experiência que aprisiona e deixa sequelas, na medida em que ele compara esse tipo de relacionamento a um cativo, como pudemos ver no excerto (19).

O padre também discute nessa entrevista, conforme já salientamos, as relações humanas. Em um primeiro momento, ao refletir sobre as relações interpessoais, padre Fábio traz para a discussão problemas e conflitos que podem permear as relações entre pais e filhos. Ele se preocupa em instruir o seu interlocutor sobre os motivos que possam realmente causar esses conflitos. Podemos perceber isso a partir da seguinte fala de Fábio de Melo:

(20) Quando o pai compreende o filho como extensão de si mesmo. Quando ele não é capaz de compreender que o filho não tem obrigação de corresponder às expectativas que ele tem, e que ser pessoa é isso. A gente nasce indivíduo, significa que eu não tenho condições de me dar a ninguém. Isso é um processo de maturidade que não vem pelo tempo. O tempo pode não significar exatamente nada. A capacidade de sair da condição de indivíduo e ser pessoa, de acordo com a antropologia cristã [...].

No excerto acima, o padre ressalta que muitos pais desejam que o filho seja o que eles (os pais) não puderam ser. Em virtude disso, o padre permite ao interlocutor perceber que isso é extremamente frequente e uma das maiores dificuldades no relacionamento entre pais e filhos. Fábio de Melo assume, dessa forma, seu papel enunciativo de aconselhador e tenta alertar os pais da importância de deixarem seus filhos crescerem, proporcionando a virtude de serem pessoas de acordo com as próprias vontades. Para isso, o religioso explica o que realmente é um processo de maturidade que se baseia na busca por ser pessoa. Essa resposta se assemelha a um discurso de autoajuda, no qual aquele que fala assume um poder, que revela um conhecimento específico. Já a pessoa que escuta é aquela que necessita de uma orientação.

Essa *explicação pragmática* se desenvolve a partir de um modo de encadeamento de *causa*, já que as dificuldades de relacionamento entre pais e filhos começam a surgir no momento em que o pai enxerga o filho como extensão de si mesmo e deposita nele todas as suas vontades e expectativas. De certa forma, Fábio de Melo tenta alertar o interlocutor de como isso é prejudicial e, conseqüentemente, espera

que o público reveja seu comportamento de modo a não agir dessa forma e evitar possíveis problemas relacionados a isso.

Levando em consideração as ideias de Perelman e Tyteca (1996), podemos dizer que o excerto (20) se configura como *argumento de antimodelo*. Nesse caso, o modelo a não ser seguido é o exemplo dos pais que são descritos na resposta do sujeito falante. Dessa forma, a posição de aconselhador do padre se acentua, ao pensarmos que ele instrui os pais a terem um relacionamento saudável com os seus filhos. Há, nesse momento, a *visada de instrução*. Podemos pensar nesse argumento ao assumirmos a constatação dos autores de que “quando se trata de conduta, um comportamento particular pode não só servir para fundamentar ou ilustrar uma regra geral, como para estimular a uma ação nele inspirada.” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 413). Podemos inferir, portanto, que o padre acredita que comportamentos de pais, como o descrito acima, podem estimular que os filhos ajam futuramente do mesmo modo.

Logo após, os questionamentos voltam-se para os relacionamentos amorosos, e o padre discute a respeito dos relacionamentos considerados como destrutivos. Fábio de Melo diz:

(21) [...] eu pego a experiência do sequestro do corpo, que é tão comum e todo mundo conhece tão bem. Quando alguém é retirado do seu horizonte sentido, daquilo que funciona pra ela, da casa, dos amigos, as pessoas, cachorro, papagaio, balaio de manga e é colocado dentro de um cativado.

O padre insere uma *particularização* que restringe o tipo de relacionamento destrutivo, que culmina no sequestro do corpo e retira das pessoas suas expectativas e sua própria vida, se sujeitando a viver do modo que o outro deseja. Dessa maneira, a *explicação pragmática* é expressa a partir de uma *causa*, que é a experiência do sequestro do corpo; e a *consequência* que são os pontos negativos que esse sequestro proporciona, ressaltados pelo padre como a perda da casa, da família, dos amigos. A ideia de sequestro é expressa como uma metáfora que se estabelece a partir da perda daquilo que é importante para o indivíduo em questão.

Continuando sua fala sobre os relacionamentos amorosos, o padre insere uma *particularização* e mostra que os desafios e problemas nesse tipo de relação encontram-se especificamente no “mito do amor romântico”. Como forma de justificar sua proposta, o locutor utiliza a conjunção “mas” para ressaltar o problema existente nesse tipo de relacionamento. Segundo ele, esse problema é a construção e a idealização de uma pessoa. Isso serve como uma *constatação* de que as relações precisam ser mais

autênticas. A modalidade *alocutiva* está presente no texto a partir do uso de “a gente” no momento em que o sujeito falante se insere no discurso e, conseqüentemente, coloca o interlocutor na mesma posição que ele. O uso dessa expressão serve como uma estratégia de captação, pois não se espera que um padre viva um “amor romântico” e, conseqüentemente, se insira dentro desse exemplo.

Há no exemplo (22) o que Perelman e Tyteca (1996) chamam de *vínculo causal*. Podemos dizer que esse vínculo causal é estabelecido a partir de uma causa para o mito do amor romântico. O padre justifica o motivo de se tratar de um mito e ainda traz uma conseqüência decorrente desse tipo de relacionamento. O efeito desse mito do amor romântico é traduzido pela última frase do padre:

(22) Quando movidos por um mito de amor romântico, né? Isso é horrível nessas relações idealizadas, a gente não enxerga quem o outro é, mas a gente enxerga quem a gente imaginou, e faz com que o outro exerça um papel que não fira aquilo que a gente imaginou dele. Essas relações idealizadas são altamente prejudiciais porque não têm autenticidade.

No que tange aos *domínios de avaliação*, encontramos um exemplo relativo ao *Domínio do Hedônico*, que se manifesta a partir da sensação de “ver” traduzida pelo verbo “enxergar”. Nesse momento, o padre projeta seu papel enunciativo de aconselhador e relata os pontos negativos existentes em uma relação idealizada. Ao destacar esses pontos, o líder religioso pretende que o interlocutor perceba o perigo que esse tipo de relacionamento, no qual você “cria” uma pessoa, pode manifestar. Assim, essa fala vem como uma forma de alerta para que o destinatário tente viver sem expectativas e sem idealizar ou projetar em uma pessoa qualidades que não existem de fato.

(23) [...] nessas relações idealizadas, a gente não **enxerga** quem o outro é, mas a gente **enxerga** quem a gente imaginou, e faz com que o outro exerça um papel que não fira aquilo que a gente imaginou dele.

Ainda falando sobre os relacionamentos amorosos, Fábio de Melo utilizou para reforçar sua argumentação alguns procedimentos discursivos. Dentre eles, destacamos os exemplos de *definição* e *citação*.

O exemplo (24) é colocado como uma forma de promover o lado artístico e evidenciar a projeção midiática do padre, já que a apresentadora pergunta ao entrevistado sobre o seu livro *Quem me roubou de mim?* A partir da pergunta feita pela apresentadora, Fábio de Melo define e explica qual a temática do livro citado, que tem

relação explícita com a temática “Família”. Essa relação é identificada, pois o livro discorre a respeito das relações humanas, como, por exemplo, o relacionamento entre pais e filhos. No excerto, há o predomínio da *modalidade elocutiva*, visto que o religioso deixa evidente que os assuntos discutidos no livro e as opiniões apresentadas são dele, a partir da exposição de uma opinião pessoal.

(24) **Que trata de um tema muito ardiloso, que é a perda de pertença quando a gente quer amar ou até mesmo quando somos, de alguma maneira, orientados por outros.** Eu falo dessa perda de pertença em algumas relações da vida, nas relações de amizade, nas relações a dois, nas relações de pai e filho e também nas experiências religiosas.

No exemplo (25), o padre continua enfatizando os problemas e desafios encontrados em relacionamentos idealizados. Para exemplificar seu posicionamento, ele define e desqualifica o cativo. O religioso procura mostrar que, muitas vezes, alguns relacionamentos aprisionam e agridem a pessoa que aceita e se submete a isso devido a um amor que não existe de fato. Pode-se dizer que, mais uma vez, o padre procura orientar o seu público a reconhecer esse tipo de relacionamento e afastar-se dele. Novamente, Fábio de Melo age como aconselhador.

(25) O que é um cativo? **Um lugar desconhecido, inóspito, onde ela vai ao ser confinada, sendo submetida às violências desse agressor.**

No excerto (26), Fábio de Melo reflete sobre a importância dos sujeitos se reconhecerem como “pessoas”. Em seu discurso, ele alega que esse é um processo de maturidade que faz com que o ser humano deixe de ser “indivíduo” e se veja como “pessoa”. Dessa forma, ele define o que é ser “pessoa”, nesse caso, e traz uma qualificação positiva. Isso se dá porque o padre mostra que, ao se reconhecer como “pessoa”, o ser humano está reconhecendo realmente quem ele é e está se oferecendo ao outro de forma real, e não idealizada. Essa definição de “pessoa” é o ponto chave da discussão do padre sobre as relações pessoais, principalmente relações entre casais, visto que podemos inferir que ele propõe ao interlocutor que faça esse exercício de se encontrar como “pessoa” para que, conseqüentemente, suas relações com os outros se fortaleçam e sejam mais verdadeiras.

(26) Quem é pessoa? **Aquele que dispõe do que é e pode se oferecer ao outro.**

Os três exemplos de definição apresentados dizem respeito à definição descritiva de Perelman e Tyteca (1996). Nesses exemplos, conseguimos perceber claramente a

intenção do falante em conferir sentido a uma palavra em um determinado momento, optando, dessa forma, pela descrição.

No que diz respeito à citação, o excerto (27) traz a *Citação de um saber* que introduz autoridade, como o exemplo da antropologia cristã. É esperado que o padre sempre procure resgatar fontes e citações que remetam à religião, o que evidencia sua preocupação em valorizar o discurso religioso e ressaltar sua vivência como padre.

(27) A gente nasce indivíduo. Significa que eu não tenho condições de me dar a ninguém. Isso é um processo de maturidade que não vem pelo tempo. O tempo pode não significar exatamente nada. A capacidade de sair da condição de indivíduo e ser pessoa, **de acordo com a antropologia cristã.**

Pela citação direta, expressa no exemplo (28), e destacada pelo verbo “dizer”, mais uma vez, padre Fábio remete à religião, já que insere uma *citação de dizer* que se refere a um teólogo alemão. A exposição dessa citação tem a intencionalidade de que o interlocutor perceba a necessidade de se conhecer Deus e viver Seus preceitos, mesmo que isso cause conflitos e até mesmo tormentos. Essa citação se confirma como um *argumento de autoridade*, que vem como forma de evidenciar certo prestígio para o discurso. Podemos dizer que, por se tratar de um discurso religioso, a escolha de autoridade para ser inserida no discurso é totalmente plausível, visto que se trata de um teólogo. Isso se justifica, pois é esperado que ele, como teólogo, conheça e entenda todas as dimensões do discurso religioso.

(28) E como a gente vai viver sem conflito? Eu gosto muito **de uma frase de Karl Hanner, um teólogo alemão, que diz:** “Toda palavra que diz sobre Deus é também uma palavra sobre nós. Como que você não vai viver atormentado com a possibilidade de saber quem é Deus a partir de quem eu sou [...]”.

Ao abordar o subtema “relacionamento via Internet”, o padre expõe problemas que ocorrem a partir dessas relações, como podemos observar no excerto (29). A expressão de seu posicionamento se dá pela inserção da modalidade *elocutiva*, como forma de *apreciação*. Isso se deve pelo fato de que o locutor reconhece que as relações que têm como base a Internet são destrutivas, pois as pessoas costumam projetar suas expectativas em uma realidade que pode ser inventada, ou seja, esses relacionamentos são mais idealizados do que reais. Vemos, dessa forma, uma *apreciação* negativa que é inserida como forma de alerta para que o interlocutor reconheça que essas relações podem causar mais problemas do que benefícios. Há também a inserção do interlocutor, pela *modalidade alocutiva*, que se estabelece pelo uso do pronome “você”. Mais uma

vez, Fábio de Melo utiliza esse pronome para se referir à Marília, mas deseja que esse “você” atinja todo o público que poderá acompanhar aquela entrevista. Novamente, o padre espera que o interlocutor não adira a esse tipo de comportamento e consequentemente o veja como errado. Podemos dizer, também, que o uso do “você” apresenta também um valor genérico. É importante destacar que, mais uma vez, o padre fala sobre um tipo de relacionamento que não deve ser adotado. Logo, ele insere um *argumento pelo antimito*.

(29) Eu tenho uma preocupação muito grande quando a gente percebe que as pessoas abdicam da realidade que possuem para poder investir o seu tempo, os seus sonhos, as suas expectativas numa realidade que tá do outro lado, porque a gente não sabe quem é, e a gente não tem a menor ideia do que seja real naquilo que é dito. Então, muitos relacionamentos virtuais, eles são feitos a partir de idealizações. Eu não digo pra você quem eu sou, eu digo pra você quem eu gostaria de ser. E você corresponde a essa mentira, e às vezes as pessoas perdem tempo, um tempo precioso de suas vidas alimentando esses papéis.

Continuando a reflexão sobre os relacionamentos via Internet, o padre expõe a seguinte resposta:

(30) As palavras têm um poder muito grande sobre nós. Eu descubro você lá no *Facebook* e mando um pedido de amizade. Aí você me vê, se você quiser me aceitar, você me aceita, aí eu recebo aquele comunicado: pronto, agora vocês são amigos. Olha que coisa mentirosa! Isso é muito mentiroso, e muita gente alimenta essa ilusão.

Essa resposta vem como forma de completar o posicionamento anterior, ratificando a opinião do padre a respeito dos relacionamentos que se desenvolvem pela Internet. Nessa explicação, novamente, o padre insere a modalidade *elocutiva* como forma de *apreciação* para desqualificar o tipo de relacionamento descrito. No exemplo (30), o adjetivo “mentiroso” reforça a desqualificação dessas relações e permite ao interlocutor perceber ainda mais o sentido negativo que o padre revela. Há nesse exemplo também a modalidade *alocutiva*, que é usada como forma de exemplificação do motivo que faz o padre enxergar as relações via Internet, como, por exemplo, as relações estabelecidas na rede social *Facebook*, como ilusórias. Como no exemplo (29), nesse excerto, o padre também utiliza o pronome “você”, que faz com que ele se dirija diretamente à comunicadora. Entretanto, sabemos que ele respeita o protocolo da entrevista, mas compreende que existe um público assistindo-o e, portanto, inferimos que o uso do “você” também se refere a quem está acompanhando ou verá posteriormente.

A última citação dessa entrevista, presente no excerto (31), é a citação de um saber, emanada do livro *O Pequeno Príncipe*, do autor francês Antoine de Saint-Exupéry. Por se tratar de um livro famoso, que interessa a diferentes gerações, a forma como a citação foi feita gerou polêmica, e, em suas redes sociais, Padre Fábio ressalta o fato de não concordar com algumas ideias do livro. O religioso acredita que essas ideias veiculam posicionamentos que podem fazer com que o ser humano se desvincule de sua realidade e viva de forma idealizada, projetando suas expectativas no outro.

(31) Então onde estão as roupas que nos abrigam? Essas roupas precisam ser reais, eu preciso ter amigos de verdade, eu preciso ter amigos que eu conheci defeitos, qualidades e elegi pra estarem ao meu lado e, muitas vezes, na relação idealizada, a gente não permite esse encontro, a gente abre mão do que é real e vamos viver imaturos a vida inteira **com as frasezinhas do Pequeno Príncipe**, que eu acho que deveriam ser abolidas da humanidade.

Em relação aos procedimentos de composição, na *transição*, e a distribuição dos argumentos, nessa temática, padre Fábio inicialmente fala da perda de pertença quando somos orientados pelos outros. Ele justifica essa perda de pertença nas relações entre pais e filhos, nas relações amorosas e nas relações virtuais e utiliza o seu livro *Quem me roubou de mim?* para exemplificar sua fala. Nas três relações, ele destaca as que são objetais, nas quais depositamos as expectativas no outro e criamos uma pessoa que não existe e distribui seus argumentos a partir disso. Desse modo, ele destaca os pontos negativos desse tipo de relação e argumenta de forma a convencer o leitor a não se envolver nesse tipo de relacionamento.

No que diz respeito ao *fim*, destacamos que, no final da entrevista, padre Fábio está falando da necessidade de cuidar da aparência física e ressalta que isso se deve à saúde. Dessa forma, há uma fuga do tema que estava sendo discutido anteriormente. Ele ainda utiliza a figura de Deus para explicitar essa necessidade. Assim, podemos dizer que, mesmo ao final do programa, o padre se projeta como um aconselhador e utiliza sua experiência própria de se exercitar fisicamente para mostrar que isso é importante para o físico e para a saúde e, conseqüentemente, fazer com que o público também reconheça essas práticas e cuidados como essenciais. Por se tratar de um diálogo, a entrevista tem um fechamento informal tanto no que se refere à despedida da apresentadora ao padre, quanto à despedida dela ao público, o que evidencia uma aproximação e uma troca de afeto, como pode ser visto a seguir:

(32) **Marília Gabriela:** Brigada, Padre. Um beijo.

Marília Gabriela: Prazer imenso. E nós nos vemos no próximo programa. Até lá!

Como entrevistado, Fábio de Melo não traz em sua fala nada que se refira ao fechamento da entrevista nem no decorrer dos blocos nem ao final do programa, já que em um programa como este é normal que esses momentos fiquem por conta da entrevistadora. Entretanto, é esperado que ele se despeça de seus interlocutores ao final da entrevista, mas isso não acontece, sendo que somente a apresentadora se despede tanto do padre quanto do público.

Analisaremos, no próximo tópico, as imagens construídas pelo padre no programa com o intuito de que o público o reconheça como crível e se identifique com ele.

4.4. O *Ethos* no discurso religioso de padre Fábio de Melo

De acordo com Charaudeau (2015), o *ethos* é voltado para o orador e se liga tanto à pessoa real que fala quanto ao enunciador. Levando em consideração a religião como uma prática social, é nítido que a mesma se constitui como formadora de opinião a partir da divulgação de doutrinas e dogmas. Logo, faz-se necessário que a Igreja, sobretudo a pessoa que fala em nome dessa instituição, se revele como crível e de confiança. Por isso, torna-se essencial a associação da razão à emoção como estratégia crucial para a construção da imagem desse sujeito que fala e precisa adquirir a adesão do seu auditório.

Em uma primeira análise, podemos afirmar que a imagem de Fábio de Melo é construída através da sua postura de galã evidenciada pela sua beleza física. Podemos associar a isso o carisma do padre, que é algo que sempre chama a atenção. Segundo Melo (2016), o carisma de um sujeito se reflete a partir de dons pessoais que influenciam o comportamento dos outros. A partir disso, podemos dizer que, muitas vezes, Fábio de Melo é visto como um modelo a ser seguido, o que está estritamente ligado ao seu poder de carisma. Melo (2016), ao citar Weber (2005), nos mostra que o poder advindo dessa característica possui caráter dominador e, por isso, é um dos principais poderes revolucionários da história. Assim, de acordo com a estudiosa, a imagem do padre que é construída entre os católicos transmite a ele uma autoridade que é pressuposta principalmente pelo carisma, e isso faz com que sua imagem na Igreja Católica seja revestida de poder e reconhecimento.

Para retratar a construção da imagem de si no discurso religioso, nos basearemos nas ideias de Charaudeau (2015) sobre o *ethos* no discurso político. Corroboramos as ideias de Silva (2014), que afirma que o discurso político pode ser assemelhado ao discurso religioso na medida em que ambos se preocupam com a argumentação e a manutenção de poder. O político quer se fazer crível para que o cidadão o reconheça como capaz de assumir determinado cargo, e o religioso também espera a adesão de seu auditório com o intuito de disseminar doutrinas e captar mais devotos. Assim, ambos trabalham na perspectiva do convencimento, através dos *ethé* de identificação e dos *ethé* de credibilidade, que foram elencados por Charaudeau (2015) ao se referir ao discurso político.

Ao assumirmos esses dois discursos como similares, utilizaremos os *ethé* citados na construção da imagem de padre Fábio de Melo durante a entrevista analisada. No primeiro tópico, abordamos os *ethé* de credibilidade — *ethos* de *sério*, *virtude* e *competência*. Em seguida, selecionamos e analisamos os *ethé* de identificação — *ethos* de *caráter*, *inteligência*, *humanidade* e *chefe*, que foram encontrados na fala de padre Fábio de Melo.

No que tange aos *ethé* de credibilidade, e aproximando o discurso religioso do discurso político, podemos assumir o sujeito que fala pela religião como alguém que necessita de credibilidade, sendo que, segundo Charaudeau (2015), essa figura resulta da construção de uma identidade discursiva do ser que fala, cabendo ao destinatário julgar se essa fala é *digna de crédito*. Dessa forma, como o político, o religioso depende da aceitação do público e deve, portanto, se preocupar em formar uma imagem que o torne aceito. Para Charaudeau (2015), um sujeito digno de crédito precisa ser sincero e transparente, capaz de cumprir o que promete e ter meios para isso. Logo, podemos inferir que, na religião, a fala do líder religioso serve como instrumento para percebermos o que a Igreja quer dizer. Ademais, na maioria das vezes, o que é revelado na fala do religioso são os posicionamentos e as doutrinas da instituição na qual o falante está inserido. No caso da entrevista analisada, veiculada no discurso das mídias de informação, é possível dizer que:

O sujeito informante tem necessidade de credibilidade, pois o desafio dessa situação é transmitir uma informação clara, não truncada e, sobretudo, aceita como tal por um público que espera que o acontecimento reportado seja autêntico e que a explicação dada seja honesta (condição de transparência) (CHARAUDEAU, 2015, p. 119)

Tendo em vista essa ideia do autor é possível compreender que não apenas o religioso que fala em nome de sua instituição depende de credibilidade, mas também o programa e a emissora que são responsáveis pela transmissão e veiculação das ideias de forma clara, podendo também selecionar o que será exibido ou não; e a entrevistadora que conduz as perguntas e norteia a entrevista. Convém ressaltar que a credibilidade é ligada a uma visada de *poder fazer* e depende, conseqüentemente, da apresentação de provas para isso.

Segundo Charaudeau (2015), a credibilidade é uma característica crucial do discurso, levando em consideração que a essência desse discurso é persuadir e convencer alguém de que possui poder. Decerto, isso ocorre no discurso religioso, visto que o mesmo possui como base a persuasão de fiéis a partir da disseminação de ideias e preceitos que colocam em evidência a religião. O uso de exemplos como as figuras de “Jesus” e “Deus” servem como forma de reforçar a argumentação do padre e destacar o discurso religioso em sua fala. Padre Fábio de Melo trabalha diversas vezes com preceitos ligados à Bíblia e resalta a importância do discurso religioso baseando-se em narrações da Bíblia, falas do papa e de pessoas ligadas à Igreja, história da religião e da teologia, através de citações de dizer e saber.

Mesmo se colocando como padre e evidenciando a todo momento sua vivência religiosa, Fábio de Melo também se preocupa em não se desvincular de suas raízes, citando experiências pessoais que remetem à sua infância e à sua família, além de expor também sua projeção midiática e sua vida como celebridade. Assim, a partir da junção dessas três projeções (cidadão comum, celebridade e religioso), o padre quer demonstrar credibilidade e, conseqüentemente, atingir o convencimento dos fiéis. Segundo Charaudeau (2015), tanto a credibilidade quanto o convencimento são evidenciados a partir da construção de um *ethos* de *sério*, de *virtuoso* e de *competente*.

O *ethos* de sério, segundo Charaudeau (2015), se constrói a partir de índices corporais e mímicos, que se revelam na postura do corpo e na expressão facial; índices comportamentais que se despontam a partir de uma capacidade para reagir bem a críticas e desafios e, também, a índices que evidenciam energia e capacidade de trabalhar e demonstrar serviço. No que diz respeito à postura corporal, padre Fábio fica todo o momento sentado frente à apresentadora, característica presente em todas as entrevistas do programa *De frente com Gabi*. O religioso se mantém firme, com postura serena e calma, mesmo diante dos questionamentos mais polêmicos. Em alguns

momentos de descontração propostos pela própria apresentadora, o padre esboça alguns sorrisos, mas a expressão sorridente não é muito presente, nesse caso.

A própria roupa usada por Fábio de Melo demonstra uma imagem de sobriedade, já que o padre está vestido com traje social, de cor azul, que é uma cor associada à tranquilidade e serenidade. É importante ressaltar que, mesmo sendo padre, Fábio de Melo não se apresenta de batina no programa *De frente com Gabi*. O mesmo também ocorre em seu programa exibido na emissora Canção Nova. Essa característica do padre já foi questionada em diversas entrevistas a programas de TV¹⁴, nos quais Fábio de Melo sempre deu a mesma resposta, a de que cresceu em uma Congregação na qual o uso da batina não é obrigatório. O padre reforça, também, que não é a sua veste clerical que mostra verdadeiramente que ele é um padre, mas sim seu caráter e sua conduta. Contudo, Fábio de Melo alega que se preocupa com as roupas que veste, por isso sempre aparece com trajes sociais, pois, segundo ele, são mais comportados e condizentes com sua postura de sacerdote. Podemos acrescentar ainda que essa postura de padre Fábio em relação a sua forma de se vestir nos faz inferir que o mesmo também quer se mostrar como um cidadão comum ou como uma celebridade, sobrepondo essa imagem à sua função sacerdotal.

De acordo com Charaudeau (2015), quem assume o *ethos* de sério não pode descuidar de sua vida pessoal e privada, já que essa é sempre colocada em destaque na mídia. O autor também acredita que o tom da voz, a oratória e os léxicos utilizados durante as falas também contribuem para a construção desse *ethos*. Entretanto, o autor salienta que a seriedade também exige limites, para não ser enxergada de forma negativa. Para Charaudeau (2015), “não é preciso que o indivíduo sério passe por excessivamente austero, pois desse modo ele correria o risco de perder seu capital de simpatia junto aos cidadãos” (CHARAUDEAU, 2015, p.121).

(33) [...] E filho da dona Ana.

(34) Marília Gabriela: padre Fábio, você continua vivendo preferivelmente lá no meio do mato?

Padre Fábio de Melo: eu gosto, eu gosto muito do mato.

Marília Gabriela: mas cada vez menos tá por lá?

Padre Fábio de Melo: não, cada vez mais estou por lá.

Marília Gabriela: ah, fala a verdade.

Padre Fábio de Melo: estou fazendo uma história de retorno já. Eu acho que essa vida pública, ela é necessária, eu acabei entrando nisso e levo com muita responsabilidade isso, o fato de ser um padre público, de ter pessoas que me

¹⁴ Disponível em: <http://www.ovh.net.br/video/padre-fabio-de-melo-fala-porque-nao-usa-a-batina/AUkjuq2kpDE//palmas/tocantins>. Acesso em: 28 dez. 2016.

escutam. Isso é primoroso pra mim, mas eu cada vez mais, fico mais, preservo mais isso pra mim, a minha intimidade, a minha necessidade de ser eu.

Tanto o exemplo (33) quanto o exemplo (34) estão ligados ao *Ethos* de *sério*, no momento em que o padre revela dados sobre sua vida pessoal e se mostra ligado à sua mãe (33). Isso se evidencia pelo fato de que, mesmo Marília ressaltando sua formação acadêmica e sua vida como celebridade, padre Fábio destaca de quem é filho e se mostra ligado à família e ressalta o nome da sua mãe. No exemplo (34), destacamos o resgate de sua vida como cidadão comum, pois o padre afirma que preserva sua intimidade sempre que é possível, se desvinculando da vida pública e retornando para o sítio onde a família mora, que para ele é sinônimo de paz e tranquilidade. Novamente, o padre fala sobre a vida artística e reitera o fato de se identificar como um modelo a ser seguido pelos fiéis. Os dois exemplos evidenciam o que Charaudeau (2015) fala sobre o *ethos* de “sério”. Para o autor, a partir da construção dessa imagem, o sujeito “não deixa existir suspeitas de indiferença em relação à família” (CHARAUDEAU, 2015, p. 120).

Como uma instituição que preserva os ensinamentos de Deus transmitindo-os aos demais, é esperado que a Igreja se valha de pessoas que demonstrem sinceridade, honestidade e fidelidade ao agir e falar em nome dos preceitos religiosos. Assim como no discurso político, a *virtude* se faz extremamente necessária para o discurso religioso, visto que, segundo Charaudeau (2015), para convencer e persuadir é necessário “dar exemplos”. A *virtude* se constrói tanto na vida pública quanto privada e remete a “dizer o que se pensa, ter uma vida transparente (nada a esconder), não ter participado de negócios escusos e mostrar que seu engajamento político não foi motivado por uma ambição pessoal” (CHARAUDEAU, 2015, p. 123). Dessa maneira, na religião também se vê a necessidade desse engajamento religioso, que, no caso de padre Fábio de Melo, perpassou toda a sua vida.

O *ethos* de *virtude*, no discurso religioso, deve estar estritamente ligado ao respeito, na medida em que pensamos que se um dos legados da religião é o respeito entre os seres, a pessoa que fala em nome dessa religião conseqüentemente precisa respeitar os outros, ser transparente e direta.

(35) Eu não sou obrigado a ser padre, ninguém me levou ao altar de sacrifício. Eu quis ir, sacrificar algumas dimensões da minha vida, que eu sei que ela floresce em outras.

O excerto (35) confirma a posição do padre enquanto líder religioso e sua missão dentro do que foi designado a ele. A figura da *virtude* aparece no momento em que o padre reconhece o seu dever sacerdotal e os sacrifícios e imposições que essa missão lhe impõe. Ele demonstra compreensão em saber que seu dever é servir o povo e reconhece que, mesmo tratando-se de um sacrifício, isso foi resultado de uma escolha feita por ele, mesmo com todas as privações que a vida sacerdotal poderia exigir. Em virtude disso, podemos afirmar que há nessa fala a construção de uma imagem de um ser virtuoso que entende a dimensão da sua missão religiosa e reconhece a importância do entendimento dessa missão e do sacrifício que ela evoca.

De acordo com Charaudeau (2015), o *ethos* de *competência* é aquele ligado a uma imagem de *saber e habilidade*, o que também é necessário no discurso religioso, já que ao falar pela e para a Igreja, o religioso precisa ser firme em seu propósito, mostrando segurança ao abordar os assuntos. Para esse autor

Ele deve ter conhecimento profundo do domínio particular no qual exerce sua atividade, mas deve igualmente provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos. Os políticos devem, portanto, mostrar que conhecem todas as engrenagens da vida política (CHARAUDEAU, 2015, p. 125).

A *competência* é revelada a partir de todo o percurso do sujeito falante, então, nos momentos em que Fábio de Melo se preocupa em trazer ensinamentos teológicos e de antropologia cristã, ele resgata esse percurso e mostra parte do conhecimento que o capacita. Nos exemplos (36) e (37) é possível percebermos a revelação desse conhecimento a partir de duas citações que envolvem a religião. Assim, ao citar um teólogo e a antropologia cristã, e usá-los como argumento de autoridade, o padre destaca sua *competência* e, principalmente, realça seu “saber” a respeito da vida cristã.

(36) [...] a capacidade de sair da condição de indivíduo, de acordo com a antropologia cristã [...].

(37) [...] eu gosto muito de uma frase de Karl Hanner, um teólogo alemão, que diz: “Toda palavra que diz sobre Deus é também uma palavra sobre nós. Como que você não vai viver atormentado com a possibilidade de saber quem é Deus a partir de quem sou?”.

No que diz respeito ao *ethé* de identificação, é importante pensarmos que a construção da imagem de si leva em consideração o sujeito falante, o outro e um terceiro que não está presente fisicamente na interação, estabelecendo, assim, uma relação triangular. De acordo com Charaudeau (2015), nessa relação, “o si procura

endossar essa imagem ideal; o outro se deixa levar por um comportamento de adesão à pessoa que a ele se dirige por intermédio dessa mesma imagem ideal de referência” (CHARAUDEAU, 2015, p. 137). Então, podemos dizer que, assim como o discurso político, no discurso religioso, a construção do *ethos* está voltada para quem constrói (si mesmo), para o cidadão (o fiel e devoto) e também para os valores de referência. Através dos *ethé* de identificação, o cidadão, no nosso caso, o fiel, passará por um processo de identificação, podendo, dessa forma, se projetar na identidade passada pelo religioso.

A imagem construída através do *ethé* de identificação está ligada principalmente à vida pública e privada do religioso, sendo, nesse caso, voltada para o triângulo: cidadão comum, líder religioso e celebridade midiática. Levando em consideração essas três instâncias de projeção pessoal apresentadas ao público na entrevista, podemos dizer que observamos, através da formação de uma imagem de identificação, os *ethé* de *caráter*, de *inteligência*, de *humanidade* e de *chefe*, que serão descritos e analisados a seguir.

Na fala de padre Fábio de Melo, o *ethos* de caráter se fundamenta na medida em que ele desaprova alguns posicionamentos da Igreja Católica e manifesta sua indignação pessoal. Esse *ethos* possui como variantes a *provocação* e a *polêmica*. A primeira, de acordo com Charaudeau (2015), “é feita com declarações que têm por fim único fazer alguém reagir, a ponto de não se saber jamais se suas manifestações devem ser consideradas reflexo do pensamento daquele que as enuncia” (CHARAUDEAU, 2015, p. 141). Essa provocação remete a uma aparência de sinceridade, mesmo que seja “camuflada”. Entretanto, é importante frisar que, em nossas análises, não observamos o uso dessa figura na fala do padre.

Na entrevista analisada, essa *polêmica* se desenvolve nos momentos em que temas mais conflituosos são colocados em pauta, visto que a apresentadora, em posição de legitimidade, não se coloca inferior ao entrevistado e sempre se impõe e questiona, mesmo que sua opinião seja contrária à da Igreja Católica. O *ethos* de caráter também traz a figura de “força tranquila” que na imagem de padre Fábio de Melo é totalmente explícita, sendo que ele se apresenta como aconselhador e amigo, adotando “a força protetora de quem guia o rebanho, com a serenidade do pastor que sabe aonde vai” (CHARAUDEAU, 2015, p. 143). São nítidos, na entrevista, alguns posicionamentos do padre que o levam a ser considerado um guia, principalmente no que tange à temática

“Família” ao falar das relações humanas. Há também o que Charaudeau (2015) designa por *controle de si*, que diz respeito a um caráter equilibrado que demonstra “cabeça fria” mesmo nas situações mais adversas.

Esse *ethos* ainda se fundamenta na figura de *coragem*, que reforça ao público a condição do sujeito em enfrentar adversidades e conflitos. Para Charaudeau (2015), a *coragem* é estritamente necessária ao político, pois garante sua necessidade de defender os valores, a moral e a integridade do povo. Ao associarmos os dois discursos, podemos dizer que essa característica também pode ser relacionada ao discurso religioso, visto que Fábio de Melo, em sua posição de líder religioso, tem o dever de defender os valores e os preceitos do catolicismo, levando-os como verdade para o público. No excerto (38), no momento em que fala sobre a opinião da Igreja em relação aos métodos contraceptivos, percebemos a postura do padre Fábio em valorizar os dogmas da Igreja que representa, afirmando que essa instituição não impõe as práticas, apenas propõe que verdadeiros cristãos católicos as sigam.

(38) Eu acredito que nós, no momento em que nós temos uma postura, é natural contrariar muita gente, a Igreja não tem a pretensão de agradar o mundo todo. A única coisa que a gente precisa fazer, a gente, a partir do momento que nós escutamos a palavra do Papa, ela não tem a pretensão de ser para todos, ela tem a pretensão de ser para aqueles que são liderados por ele.

Por fim, há a *moderação*, que pode se manifestar por declarações que abrandam ações provenientes de polêmicas. É possível afirmarmos que o discurso do padre se reflete pela moderação, visto que ele é contido nas declarações e sua própria postura nos leva a crer que ele prefere evitar situações de conflito ou polêmica.

O *ethos* de inteligência, segundo Charaudeau (2015), pode provocar sentimentos de admiração e respeito que, conseqüentemente, levam à adesão do outro ao discurso. Para o estudioso, “a inteligência é uma característica humana difícil de ser definida, mas aqui se trata de considerá-la um imaginário coletivo que testemunha a maneira como os membros de um grupo social a concebem e a valorizam” (CHARAUDEAU, 2015, p.145). Essa característica pode ser apreendida do comportamento do sujeito em sua vida pessoal e pública. Na construção dessa imagem de si, há duas figuras que se opõem, a saber, a do *honnête homme cultivé* e a figura de *astúcia* ou *malícia*. A primeira diz respeito ao nível de capital cultural que o sujeito cultivou durante sua formação e condiz também com sua origem social. No discurso político, de acordo com Charaudeau (2015), o fato de os políticos escreverem livros, participarem de programas culturais na

mídia e frequentarem exposições artísticas são exemplos da manifestação dessa figura. Podemos dizer que os religiosos que apresentam uma dimensão artística também possuem uma imagem ligada a essa figura, visto que, na própria entrevista, padre Fábio fala da publicação do seu livro e da gravação de seu DVD, que reuniu cerca de 60 mil pessoas, consumando, assim, uma autopromoção.

A segunda figura, segundo Charaudeau, “denota um saber jogar com o ser e o parecer: saber dissimular certas intenções, fazer crer que se têm certos objetivos para melhor atingir seus fins” (CHARAUDEAU, 2015, p.146). Pode-se dizer que a malícia reflete uma duplicidade, sendo que pensada positivamente é considerada uma habilidade, mas também apresenta seu lado negativo se for colocada como forma de dissimular ou simular uma moral inexistente. É importante pensar que, para Charaudeau (2015), o *ethos*, por ser uma imagem de si, pressupõe saber o que essa imagem esconde.

(39) Na verdade, este é um livro que está sendo lançado e ficou durante 67 semanas na lista da Veja dos mais vendidos, em uma edição antiga. E, hoje, ele foi reescrito a partir de situações mais atuais também e ele está sendo relançado.

No exemplo (39), a imagem de inteligência reflete-se pela figura do *honnête homme cultive*, visto que padre Fábio, mesmo que implicitamente, mostra sua ligação com a vida artística desde a infância, focando principalmente em sua vocação como escritor, que é uma das facetas artísticas do padre. Esse dom para escrever e compor é sempre resgatado durante a entrevista, já que o padre tem diversos momentos reservados para falar sobre o livro de sua autoria, que retrata as relações humanas e o resgate da subjetividade. Não encontramos em nossa análise exemplos que se encaixam na figura de malícia.

O *ethos* de *humanidade* é a construção de uma imagem ligada à capacidade de demonstrar sentimentos, respeito e compaixão com os que sofrem e também deixar transparecer seus gostos e fraquezas. A figura do *sentimento* “deve apenas transparecer em diversas ocasiões: em visitas aos desprovidos ou às pessoas que sofrem; em situações dramáticas (catástrofes naturais, acidentes, fome etc)” (CHARAUDEAU, 2015, p. 148). Há também a figura da *confissão*, que pode estar ligada à fraqueza, levando em consideração as culturas. É uma figura que se contrabalança pelos *ethos* de “coragem” e “sinceridade”.

No que diz respeito ao *gosto*, Charaudeau (2015) revela que este está ligado aos gostos literários, de culinária, vestuário e lazer, é o que se relaciona ao pessoal e privado

do sujeito. Na entrevista analisada, padre Fábio não fala diretamente de seus gostos pessoais, mas em alguns momentos demonstra uma satisfação e prazer em estar em seu sítio, junto à natureza, alegando que isso o propicia acolhimento e tranquilidade. Fábio de Melo também ressalta na entrevista seu cuidado com a saúde, destacando o gosto pela malhação. Sobre isso, ele diz que:

(40) Eu gosto muito da saúde, de preservar. Eu tenho o seguinte: de nada vale Deus preservar o dom se eu não cuidar bem. Eu acho que o corpo é um dom que se eu não cuido, Deus não pode fazer por mim isso.

É interessante salientar que mesmo falando de saúde e da importância do cuidado com o corpo, o padre não deixa de relacionar isso com a religião, alegando que o corpo é um bem dado por Deus a nós. Podemos dizer que novamente o padre se apresenta como um aconselhador, orientando sobre a importância dos cuidados com a saúde.

Nos exemplos que se seguem, o padre constrói uma imagem de aconselhador e amigo que se reconhece como semelhante ao outro e que compreende a necessidade dele de ser entendido e respeitado. Assim, o *ethos* de humanidade se propaga no momento em que o padre revela a caridade, a simplicidade e o entendimento do fiel. Pode-se dizer que o *ethos* de humanidade é extremamente necessário a alguém que quer ser reconhecido como um líder religioso, pois é esperado que a Igreja pregue e viva de fato esses sentimentos.

(41) Eu, como padre, tenho o direito de me posicionar contra qualquer situação, desde que não me falte a caridade no meu posicionamento para que aquele que está me ouvindo seja capaz de compreender por que eu penso diferente dele.

(42) Eu tenho uma preocupação muito grande quando a gente percebe que as pessoas abdicam da realidade que possuem para poder investir o seu tempo, os seus sonhos, as suas expectativas, numa realidade que tá do outro lado, porque a gente não sabe quem é e a gente não tem a menor ideia do que seja real naquilo que é dito. Então, muitos relacionamentos virtuais, eles são feitos a partir de idealizações.

O padre também cria um *ethos* de chefe a partir do qual sobressai a imagem de guia-pastor. Segundo Charaudeau (2015), esse guia vale-se de uma moral humana para conduzir e ajudar as pessoas. Em diversos momentos da entrevista, percebemos essa postura no padre, que se preocupa em orientar e ajudar os fiéis a administrar suas vidas. Como exemplo, destacamos o excerto (43), no qual o padre procura instruir o

interlocutor a agir corretamente no seu cotidiano, principalmente, no que diz respeito ao relacionamento com o outro.

(43) [...] há coisas que eu preciso que só eu posso me dar. Não tenho o direito de esperar que você me dê, faz parte da minha dimensão pessoal. Eu sou uma pessoa, então, eu tenho que dar conta da minha vida, eu não tenho que jogar sobre você fardos que são meus [...].

Segundo Charaudeau (2015), existem alguns procedimentos expressivos que objetivam “caracterizar a enunciação da palavra em sua forma oral” (CHARAUDEAU, 2015, p.168). Isso evidencia que cada falante possui uma maneira própria de falar e se expressar em seu discurso. Contudo, essas formas de falar são dependentes dos papéis sociais que cada enunciador possui. Na fala de Fábio de Melo, destacamos dois desses procedimentos: o “bem falar” e o “falar tranquilo”. Para Charaudeau (2015):

O “bem falar” resulta da ideia que possui um grupo linguístico sobre o que deveria ser uma maneira de falar elegante, culta, que tem estilo. São tantos qualificativos que, longe de referirem a um falar padrão, acabam por designar, ao mesmo tempo, as qualidades do orador e sua posição elevada na hierarquia social (CHARAUDEAU, 2015, p.169).

Essa forma de falar é expressa a partir de vários procedimentos semiológicos facilmente identificados na fala de padre Fábio de Melo. Por exemplo, o *tom* de voz que não demonstra nem timidez nem temor, já que o padre responde todas as perguntas feitas por Marília de forma serena, sem se demonstrar tímido ou com medo. Assim, seu *tom* de voz não se apresenta nem muito forte nem muito fraco. Uma *dicção* lenta que indica controle de si e preocupação em ser compreendido, que pode ser verificada pela fala pausada e tranquila do padre e principalmente pelos momentos em que ele revela preocupação e compreensão em relação ao outro. Um *ritmo* que controla a fala e não a deixa parecida com uma declamação, visto que Fábio de Melo procura refletir sobre os questionamentos, sempre pensando e procurando associá-los a conhecimentos teológicos, o que evidencia que a enunciação não foi aprendida ou recitada de cor. Uma *articulação* das sílabas que propicia nitidamente o entendimento do que está sendo dito e uma pronúncia que demonstra um cuidado com a elocução e também evidencia um controle de si.

O “falar tranquilo”, segundo Charaudeau (2015), é caracterizado por uma dicção lenta, mas que traz consigo um tom de voz mediano, nem terno nem estrondoso. Há uma aproximação afetiva nessa forma de falar, que é verificada no dizer de padre Fábio, nos momentos em que ele se apresenta como aconselhador, guia e amigo do fiel. Para

esse linguista, “essa vocalidade do falar tranquilo contribui para construir uma figura de *soberano paternal*” (CHARAUDEAU, 2015, p.172). Isso pode ser identificado através de uma força tranquila e uma capacidade de entender e compreender os problemas do mundo. Podemos dizer que a postura serena, calma e tranquila que Fábio de Melo demonstra, durante sua entrevista, se revela em sua fala, sempre pausada, atenta e que demonstra compreensão e atenção com o outro e com os problemas do outro.

Partiremos, a seguir, para uma análise da entrevista do pastor Silas Malafaia. Seguiremos a mesma ordem estabelecida na análise das entrevistas do padre.

4.5 Pastor Silas Malafaia: análise da temática “Sexualidade”

O pastor pentecostal Silas Malafaia é reconhecido principalmente por suas declarações polêmicas e por não esconder seus posicionamentos, que se mantêm arraigados aos pensamentos tradicionalistas da Igreja na qual esse tele-evangelista exerce sua liderança religiosa. Esses posicionamentos, na maioria das vezes, se desencontram das posturas que revelam as mudanças éticas e sociais que estamos vivendo na contemporaneidade.

Ao retratar a sexualidade, o pastor em questão acaba se contrapondo veementemente a tais mudanças sociais, já que declara publicamente ser tradicionalista e respeitar as doutrinas e os preceitos religiosos de sua instituição, baseando-se sempre na Bíblia. O pastor se impõe como um líder religioso que prega, principalmente, a preservação da família, o que o leva a contestar e a se posicionar contrariamente à homossexualidade e à legalização do aborto. A primeira questão é, sem dúvida, a mais polêmica quando tratada pela perspectiva de Malafaia, visto que ele não se exime em deixar clara sua postura de desqualificação às relações homossexuais e em sempre se manifestar de forma radical sobre esse assunto. Assim, na entrevista concedida ao programa *De frente com Gabi*, o subtema central da temática “sexualidade” é centrado na discussão das relações homoafetivas. Desse modo, a argumentação desenvolvida pelo pastor fica restrita a um posicionamento crítico sobre esse assunto. Logo, diferentemente da entrevista do padre Fábio de Melo, o pastor se centra em apenas uma questão e isso acaba levando o público a perceber o interesse claro de Malafaia em fazê-lo acreditar que a postura da Igreja a respeito das relações homoafetivas é a mais correta e deve ser reconhecida pelo telespectador como a verdadeira.

Diante da centralização do tópico “relações homoafetivas” na temática “sexualidade”, depreendemos que as principais teses defendidas pelo pastor em torno do subtema são:

- i. A homossexualidade é um comportamento;
- ii. A homossexualidade pode ser reorientada;
- iii. A homossexualidade não é comprovada pela Genética;
- iv. A homossexualidade não é uma doença;
- v. As leis da Constituição Federal são iguais para os homossexuais e para os heterossexuais;
- vi. A homossexualidade é um pecado de acordo com a Bíblia;
- vii. A Igreja condena a prática homossexual, mas não condena o homossexual.

A partir das teses expostas acima, é evidente o desejo do pastor em tratar as relações homoafetivas pautando-se sempre na desqualificação da prática e principalmente na defesa de que a homossexualidade é um comportamento e, como tal, pode ser reorientado. A partir disso, percebemos que as três primeiras teses se complementam e dizem respeito a essa crença. O pastor utiliza, então, a *visada de informação* como forma de passar para o seu destinatário informações a respeito da homoafetividade, levando em conta o que ele acredita ser o correto.

Certamente a entrevistadora e o programa colocaram em pauta a questão da homossexualidade por já terem conhecimento dos posicionamentos contrários a essa prática revelados várias vezes pelo pastor. Além disso, sua postura polêmica e conservadora, muitas vezes associada a um espetáculo ou a uma encenação que elevam os índices de audiência, foram cruciais no momento da escolha das perguntas. É interessante ressaltar que a entrevista em questão elevou os índices¹⁵ de audiência do programa, o que fez com que a produção do *De frente com Gabi* pensasse em uma possibilidade de realizar uma segunda entrevista com o pastor. A aparição de Malafaia também causou uma grande repercussão nas redes sociais, o que alavancou ainda mais a visibilidade do programa em questão.

¹⁵ Informações retiradas do jornal *online* Tribuna hoje.

Disponível em: <http://www.tribunahoje.com/noticia/54101/entretenimento/2013/02/05/apos-polemica-e-bona-audiencia-sbt-quer-outra-entrevista-com-pr-silas-malafaia.html>. Acesso em: 07 out. 2016.

A entrevistadora inicia o debate a respeito das relações homoafetivas no segundo bloco do programa com a seguinte informação: “no discurso de posse pro segundo mandato, o presidente americano, Barack Obama, disse textualmente ‘Nossa jornada não estará completa até que nossos irmãos e irmãs gays sejam tratados como qualquer pessoa’. Na sua Igreja, ele não teria sido reeleito”. Após essa afirmação, Silas é enfático ao dizer:

(44) Na minha Igreja não. Ele não teria sido reeleito. Deixa eu falar sobre essa questão de homossexualismo.

Nesse primeiro momento, inferimos que a intencionalidade do falante é provocar no público uma reação de desqualificação da prática homossexual, já que o pastor introduz o seu posicionamento e o de sua Igreja. Prevalece a *modalidade elocutiva*, na qual o falante transmite um *engajamento* em relação ao seu posicionamento, pois ele é claro e enfático ao iniciar a resposta com o advérbio de negação “não”, o que ressalta uma recusa em relação ao fato expresso.

A partir do modo de raciocínio de *Dedução por silogismo*, o pastor, através de uma *consequência implicativa* que se estabelece numa relação de *equivalência* (se... então), leva o interlocutor a pensar que: *se a minha Igreja não concorda com a homossexualidade, então a homossexualidade é uma prática errada*. Logo, Malafaia enfatiza o posicionamento tradicional da sua instituição religiosa em relação à homoafetividade e permite, desse modo, que o público vá construindo um posicionamento a respeito do tema.

O pastor ainda utiliza o termo “homossexualismo”, que foi várias vezes discutido como uma nomeação errônea para se referir à prática homossexual, devido ao fato de o sufixo –ismo se referir a doenças. De acordo com Silva (2004), até meados do século XIX, o termo recorrente como referência aos homossexuais era o léxico “invertido”. Segundo o autor, “essa expressão sugeria que todo homossexual era portador de uma inversão sexual”. (SILVA, 2004, p. 20). Entretanto, em 1869, surgiu o termo homossexualismo, que segundo Silva (2004), citando Trevisan (2002), teria sido criado por um médico austro-húngaro, instaurando, dessa forma, um conceito negativo sobre a orientação. Na contemporaneidade, o termo frequentemente utilizado e visto como o mais correto é “homoafetividade”, que é justificado principalmente por ativistas gays, como uma forma de não remeter a relação homossexual a apenas à “sexualidade”, mas também à “afetividade”.

Ao utilizar o termo “homossexualismo”, Malafaia é corrigido pela apresentadora, que apresenta a justificativa de que o termo traz contestações e remete a doença. Entretanto, o pastor se mantém firme ao dizer que ao se referir à prática homossexual, o uso do termo “homossexualismo” não é errado. Assim, mesmo contestado e alertado de que a palavra remete a uma patologia e pode, por isso, ser enxergada como preconceituosa, o pastor não se intimida ao empregá-la. Essa insistência do pastor, que no decorrer da entrevista utiliza o termo outras vezes, pode ser considerada uma estratégia de convencimento do público de que se trata de uma nomeação correta.

Nessa primeira resposta, levando em consideração o pensamento de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), temos um *argumento baseado na estrutura do real*. Quanto a isso, segundo os autores, “quando se trata de conduta, um comportamento particular pode não só servir para fundamentar ou ilustrar uma regra geral, como para estimular a uma ação nela inspirada” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 413). Essa ação pode ser considerada um modelo a ser seguido, mas também algo a ser refutado. Podemos afirmar que a partir desse posicionamento e legitimando sua fala através da Igreja, Malafaia quer ser reconhecido como um *modelo* e levar as pessoas a pensarem como ele. Isso pode ser considerado verídico se levarmos em consideração que o pastor possui muitos fiéis e seguidores que acreditam e apoiam seus posicionamentos.

Na medida em que vemos frequentemente lutas e manifestações a favor do reconhecimento dos direitos dos homossexuais, que culminaram com a promulgação da Lei reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal, em 2011, que reconhece como estável a união de duas pessoas do mesmo sexo, um posicionamento explícito que desvaloriza a prática a partir de uma fala legitimada pela Igreja pode ser considerada um *antimodelo*. Isso pode ser pensado na medida em que esse comportamento do pastor pode incitar o preconceito e fazer com que as pessoas se posicionem contrariamente ao que ele prega, refutando suas ideias. Fato que também pode ser comprovado, visto que Malafaia possui uma rejeição muito grande, o que já garantiu muitos processos contra ele, devido, principalmente, às suas declarações polêmicas ligadas às relações homoafetivas.

Continuando sua exposição sobre a homossexualidade e como forma de sustentar a tese de que a homossexualidade é um comportamento, Malafaia traz o seguinte argumento de *explicação*:

(45) Não existe uma ordem cromossômica homossexual, não existe gene homossexual, existe ordem cromossômica de macho e fêmea.

Essa *explicação* se desenvolve a partir de uma relação causal: “a homossexualidade é comportamental, porque não existe uma ordem cromossômica homossexual. Então, não existiria homossexualidade do ponto de vista genético”. Segundo Perelman e Tyteca (1996), esse argumento traz um *vínculo causal*, pois “sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo” (PERELMAN e OLBRECHTS- TYTECA, 1996, p.299). Nessa situação, a causa é representada pelo fato da não existência de um *gene* que comprove a homossexualidade. Podemos dizer que essa constatação do pastor incita o *engajamento* diante de seu próprio discurso, tornando a argumentação polêmica, a partir da defesa de seu ponto de vista, mesmo diante de contestações.

Em um determinado momento da entrevista, Marília Gabriela interrompe o pastor e diz que deseja encerrar a discussão, devido ao fato de ela acreditar que a tese exposta pelo pastor de que a homossexualidade é uma prática comportamental é contestável, e isso nos leva a entender que a entrevistadora não se convenceu pelos argumentos expostos pelo pastor. Logo, ela se mostra enfática ao fazer uma nova indagação ao entrevistado: “eu quero saber qual é a tua questão com a homossexualidade”.

O pastor não se exime da resposta e novamente, em tom polêmico, diz: “a minha questão aqui no Brasil é os direitos que eles querem em detrimento da coletividade”. Dessa forma, o pastor coloca em dúvida os direitos pelos quais os homossexuais sempre lutaram, levando o interlocutor a inferir que eles desejam “exclusividade”. Assim, esse debate se manifesta da seguinte forma:

(46) **Marília Gabriela:** Quais são os direitos?

Silas Malafaia: Os direitos? Então eu vou dizer pra você

Marília Gabriela: Serem respeitados? Não serem mortos e agredidos?

Silas Malafaia: Não, nada, nada disso! Você está falando de mortos? Quando eles falam de números. Eu não acho que ninguém deve morrer. Eu não quero que ninguém morra de nada. Mas quando eles utilizam números é contra eles, totalmente...

Tendo em vista a discussão acima, podemos dizer que o pastor utiliza o modo de raciocínio *concessão restritiva*. Em um primeiro momento, ele coloca como verdade o fato de não concordar com a agressão e a morte dos homossexuais, isentando-se, dessa forma, do papel de intolerante. Entretanto, ele utiliza a conjunção adversativa “mas” como forma de expor uma ressalva ao que está sendo dito e aponta um pensamento

incompleto, pois ele apenas fala que ao utilizar números os homossexuais acabam se contradizendo. Podemos inferir, então, que ele alega que os homossexuais são mentirosos quando apontam números de mortos na comunidade homossexual, que revela casos de intolerância e homofobia. Isso nos mostra que o pastor acaba revelando um posicionamento de deslegitimação aos direitos requeridos pelos homossexuais, instaurando, mais uma vez, uma polêmica. Entretanto, o pastor não completa nem justifica o seu raciocínio, deixando a interpretação final por conta do interlocutor. Na resposta do pastor, há o predomínio do *comportamento elocutivo*, pela modalidade de *opinião*. Essa modalidade explicita uma posição do pastor que revela o fato de ele ser contra a homofobia, já que alega ser contrário a mortes e violência contra os homossexuais.

No que concerne à encenação argumentativa e ao uso dos procedimentos semânticos por meio dos domínios de avaliação, o pastor utilizou argumentos que se apresentam baseados no *Domínio de Verdade* e no *Domínio do Ético*.

(47) Ninguém nasce gay. Homossexualismo é um comportamento.

(48) a autoridade não é pra julgar a pessoa. A autoridade da Bíblia é pra condenar pecado.

(49) A Bíblia é um livro pra quem quer crer e pra quem não quer crer, é um direito de cada um. Eu sigo aquele livro, é a única fonte de conhecimento filosófico, teológico, científico e vulgar. Não tem outro livro no mundo que não tem essas quatro fontes de conhecimento. Só a Bíblia. Nenhuma verdade científica da Bíblia até hoje foi derrubada.

(50) os direitos que eles querem em detrimento da coletividade.

(51) Que direitos? Eles têm. Se eu tomar um tapa na cara, é igual um homossexual tomar um tapa na cara. Se alguém me xingar a lei tá igualzinha pra eles, se alguém xingar eles, filha.

(52) Eu fui ofendido com a suástica. Na reunião da comissão com a cidadania. Botaram meu nome com a suástica, que é crime no Brasil. Eles querem uma lei pra atacar, xingar, atingir quem eles querem e estarem protegidos acima de todos.

No excerto (47), há um exemplo de *Domínio de Verdade*. Podemos dizer que o sujeito argumentante expõe a tese de que a homossexualidade é comportamental como um “princípio único de explicação dos fenômenos do mundo” (CHARAUDEAU, 2010, p. 232). Dessa forma, o pastor deseja que o seu interlocutor acredite que essas exposições são verdades absolutas e, portanto, enxergue a homossexualidade como uma prática comportamental, baseando-se em um argumento científico. Novamente, o pastor insere em seu discurso o *Domínio da Verdade*, como podemos ver nos excertos (48) e

(49). Dessa vez, ele utiliza esse domínio de avaliação como forma de exaltar a Bíblia e a sua importância na sociedade, evidenciando os preceitos que ela traz como fontes incontestáveis de verdade. É importante destacar que, para o pastor, a Bíblia é um documento cujo conteúdo deve ser reconhecido como verdadeiro. No excerto (49), observamos a modalidade *delocutiva*, na medida em que o pastor traz o Bíblia e a insere em seu discurso.

Através dos excertos (50), (51) e (52) temos exemplos de *Domínio do Ético*. Entretanto, os excertos apresentados servem como forma do líder religioso deslegitimar os direitos dos homossexuais, visto que, em um primeiro momento, ele reitera que os direitos requeridos por esse grupo são em detrimento do coletivo. Depois Malafaia afirma que esses direitos já existem e são garantidos em sua totalidade da mesma forma que para um cidadão heterossexual. Por fim, ele utiliza o *Domínio do Ético* para denunciar a falta de ética e moral dos homossexuais que o afrontaram em uma reunião da Comissão de Cidadania. Na referida reunião¹⁶, um ativista homossexual apresentou um cartaz com o nome “Silas”, no qual a inicial “S” estava substituída por uma cruz da suástica, que é tomada como símbolo do nazismo. Assim, o pastor foi comparado a um opressor como o líder nazista Adolf Hitler. Como forma de ilustração, segue a imagem¹⁷ do ocorrido:



Figura 8 - Suástica com o nome de Malafaia

¹⁶ Informação disponível em: <http://www.geraldopost.com/2012/11/suastica-em-nome-de-malafaia-marca.html>. Acesso em: 08 out. 2016.

¹⁷ Disponível em: <http://www.geraldopost.com/2012/11/suastica-em-nome-de-malafaia-marca.html>. Acesso em: 27 nov. 2016.

No excerto (51), a *modalidade alocutiva* é utilizada com um tom de ironia. Ao chamar a apresentadora de “filha”, podemos dizer que Malafaia se projeta como irônico e sarcástico, pois não concorda com os questionamentos da apresentadora e usa essa figura de linguagem como recurso para mostrar isso. O uso dessa ironia pode ser enxergado mais amplamente a partir do tom de voz e expressão do falante, que nos são evidenciados pelo plano não verbal da entrevista.

No que se refere à análise dos *procedimentos discursivos*, percebemos que o pastor, nessa temática, valeu-se exclusivamente das categorias de *definição*, *comparação* e *citação* como forma de justificar sua tomada de posição durante a argumentação e atingir de forma mais eficiente o seu ideal de persuasão.

Temos em (53) a *definição* de um comportamento, que é a homossexualidade. Malafaia é enfático ao dizer que define homossexualidade como comportamento ou preferência aprendida ou imposta, pretendendo, dessa forma, que o interlocutor acredite que se trata de algo que pode ser revertido ou reorientado. Há, portanto, o uso de uma denominação seguida de uma definição. Observamos o predomínio da *modalidade elocutiva*, através da exposição da *opinião* do pastor, que enfatiza não acreditar que essa prática seja uma doença, o que poderia causar repercussão e repulsa maiores diante de sua fala.

Pelo excerto (54), podemos afirmar que, ao responder a pergunta de Marília Gabriela referente aos julgamentos feitos aos homossexuais, o pastor define a homossexualidade como pecado, já que insiste em dizer que a Bíblia condena o pecado e ainda cita o inferno para complementar sua tese. Assim, cabe ao interlocutor inferir que a homossexualidade como pecado leva o praticante ao inferno. Novamente há a definição da homossexualidade como comportamento. Nesse momento, há o predomínio do *comportamento elocutivo*, no qual o pastor evidencia, mais uma vez, a sua *opinião*. Dessa forma, ele reitera que a homossexualidade não é apenas comportamental, mas também deve ser considerada um pecado. Depreendemos também o *comportamento alocutivo* pelo uso do pronome “você”. Percebemos que o pastor dirige-se diretamente à apresentadora e fala somente para ela, não inserindo o público em sua fala.

(53) Não. Mas eu não vejo como doença. Vejo como comportamento. Não há nada de doença. Então, a homossexualidade. Um homem e uma mulher por determinação genética, e homossexual por preferência aprendida ou imposta.

(54) **Marília Gabriela:** Agora eu vou fazer outra pergunta pra você. Você não acha, outra vez, eu acho pouco herético que criaturas de Deus, digamos, sejam julgadas diante de Deus. Que autoridade, que autorização deu Ele para qualquer ser humano ficar julgando o outro nesse nível?

Silas Mafalaia: A autoridade da Bíblia é pra condenar pecado. E eu vou dizer uma coisa pra você. Você sabia que Jesus falou mais sobre o inferno do que sobre o céu nos evangelhos? Por que Jesus falou mais sobre o inferno do que sobre o céu? Pra mostrar o perigo que é ele e pra quem vai pra lá. Então, a Bíblia define o que é pecado. Então, eu não estou aqui pra acusar A, B ou C. Estou aqui pra condenar o pecado.

Malafaia utiliza, ainda, a *comparação* como forma de reforçar suas provas e convencer o seu interlocutor. De acordo com Perelman e Tyteca (1996), *os argumentos por comparação são quase-lógicos*, pois se apresentam como constatação de fatos, sendo que esses fatos serão avaliados um em relação ao outro. Pelo excerto (55), depreendemos que Marília Gabriela procura fazer com que o pastor compreenda que a exposição de seus posicionamentos radicais sobre a homossexualidade pode estimular a homofobia e incitar a violência. Como previsto, o pastor discorda do posicionamento da entrevistadora e utiliza uma *comparação por semelhança*. Isso se estabelece na medida em que ele compara a exposição de seus posicionamentos como similar aos conteúdos trazidos pela televisão nas novelas e nos filmes. O pastor espera, então, que o interlocutor perceba que se a televisão apresenta cenas de violência e morte, e isso não influencia ninguém a praticar atos criminosos, as palavras proferidas por ele também não terão o mesmo efeito. Em virtude disso, Malafaia espera que o seu destinatário compreenda que, tendo direito à liberdade de expressão, ele pode externar seus posicionamentos, mesmo que esses desagradem a algumas pessoas.

Novamente percebemos o uso do *argumento pelo antimodelo*. Ao contestar a apresentadora e se manter com a postura radical em relação à homoafetividade, o pastor pode ser reconhecido como um incitador de ódio, como foi colocado pela própria entrevistadora, o que o desqualifica e permite que as pessoas não se convençam pelo seu discurso e refutem suas ideias. No entanto, o pastor, utilizando como o argumento o poder de sua liberdade de expressão, almeja, dessa forma, mostrar que não tem o intuito de influenciar ninguém, que ele apenas expõe seus posicionamentos. Mais uma vez, há o uso da expressão “filha”, para se referir à comunicadora, sendo que tal expressão pertence à modalidade *alocutiva*, destacando, novamente, um tom irônico ao discurso de Malafaia.

(55) **Marília Gabriela:** Mas acontece que todas as pessoas que têm a formação que você tem ou tem esse tipo de disposição esclarecida...Você

falando com essa convicção e dessa forma e com essa sua interpretação, pode, eventualmente, estar influenciando pessoas que podem, sim, praticar violência.

Silas Malafaia: Aí, minha filha, você vai me desculpar. Mas vamos cortar programas de televisão, vamos cortar novelas, vamos cortar filmes que têm ação porque vai influenciar alguém a matar. Aí a sociedade para. Então, a televisão vai ter que parar agora. Vai ficar só a Marília Gabriela, porque tem entrevista. O cara que mata não vai poder, não vai poder ter mais filme na TV.

No excerto (56), observamos uma resposta do pastor a uma indagação da entrevistadora em relação ao que será feito se houver pastores homossexuais na Igreja de Malafaia. O pastor utiliza uma *comparação por semelhança*, ao falar que pastores que forem reconhecidos como adúlteros, homossexuais ou prostitutas são condenados a uma mesma punição. Desse modo, ele aproxima as três categorias, colocando-as no mesmo patamar. Silas Malafaia ainda utiliza a Bíblia para reforçar sua exposição e confirmar que se trata de algo que está estabelecido na Sagrada Escritura, eximindo sua figura de uma possível associação a essa regra de sua Igreja.

(56) **Silas Malafaia:** Se houver pastores homossexuais, se tiver pastor homossexual, deixa eu falar. Na Bíblia, adultério, homossexualismo, prostituição, o cara é passível de ser excluído daquela congregação. Se um pastor tiver um caso com uma mulher, ele perde o cargo de pastor. Se um pastor tiver um caso de homossexualismo, ele perde o cargo de pastor. Se um pastor for solteiro e tiver uma relação sexual com qualquer uma, vai perder o cargo. Então, a Bíblia trata do mesmo nível.

Marília Gabriela: Algum fiel seu, homossexual, chegou a conversar com você sobre esse assunto ou não existe sequer conversa?

Silas Malafaia: O que? É Claro, pede socorro. Olha, a Igreja está lotada de gente clamando por socorro.

Marília Gabriela: Você como psicólogo chegou à conclusão de que um homossexual deve e pode...

Silas Malafaia: Ser reorientado?

Marília Gabriela: É

Silas Malafaia: Olha, eu vou pedir, desculpa a minha ousadia de falar com você. Um dia, Gabi, traga aqui Joide, é um pastor que foi travesti na Europa e está casado há doze anos. Eu falando é uma coisa. Você tem que ver. Ele tem foto como travesti, bonitão, peitão, coxão, bá bá bá. Ele tem as fotos. Ouça alguém que foi reorientado.

Marília Gabriela também quer saber do pastor se em sua Igreja já houve a participação de homossexuais. Silas Malafaia é enfático ao dizer que os casos encontrados dizem respeito a fiéis *clamando por socorro*. Ao utilizar essa expressão, percebemos novamente a desqualificação da prática pelo pastor, visto que o léxico *socorro* pertence ao mesmo campo semântico de *ajuda*. Logo, o interlocutor é levado a crer que, ao clamar por socorro, o fiel estava pedindo ajuda para ser reorientado da homossexualidade, que seria, portanto, algo que o proporcionaria malefícios. Mais uma

vez, Silas trabalha com argumentos que fundamentam a tese de que a homossexualidade pode ser reorientada. Um deles é o *argumento pelo exemplo*, no momento em que cita a figura de Joide Miranda, um pastor que ficou conhecido por ser ex-travesti. Há na resposta um evidente tom pejorativo e informal em relação à entrevista, já que ele utiliza léxicos no aumentativo como “peitão, coxão” para se referir à pessoa citada. Mais uma vez, a *modalidade alocutiva* é usada no discurso do pastor, que, entretanto, dessa vez se refere à Marília como “Gabi”, o que pode demonstrar uma proximidade. Nesse caso, usa-se a *sugestão*, já que o locutor estabelece, através de sua fala, uma ação a se realizar e sugere que Marília Gabriela entrevistou o pastor que era travesti e foi reorientado.

No excerto (57), Malafaia utiliza outra *comparação por semelhança*. Mais uma vez, essa comparação vem como forma de desqualificação, pois em um primeiro momento ele afirma amar os homossexuais, o que traz um tom afetivo ao seu discurso. Entretanto, ele compara esse amor ao mesmo sentimento que tem por bandidos e assassinos, o que leva o ouvinte a inferir que o pastor coloca a prática homossexual no mesmo nível que um crime passível de punição legal. De acordo com Perelman e Tyteca (1996), a comparação usada como forma de desqualificação serve para realçar o desprezo do argumentante em relação ao que está sendo dito, já que os seres comparados passam a fazer parte de um mesmo grupo.

O pastor termina sua resposta dizendo que o ser humano é a coisa mais importante. Essa declaração vem como forma de explicitar o legado da Igreja de preocupação, respeito e amor ao próximo independente da prática a qual esse ser humano está vinculado. Observamos em sua fala o *comportamento elocutivo*, através de uma *apreciação*, devido ao fato de o pastor alegar sentir afetividade pelos homossexuais.

(57) Eu amo os homossexuais como amo os bandidos, amo assassinos. Eu aumento o leque, porque eu amo. O ser humano é a coisa mais importante.

Para garantir um efeito de autenticidade para a sua argumentação, Malafaia expõe nos excertos (58), (59) e (60) citações que se referem a saberes. Citações desse tipo, segundo Perelman e Tyteca (1996), são tomadas como *argumentos de autoridade* que, segundo os autores, são utilizados para garantir atenção ao fato exposto, além de utilizarem figuras ou saberes como forma de provar uma determinada tese.

Malafaia continua construindo sua argumentação de forma a convencer o interlocutor de que a homossexualidade é comportamental. Para isso, o argumentante utiliza um *argumento de autoridade* ao citar a Genética. Como forma de complementar esse argumento de autoridade, o pastor insere um *argumento pelo exemplo* que, segundo Perelman e Olbrchets-Tyteca (1996), é utilizado quando, algumas vezes, um fato é apresentado como um exemplo. Dessa forma, em (58), o pastor exemplifica sua tese expondo um exemplo de gêmeos univitelinos. Nesse exemplo, o pastor alega que por se tratar de gêmeos univitelinos, se um deles fosse homossexual, o outro, pela genética, também deveria ser. Entretanto, uma pesquisa teria comprovado que em apenas 35% dos casos, os dois gêmeos seriam homossexuais. No exemplo (58), vemos claramente a informalidade do pastor, que não demonstra preocupação ao utilizar léxicos informais e gírias nem em utilizar corretamente a concordância verbal e nominal.

A revista Superintessante¹⁸ apresentou uma publicação que se referia a essa pesquisa e essa pode ser utilizada como uma refutação à ideia de Malafaia que se refere à homoafetividade sempre como comportamental. A publicação evidencia que novos estudos indicaram que essas diferenças podem estar em marcadores epigenéticos que não afetam diretamente o DNA. Esses marcadores podem ser transferidos de pais para filhos ou serem influenciados por fatores do meio. Dessa forma, podem ser diferentes em gêmeos univitelinos, mesmo com o DNA idêntico.

(58) Então, primeiro, homossexualismo é comportamento. Então, vamos para a Genética. Gêmeos iguais, eu tô falando de Genética. Gêmeos iguais, embrião que se divide é chamado geneticamente iguais. É homozigóticos. Então, o que que tinha que acontecer? Se um gêmeo é hetero, o outro tinha que ser hetero. Se um gêmeo é homossexual, o outro teria que ser. Então, vamo lá. 35% dos gêmeos que são homossexuais, os outros 75% são heteros. Então, como é que são iguais? Peraí. Eu tô falando é de nascer homossexual, eu tô falando é de Genética.

Em (59), novamente, ele faz referência à Genética como forma de confirmar que a homossexualidade é comportamental. Entretanto, ele apenas cita a disciplina sem trazer nenhum dado consistente que ajude a comprovar sua constatação.

(59) É contestável? Eu mando vim na Genética. Quem pode dizer se alguém nasce gay ou não? Não é a psicologia, é a Genética. É a Ciência. Igual aborto. Quem pode dizer onde começa a vida? É a Biologia.

¹⁸ Informação disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/encontrada-a-marca-genetica-da-homossexualidade>. Acesso em: 09 out. 2016.

Continuando sua explanação em defesa da tese da homossexualidade como um comportamento que pode ser reorientado, o pastor cita o Compêndio de Freud de forma a garantir credibilidade à sua fala. Ele busca, nos estudos da Psicanálise, um *argumento pelo exemplo*, como uma justificativa que convença o interlocutor de que a homossexualidade pode ser mudada, pois isso já foi feito por um dos maiores estudiosos do mundo. A fala adquire um tom agressivo, já que ele utiliza o verbo *rasgar* como forma de alegar que as discussões de hoje estão desmerecendo importantes estudos da Psicologia, como os de Sigmund Freud.

(60) A criança quando nasce, o primeiro objeto de amor dela é a mãe. Ela faz ruptura dela com a mãe, a partir da figura paterna. A partir da figura paterna, a criança faz diferenciação entre ela, a mãe e o mundo. Eu ouvi, eu cansei de ouvir isso. Sabe de Freud? Que tanto falam? Freud estudou o caso de uma paciente homossexual e descobriu que ela é homossexual pela relação dela com o pai. Manda rasgar o Compêndio de Freud, manda eles rasgarem. Tá lá Estudo de Freud. Ele reorientou a mulher e ela passou a ser heterossexual.

As citações dos excertos (61) e (62) se referem à PLC¹⁹ 122 e são utilizadas como forma de deslegitimar a reivindicação dos direitos pelos homossexuais, mostrando que os direitos que constam na PLC 122 garantem a exclusividade e um maior espaço para os homossexuais, excluindo os demais cidadãos. Dessa forma, o pastor quer que o público acredite que esse grupo já possui e usufrui dos mesmos direitos de todos os cidadãos na Constituição. Assim, ao fazer reivindicações, eles almejam privilégios em detrimento da coletividade. É interessante destacar que, ao citar a Constituição Federal, Malafaia utiliza a *visada de demonstração* como prova para o argumento exposto, já que ele leva o documento e o utiliza como forma de comprovar suas exposições. Pelo exemplo (57), percebemos um descaso do falante em relação ao grupo social “transgêneros”, já que ele utiliza a palavra “transgênicos” para se referir a eles. O pastor não corrige o equívoco e a apresentadora também não o contesta sobre isso.

(61) O que eles querem na PLC 122. Número 1, lá no artigo 20, parágrafo 5º, tá dizendo o seguinte “Se um homossexual sofrer constrangimento vexatório de ordem ética, moral, psíquica. Então tá lá, ok? 3 a 5 anos de cadeia.

(62) Quer ver uma outra? Linha b do artigo do PL 22. Ninguém pode impedir afetividade de um homossexual, transgênicos, bissexuais. Este direito será dado a demais cidadãos. Quer dizer, a preferência passou a ser deles.

¹⁹ O Projeto de Lei da Câmara n.º 122/06 visa criminalizar a discriminação motivada unicamente na orientação sexual ou na identidade de gênero da pessoa discriminada. Disponível em: <http://www.plc122.com.br/entenda-plc122/#axzz4MbK2A4GY>. Acesso em: 09 out. 2016.

Pelo processo de composição, *nas etapas da argumentação* e nos momentos de *transição*, percebemos que a temática da sexualidade é centrada na discussão do tópico *Relações homoafetivas*. A principal tese que o pastor pretende defender durante sua argumentação é de que a homossexualidade é uma prática comportamental que pode e deve ser reorientada. Por isso, toda a estrutura argumentativa da fala do pastor se desenvolve de forma a embasar essa tese.

Nos *tempos fortes*, destacamos dois exemplos relevantes:

(63) Deixa eu te falar uma coisa que é **muito interessante**. Não existe uma ordem cromossômica homossexual, não existe gene homossexual, existe ordem cromossômica de macho e de fêmea.

(64) **E eu tenho argumento**, o que que é a ciência? Ciência tem que ter observação. Por que evolução é teoria? Por que você não pode comprová-la na observação.

Os dois exemplos destacados relacionam-se ao objetivo do locutor em destacar argumentos que sustentem sua tese de que a homossexualidade é comportamental. Ao utilizar a expressão *muito interessante*, como em (63), o pastor assume o propósito de que o interlocutor perceba que o seu argumento é válido e possui fundamento, além de ser interessante do ponto de vista científico. Em (64), ao usar a afirmativa *eu tenho argumento*, o pastor, mais uma vez, ressalta que suas ideias são verdadeiras, por serem verdades científicas. Assim sendo, Malafaia intenciona que o público reconheça seus posicionamentos como verdadeiros e apresenta expressões que o ajudam a confirmar isso.

4.6. Pastor Silas Malafaia: análise da temática “Família”

Uma das principais discussões contemporâneas se desenvolve em relação ao conceito de “família”. As mudanças sociais da contemporaneidade têm nos levado a refletir sobre o surgimento de novas concepções de família, principalmente, as relacionadas à união homossexual. Essa discussão vem se tornando cada vez maior a partir do confronto entre os pensamentos tradicionalistas da Igreja e os desejos de mudança defendidos principalmente por ativistas homossexuais que lutam pelo reconhecimento da união estável homossexual e pela igualdade de direitos.

O pastor defende claramente o que considera a *família tradicional brasileira*, excluindo, dessa forma, todas as concepções de família que fujam da união entre homem e mulher. As discussões acerca desse tema estão cada vez mais em pauta na

sociedade, visto que o pensamento tradicionalista dessas Igrejas recebe total apoio de uma parte considerável de senadores e deputados que compõem o nosso governo atual. Assim, muitas vezes, estado e religião agem juntos contra a promulgação de leis que garantam os direitos dos homossexuais.

Em junho de 2015, Malafaia protagonizou um embate²⁰ dentro da câmara dos deputados, no qual defendia seu conceito de família. O pastor era favorável à aprovação de uma lei que restringisse esse conceito à união entre pessoas de sexo oposto, ou seja, união heterossexual. Do outro lado estava Tony Reis, ativista homossexual, que apresentou um projeto de lei que reconhecesse a união homossexual como família. Nesse momento, Malafaia sugeriu ao ativista que o movimento LGBT fizesse uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição) que objetivasse retirar da Constituição Brasileira o artigo que reconhecesse a base familiar como a união entre homem e mulher. O pastor acreditava, portanto, que somente pela aprovação dessa emenda constitucional os direitos dos homossexuais poderiam ser garantidos. A partir desse episódio, já é possível perceber claramente a opinião do pastor em relação ao que pode ser considerado família.

Desse modo, na entrevista analisada, a temática “família” é discutida principalmente por essa perspectiva, tendo em vista que o pastor defende com veemência o conceito de família tradicional, perpassando por tópicos como a adoção de crianças por casais homossexuais. O pastor também fala brevemente sobre o casamento e o divórcio, defendendo os ideais cristãos que, segundo ele, são essenciais para o bom desenvolvimento da sociedade contemporânea.

Nessa temática, podemos dizer que as principais teses defendidas pelo pastor são:

- i. O legítimo conceito de família é centrado na união entre homem e mulher;
- ii. Dois homens ou duas mulheres não têm capacidade para criar e desenvolver um ser humano;
- iii. A criança adotada por um casal homossexual pode apresentar problemas no futuro.

²⁰ Informação retirada do jornal *online* Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1647885-debate-sobre-conceito-de-familia-opoe-ativista-e-pastor-na-camara.shtml>. Acesso em: 07 out. 2016.

A primeira indagação referente à temática “família”, feita por Marília Gabriela, diz respeito ao casamento e ao divórcio. O debate se estabelece da seguinte forma:

(65) **Marília Gabriela:** Então, um casamento que não der certo pra você tem que continuar lá pra sempre? A pessoa não pode se separar e fazer outra família?

Silas Malafaia: Pode, a Bíblia dá, a Bíblia dá margem, pode, quem te disse que não pode?

Marília Gabriela: Mas essa interpretação é muito fortuita.

Silas Malafaia: Não. Não.

Marília Gabriela: Quando você diz assim: Eu estou aqui para defender a família .

Silas Malafaia: Não, na minha Igreja tem vários divorciados.

A partir do diálogo explicitado acima, percebemos que Silas Malafaia alega permitir o divórcio, o que ressalta um posicionamento tolerante de sua Igreja, mesmo não concordando com ele. O pastor não apresenta uma resposta desenvolvida e se detém a uma justificativa sucinta. Mesmo assim, é possível dizer que temos uma *explicação por silogismo*, que se estabelece na seguinte premissa: *a Bíblia permite o divórcio. Eu e a minha Igreja seguimos os preceitos estabelecidos pela Bíblia. Então, eu e a minha Igreja permitimos o divórcio.*

O pastor utiliza uma prova para mostrar que, seguindo o que revela a Bíblia, sua Igreja aceita o divórcio. Isso é feito a partir do uso do texto bíblico como argumento, porém o pastor não cita a passagem bíblica na qual se respalda. Assim, o falante, com esse exemplo, utiliza a visada de informação para *fazer saber* e espera que o locutor *deva saber* que, mesmo defendendo a família, sua Igreja respeita e acolhe o próximo e as famílias que foram desfeitas. Percebemos o uso da *modalidade delocutiva* novamente através da citação da Bíblia para comprovar uma verdade absoluta.

Ao debater sobre a temática “família”, na entrevista, a apresentadora questiona o padre sobre a adoção de crianças por casais do mesmo sexo, e o diálogo se estabelece da seguinte forma:

(66) **Marília Gabriela:** Eu vou propor um problema pra você, que é contra, inclusive, a legalização do aborto. Supondo que nasce uma criança e a mãe dessa criança não vai poder criá-la. Um casal homossexual se dispõe a criar essa criatura, senão vai ficar jogada, que seja numa instituição que vai tratá-la mal. Você acha que ainda assim um casal homossexual não pode ter essa criança e fazer dele um belo cidadão? uma bela cidadã? e criar um cidadão digno com todos os seus direitos? com toda a sua inteligência? com todo o seu amor e com toda sua paixão pelo outro?

Silas Malafaia: Primeiro, tem mais na fila casais heteros esperando crianças.

Marília Gabriela: Eu não tô perguntando isso pra você, eu tô perguntando, eu tô falando das novas famílias.

Silas Malafaia: Eu não acredito que dois homens possam criar uma criança perfeita, no sentido total que você quer, como você cita. Porque eu acredito que Deus fez homem e mulher e esses seres que se completam. Lá na França ninguém chamou de fundamentalista. Ninguém chamou de fundamentalista.

Marília Gabriela: Oh, Silas. As famílias mudaram, mudaram. A sociedade como um todo mudou. Mudou tudo.

Silas Malafaia: Eu não acredito nisso. Vamos ver daqui 60, 70 anos o que vai acontecer.

Marília Gabriela: Mudou tudo, Silas.

Silas Malafaia: Mas daqui a 50, 60 anos, vamos ver.

Marília Gabriela: Mas daqui a 50, 60 anos o que pode acontecer?

Silas Malafaia: O que pode acontecer? Crianças, porque esse negócio de adoção é de agora, é de agora nova. 10 anos, 12 anos, não tem mais do que 15 anos isso no mundo. Então, não adianta vir agora com fotografia de jornal e mostrar dois caras com uma criança feliz. Essa história pra mim não me convence.

Marília Gabriela: Não tô falando só disso, tô falando de duas mulheres ou dois homens.

Silas Malafaia: Eu não acredito que dois homens ou duas mulheres têm capacidade pra desenvolver um ser humano, eu acredito que um homem e uma mulher... eu não acredito nisso.

Marília Gabriela: Eu conheço muitas pessoas que foram criadas dessa forma.

Silas Malafaia: Daqui 30 anos você pode me falar alguma coisa .

Marília Gabriela: Você já está pré-julgando, Silas. Você é Deus, você está julgando, pré-julgando.

Silas Malafaia: Quem está pré-julgando é você agora. Eu estou dizendo baseado no que eu aprendi, baseado no que eu vi.

Marília Gabriela: Não, você está pré-julgando. Você está dizendo que uma criança ali criada daqui uns 30 anos vai ser o quê?

Silas Malafaia: Eu não sei. Tenho minhas dúvidas.

O diálogo foi exposto integralmente para que fique mais claro o posicionamento do pastor e a forma como ele desenvolve sua argumentação. Primeiramente, percebemos que Marília Gabriela elabora a pergunta expondo os benefícios que as crianças abandonadas pelos pais biológicos e adotadas por um casal homossexual poderiam ter. E, dessa forma, ela espera que o pastor se conscientize e perceba também esses benefícios. Entretanto, pela resposta inicial do pastor, é possível perceber que novamente ele será enfático em suas convicções.

Em um primeiro momento, ele se omite e faz uma *constatação* que refuta a pergunta de Marília Gabriela. A apresentadora novamente indaga o pastor, dizendo que ele não respondeu o que foi perguntado. Dessa vez, Malafaia não esconde a sua opinião e expressa em sua fala um *vínculo causal* que se baseia na premissa: *eu não acredito que dois homens possam criar uma criança perfeita, no sentido total que você quer, como você cita, porque eu acredito que Deus fez homem e mulher e esses seres que se completam*. A *causa* é evidenciada pela conjunção explicativa *porque*, e é baseada na Bíblia. Entretanto, a apresentadora não se convence e alega que os tempos mudaram. Podemos dizer que a comunicadora tem o propósito de que o pastor reconheça que as

interpretações literais da Bíblia não condizem mais com a realidade da sociedade contemporânea. No entanto, sabemos que a interpretação da Sagrada Escritura é atemporal para a Igreja.

As outras respostas do pastor se revelam como vazias e sem fundamentação que possa justificar a tomada de posição do locutor, já que ele apenas “joga no ar” que daqui a 30 anos ou mais, as crianças criadas por casais homossexuais poderão apresentar problemas na vida adulta. Entretanto, ele não especifica quais são esses problemas e deixa por conta do interlocutor uma possível reflexão. É nítida a presença da *modalidade elocutiva*, pela exposição de uma *opinião*, já que diversas vezes o pastor faz uso da expressão *eu acredito* que reforça a sua ideia em relação ao que está sendo confrontado.

A partir dos procedimentos semânticos, o pastor desenvolveu sua argumentação, baseando-se no *Domínio de Verdade*. Encontramos apenas um exemplo relevante que é usado como forma de reafirmar o posicionamento do pastor de desqualificação da união estável entre homossexuais e da possível formação de uma família por casais do mesmo sexo. Ele cita a história da civilização humana como forma de justificar que a base da sociedade sempre foi a união entre homem e mulher. Dessa forma, mesmo utilizando outros argumentos, ele expõe essa premissa como uma verdade absoluta que não pode ser contestada.

(67) Toda história da civilização humana está sustentada num homem, numa mulher e sua prole.

Ao recorrer ao uso de *procedimentos discursivos* para fundamentar sua argumentação e produzir efeitos de persuasão nos seus interlocutores, o pastor utiliza a *definição* e a *comparação*.

No que diz respeito à *definição*, Malafaia utiliza seus conhecimentos históricos para, novamente, afirmar que família é a união entre homem, mulher e sua prole. Podemos dizer que o pastor entende essa definição como científica, baseada em um saber do conhecimento e espera que seu interlocutor também reconheça esse conceito como correto e válido.

(68) Conceito de família? Eu vou te dar. Conceito de família. Toda história da civilização humana, toda a história. O que eu tô te falando é antropológico, sociológico e teológico. Toda história da civilização humana está sustentada num homem, numa mulher e sua prole.

A *comparação* expressa no exemplo seguinte pertence à categoria de *qualificação*, visto que na resposta de Malafaia é nítida sua intenção em desqualificar a capacidade de pais do mesmo sexo na criação de crianças. Ao utilizar uma *comparação por semelhança*, aproximando os homossexuais de bandidos e levianos, o sujeito falante faz com que o interlocutor associe os homossexuais a pessoas ruins, que não proporcionariam uma boa criação para seus filhos.

A *modalidade elocutiva* predomina nessa resposta a partir da expressão “Tenho minhas dúvidas, tenho minhas dúvidas”, que evidencia a *opinião* sobre o futuro de uma criança adotada por um casal homossexual, partindo dessa forma para uma *generalização*, na qual todos os casais homossexuais seriam considerados não aptos a criar bem um filho. O pastor ainda atribui total responsabilidade de se tornar um bom ser humano à própria criança. Os argumentos do pastor são na maioria das vezes construídos através da insistência e da repetição.

(69) **Silas Malafaia:** Assim como uma criança ser criada por um leviano, por um pai leviano, eu tenho minhas dúvidas sobre ela.

Marília Gabriela: Um pai bandido, que bate na mulher .

Silas Malafaia: Tenho minhas dúvidas. Tenho minhas dúvidas.

Marília Gabriela: Uma família que tem um pai maldito.

Silas Malafaia: Tenho minhas dúvidas. Tenho minhas dúvidas do que vai dar essa criança. Eu até acredito que o ser humano, por ele ser um ser inteligente, ele possa romper uma história e construir uma história nova. Não significa que filho de bandido vai ser bandido e filho de bacana vai ser bacana. Um cara pode romper sua história pra melhor ou pra pior. Mas eu tô falando aqui na tese que você está me apresentando.

Em relação aos *procedimentos de composição*, nas *etapas*, podemos dizer que o pastor centraliza sua argumentação sobre família em argumentos responsáveis pela refutação das novas formações de família. Assim, seu discurso fica restrito à intencionalidade de mostrar ao interlocutor os motivos que o fazem defender a família tradicional que se constitui na relação entre homem e mulher. Exemplos de *retomadas* e *tempos fortes* não foram predominantes nessa temática.

4.7. Analisando o *Ethos* na entrevista do pastor Silas Malafaia: a polêmica e a construção da imagem de si

As entrevistas do programa *De frente com Gabi* sempre eram iniciadas a partir de uma apresentação breve do entrevistado daquela madrugada de domingo. Essa apresentação era feita por Marília Gabriela, de forma a realçar os pontos principais do

convidado e nortear o espectador para o que seria discutido no programa naquela noite. Ao apresentar Silas Malafaia, Marília Gabriela traz a seguinte descrição:

(70) Tô de frente hoje com um pastor evangélico dos mais conhecidos e polêmicos do Brasil. Silas Malafaia, carioca de nascimento, mas abraçou uma fé que ultrapassa fronteiras. Malafaia tem o dom da palavra, poder que ele exerce há quase 30 anos em programas de televisão transmitidos aqui, nos Estados Unidos, Europa e África. É líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo e combate abertamente a homossexualidade e o aborto [...].

Nessa pequena apresentação, observamos, a partir da primeira frase da entrevistadora, umas das características mais marcantes do pastor, no caso, a polêmica. Ela alega que ele possui o dom da palavra e discute abertamente temas polêmicos.

As falas de Silas Malafaia são sempre expressivas, marcadas por gírias e léxicos que demarcam exageros e remetem ao preconceito e revelam sua forma impulsiva de manifestar a opinião através de um falar mais forte. Essa maneira de dizer é marcada por gestos e sinalizações que permitem a associação de sua presença na mídia como uma forma de espetacularização, que agrada pela audiência que abarca, mas incita a polêmica e o debate de ideias de forma incisiva. Segundo Brandão (1994), a natureza da polêmica instaura um espetáculo, em que a arma é a palavra. Assim, Silas Malafaia procura convencer e captar devotos através do discurso polêmico e de uma construção de imagem de si que se estabelece pela polêmica. Essa autora ainda acrescenta que na instauração da polêmica “recusa-se, claramente, a fala do interlocutor, procurando apagá-la da cena enunciativa para fazer prevalecer sua fala” (BRANDÃO, 1994, p.3). Desse modo, percebemos, muitas vezes, o interesse de Malafaia em fazer sua fala prevalecer sobreposta à fala da apresentadora, que é contrária às ideias do pastor.

De acordo com Maingueneau (2007), o discurso polêmico é construído a partir de um processo de intercompreensão, no qual o locutor deseja construir uma imagem positiva de si a partir da construção de uma imagem negativa do outro. Logo, na entrevista em questão, isso é evidente, na medida em que a polêmica se constitui a partir da revelação de posicionamentos tradicionalistas e conservadores no que concerne às relações homoafetivas. O pastor faz uso da palavra para desqualificar a prática e, conseqüentemente, o responsável por essa prática, principalmente quando discorre sobre sua não concordância com a adoção de crianças por casais do mesmo sexo.

Segundo Maingueneau (2007), a natureza do discurso polêmico se baseia na negação da ideia do outro. Dessa forma, é possível pensar que o *ethos*, na entrevista do pastor Silas, se dá de forma diferente da construção da imagem feita pelo padre Fábio de

Melo, visto que o pastor se utiliza da polêmica como forma de construir uma imagem de credibilidade e possivelmente convencer o público.

Nos excertos (71) e (72), encontramos, na fala de Marília Gabriela, uma oposição à tese de Malafaia de que a homossexualidade é comportamental. Entretanto, o pastor, ao se ver contrariado, reage de forma “agressiva” e “impetuosa” com as palavras, e se mostra como uma pessoa que sabe do que está falando e possui meios para provar que expõe uma tese verdadeira. O pastor se coloca nitidamente contrário às exposições da apresentadora, que se coloca em defesa da homossexualidade. Ao se posicionar, podemos afirmar que a apresentadora transgredir o seu papel de entrevistadora, que deveria apenas direcionar perguntas ao pastor. A polêmica se instaura, portanto, no momento em que Malafaia se “volta contra” à apresentadora, tentando comprovar que seu posicionamento está correto, através da citação da Genética, e, no segundo exemplo, através do uso da expressão *e eu tenho argumento*, que demonstra um *engajamento* do locutor diante de seu posicionamento.

Na fala de Silas Malafaia, percebemos também que, mesmo implicitamente, o pastor constrói uma imagem que perpassa os *ethé* de identificação e de credibilidade propostos por Charaudeau (2015). Nos excertos (71) e (72), o pastor se vale do *ethos* de credibilidade, de forma a se colocar diante do interlocutor como *digno de crédito*. Segundo Charaudeau (2015), “a credibilidade repousa sobre um *poder fazer*, e mostrar-se crível é mostrar ou apresentar a prova de que se tem esse poder” (CHARAUDEAU, 2015, p. 119). Desse modo, ao citar a Genética e expor contestações que garantem uma verdade a sua tese, Malafaia quer se colocar como conhecedor do que está falando, mostrando que tem fundamentação para comprovar suas teses. É possível dizer que, para o pastor, o crédito que ele precisa será atingido a partir das provas que ele mostra, no caso, as constatações a respeito da Genética. Na verdade, o pastor acaba transmitindo uma imagem de um ser que “vence” pelo discurso insistente e repetitivo.

(71) **Silas Malafaia:** Ninguém nasce gay. Homossexualismo é um comportamento.

Marília Gabriela: Isso é contestável.

Silas Malafaia: Eu vou fazer uma definição. Então vamos lá. É contestável? Eu mando vim na Genética. Quem pode dizer se alguém nasce gay ou não? Não é a psicologia é a Genética. É a ciência, igual aborto. Quem pode dizer onde começa a vida? É a Biologia.

Marília Gabriela: Você sabe que as últimas pesquisas andaram mapeando cérebro de gene aí.

Silas Malafaia: Não deu nada.

Marília Gabriela: Deu sim.

Silas Malafaia: Deixa eu te falar uma coisa que é muito interessante. Não existe uma ordem cromossômica homossexual. Não existe gene homossexual. Existe ordem cromossômica de macho e de fêmea.

(72) **Marília Gabriela:** Nós estamos conversando e você disse assim...

Silas Malafaia: Ninguém nasce homossexual. Foi minha resposta pra você. E eu tenho argumento. O que que é a ciência? Ciência tem que ter observação. Por que evolução é teoria? Por que você não pode comprová-la na observação.

No excerto explicitado abaixo, percebemos que Malafaia constrói uma imagem de identificação que se constitui no *ethos* de vítima. Pelo exemplo, percebemos que ele se vitimiza para desqualificar os homossexuais e colocá-los como errados e deslegitimar seus direitos. Malafaia tem o propósito de mostrar que os homossexuais são pessoas agressivas, que requerem seus direitos, mas de forma privilegiada e a partir da ação de violência.

(73) Eu fui ofendido com a suástica. Na reunião da comissão com a cidadania, botaram meu nome com a suástica, que é crime no Brasil. Eles querem uma lei pra atacar, xingar, atingir quem eles querem e estarem protegidos acima de todos.

Nos excertos (74) e (75), o pastor utiliza a Bíblia como forma de alegar que condena a homossexualidade, pois, segundo ele, este livro trata a homossexualidade como *um pecado claríssimo*. Podemos dizer que, ao utilizar a Sagrada Escritura como forma de justificar um de seus posicionamentos, Malafaia também utiliza o *ethé de credibilidade*, a partir da condição de *sinceridade* ou de *transparência*. Essa condição mostra que “o indivíduo pode ser julgado digno de crédito se houver condições de verificar que aquilo que ele diz corresponde sempre ao que ele pensa” (CHARAUDEAU, 2015, p. 119). Isso pode ser justificado pelo fato de ele deixar explícito que suas exposições se referem a crenças e valores que condizem com os preceitos da Bíblia. Essa credibilidade advém do *ethos* de *competência*, pois como liderança religiosa esperamos que Malafaia seja um conhecedor dos preceitos da Igreja a qual lidera. Segundo Charaudeau (2015), para demonstrar *competência*, o argumentante precisa ter conhecimento profundo a respeito do domínio particular no qual exerce sua atividade. A partir da exposição da Bíblia, Malafaia espera que o interlocutor o reconheça por essa competência religiosa. Além do mais, ele espera demonstrar grande conhecimento científico ao justificar suas teses a partir de argumentos da ciência. As respostas convictas do pastor mostram um *engajamento* na

exposição de suas opiniões e demonstram que ele não se importa com as opiniões e julgamentos contrários.

(74) Então, a Bíblia define o que é pecado. Então, eu não estou aqui pra acusar A, B ou C. Estou aqui pra condenar o pecado. Então, na minha visão, ok? Crença e valores, da minha visão espiritual, do que eu creio na Bíblia. Homossexualidade, adultério, prostituição são pecados claríssimos à luz da Bíblia.

(75) Eu sigo aquele livro, é a única fonte de conhecimento filosófico, teológico, científico e vulgar. Não tem outro livro no mundo que tem essas quatro fontes de conhecimento. Só a Bíblia. Nenhuma verdade científica da Bíblia até hoje foi derrubada.

A Igreja, independente de sua vertente, protestante ou católica, se preocupa sempre em difundir um legado de amor e valorização do outro, de forma que prevaleçam valores como o respeito e a solidariedade para com o outro. Silas Malafaia, mesmo com a exposição clara de suas opiniões e convicções, preocupa-se em manter esse legado. Assim, pelo *ethé* de identificação, o pastor cria um *ethos de humanidade*, que é a capacidade do ser humano em demonstrar sentimentos em relação ao outro. Desse modo, nos excertos (76) e (77), ele manifesta publicamente um sentimento de afeto e amor em relação aos homossexuais, mas reitera que não concorda com o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. O *ethos de humanidade* se vê entrelaçado por um *ethos de sinceridade*, pois o pastor declara amor somente à pessoa, mostrando que a Igreja é compassiva e não subjuga o ser humano, mas ele demonstra sinceridade ao reafirmar que não concorda com a prática homossexual.

(76) Eu posso defender minhas teses com maior veemência possível e não significa que eu odeio as pessoas. Eu sou muito veemente para defender meus princípios, você mesmo já falou. Eu sou polêmico, meu jeito, defendo com muita vontade. Eu amo demais. Uma vez um repórter perguntou assim pra mim: “Pastor, se seu filho for homossexual como o senhor agiria?” eu amaria 100% e discordaria dele 100%”. Quem disse que amar é dizer amém?

(77) Eu amo os homossexuais, mas discordo 100% de suas práticas.

No excerto (76), percebemos que o próprio pastor se reconhece como polêmico e justifica essa sua característica através da sua capacidade de defender com veemência os princípios que julga corretos. Dessa maneira, confirmamos aqui a construção da imagem de polêmica que faz parte da identificação do pastor em questão.

De acordo com Charaudeau (2015), a forma de falar se apoia principalmente na vocalidade, que se distingue pelo *bem falar*, o *falar forte*, o *falar tranquilo* e o *falar regional*. Na fala do pastor, identificamos os dois primeiros procedimentos. O *bem*

falar relaciona-se à utilização de uma linguagem padrão, da norma-culta, que evidencie qualidades do orador e sua posição elevada na hierarquia social. Silas Malafaia, além de pastor, líder religioso e conferencista no Brasil e no mundo, também possui ensino superior, visto que é formado em Psicologia. Devido à sua posição social, é esperado que o pastor faça uso de construções linguísticas elaboradas que estejam de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa. Porém, percebemos que a fala de Malafaia é marcada por algumas construções informais, sem sentido completo e com alguns problemas de concordância verbal e nominal, o que nos leva a dizer que ele não se encaixa totalmente no “bem falar” expresso por Charaudeau (2015).

A elevação do tom de voz do pastor, que se sobressai principalmente nos momentos em que ele se vê contrariado, ajuda na construção da imagem de um ser forte com grande capacidade de liderança. Essa característica está ligada ao *falar forte*, que, segundo Charaudeau (2015), ajuda na construção da imagem de um líder poderoso e combativo. Segundo o autor, para *falar forte*, a dicção do argumentante não pode ser nem muito lenta nem muito rápida, apenas relativamente acelerada. O *falar forte* do pastor está ligado à sua frequente gesticulação durante a entrevista, o que nos permite constatar que os gestos e sinalizações utilizados durante sua fala combinam com sua tonalidade de voz. Isso propicia a formação de um conjunto que constrói um líder forte, que pretende vencer pela palavra e incisão na forma de falar.

4.8. Analisando o estrato visual e fílmico no espaço midiaticizado

No que se refere ao processo de midiaticização do discurso religioso, entendemos que o referido discurso se apropria do discurso midiático e, conseqüentemente, se adequa a algumas de suas características para que seu objetivo de captação e persuasão seja alcançado. Dessa maneira, ao trabalharmos com o discurso televisual, visto que nosso objeto de estudo são entrevistas midiáticas, temos que nos ater ao fato de a televisão ser formada pelo estrato verbal e não verbal e perceber que ambos devem ser considerados ao tratarmos desse tipo de dispositivo. Isso se deve ao fato de o estrato visual e fílmico propiciar ao telespectador a construção de sentidos que contribuem na interpretação dos enunciados televisivos. Segundo Soulages (2008), cada programa televisivo se apropriará de elementos específicos que englobam as formas verbais e icônicas de modo que o interlocutor possa apreender o efeito de sentido pretendido pelo enunciador naquele momento.

Para percebermos o uso desses elementos no nosso *corpus* de pesquisa, apresentaremos a seguir uma análise descritiva e interpretativa no que tange à encenação televisiva estudada e, para isso, trabalharemos primeiramente com a análise dos *signos figurativos*, a partir das *formas de visualização* encontradas durante as entrevistas. Posteriormente, nos preocuparemos em analisar os *signos não figurativos*, a saber, a cor, a luminosidade e as formas. Além disso, também analisaremos os signos ligados estritamente à análise fílmica, como os planos e os ângulos de filmagem. As duas entrevistas serão analisadas conjuntamente, pois acreditamos que muitos elementos serão recorrentes entre elas, visto que se trata de um mesmo programa, que possui a mesma estrutura para todos os convidados. Nossa análise se pautará na interferência direta da instância midiática na encenação, devido ao fato de essa contribuir efetivamente para construção de uma imagem do programa.

Como a interação analisada é uma entrevista, as formas de visualização se dão principalmente a partir das trocas de turno entre os parceiros. Entretanto, é importante destacar que muitas vezes há a quebra desses turnos, já que um pode interromper a fala do outro e colocar seu ponto de vista como predominante. Há em evidência três formas de visualização, uma em que o religioso aparece sozinho no vídeo, normalmente quando está respondendo a alguma pergunta, outra em que a apresentadora aparece sozinha, no momento em que ela está com a palavra e, por fim, as cenas que focalizam os dois sujeitos juntos.

Quanto à análise dos signos figurativos, podemos dizer que as entrevistas analisadas são construídas em um cenário simples, no qual predomina a cor preta e que possui uma grande mesa de vidro que separa entrevistador e entrevistado. Sendo assim, cada entrevista é feita com a participação de dois sujeitos, a saber, a entrevistadora, que norteia e dirige a entrevista, e um convidado que se encontra naquele momento em posição de entrevistado.

É interessante destacar que, nas cenas em que os dois sujeitos aparecem, há sobre a mesa da entrevistadora papéis que provavelmente trazem informações sobre as discussões que serão feitas durante o programa, como mostrado nas figuras 9 e 10. Isso evidencia a preocupação do programa com as perguntas que serão feitas aos entrevistados, que provavelmente são selecionadas pela instância midiática levando em consideração os sujeitos entrevistados e a finalidade de captação e de audiência visada pelo programa. Do lado no qual se situa o pastor Silas Malafaia, também há a presença

de diversos papéis, que ele utiliza durante a entrevista como fonte de demonstração e comprovação do que está sendo dito, como podemos ver na figura (10). São esses papéis, a Constituição de 1988 e a Declaração do Imposto de Renda dos seus bens. Ao levar os documentos, Malafaia tem o propósito de passar credibilidade apresentando provas que comprovem o que ele está falando. A análise do estrato visual e fílmico será ilustrada a partir de imagens, como as que se seguem, que foram retiradas do site Youtube.



Figura 9 - Cena em que aparecem Fábio de Melo e Marília Gabriela



Figura 10 - Cena em que aparecem Silas Malafaia e Marília Gabriela

Na análise dos signos não-figurativos, apresentaremos, em um primeiro momento, uma análise da *cor*, que é vista nos estudos sobre iconicidade como um elemento antropológico e cultural. Preocuparemos-nos, então, em analisar as cores

predominantes no cenário do programa, já que essas são de responsabilidade da instância midiática, que comanda o programa. Nas imagens abaixo é possível visualizarmos todas as cores que estão presentes nas entrevistas analisadas²¹:



Figura 11 - Silas Malafaia e Marília Gabriela

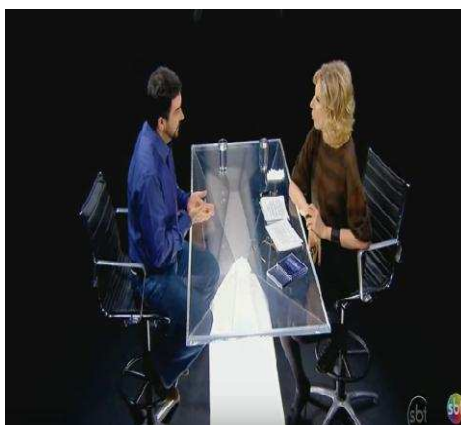


Figura 12 - Padre Fábio de Melo e Marília Gabriela

Primeiramente, percebemos que, nas duas entrevistas predomina a cor preta no cenário simples do programa. Logo, podemos afirmar que o uso dessa cor reflete a intencionalidade em destacar os sujeitos em cena durante a entrevista. Segundo Guimarães (2004), o preto representa luto e morte e é uma cor que traz medo. Porém, esse mesmo autor revela que, em determinados casos, o preto está associado à autoridade, ao respeito e ao temor. Assim, ao ser utilizado apenas um fundo negro no cenário, subentende-se que o programa deseja transmitir seriedade e credibilidade, de modo a não desviar a atenção do interlocutor, mantendo-o focado no diálogo daquele momento.

No que diz respeito à luminosidade, observamos que a luz é totalmente voltada para os sujeitos, de modo a destacá-los, evidenciando, mais uma vez, a preocupação em

²¹ A maioria das imagens utilizadas nessa análise foi retirada da própria entrevista, pela ferramenta *printscreen* do *Windows*. As imagens estão disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=yCAu0V_Tq7w e <https://www.youtube.com/watch?v=TmHw0Xt9FXI>. Acesso em: 07 out. 2016.

focar os protagonistas da cena e o diálogo entre eles. Podemos dizer que, pelo fato de nos dois diálogos haver ausência ou quase ausência de ação, a luminosidade serve para destacar as expressões dos sujeitos, que muitas vezes são elementos relevantes para a interpretação do diálogo.

Partindo para a análise dos estratos ligados diretamente à comunicação fílmica, nos deteremos primeiramente em abordar, de forma conjunta, as questões das variáveis proxêmicas e da escala de planos. Segundo Melo (2003), “essas estão intimamente ligadas, sendo o tipo de distanciamento desejado com relação aos personagens focalizados determinantes para a escolha do tipo de enquadramento a ser adotado” (MELO, 2003, p. 160). Podemos dizer, então, que, nas duas entrevistas, predominaram o primeiro plano correspondente à distância pessoal; e o plano geral que está ligado à distância pública.

Quando os sujeitos aparecem separadamente em cena, as duas entrevistas apresentaram divergência na escolha dos planos. Na entrevista do padre Fábio de Melo, como podemos observar, nas Figuras 13 e 14, houve uma grande recorrência do *plano próximo*, no qual os personagens aparecem enquadrados da metade do tórax para cima. Já na entrevista do pastor Silas Malafaia, predominou o uso do *primeiro plano*, pelo qual os sujeitos aparecem na tela dos ombros para cima com um foco em suas expressões faciais, como expresso nas figuras 15 e 16. Levando em consideração que cada enquadramento cria um efeito de sentido diferente, e quanto mais próximo for esse enquadramento, mais emoção e dramaticidade a instância midiática confere à cena, podemos dizer que houve a preocupação em acentuar essas características na entrevista do pastor Malafaia.



Figura 13 - Padre Fábio de Melo



Figura 14 - Marília Gabriela



Figura 15 - Silas Malafaia



Figura 16 - Marília Gabriela

O uso do *primeiro plano* na entrevista do pastor Silas permite ao interlocutor perceber com mais detalhes as reações diversas desse sujeito que é altamente expressivo e gestual e demonstra através dos olhares e gestos sentimentos ligados ao nervosismo, à exaltação e à insatisfação, como podemos ver na imagem abaixo:



Figura 17 - Silas Malafaia

O *plano próximo*, que enquadra os personagens do tórax para cima e permite visualizar um pouco do cenário, também foi frequente em cenas em que os dois sujeitos apareceram juntos, como podemos ver abaixo. Podemos ressaltar que a escolha do primeiro plano vem mais uma vez realçar a intencionalidade do programa em destacar os protagonistas da cena.



Figura 18 - Padre Fábio de Melo e Marília Gabriela



Figura 19 - Silas Malafaia e Marília Gabriela

No *plano conjunto* há o enquadramento completo dos sujeitos em cena, sendo que os personagens aparecem de corpo inteiro na encenação e identificamos também o cenário, como podemos ver nas imagens a seguir:



Figura 20 - Padre Fábio de Melo e Marília Gabriela



Figura 21 - Cena em que aparecem Malafaia e Marília Gabriela

Na Figura 21, depreendemos que há uma diferença em relação à Figura 20, que corresponde à entrevista do padre Fábio de Melo. Em virtude disso, acreditamos, mais uma vez, que o interesse da instância midiática em retratar a entrevista do pastor Silas de forma mais próxima, é para atribuir mais emoção e dramaticidade ao diálogo. Assim, utiliza-se, na entrevista desse pastor, nos momentos em que os dois sujeitos aparecem dialogando, o uso do *plano geral*.

Em relação às variáveis proxêmicas, levamos em consideração a distância entre entrevistadora e entrevistado, e a distância entre os sujeitos da cena e o público. Nas duas entrevistas, a distância entre o religioso e a comunicadora é fixa e é definida pelo

tamanho da mesa. É possível percebermos que eles se encontram muito próximos, apesar de haver um obstáculo que os separa, marcando, desse modo, certa hierarquia entre ambos. Há, portanto, a predominância da *distância social*. No que tange à distância entre os sujeitos e o público, percebemos que cada enquadramento utilizado cria uma distância diferente. Nas cenas em que aparecem o *plano próximo* e o *primeiro plano* há a criação da *distância pessoal*. Nas cenas em que são visualizados os dois sujeitos, cria-se a *distância pública*.

No que diz respeito aos ângulos de filmagem, podemos dizer que houve predominância do ângulo *horizontal*. Com esse ângulo, a câmera fica localizada à altura do olhar dos personagens focalizados, podendo haver, então, uma tomada frontal ou uma tomada lateral. Na entrevista, tivemos as duas tomadas. Nas cenas em que os sujeitos apareceram sozinhos, predominou a tomada frontal e também a lateral, como observamos nas figuras (22), (23), (24), (25). Nas cenas em que os dois apareceram, houve uma predominância da tomada lateral, como visualizamos nas figuras (26) e (27). Podemos dizer que a escolha desse tipo de angulação diz respeito a uma representação analógica que não altera nem cria efeito de sentido.



Figura 22 - Padre Fábio de Melo



Figura 23 - Marília Gabriela



Figura 24 - Marília Gabriela



Figura 25 - Silas Malafaia



Figura 26 - Cena em que aparecem Fábio de Melo e Marília Gabriela



Figura 27 - Cena em que aparecem Silas Malafaia e Marília Gabriela

Na análise das sequências, iremos descrever os *parâmetros de roteiro*, os *movimentos de câmera* e as *montagens* utilizadas na execução das entrevistas. Como sabemos, o programa *De frente com Gabi* era exibido semanalmente no SBT e contava com um cenário próprio dentro da emissora. Em virtude disso, as duas entrevistas analisadas, como todas as entrevistas feitas por Marília Gabriela, se desenvolveram em um ambiente interno com dois personagens em cena, dialogando. De acordo com Melo (2003), o espaço interno e o não deslocamento dos personagens favorece o uso de câmeras mais estáticas, o que nos levou a perceber o uso constante de *zooms*, principalmente na focalização dos personagens individualmente. No que diz respeito às montagens, as entrevistas adotaram as *montagens de continuidade*, que não comprometem a encenação desenvolvida.

4.8.1. Analisando a dimensão discursiva da comunicação fílmica

No que diz respeito à dimensão discursiva, nos preocuparemos primeiramente com a descrição e a interpretação da organização enunciativa da comunicação fílmica estudada. Primeiramente, identificaremos os dispositivos enunciativos próprios das entrevistas midiáticas e, em seguida, faremos uma análise que abarque a enunciação visual no gênero entrevista jornalística. Como vimos, Soulages (2008) nos mostra que a comunicação televisual é formada a partir de três dispositivos enunciativos. Entretanto, nos deteremos, nesse momento, a analisar o dispositivo que se encaixa no gênero trabalhado, a saber, o dispositivo de mostração.

O dispositivo de mostração é responsável por configurar os enunciados de realidade e remeter a um destinatário específico. Por se tratar de um programa que trata

de assuntos sociais e polêmicos fundamentados na realidade e que destaca sujeitos reais, podemos afirmar que o programa *De frente com Gabi* se encaixa na descrição acima. No dispositivo de mostraçãõ, o que está sendo discutido ganha um efeito de transparência e oferece ao telespectador uma conexão com a realidade e com a verdade. Logo, nas entrevistas analisadas percebemos essa preocupação do programa em discutir temas que remetem à realidade social a partir da perspectiva das Igrejas.

4.8.2. A argumentação na comunicação visual: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*

As nossas entrevistas são de essência argumentativa, visto que os religiosos utilizam em suas respostas discursos que pretendem atingir um ideal de persuasão e consequentemente convencer o seu destinatário. Nos textos escritos, algumas marcas e pistas textuais são essenciais para que percebamos essa argumentação, que se dá, na maioria das vezes, de forma explícita. Entretanto, a comunicação visual também nos fornece algumas marcas que revelam argumentos por parte dos sujeitos. Porém, essa argumentação icônica não se dá de forma explícita, mas pode ser vista através do tripé *logos, ethos e pathos*, trazido por Aristóteles como a base da argumentação e recuperado por Soulages (2008) no estudo dos discursos televisuais.

De acordo com Soulages (2008), a *palavra do logos* é recorrente em programas que tratam de interesse público, no qual fazem parte, convidados e um jornalista que norteia a conversa. Levando em consideração essa definição do autor, podemos dizer que o *corpus* do nosso trabalho se encaixa nessa classificação, sendo que o espaço da troca se estabelece a partir de um cenário simples e austero, com a presença frontal dos sujeitos. De acordo com Soulages (2008), no que se refere ao conteúdo, há no espaço descrito a construção de discursos voltados para o interesse público, nesse caso, centrados nas expectativas e posicionamentos das Igrejas. Esse autor também destaca a figura do mediador que contribui para a argumentação, sendo que, nas entrevistas estudadas, vemos claramente essa contribuição. A apresentadora não é apenas alguém que se responsabiliza por fazer perguntas, mas ela também se envolve, questiona e mostra sua opinião e muitas vezes sua insatisfação diante das colocações expressas.

Os discursos muitas vezes são responsáveis por suscitar diversos sentimentos nos interlocutores, desse modo, os sujeitos falantes, na maioria das vezes, utilizam de uma argumentação patêmica de modo a persuadir e convencer a partir de demonstração de afetividade e sentimentalismo. Soulages (2008) diz que a *palavra do pathos* permite

que as comunicações televisivas se transformem em espaços teatralizados que se preocupam em transmitir um “efeito puramente alegórico de compartilhamento da palavra.” (SOULAGES, 2008, p. 271). De acordo com esse autor, essa encenação midiática tem por objetivo despertar no telespectador afetos e atitudes que permitem que, a partir da fala do outro, o interlocutor possa se reconhecer e ver suas próprias experiências. Em virtude disso, podemos dizer que as encenações trazidas pela televisão são responsáveis por suscitar diversas reações e sentimentos no interlocutor, sendo que esse pode concordar, discordar e até mesmo se apropriar do que está sendo divulgado.

Nas entrevistas analisadas, o que predomina são as respostas pautadas em justificativas ligadas à Igreja e em posicionamentos religiosos, que muitas vezes são desqualificados pela sociedade, por se tratarem de pensamentos tradicionalistas e conservadores. Entretanto, sabemos que ainda hoje as religiões apresentam um forte poder de persuasão e continuam tendo um papel primordial como formadora de opinião. Assim, no que diz respeito aos sentimentos suscitados pelas falas dos religiosos, podemos dizer que há a predominância da apreciação e da afetividade em relação aos interlocutores que concordam com os posicionamentos expressos pelos religiosos, mas também há a desqualificação e depreciação do público que é contrário aos discursos tradicionalistas impostos pelas Igrejas. Na medida em que esses religiosos aparecem em um programa midiático, sabemos que há o interesse de que o público tenha acesso aos posicionamentos que são dispostos e possa também ter sentimentos e afetos que fazem com que as ideias manifestadas sejam vistas como verdadeiras e incorporadas pelos telespectadores.

De forma a alcançar credibilidade e se tornar aceito é essencial que o falante, durante sua argumentação, construa imagens de si que o tornem benquisto pelo seu interlocutor. Soulages (2008) nos diz que, na comunicação fílmica, a palavra do *ethos* se fundamenta a partir do falar de si, sendo que os sujeitos são focalizados a partir de variados efeitos visuais, como cores e luzes, que servem para acentuar e destacar sua presença no cenário. Assim, o que importa é a “performance” discursiva dos protagonistas, através de um jogo catódico em torno da manutenção e da valorização da face de diferentes convidados” (SOULAGES, 2008, p. 273). Dessa maneira, nas entrevistas analisadas, o *ethos* se fundamenta a partir da visualização dos sujeitos em cena. A luminosidade no cenário escuro faz com que o foco seja os sujeitos protagonistas e, conseqüentemente, a performance discursiva de cada um deles dentro

dessa encenação. Assim, a forma como eles se portam diante das câmeras e as emoções que são retratadas pelos gestos e pelas expressões faciais permitem evidenciar de forma mais ampla essa performance. Podemos concluir, então, que a forma de falar e a postura dos religiosos acabam por evidenciar esse *ethos* que permite que o interlocutor se identifique ou não com essa imagem.

Nas entrevistas analisadas, é possível identificar o que o autor chamou de “falar de si”, principalmente no momento em que os religiosos são convidados a falar sobre sua vida pessoal e, no fim do programa, no quadro “bate – bola”, em que a apresentadora pede para que cada um deles se descreva a partir de sua própria perspectiva, como por exemplo, “padre Fábio de Melo por padre Fábio de Melo e “Silas Malafaia por Silas Malafaia”. Nesses momentos, é possível perceber o foco nos protagonistas, evidenciando ainda mais essa face do “eu”.

A própria postura, as formas de falar e as roupas utilizadas pelos religiosos contribuem na formação da imagem de si que cada telespectador já tem dos dois convidados, pois, por serem celebridades midiáticas, esses sujeitos estão constantemente na mídia e são alvo dela, o que os torna conhecidos e já faz com que o público tenha uma pré-imagem formada de cada um deles. No que diz respeito ao padre Fábio de Melo, a imagem que predomina é a do padre galã, que tem uma bela aparência física que se encaixa perfeitamente com sua postura serena e tranquila, fazendo com que, muitas vezes, o fiel o veja como um aconselhador e amigo. Em contrapartida, a imagem prévia de Silas Malafaia já se constrói a partir da polêmica e dos discursos extremistas que muitas vezes são enxergados de forma negativa pela sociedade, e pelos momentos de exaltação e nervosismo que transpassam esses discursos. Podemos dizer, então, que os dois sujeitos estudados são líderes religiosos e celebridades midiáticas, que utilizam muitas vezes discursos tradicionalistas em suas falas, mas divergem nas posturas e na forma como esses discursos são revelados.

4.9. A questão da sexualidade e da família nas entrevistas: análise dos imaginários

As duas temáticas analisadas nas entrevistas, sexualidade e família, se desdobram em alguns subtemas, abordados sob a perspectiva das Igrejas representadas. Os dois religiosos, cujas entrevistas foram estudadas, pregam as posições da Igreja que representam e querem, sobretudo, que o interlocutor reconheça essa instituição como tolerante. Entretanto, a sociedade contemporânea passa por um momento de constante

transformação cultural e social, culminando com o desenvolvimento de novos pensamentos e valores acerca de temas que são tratados de forma tradicionalista pela Igreja. Dessa forma, muitos ensinamentos transmitidos por essas instituições são vistos, hoje, como uma disseminação de doutrinas retrógradas. Contudo, cabe às Igrejas a sustentação de seus posicionamentos de modo que os seus fiéis ainda os reconheçam como verdades absolutas. Muitas vezes, a revelação dessas doutrinas será feita a partir de saberes que circulam dentro da nossa sociedade, e fica a cargo dos imaginários sociodiscursivos permitirem aos sujeitos, no caso, os religiosos analisados, criar visões e representações sobre o mundo e trazê-las para seus respectivos discursos. A partir disso, iremos identificar os saberes divulgados pelos dois religiosos, levando em consideração a perspectiva das instituições que representam. Esses saberes dizem respeito às representações sociais criadas em relação à sexualidade e à família.

No que diz respeito à entrevista de Fábio de Melo, o padre, ao falar de sexualidade, se atentou em compartilhar saberes sobre subtemas como a castidade e a pedofilia. Em contrapartida, a entrevista do pastor Silas Malafaia foi centrada no tema relações homoafetivas e, por isso, analisaremos os saberes compartilhados pelo pastor e por sua Igreja em relação a essa prática específica. No que tange à “família”, os saberes divulgados na entrevista do padre Fábio de Melo se centram, principalmente, em questões atuais que permeiam as relações humanas e familiares, como por exemplo, as relações virtuais e o mito do amor romântico. Em contrapartida, Silas Malafaia se deteve em discutir questões sobre o conceito de família.

Levando em consideração o que foi exposto, nos preocuparemos em identificar os imaginários que sustentam os saberes que foram divulgados nas duas entrevistas, analisando-as conjuntamente.

Ao refletir sobre a castidade, Fábio de Melo constrói um imaginário de que a castidade é uma escolha e, portanto, utiliza o *saber de crença de opinião coletiva*. Esse saber tem por finalidade diferenciar um determinado grupo de outro grupo, portanto, é responsável pela construção de uma identidade para um grupo específico. Nos exemplos abaixo, isso é evidente no momento em que o padre fala sobre os cristãos católicos, diferenciando-os dos não-cristãos. Percebemos que isso é uma forma de reforçar os deveres atribuídos a quem se reconhece verdadeiramente como católico. É revelado, portanto, um imaginário de que o verdadeiro cristão precisa ser obediente aos preceitos da Bíblia, que são transmitidos, também, pela figura do Pontífice Francisco, adaptando-

os, assim, à sua vida de fiel cristão. É interessante destacar que, com esse imaginário, o padre deseja ressaltar que a Igreja não irá mudar seu posicionamento, portanto, cabe ao fiel decidir se aceita ou não tal imposição.

(78) Eu acredito que nós no momento em que nós temos uma postura é natural contrariar muita gente. A igreja não tem a pretensão de agradar o mundo todo. A única coisa que a gente precisa fazer, a gente, a partir do momento que nós escutamos a palavra do papa, ela não tem a pretensão de ser para todos, ela tem a pretensão de ser para aqueles que são liderados por ele. Então é só a gente esclarecer bem. Eu sou cristão católico, então, a palavra do papa pra mim tem um peso, a palavra do papa me orienta. O papa não tem a pretensão do que ele diz pro mundo inteiro. Não. Pode ser como o homem que é, com a autoridade que tem, com o papel que tem como papa, ele até ser escutado por todos. É um homem que está fazendo uma liderança com a comunidade humana, mas agora, aquelas regras são para os católicos.

(79) Eu não sei se ela chega a perder fiéis. Eu acredito que muitos fiéis católicos, que vivem o dia-a-dia de uma fé, de um processo de fé, vai prestar atenção nisso. Talvez outros que não tenham convicções mais profundas, se dizem cristãos católicos e façam essas práticas todas aí, sem levar em consideração. Tudo depende, Marília, do nível de envolvimento que a gente tem com a fé.

Ainda refletindo sobre a sexualidade e falando sobre a importância da castidade para a Igreja Católica, o padre revela seu posicionamento sobre o uso dos métodos contraceptivos. Em virtude disso, ele espera que o fiel enxergue o porquê de a Igreja se manter a favor da proibição desses métodos. Essa posição da Igreja se torna extremamente polêmica, visto que a sociedade moderna e os órgãos governamentais responsáveis pela saúde pública são favoráveis ao uso desses métodos, visando à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e almejando também o controle da natalidade. Entretanto, o padre reforça uma ideia de que esses métodos contraceptivos contribuem para a construção de relações nas quais o amor não está presente. Temos, portanto, a utilização de um *saber de crença de opinião relativa*, a partir do qual cria-se um imaginário de que as relações sexuais devem ser praticadas somente após o matrimônio, pois subtende-se, na perspectiva do catolicismo, que ali não haja uma relação puramente sexual ou objetual. Ademais, na perspectiva da Instituição Católica, as relações sexuais devem ter como finalidade exclusiva a procriação e a preservação da família.

(80) O relativismo existe em todos os lugares. Pode ser que algumas pessoas não chegue nem a se incomodar com essa palavra que proíbe, que restringe ou que pode ter um discurso positivo sobre a camisinha, por exemplo. Eu acredito, esse é meu ponto de vista. Eu tenho muito medo quando a gente acredita que a camisinha possa nos livrar dos problemas da sexualidade. Eu

como padre, nos bastidores, eu vejo que o que fere não é a possibilidade de você se contaminar com o vírus, disso ou aquilo, precisa ser cortado[...]. [...]É real, mas o grande problema da sexualidade é quando as pessoas vivem relações objetivas. Quando não existe amor.

Dando prosseguimento à sua fala sobre a sexualidade, mais uma vez, Fábio de Melo expõe os motivos pelos quais a Igreja Católica se mantém contrária às relações sexuais antes do matrimônio. Para isso, o padre desqualifica tal prática. Há dessa forma, novamente, a revelação do *saber de crença de opinião relativa*, a partir do qual o padre apresenta o imaginário de que a castidade é o resultado de um sacrifício advindo de uma escolha individual. Ademais, esse sacrifício tem como responsabilidade livrar o cristão de problemas mais sérios, como uma possível destruição afetiva.

(81) Justamente, porque agora você é convidado a aprofundar suas riquezas humanas e a sexualidade faz parte dessas riquezas e pode ser, você sabe disso, que ela pode ser a porta para muitas destruições.

(82) Quando eu acredito no valor da renúncia. Quando eu acredito no valor do sacrifício. Quando eu acredito no valor da sublimação.

Finalizando a explanação sobre a importância da castidade, Fábio de Melo trabalha com um *saber de conhecimento de experiência*, que se preocupa em trazer a revelação de uma verdade sobre um determinado fato. O padre justifica seu posicionamento em relação à castidade mostrando que não se trata apenas de uma prática religiosa, já que, na idade média, isso se tratava de algo comum entre os intelectuais que se dedicavam exclusivamente ao saber e à aquisição de conhecimento. O padre, desse modo, se coloca como alguém que possui um grande acervo cultural e um amplo conhecimento de mundo, podendo associar as práticas religiosas a outros grupos sociais. Nesse sentido, há o reforço do imaginário de que a castidade é um sacrifício, porém não se trata de algo imposto, mas de uma escolha.

(83) Veja bem, a castidade não é uma questão só religiosa. Na idade média, você tem intelectuais fazendo a opção pela castidade, porque eles compreendiam que a dedicação total ao conhecimento era importante. Eles não se dispersavam.

Ainda no que se refere à temática “sexualidade”, o padre fala sobre o subtema pedofilia. Essa prática é qualificada de uma forma negativa pelo religioso. A fala do padre a classifica como doença e crime, o que sugere que a mesma carece de um tratamento médico e legal. Por meio de um *saber de conhecimento de experiência*, padre Fábio de Melo ressalta a insatisfação da Igreja em relação aos atos de pedofilia e, sobretudo, à preocupação dessa instituição com os casos que são registrados dentro da

Igreja. Além disso, ele reforça a ação e o repúdio da Igreja Católica a tal prática. Entretanto, mesmo sabendo da existência dessa situação na Igreja Católica, o padre nos revela o imaginário de que essa prática é um problema psicológico ou mental e também um crime.

(84) Pela necessidade de se enfrentar a situação. Eu acho que nós não temos o direito de fingir que não existe. Eu acho que os bispos hoje, especialmente, no Brasil estão muito atentos a qualquer denúncia que há. Algum padre com possibilidade de estar envolvido com pedofilia, acho que é uma questão de polícia, é uma questão de justiça [...]

(85) É uma doença que precisa ser tratada e é um crime que precisa ser punido.

Diante do subtema “pedofilia”, Fábio de Melo tem a preocupação de ressaltar e deixar claro que tal prática não tem relação nenhuma com o celibato, visto que tal associação era inevitável, devido a inúmeras denúncias de padres e cardeais envolvidos em escândalos sexuais envolvendo crianças. No entanto, devido a essa imagem negativa associada à Igreja Católica, Fábio de Melo é enfático ao utilizar o adjetivo “ingrato” como forma de contestar a associação feita pela apresentadora do programa. Esse adjetivo reforça a insatisfação do padre diante do posicionamento da comunicadora e o classifica como incorreto e até mesmo inadmissível. Há, assim, a *revelação de um saber de crença de experiência*, pelo qual padre Fábio de Melo não permite uma associação direta dos atos de pedofilia à Igreja, ou seja, há uma defesa à Igreja Católica.

(86) Não. Seria ingrato. Acho que a pedofilia não passa pela questão do celibato.

A segunda temática retratada nessa análise é “Família”, assim, nesse momento nos preocuparemos em destacar os saberes que envolvem essa instituição a partir da perspectiva do catolicismo, pela fala do padre Fábio de Melo. Cabe ressaltar que, diante dessa temática houve a revelação de saberes de crença, relacionados principalmente às relações humanas, especificamente, os relacionamentos entre pais e filhos, os relacionamentos entre casais, e as relações via *Internet*.

No que diz respeito à família, Fábio de Melo nos revela que uma relação saudável entre pais e filhos deve ser construída baseada na confiança do pai em relação ao seu filho. Isso faz com que o padre alerte às famílias de que as expectativas frustradas dos pais não devem ser direcionadas aos filhos, pois esses não devem abdicar

de seus sonhos pelas expectativas dos pais. Cabe aos pais direcionar os filhos para a vivência de seus próprios objetivos, evitando, assim, uma perda de pertença desses filhos. Há, nessa fala, um imaginário de *saber de crença de opinião relativa*, sendo que Fábio de Melo compartilha um conhecimento a partir da análise de relacionamentos entre pais e filhos que culminaram em desastres devido à falta de estrutura dos pais. Fica, desse modo, um alerta aos pais e aos filhos.

(87) [...] Nas relações muitas vezes de pai e filho, Marília, a gente identifica esse processo. O pai jogando sobre os filhos todas as expectativas que ele tinha pra vida dele e querendo que o filho carregue o ônus de ter a realização dos sonhos dele [...].

Seguindo o mesmo raciocínio, Fábio de Melo fala sobre os relacionamentos entre casais que são fundamentados a partir do mito de um amor romântico. Pelo *saber de crença de opinião relativa*, Fábio de Melo se limita em desqualificar esse tipo de relacionamento, mostrando os riscos que uma relação idealizada pode trazer para o futuro de um casal. Esse tipo de relacionamento é classificado pelo padre como uma espécie de cativo que leva seus praticantes à ruína e proporciona a perda de tudo aquilo que realmente é importante para eles. Fica, novamente, um alerta, dessa vez, aos casais que pretendem construir um relacionamento duradouro e, conseqüentemente, uma família. Esse alerta é uma reflexão para que esses casais deixem de viver uma relação baseada na idealização e na construção de uma realidade que não existe de fato. O padre cria um imaginário de que relacionamentos duradouros devem ser estruturados a partir de uma realidade e não de uma idealização.

(88) Quando movidos por um mito de amor romântico, né? Isso é horrível nessas relações idealizadas. A gente não enxerga quem o outro é, mas a gente enxerga quem a gente imaginou, e faz com que o outro exerça um papel que não fira aquilo que a gente imaginou dele. Essas relações idealizadas são altamente prejudiciais, porque não tem autenticidade.

(89) É. Eu pego a experiência do sequestro do corpo, que é tão comum e todo mundo conhece tão bem. Quando alguém é retirado do seu horizonte sentido, daquilo que funciona pra ela, da casa, dos amigos, as pessoas, cachorro, papagaio, balaio de manga e é colocado dentro de um cativo. O que é um cativo? um lugar desconhecido, inóspito, onde ela vai ao ser confinada, sendo submetida às violências desse agressor. Então, ela vai se acostumando com essa situação. É interessante porque no sequestro do corpo há um determinado momento em que a vítima identifica isso: o meu sequestrador é que vai decidir por mim.

Em relação aos relacionamentos via Internet, Fábio de Melo age, mais uma vez, de forma a recriar e desqualificar esse tipo de vivência. Novamente, pelo

compartilhamento de um *saber de crença de opinião relativa*, o religioso se posiciona de forma contrária a esse tipo de relacionamento, alertando, mais uma vez, os seus interlocutores da necessidade de vivermos relações verdadeiras que nos propiciem a plenitude da vida, deixando de construir, assim, uma vivência baseada em mentiras ou idealizações. Essa é uma forma encontrada pelo padre de se posicionar contra as relações modernas que, cada vez mais, se pautam na *internet*, principalmente, nas redes sociais. Há, assim, mesmo que timidamente, uma crítica desse religioso às pessoas que abdicam da sua vida para viver em função de um mundo virtual, qualificado pelo padre como um mundo irreal.

(90) [...] Muitos relacionamentos virtuais, eles são feitos a partir de idealizações. Eu não digo pra você quem eu sou, eu digo pra você quem eu gostaria de ser. E você corresponde a essa mentira, e às vezes as pessoas perdem tempo, um tempo precioso de suas vidas alimentando esses papéis.

(91) [...] Onde estão as roupas que nos abrigam? essas roupas precisam ser reais, eu preciso ter amigos de verdade, eu preciso ter amigos que eu conheci defeitos, qualidades e elegi pra estarem ao meu lado. Muitas vezes, na relação idealizada, a gente não permite esse encontro, a gente abre mão do que é real e vamos viver imaturos a vida inteira com as frasezinhas do pequeno príncipe, que eu acho que deveriam ser abolidas da humanidade.

No que se refere aos imaginários sobre sexualidade, revelados na entrevista do pastor Malafaia, nos limitaremos a expor os saberes acerca das relações homoafetivas. A homoafetividade é exposta pelo pastor como um tipo de relacionamento que contraria a ordem natural da vida. Para chegar a essa conclusão, o pastor leva em consideração argumentos baseados na ciência e nas doutrinas da Igreja. Silas Malafaia defende um pensamento tradicionalista que se contrapõe aos novos valores que resultam de constantes mudanças sociais e culturais na contemporaneidade. No entanto, mesmo com essas transformações, ainda há um longo caminho a percorrer no que diz respeito aos direitos dos homossexuais, havendo, ainda hoje, cidadãos homossexuais, que sofrem com a homofobia. Logo, discursos autoritários e que nos levam a questionar a legitimidade dos direitos desse grupo ajudam a perpetuar o preconceito e contribuem para um atraso em relação às mudanças atuais.

É possível dizer que Silas Malafaia se preocupa em justificar seus posicionamentos a partir de argumentos com base científica, querendo passar uma imagem de credibilidade. Há no discurso do pastor a revelação de um *saber de conhecimento científico*, já que ele se preocupa em mostrar ao interlocutor que a

homossexualidade não existe do ponto de vista científico, criando dessa forma um imaginário de que essa prática é comportamental, que pode ser revertida, pois se trata de algo aprendido.

(92) [...] Eu mando vim na Genética. Quem pode dizer se alguém nasce gay ou não? Não é a psicologia, é a Genética. É a ciência. Igual aborto. Quem pode dizer onde começa a vida? É a biologia [...]

(93) Deixa eu te falar uma coisa que é muito interessante. Não existe uma ordem cromossômica homossexual, não existe gene homossexual. Existe ordem cromossômica de macho e de fêmea.

(94) Mas eu não vejo como doença. Vejo como comportamento. Não há nada de doença.

(95) Então, a homossexualidade... um homem e uma mulher por determinação genética, e homossexual por preferência aprendida ou imposta.

Continuando sua desqualificação em relação às relações homoafetivas, Silas Malafaia se volta para a deslegitimação dos direitos requeridos pelos cidadãos homossexuais. Ele se preocupa, por meio de um *saber de crença de opinião relativa*, em mostrar ao interlocutor que manifestações feitas por homossexuais em prol da igualdade de direitos são ilegítimas. Segundo o pastor, esse grupo não pode ser visto como marginalizado, pois possui todos os seus direitos garantidos por lei. Logo, o pastor cria em torno dos homossexuais um imaginário de que são essas pessoas mentirosas, que querem privilégios e direitos que lhes propiciem um tratamento diferenciado. Além disso, essas pessoas são colocadas pelo religioso como seres que visam à desordem pública e moral, através de ataques e brigas.

(96) A minha questão aqui no Brasil, a minha questão aqui no Brasil, é os direitos que eles querem em detrimento da coletividade. Se eu tomar um tapa na cara, é igual um homossexual tomar um tapa na cara. Se alguém me xingar, a lei tá igualzinha pra eles, se alguém xingar eles, filha.

(97) Eles querem uma lei pra atacar, xingar, atingir quem eles querem e estarem protegidos acima de todos.

O pastor faz uso de um *saber de crença de revelação*, ao tratar a homossexualidade como um pecado descrito pela Bíblia. Ao utilizar esse livro em sua argumentação, o líder religioso acredita fazer uso de uma fundamentação com valores de referência absolutos. Temos, nesse momento, a criação de um imaginário da homossexualidade como um pecado.

(98) Homossexualidade, adultério, prostituição, são pecados claríssimos a luz da Bíblia.

Além de fundamentar alguns de seus argumentos na Bíblia, o pastor também se vale do *imaginário de Tradição* para justificar seus posicionamentos. Desse modo, ao afirmar que a história da civilização humana é pautada na união entre homem e mulher, o líder religioso, ao falar de “família”, se propõe a mostrar que a relação entre pessoas do mesmo sexo não pode ser considerada uma forma de família, levando em consideração a história da humanidade. Segundo Charaudeau (2015), o imaginário de tradição é responsável por levar o sujeito ao encontro de suas fontes, baseando-se na *natureza*, na *pureza*, na *fidelidade* e na *responsabilidade*. Essas quatro características são responsáveis por mostrar ao homem suas origens e raízes, além de perpetuar sua identidade. Há também a necessidade de fazer valer um valor moral e uma fidelidade em relação às nossas raízes históricas, sociais e culturais. A partir disso, é possível dizer que esse argumento do pastor permite a criação de um imaginário da homossexualidade como algo incompatível com a natureza humana, ou seja, algo que não é natural.

(99) Toda história da civilização humana, toda a história. O que eu tô te falando é antropológico, sociológico e teológico. Toda história da civilização humana está sustentada num homem, numa mulher e sua prole.

(100) Eu não acredito que dois homens possam criar uma criança perfeita, no sentido total que você quer, como você cita, porque eu acredito que Deus fez homem e mulher e esses seres que se completam.

Ao deixar claro qual o verdadeiro modelo de família no qual acredita, o pastor revela-se contrário à adoção de crianças por casais homossexuais. Contudo, ele cria um imaginário da homossexualidade como algo imoral, ao afirmar que um casal do mesmo sexo não tem capacidade, principalmente, moral para criar uma criança e transformá-la em um cidadão de bem, garantindo todos os seus direitos. Isso pode ser verificado no exemplo (100). O pastor faz uso de um *saber de crença de revelação* como forma de justificar seu posicionamento, visto que utiliza o nome de Deus como justificativa para tal feito, atribuindo, dessa forma, a responsabilidade à doutrina cristã.

4.10. Análise comparativa

Partiremos, nesse momento, para uma análise comparativa das duas entrevistas estudadas nessa dissertação. Essa análise comparativa será feita levando em

consideração a noção de *constratividade* (CHARAUDEAU, 2005), que prevê o levantamento de semelhanças e diferenças em relação aos dados analisados.

Primeiramente, podemos destacar que a instância midiática, representada pelo programa, utilizou as visadas de informação e captação. Já a instância religiosa, na figura dos dois religiosos, trabalhou com a visada de informação, captação, instrução, sendo que o pastor Silas Malafaia utilizou também a visada de demonstração. Diferentemente do padre Fábio de Melo, o pastor se preocupou em apresentar documentos, como a Constituição Brasileira, para convencer o seu destinatário da veracidade dos fatos apresentados por ele, além de garantir a comprovação do que estava sendo dito. Dessa forma, percebemos que o pastor não utiliza apenas as palavras para fomentar sua argumentação, ele acredita que documentos possam ser utilizados como provas e ajudam a solidificar o seu discurso, fazendo com que o interlocutor reconheça sua fala como verdadeira.

Ao analisarmos a organização enunciativa das entrevistas, percebemos que, de uma forma geral, na entrevista do padre Fábio de Melo, tivemos a predominância da *modalidade elocutiva*. Ao utilizar esse comportamento, observamos, na fala do padre, o uso da 1ª pessoa do singular para responder a algumas perguntas direcionadas a ele. Na maior parte das respostas, a *modalidade elocutiva* se fez presente a partir da categoria modal de *opinião*. É possível dizer que Fábio de Melo respondeu aos questionamentos de forma a fazer ressaltar sua opinião pessoal, muitas vezes resgatando sua legitimidade como padre e, portanto, fazendo valer seu lugar de fala dentro desse discurso. Contudo, mesmo que o padre ressalte nas respostas o uso do “eu”, sabemos que seu discurso vem atrelado às doutrinas da Igreja Católica, cabendo a Fábio de Melo revelá-las e fazer com que os fiéis a adotem como verdadeira e absoluta.

A modalidade *alocutiva* também apareceu com frequência nas respostas do líder católico, a partir do uso do pronome de 1ª pessoa do plural (nós), do uso da forma pronominal (a gente) e também da referência ao interlocutor (você). O padre utilizou o pronome “nós” e a forma pronominal “a gente”, como forma de se aproximar do seu interlocutor. Assim, ele mostrou que também se reconhece como cristão e, portanto, precisaria agir como tal e se destacar como um exemplo. Ao falar da Igreja, Fábio de Melo também utilizou esse pronome e resgatou sua legitimidade e seu papel social de padre. Ao se dirigir diretamente aos seus interlocutores, o religioso utilizou, principalmente, o pronome “você”, pela categoria modal de *injunção*, na qual os

interlocutores são incitados pelo padre a realizar uma determinada ação. Desse modo, percebemos que, mesmo timidamente, o religioso teve o propósito de que o seu interlocutor realizasse algumas ações que são requeridas pelas doutrinas e ensinamentos católicos, para que, dessa forma, o destinatário pudesse ser reconhecido, possivelmente, como um cristão católico que vive efetivamente a sua fé. O *comportamento alocutivo* também se fez predominante nos momentos nos quais o religioso refletiu sobre as relações humanas. Nesse momento, o padre se projetou em seu papel enunciativo de aconselhador e dirigiu-se ao seu interlocutor, mais uma vez, pela categoria modal de *injunção*. Pelo uso desse comportamento, o religioso se preocupou em aconselhar e mostrar ao seu destinatário os caminhos que devem ser seguidos para a manutenção de relacionamentos saudáveis, sejam eles, entre pais e filhos, entre casais ou relacionamentos virtuais. Pela *injunção*, o padre aconselhou e utilizou uma fala que se assemelha, muitas vezes, a um discurso de autoajuda, que é um aspecto cultural extremamente presente na sociedade contemporânea. Na modalidade *alocutiva*, o padre utilizou, principalmente, as formas pronominais “a gente” e “você”. Portanto, em alguns momentos, ele se inseriu no discurso e se colocou lado a lado do seu interlocutor e, em outros, ele se referiu, especificamente, ao seu interlocutor, seja ele, a apresentadora ou o fiel.

Da mesma forma, na entrevista do pastor Silas Malafaia, foi perceptível que houve uma recorrência maior da *modalidade elocutiva*, pela categoria modal de *opinião*. Na fala do pastor, portanto, houve a revelação de discursos tradicionalistas defendidos pela Instituição Protestante da qual o pastor é líder. Por exemplo, nos momentos nos quais o pastor evidenciou sua *opinião* sobre a adoção de crianças por casais homossexuais. Contudo, ele teve a preocupação de salientar que essa opinião foi fundamentada a partir das doutrinas e conhecimentos teológicos que adquiriu ao longo de sua vivência, atribuindo, dessa forma, responsabilidade aos ensinamentos dispostos na Bíblia Sagrada.

O pastor também utilizou a *modalidade alocutiva*, ao dirigir-se especificamente à Marília Gabriela, seja pelo seu nome ou apelido, pelo pronome “você” e também pelas referências de “filha” e “querida”. Ao utilizar essas formas de referência à apresentadora, inferimos um tom pejorativo e de ironia, que nos mostra a força argumentativa do pastor diante contestações e reprovações da apresentadora. O pastor utiliza o pronome “você” dirigindo-se especificamente à apresentadora, respeitando

assim o protocolo da entrevista e se diferenciando do padre Fábio de Melo que engloba o fiel e o público em sua fala.

Nas duas entrevistas, a *modalidade delocutiva* ocorreu em momentos específicos. Na fala do padre Fábio de Melo, destacamos os momentos nos quais ele trouxe o papa e a Igreja Católica para o seu discurso. Na argumentação do pastor Malafaia, esse comportamento se revelou na medida em que ele colocou a Bíblia Sagrada em sua fala. Assim, essa modalidade serviu como forma de resgatar as doutrinas da Igreja, atribuindo a elas característica de uma verdade absoluta.

Analisando as estratégias argumentativas utilizadas nas entrevistas, observamos que os religiosos se posicionam em relação a seus interlocutores, fazendo uso de algumas estratégias discursivas com o intuito de estabelecer uma relação de acordo que se direciona aos seus interlocutores. Esses religiosos, através da tomada de posição garantida pela legitimidade de sua fala, buscam construir um objeto de saber através da persuasão e da sedução dos fiéis. Visando alcançar esse propósito, observamos na fala dos entrevistados argumentos baseados no desenvolvimento de um raciocínio que leve o interlocutor a uma verdade. Assim, objetivados pelo desejo de convencimento e persuasão dos fiéis, os religiosos trabalham com a lógica, a partir dos modos de raciocínio, além de utilizar os procedimentos semânticos, discursivos e de composição com a finalidade persuasiva.

Na fala do padre Fábio de Melo, o primeiro subtema referente à temática “sexualidade” diz respeito ao *uso de métodos contraceptivos*. Em relação a isso, percebemos que houve um predomínio dos modos de raciocínio de *dedução por silogismo*, baseada no modo de encadeamento *consequência implicativa*, através da qual o padre confirmou a não aceitação da Igreja Católica em relação ao uso desses métodos, justificando os motivos para tal atitude da instituição. Fábio de Melo também utilizou um *argumento baseado na estrutura do real*, o *vínculo causal*, que ajudou a reforçar esses motivos, focando na distinção entre aqueles considerados católicos e os não-católicos.

Ao refletir sobre a *castidade*, Fábio de Melo esclareceu que se trata de uma prática imposta pela Igreja Católica, que contribui para reforçar a distinção de quem é realmente um cristão católico e de quem não é. Como forma de defender esse posicionamento, Fábio de Melo se valeu da *explicação pragmática* e da *associação dos contrários* para ressaltar que a castidade exige um exercício de sacrifício que é proposto

pelo catolicismo e que exige do fiel o cumprimento de tal regra. Contudo, como forma de se mostrar tolerante e compassivo, o líder católico ressalta que mesmo sendo uma regra, ela é decidida unicamente pelo fiel. Para isso, o padre utilizou sua vivência sacerdotal como exemplo. Sobre esse subtema, o falante ainda utiliza um *argumento quase-lógico*, que é o *argumento pelo sacrifício*. Fábio de Melo utilizou também o procedimento discursivo *comparação objetiva* com o intuito de ressaltar que a castidade não é um sacrifício apenas do âmbito religioso, tendo citado como exemplo os intelectuais da idade média.

No que tange à *pedofilia*, o padre se preocupou em eximir a Igreja do papel de ter que se pronunciar a respeito dos atos de pedofilia, atribuindo responsabilidade à justiça e à saúde. Para isso, usou o modo de raciocínio *explicação pragmática*, baseada no escopo do *Necessário*, na medida em que o padre reconheceu a pedofilia como uma prática que permeia o meio religioso e precisa ser combatida. Porém, Fábio de Melo levou seu interlocutor a reconhecê-la como um crime e uma patologia, eximindo, assim, a religião de uma possível relação com esse mal. Em virtude disso, o padre trabalhou com argumentos ligados à justiça, trazendo, assim, o *Domínio do Ético baseado na Justiça*. Dessa forma, mostrou a necessidade da polícia agir sobre as denúncias de pedofilia, mesmo que sejam no âmbito religioso. Ainda como forma de reforçar seu ideal de persuasão, o padre também utilizou o procedimento discursivo de *definição*, através do qual classificou a prática como uma doença que exige um tratamento médico e um crime que necessita de uma punição legal.

No que diz respeito às relações homoafetivas, o líder religioso fez uso da *associação dos contrários* e da *concessão restritiva* como forma de justificar a tese principal sobre esse subtópico que é: *a Igreja precisa acolher as escolhas dos outros*. Desse modo, através de um paradoxo: *errado x correto*, o padre expõe a necessidade do acolhimento e da compreensão com o outro. Ao utilizar a concessão restritiva, podemos inferir que o religioso objetivou, através da legitimidade que sua posição de padre garante, mostrar que pode discordar das relações homoafetivas, entretanto, essa mesma posição exige a compreensão e o amor ao outro. Houve, dessa forma, na expressão de uma opinião pessoal do padre, a revelação da doutrina Católica de desqualificação das relações homoafetivas, portanto, há a prevalência do legado de amor e respeito ao próximo. Podemos dizer que a fala do padre nos levou a inferir que a homossexualidade é um comportamento, visto que é uma escolha e escolhas podem ser revertidas. De

forma a evidenciar esse legado como uma verdade absoluta, padre Fábio trabalha também com o *Domínio de Verdade*.

Como já foi explicitado, a entrevista do pastor Silas Malafaia, diferentemente da entrevista feita ao padre Fábio de Melo, teve como subtema central da temática “sexualidade”, as relações homoafetivas. Dessa forma, não houve possibilidade de comparação dos subtemas tratados pelo padre Fábio de Melo. Entretanto, a forma como os dois apresentaram seus argumentos merece uma comparação, que será feita ainda nesse tópico.

A tese principal defendida pelo pastor Malafaia foi que a prática das relações homoafetivas é comportamental, podendo, então, ser reorientada. Logo, a maior parte do discurso do religioso se preocupou em trazer argumentos que fundamentassem essa tese e fizessem o interlocutor reconhecer que se trata de uma verdade científica. Houve, dessa forma, uma aproximação com a ideia exposta pelo padre Fábio de Melo sobre as relações homoafetivas se tratarem de escolhas, sendo um comportamento que pode ser reorientado.

Pelo uso dos modos de raciocínio *dedução por silogismo*, *explicação* e, semelhante ao padre Fábio de Melo, o uso da *concessão restritiva*, o pastor Malafaia baseou-se na ciência e na não existência de um *gene* que comprove a homossexualidade para persuadir o seu interlocutor de que a homossexualidade é comportamental. Ademais, o pastor também se preocupou com a deslegitimação dos direitos requeridos pelos homossexuais, alegando, firmemente, que esses já são reconhecidos em sua plenitude. Para isso, Malafaia trabalhou diversas vezes com o *argumento pelo exemplo*. Entretanto, é interessante ressaltar que o padre Fábio de Melo não se ateve a argumentos científicos para falar sobre essa prática e se limitou a desenvolver uma argumentação que o permitisse reconhecer a liberdade de escolha dos outros, mesmo estando em discordância com elas.

Os procedimentos semânticos como os *Domínios de Verdade* e o *Domínio Ético* também foram utilizados para reforçar os posicionamentos descritos anteriormente, principalmente no que diz respeito aos ensinamentos presentes na Bíblia Sagrada. Tanto a verdade científica quanto a verdade doutrinária são argumentos utilizados pelo pastor para fazer o interlocutor crer que a homossexualidade é uma prática infundada e não deve ser reconhecida como legítima, já que subverte os valores científicos, morais, cristãos e éticos. Como o pastor, na fala de Fábio de Melo, também há o uso do domínio

da verdade, como forma de destacar o amor e o respeito como primordiais no tratamento com o outro. Valores estes também resgatados pelo pastor Malafaia que alega amar os homossexuais.

Ao analisarmos o uso dos procedimentos discursivos pelo pastor, percebemos que ele se valeu amplamente desse recurso como forma de produzir um efeito de persuasão em seu interlocutor e, principalmente, para embasar a tese de que a homossexualidade é comportamental. Encontramos exemplos de *definição*, *citação* e *comparação*. Podemos dizer que, nessa temática, o pastor se diferiu de Fábio de Melo pelo uso de citação e argumento de autoridade, que não foram observadas na fala do padre. Em virtude disso, inferimos que Malafaia se preocupou em trazer credibilidade à sua fala, fazendo uso da citação.

Na segunda temática, Fábio de Melo falou sobre os subtemas: divórcio, casamento e relações humanas. Os dois primeiros subtemas são tratadas conjuntamente, na perspectiva de que a Igreja já considera o divórcio como uma prática necessária quando o casamento não é mais visto como uma relação saudável. Tal perspectiva também foi salientada pelo pastor Malafaia, que especificou que sua Igreja permite o divórcio, porém o pastor não desenvolveu o assunto. Sobre esses dois subtemas (casamento e divórcio) encontramos também exemplos de *comparação* e *citação*, além de um exemplo de *Domínio de Verdade*. É interessante destacar que o padre não se prolongou ao falar dos subtemas, se limitando apenas a mostrar que a Igreja Católica se preocupa em integrar os casais divorciados, tratando a instituição a qual representa como tolerante e acolhedora. O padre utilizou para isso, também, o *vínculo causal*. Ele também tentou mostrar, mesmo que, timidamente, como é possível que seu interlocutor reconheça um casamento que não é uma relação saudável.

Outro subtema discutido pelo padre Fábio de Melo na entrevista em questão são as relações humanas. Ao refletir sobre as relações entre pais e filhos, relacionamentos entre casais e relacionamentos virtuais, prevaleceu o predomínio do uso da *explicação pragmática*. Pelo uso desse modo de raciocínio, Fábio de Melo se ateve a discutir possíveis problemas que as relações interpessoais podem enfrentar. Nesse momento, o padre agiu como um aconselhador tentando direcionar o interlocutor a vivências que lhe proporcionem relacionamentos saudáveis e duradouros. Como forma de consolidar a argumentação desenvolvida sobre esse subtema, houve o predomínio, também, do

argumento de antimodelo, explicitado na Nova Retórica. Para isso, ele também utilizou os procedimentos discursivos de *definição e citação*.

Em relação à análise das imagens construídas pelos religiosos, com o intuito de reforçar a legitimidade e a credibilidade dos argumentos apresentados, ambos trabalharam com *ethé* diversos. No entanto, é interessante destacar que houve uma diferença entre as imagens construídas pelos sujeitos em questão. No que diz respeito ao padre Fábio de Melo, sobressaiu o “carisma” e a “face de galã” que se contrapõe à imagem de “polêmica” constantemente realçada pelo pastor Malafaia.

Na fala de padre Fábio de Melo, percebemos que na construção do *ethé* de credibilidade, sobressaíram as imagens de *sério, virtuoso e competente*. A postura séria e comprometida e o traje social são indícios que nos levam à construção dessa imagem de *sério*, que se completa ao observamos que o padre demonstra cuidado e preocupação com sua vida privada, não esquecendo suas origens e raízes. Nos momentos em que ele reconhece a dimensão da sua vida sacerdotal e a importância disso para os seus fiéis, além do reconhecimento das privações que esta vida lhe impõe, o padre constrói uma imagem de ser *virtuoso*. A *competência* é revelada a partir das figuras de saber e habilidade através das quais o padre se revela conhecedor das “engrenagens religiosas”. Em virtude disso, há a revelação de um extenso conhecimento teológico e doutrinário que, conseqüentemente, o capacita a exercer sua função sacerdotal.

Ao criar uma imagem de identificação com o destinatário, Fábio de Melo se preocupa em se mostrar um ser de *caráter, inteligente, humano* e também um *chefe*. Para isso, primeiramente, através da “força tranquila” e do “controle de si”, o padre constrói um *ethos* de caráter através de sua postura serena e tranquila. Essa imagem se contrapõe nitidamente à imagem construída pelo pastor Silas, que demonstra nervosismo ou tensão durante a entrevista. Vale ainda acrescentar que encontramos também a figura de “coragem”, através da qual, o sujeito defende os valores nos quais acredita. Assim, padre Fábio destaca essa figura na medida em que não se opõe aos dogmas e ensinamentos da Igreja Católica, sempre trazendo-os em suas respostas, mostrando assim que está em plena concordância com eles, mesmo que esses revelem ideais tradicionalistas.

É interessante destacar também que, Fábio de Melo, através da imagem de chefe se comporta como um *guia*, que aconselha e ajuda o seu interlocutor, principalmente ao fazer uma reflexão sobre os relacionamentos humanos. O *ethos* de inteligência

construído pelo padre se sobressai pela figura de “honnête homme cultivé” revelada nos momentos em que Fábio de Melo fala sobre sua vida artística, principalmente ao focar na sua vocação de escritor, devido ao fato de ele sempre falar sobre o livro de sua autoria “Quem me roubou de mim?”. Além de resgatar também sua vocação como cantor, falando sobre a gravação de seu DVD que teve a participação de um público de mais de 60 mil pessoas. Por fim, pela figura do *sentimento* e por demonstrar respeito e compaixão com o outro, o padre constrói uma imagem de humanidade, que se reflete no entendimento e na compreensão do fiel, principalmente, nos momentos em que ele assume não concordar com algumas escolhas de seus fiéis.

O pastor Silas Malafaia, como já discutimos nessa dissertação, é mundialmente conhecido devido às declarações polêmicas e tempestivas, que permitem que a sua imagem seja frequentemente associada à polêmica. Entendemos o discurso polêmico como aquele que se apoia na negação das ideias do outro. Em virtude disso, afirmamos que a imagem do pastor na entrevista é construída a partir da polêmica, principalmente, nos momentos em que ele não aceita as ressalvas da apresentadora e é enfático em fazer valer seu posicionamento. Além disso, o pastor também se atém a deslegitimar os direitos requeridos pelos homossexuais e a capacidade desses na adoção e criação de crianças. Como sabemos, a reiteração de posicionamentos como esses que se baseiam na tradição e na religião e acabam corroborando a perpetuação da homofobia e reforçando o tradicionalismo imposto principalmente pela Igreja. Juntamente à imagem de polêmica, percebemos também a construção de um *ethos* de vítima, que ajuda o pastor a solidificar o desejo de deslegitimação dos direitos dos homossexuais, pois esse cita um episódio no qual se diz ofendido por tal grupo como prova para a agressividade e violência dos homossexuais.

A partir das nossas análises, observamos também a utilização de procedimentos expressivos, ligados especificamente à fala dos sujeitos, que ajudaram na consolidação da imagem deles. Esses procedimentos nos permitem confirmar a existência de um contraste na imagem dos dois religiosos, sendo que padre Fábio de Melo se destaca pelo “bem falar” e pelo “falar tranquilo”, e Malafaia se sobressai a partir do “falar forte” e do uso de uma linguagem mais informal, que desrespeita, em alguns aspectos, a norma culta da língua. Podemos dizer que padre Fábio de Melo se expressou de forma contida e centrada, com um falar leve e tranquilo, que demonstrou seriedade e conhecimento. Em contrapartida, Malafaia se apresentou com uma fala forte, tempestiva e rápida, com

frequentes elevações de tom que mostrou nervosismo e inconformidade. Além disso, são frequentes os desvios gramaticais da fala do pastor que não se adequa ao ambiente formal ao qual está inserido.

Segundo Charaudeau (2015), a finalidade de persuasão é vazia de sentidos se os parceiros da linguagem não levarem em consideração o conhecimento a respeito da realidade e as visões de mundo. Diante dessa perspectiva, o autor nos diz que as representações do mundo são maneiras de discriminar e classificar, além de julgar os fatos do mundo. Isso é feito através de discursos que são envoltos por sistemas de pensamento, a saber, os saberes de crença e os saberes de conhecimento. Charaudeau (2015) ainda reforça que “à medida que esses saberes, enquanto representações sociais, constroem o real como universo de significação, segundo o princípio de coerência, falaremos de ‘imaginários’” (CHARAUDEAU, 2015, p. 203).

Ao analisarmos os imaginários construídos na fala dos ditos religiosos, percebemos o destaque de um pensamento tradicionalista baseado na religião. Primeiramente, ao falar sobre sexualidade, padre Fábio de Melo veicula o imaginário de que a sexualidade é uma prática que pode trazer sofrimento se não for administrada corretamente pelo praticante. Esse tema sexualidade envolve outros subtemas como a castidade e o uso de métodos contraceptivos e a revelação da doutrina da Igreja Católica, que defende a castidade e discrimina o uso dos métodos contraceptivos.

Na temática sobre sexualidade, o padre trabalhou principalmente com *saberes de crença de opinião relativa*, que revelaram julgamentos mais subjetivos a respeito dos fatos. Além disso, ele também utilizou os *saberes de conhecimento*, sendo que o de *experiência* foi o mais predominante. Analisamos, então, que Fábio de Melo não se preocupou em sustentar seus argumentos através de respaldo científico, mas argumentou através de fatos baseados em suas vivências e experiências. Em contrapartida, o pastor Malafaia, na temática sexualidade, veiculou imaginários de que a homossexualidade é uma prática comportamental, que pode ser reorientada e também é considerada um pecado. Para isso, o líder religioso utilizou principalmente os *saberes de crença de revelação* e os *saberes de conhecimento científico* que sustentaram as representações acerca dos imaginários veiculados. Visto isso, é evidente a intenção de Malafaia em assegurar autenticidade aos seus argumentos, utilizando tanto a ciência quanto a Bíblia para justificá-los.

No que diz respeito à família, Fábio de Melo criou imaginários em torno das relações humanas. Esses imaginários foram construídos de modo a desqualificar relações que se baseiam em idealizações, incentivando o interlocutor a perceber que as mesmas não são saudáveis. O padre utilizou, então, primordialmente, *saberes de crença de opinião relativa*, para criar imaginários de que relacionamentos saudáveis, sejam eles, de qualquer natureza, devem ser fundamentados na realidade e não na expectativa que o outro possa suprir nossas perspectivas ou desejos, ou seja, relacionamentos saudáveis não devem ser construídos sob a projeção do outro.

Silas Malafaia, ao refletir sobre Família, se baseou, principalmente, no imaginário de *Tradição*, por meio do qual revelou que o conceito correto de família é apenas aquele centrado na união entre casais de sexo oposto e sua prole. Esse pensamento, mais uma vez, revela posicionamentos retrógrados e tradicionais das doutrinas religiosas, que exclui as novas formações de família existentes na contemporaneidade, perpetuando, dessa forma, preconceito e segregação.

Analisando o estrato visual e fílmico das entrevistas, entendemos primeiramente que o discurso religioso se apropriou de algumas características próprias do contrato midiático para se efetivar. Percebemos que as duas entrevistas se diferenciaram em alguns aspectos, o que acabou influenciando no resultado da entrevista e naquilo que a instância midiática deseja que chegue ao interlocutor.

O programa *De frente com Gabi* apresenta um mesmo padrão para todas as entrevistas. Logo, no que se refere à análise dos *signos figurativos*, não encontramos diferenças. Ambas as entrevistas ocorreram em um cenário simples e escuro com uma mesa retangular que separava os entrevistados. As três formas de visualização encontradas são iguais nos dois programas. Da mesma forma, ao analisarmos os *signos não-figurativos*, como cor e iluminação, também notamos que não houve divergências, visto que houve uma predominância das cores sóbrias no cenário e na roupa da apresentadora, e a iluminação foi totalmente voltada para os sujeitos em foco.

As divergências encontradas nas entrevistas estão relacionadas aos estratos ligados diretamente à comunicação fílmica. Nas duas entrevistas, houve o predomínio do primeiro plano correspondente à *distância pessoal* e do *plano geral*, ligado à *distância pública*. Entretanto, a divergência principal está no fato de que o enquadramento dos sujeitos na entrevista do pastor Malafaia foi feito de forma mais aproximada, que garante um efeito de maior dramatização e emoção à cena. Isso nos

permitiu inferir que o programa teve a intencionalidade de destacar a entrevista do pastor Malafaia, que é mais polêmico e chama a atenção pela forma como desenvolve seus discursos.

Em relação aos *ângulos de filmagem*, nas duas entrevistas ocorreu o uso do ângulo horizontal e do ângulo lateral. No que tange aos parâmetros de roteiro, aos movimentos de câmera e às montagens também não foram encontradas grandes diferenças. As entrevistas foram feitas em ambiente interno com dois sujeitos dialogando e conversando. O espaço interno e o fato dos sujeitos permanecerem sentados e, portanto, não se deslocarem em cena, favoreceu o uso de *zooms*. Nas duas entrevistas, encontramos as *montagens de continuidade*.

No que diz respeito à organização enunciativa da comunicação televisual dos programas, percebemos que as duas entrevistas se destacam por se enquadrarem no dispositivo de mostração. Isso se deu devido ao fato de o programa estudado ter uma perspectiva social e abordar assuntos reais, destacando os sujeitos na realidade.

As duas entrevistas analisadas são de essência argumentativa, sendo que ao avaliarmos os elementos icônicos também observamos a existência de aspectos que permitem ao falante persuadir e convencer o seu destinatário. Pela argumentação do estrato visual e fílmico, as duas entrevistas apresentaram características que as fundamentam no tripé: *logos*, *pathos* e *ethos*.

A *palavra do logos* se manifesta principalmente pelo padrão do programa, que apresenta características específicas de uma entrevista jornalística, tanto no plano formal quanto no conteúdo. A *palavra do pathos* aparece nos momentos em que os interlocutores são tocados por sentimentos de apreciação e afetividade ou descontentamento e depreciação da fala dos religiosos. No que diz respeito à apresentadora, algumas vezes esses sentimentos são explícitos, visto que ela questiona e até mesmo se contrapõe ao que eles apresentam. Entretanto, em relação ao público, não é possível afirmar as reações e sentimentos suscitados por eles, devido ao fato de não estarem presentes no programa. Contudo, sabemos que eles podem apoiar as ideias expressas como também repudiá-las. Muitas vezes, esses sentimentos podem ser acompanhados pelas redes sociais, já que os internautas acabam utilizando esse espaço para comentar diversos programas em “tempo real” ou após o término das atrações.

A nossa pesquisa não objetivou aprofundar-se nos estudos de recepção, entretanto, pesquisamos, a título de curiosidade e exemplificação, a rede social *Twitter*,

com o intuito de encontrar postagens referentes às entrevistas, nas datas em que as mesmas foram ao ar no SBT. Objetivamos, com isso, destacar a interação do público e alguns sentimentos suscitados por eles durante a exibição das entrevistas.



Figura 28 - Imagem do *Twitter* sobre a entrevista de Fábio de Melo²²



Figura 29 - Imagem do *Twitter* sobre a entrevista de Silas Malafaia²³

²² Disponível em:

<https://twitter.com/search?f=tweets&q=Diferente%20daquele%20barraqueiro%20rsrs&src=typd>. Acesso em: 15 jan. 2017.

²³ Disponível em:

<https://twitter.com/search?q=hoje%20o%20mundo%20foi%20evangelizado%20por%20silas%20malafaia&src=typd->

<https://twitter.com/search?q=de%20frente%20com%20Gabi%3F%20ou%20de%20frente%20com%20Silas%20malafaia&src=typd>

<https://twitter.com/search?q=digno%20de%20aplausos%20essa%20entrevista%20de%20Silas%20Malafaia%20&src=typd>. Acesso em: 15 Jan. 2017



Figura 30 - Imagem do *Twitter* sobre a entrevista de Silas Malafaia²⁴

Na Figura (28), é possível identificarmos uma postagem referente à data da entrevista do padre Fábio de Melo ao programa “De frente com Gabi”. Conseguimos, através da imagem, ter uma noção a respeito da recepção favorável do público a essa entrevista. Os dois *posts* destacam características positivas e não poupam elogios à apresentação do padre. Vale ressaltar que todos os *posts* que encontramos referentes a essa entrevista foram com publicações positivas, não nos deparamos com postagens ofensivas ou depreciativas, o que confirma a imagem prévia do padre de um sacerdote querido e estimado pelo público, que conquista pelo seu carisma. As figuras (29) e (30), se referem à entrevista do pastor Malafaia e também foram publicados no dia em que a entrevista foi ao ar. Observamos, portanto, que houve divergências nas publicações. Na imagem (29), notamos uma apreciação positiva do público diante à fala do pastor. Percebemos que uma parcela de público apoiou e elogiou o discurso do religioso. Contudo, a imagem (30), evidencia uma desqualificação de alguns internautas ante a argumentação de Malafaia. São utilizados adjetivos e qualificativos negativos para se referir ao sujeito entrevistado, o que corrobora a ideia de que a entrevista não agradou a

²⁴ Disponível em:

<https://twitter.com/search?q=absurdo!%20amo%20gays%20como%20amo%20bandidos&src=typd>

<https://twitter.com/search?q=baita%20fanfarr%C3%A3o%2C%20liso%20demais&src=typd>

<https://twitter.com/search?q=d%C3%A1%20pregui%C3%A7a%20de%20falar%20da%20participa%C3%A7%C3%A3o%20do%20pastor%20Silas%20Malafaua%20no%20programa%20de%20frente%20com%20Gabi&src=typd> .

<https://twitter.com/search?q=s%C3%B3%20peguei%20os%20dois%20C3%BAltimos%20minutos%20do%20Silas%20Malafaia&src=typd>. Acesso em: 15 jan. 2017.

todos e ratifica também a imagem polêmica de Malafaia, que desagrada a muitas pessoas.

O *ethos* na argumentação do estrato visual se fundamenta a partir da performance discursiva do falante, sendo que, nessa entrevista, podemos destacar a visualização dos sujeitos no programa, o foco que a instância midiática concerne a eles, através do enquadramento mais próximo, cenário escuro e iluminação destacando apenas os sujeitos. Ademais, podemos citar os gestos, as formas de falar e a postura de cada religioso no programa. Quanto a isso, observamos uma divergência que diz respeito à forma como cada um dirige o discurso, e às características que se destacam na postura de cada um. Como já discutimos, houve o contraste do carisma *versus* a polêmica que fundamenta as entrevistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, com o desenvolvimento desse trabalho, analisar a relação de influência entre o discurso midiático e o discurso religioso, utilizando como *corpus* um programa no qual o foco não é a propagação e discussão de doutrinas. Neste trabalho, nos preocupamos com a forma como líderes religiosos de duas vertentes diferentes propagam os princípios de suas instituições e utilizam a mídia para divulgá-los e para captar devotos. Para isso, escolhemos o programa que era exibido semanalmente na emissora SBT *De Frente com Gabi* e selecionamos uma entrevista do padre Fábio de Melo representando a Igreja Católica, e uma entrevista do pastor Silas Malafaia representando a Igreja Protestante. Após a transcrição do *corpus* do *locus* oral para o *locus* verbal, dividimos as duas entrevistas em quatro temáticas, entretanto, trabalhamos apenas com a análise e a interpretação das temáticas “sexualidade” e “família”.

A análise comparativa desenvolvida nessa dissertação se propôs a descrever e a explicar as estratégias argumentativas utilizadas pelos religiosos como forma de desenvolver sua argumentação e atingir e captar fiéis. Buscamos, então, descrever o gênero entrevista jornalística focando no programa estudado; descrever e interpretar as principais teses defendidas pelos falantes e os argumentos utilizados para embasá-las; analisar as imagens construídas pelos religiosos; identificar e interpretar como ocorre a construção dos imaginários sociodiscursivos em torno da sexualidade e da família, além de analisar os componentes do estrato visual e fílmico das entrevistas em questão.

Mesmo se tratando de um programa no qual não predomina a doutrinação, evidenciamos que a escolha dos entrevistados, que são líderes religiosos e também apresentam uma projeção midiática, fez com que as perguntas escolhidas pelo programa e feitas pela entrevistadora apresentassem um cunho religioso e tivessem ligação explícita com a Igreja e as doutrinas que cada um defende. Assim, percebemos que nesse *corpus*, a instância midiática e a instância religiosa estavam em constante ligação para a efetivação dos propósitos de ambas, na medida em que os dois domínios se preocupavam com a divulgação de informações e com a captação de um determinado público. É importante ressaltar que o discurso religioso se adapta ao discurso midiático e a mídia cria esse espaço para a religião, o que proporciona a efetivação de uma troca de influências e de interesses.

Nessa troca, percebemos claramente que os dois domínios são recompensados. A instância midiática ganha, principalmente, ao expandir sua visibilidade, visto que o programa não possui cunho religioso e pode, dessa forma, alcançar um universo mais amplo e diversificado. E a instância religiosa pode aumentar sua popularidade, atingindo um número maior de pessoas e, conseqüentemente, alcançando mais adeptos. Ademais, também pode ser privilegiada no ponto de vista econômico e financeiro, devido ao fato de percebemos que o espaço do programa também foi utilizado para a autopromoção dos religiosos, que ganham com vendas de cds e livros, shows e ofertas para as Igrejas.

No que diz respeito à análise das temáticas e à forma como a argumentação se desenvolveu, percebemos que houve um contraste em relação à postura e ao estilo dos entrevistados. Ambos possuem posicionamentos conservadores e defendem pensamentos tradicionalistas que são perpetuados pelas Igrejas que representam. No entanto, observamos que Silas Malafaia, ao argumentar, se posiciona de forma polêmica, com um falar forte, que não se exime meio a contestações e reprovações. Entretanto, ele não se adequa perfeitamente ao ambiente ao qual está inserido, já que apresenta, muitas vezes, uma linguagem informal. É interessante destacar que, mesmo com sua postura radical e polêmica, Silas Malafaia possui um grande público que o acompanha e concorda com o que é expresso por ele. Já o padre Fábio de Melo, através de sua fala mais amena, tranquila e que demonstra seriedade, o que lhe faz, muitas vezes, ser associado a um guia e aconselhador, acaba transmitindo uma imagem de mais tolerância. Contudo, sabemos que as duas Igrejas representadas pelas falas dos entrevistados são tradicionais e, portanto, intolerantes no que diz respeito a diversas temáticas polêmicas.

O discurso polêmico utilizado pelo pastor também foi constantemente aproveitado pela instância midiática que se preocupou em ressaltar mais dramaticidade e emoção à entrevista desse religioso, visto que em relação à comunicação visual e fílmica, os enquadramentos e planos utilizados no programa em que o pastor foi entrevistado, foram mais próximos e destacou mais os sujeitos presentes na cena.

Ao pensarmos no tradicionalismo e na intolerância das Igrejas frente a tantas mudanças sociais e culturais, é extremamente válida uma reflexão a respeito da influência dos formadores de opinião nos dias de hoje. Como percebemos nas análises, mesmo com posturas e estilos divergentes, os dois religiosos acabam transmitindo ao

público discursos que podem incitar à violência, principalmente, no que se refere a temas como as relações homoafetivas. Entretanto, a Igreja como uma instituição que prega valores, como o respeito e o amor ao próximo, deveria ser mais tolerante e cuidadosa ao se posicionar e falar sobre determinadas temáticas, afinal, sabemos que essa instituição ainda influencia no pensar, sentir e também no agir de seus fiéis.

É importante frisar, então, que os dois religiosos, por meio de estratégias discursivas, procedimentos linguísticos e imaginários sociodiscursivos, se propõem a atingir seu destinatário, mostrando que a exposição de suas ideias devem ser reconhecidas como verdades absolutas e incorporadas pelo público. Talvez uma pesquisa mais aprofundada sobre a recepção do público quanto à figura desses sujeitos nos trouxesse uma noção maior da influência desses líderes religiosos na vida de seus fiéis, entretanto, conforme já salientamos, não tivemos como objetivo nesse trabalho um estudo sobre a recepção.

A presente pesquisa foi extremamente gratificante por conseguirmos adentrar em um caminho pouco explorado que é o discurso religioso e sua relação com a mídia. Fizemos a experimentação de uma metodologia que associa a análise do estrato verbal e não verbal e observamos que essa junção nos propicia uma diversidade de sentidos que talvez somente a análise do texto não nos proporcionaria. Além disso, percebemos que, mesmo sendo um gênero trabalhoso, principalmente no que diz respeito à transcrição do *locus* oral para o *locus* verbal, que muitas vezes não alcança todos os aspectos da oralidade, a entrevista midiática é um gênero que merece ganhar mais espaço dentro dos estudos discursivos e midiáticos. Isso se deve à sua função estritamente informativa, que nos permite entender o posicionamento de diversas instâncias diferentes, a respeito de temáticas semelhantes. Ademais, o contato direto com os entrevistados nos permite perceber sentidos através dos gestos, posturas, estilos, tomadas e retomadas de fala e pensamentos, o que muitas vezes a entrevista escrita não nos propiciaria.

Por entendermos a importância do discurso religioso e do discurso midiático na sociedade contemporânea, acreditamos que um trabalho como esse que resgata a interação entre essas duas instâncias e revela os posicionamentos, os interesses e as ideologias das mesmas, é extremamente relevante no sentido de trazer ao conhecimento do público a importância desse processo relativamente recente, mas tão presente nos dias atuais, que é a midiáticação do discurso religioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R; MONTERO, P. **Trânsito religioso no Brasil**. São Paulo em perspectiva. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300012. Acesso em: 25 ago. 2016.
- AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: _____. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2014a. p. 09-23.
- _____. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____. (org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2014b. p. 119-136.
- ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- ARISTÓTELES. **Retórica**, 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. A retórica da imagem. In: **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 27-42.
- BÍBLIA SAGRADA**. Português. Bíblia Sagrada: Nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- BESEN. **História da Igreja da idade apostólica aos nossos tempos**. Florianópolis: Editora Mundo e Missão, 2007.
- BHATIA, V. K. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (orgs.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2009. p. 159-195.
- BRAGA, J.L. Circuitos *versus* Campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JÚNIOR, J.; JACKS, N. (orgs.). **Mediação e Mdiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 31-52.
- BRANDÃO, H. Discurso e polêmica num debate político. In: **Rev. Inst. Est. Bras**: São Paulo, v. 37, 1994. p. 129-134.
- _____. **Introdução à análise do discurso**. 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

CHARAUDEAU, P. Análise do discurso, controvérsias e perspectivas. In: Mari, H. et alii (dir.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 27-43.

_____. Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: MARI, H. et al. (orgs.). **Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001, p. 23-38.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.; MELLO, R. (Org.). **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro : Lucerna, 2005. p. 11-27.

_____. "Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux", in Boyer H.(dir.), **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**, L'Harmattan, Paris, 2007.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Discurso Político**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FIEGENBAUM, R. Z. Miatização do campo religioso: tensões e peculiaridades de uma relação de campos. In: **UNirevista**, vol. 1, nº 3, jul, 2006. p.1-12.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 26ª ed. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FURTADO, E.J.C. Miatização e consumo no mundo digital: uma articulação de conceitos. In: **Encontro de GTS-Comunicon**, 4ª, Grupo de Trabalho Comunicação e consumo: materialidades da cidadania, 08 a 10 de outubro de 2014, São Paulo, ESPM-SP. Disponível em: www.Espm.br/download/Anais_Comunicon.../GT02_FURTADO.pdf. Acesso em: 20 jul. 2016.

GAARDER, J; HELLERN, V; NOTAKER, H. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GASPARETTO, P.R. **Miatização da religião**. Processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. Estudo sobre a recepção da TV Canção Nova. 2009.459 páginas. Tese de Doutorado. Unisinos – São Leopoldo.

GOMES, P. G. Processos midiáticos e construção de novas religiosidades: dimensões históricas. In: **Cadernos IHU**, ano 2, nº 8. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação**: construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

GUTIÉRREZ, L.I.S. A Miatização Televisiva da Religião. Uma experiência de pesquisa sobre os processos midiáticos e a religiosidade. In: **UNIrevista**, vol. 1, nº 3, jul, 2006. p. 1-13.

HADDAD, G. Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2014, p. 145-162.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. In: **Matrizes**: São Paulo, v. 8, n. 1, jan./jun. 2014. p. 21- 44.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LIMA, H. **Na tessitura do Processo Penal**: a argumentação no Tribunal do Júri. 2006. 260 páginas. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte.

LOCHARD, G.; SOULAGES, J.C. La ritualisation visuelle de ‘Ciel mon mardi’. In: **L’étude d’ un genre télévisuel: le “talk show”**. Rapport scientifique des équipes du CAD. Paris: Université de Paris XIII, 1993.

MACHADO, I. L. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MAINGUENEAU, D. **Termos Chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

_____. **Gênese do discurso**. Curitiba: Criar, 2007.

_____. Polifonia e cena de enunciação na pregação religiosa. In: LARA, G.M.P.; MACHADO, I.L e EMEDIATO, W. **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. Ethos, Cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 69-90.

MELO, M. S. S. **Estratégias discursivas em publicidades de televisão**. 2003. 302 páginas. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte.

_____. Pressupostos de uma Teoria Psicossocial do Discurso: A Semiologia. In: CATALDI, C; GOMES, M.C. A; MELO, M.S.S. (org.). **Gênero discursivo, mídia e identidade**. Viçosa: Editora da UFV, 2007. p. 105-113.

_____. O discurso religioso televisivo: a argumentação sob uma perspectiva discursiva na resposta a um protestante. In: **Cadernos Discursivos**, Catalão: Goiás, v. 1, n.1, ago./dez., 2013. p. 189-208.

_____. O argumento de autoridade como estratégia no discurso religioso midiático. In: **Anais do IV Simpósio Internacional de Análise do Discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

MENDES, E. Análise do discurso e iconicidade: uma proposta teórico-metodológica In: _____; MACHADO, Ida; LIMA, Helcira; LYSARDO-DÍAS, Dylia (orgs). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte; FAE/UFMG, 2013.

MILLER, T. A televisão acabou, a televisão virou coisa do passado, a televisão já era. In: FREIRE, J. (org.). **A TV em transição**. Tendências de programação no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009. p. 9-25.

MONTEIRO, D. S. **Mídia e religião**: a construção dos imaginários sociodiscursivos referentes ao papa Francisco nas notícias das revistas *Veja* e *Carta Capital*. 2015. Dissertação de mestrado. 120 páginas. Universidade Federal de Viçosa – Viçosa.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido por Pedrinho A. Guareschi. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NARDELLI, N. A construção do ethos como estratégia argumentativa: a polêmica sobre a avaliação da educação superior. In: **Revista brasileira de Estudo pedagógico**. Brasília, v. 90, n. 225, maio/ago., 2009. p. 290-310.

NETO, A. **Processos Midiáticos e construção de novas religiosidades**: Dimensões Discursivas. Porto Alegre: Editora Galáxia, 2001. p. 151- 164.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ª ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

_____. **Análise de discurso**: Princípios e Procedimentos. 10ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PATTON, M. Qualitative evaluation methods. In: ALVES, A.J.; MAZZOTI; GEWANDESZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. Pesquisa Cuantitativa e Cualitativa. 2ª ed. São Paulo: Afiliada, 1999.

PEREIRA, W. **Os imaginários sociodiscursivos na argumentação sobre a homossexualidade na revista Último**. 2014. Dissertação de mestrado. 169 páginas. Universidade Federal de Viçosa – Viçosa.

PEREIRA, J. C. Religião e poder: Os símbolos do poder sagrado. In: **Revista Eletrônica de Ciências Social**, vol 3, ano 2, 2008.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação** – A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PEIXOTO *et al.* A religião na mídia laica: os cadernos especiais “Ano 2000, busca pela fé” e “Religião”, **da Folha de S. Paulo. e-com**: Belo Horizonte, v.2, n.2, nov. 2008.

PIERRUCCI, A. F. Apêndice: as religiões no Brasil. In: GAARDER, J; HELLERN, V e NOTAKER, H. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 300-323.

PLANTIN, C. **A argumentação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REY, F. L. G. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomsom Lenairg, 2002.

SENNA, C. H. **Mediatização do campo religioso**: a recepção da celebridade Padre Fábio de Melo por seus fãs/devotos. 2011. 202 páginas. Dissertação de mestrado. PUC-Minas – Belo Horizonte.

SILVA, D.R. **Eu sou princesa, fora cachorrada**: uma análise do discurso da pastora Sarah Sheeva nos aconselhamentos sentimentais. 2014. 200 páginas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa – Viçosa.

SILVA, J. **GUEI**: nem comédia nem drama, um programa de TV contra o preconceito. Juiz de Fora: UFJF; Facom, 2. sem. 2004, 97 fls. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

SILVA, S.R.C.G. Protestantismo: surgimento, subdivisões, crescimento no Brasil e sua relação com a política, economia e educação. In: **Revista da Católica**: Uberlândia, v. 1, n. 2, 2009. p. 03-22.

SILVA, W. P. **A argumentação em crimes via telefone sob a perspectiva da Teoria Semiolinguística**. 2016. 176 páginas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Viçosa – Viçosa.

SOULAGES, J. C. **Les mises em scènes visuelles de l’information**. Paris: Nathan, 1999.

SOULAGES, J. C. Instrumentos de análise do discurso nos estudos televisuais. In: LARA, G.M.P.; MACHADO, I.L e EMEDIATO, W. (orgs.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 255-277.

STEIL, C.A.; TONIOL, R. O catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. In: **Debates do NER**: Porto Alegre, ano 14, n. 24, jul/dez., 2013. p. 223-243.

SOUSA, B.O. A teologia da prosperidade e a redefinição do protestantismo brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n. 11, 2011. p. 221-245.

WEBER M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** Trad. de José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, apresentação entre outras contribuições de Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia de Letras, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PADRE FÁBIO DE MELO

Legenda:

PF: Padre Fábio de Melo

MG: Marília Gabriela

MG: Ei, Sílvio, hoje eu estou de frente com um superstar da Igreja Católica. Padre Fábio de Melo atrai multidões para o seu show em todo o Brasil, vende milhares de CDs, aliás, um novíssimo aqui. CDs, DVDs e livros, mas ele gosta mesmo é do silêncio do sítio, onde em vive em Taubaté- SP. O sucesso e o assédio não desviam padre Fábio de seu papel principal, o de mensageiro da fé cristã. Aos 42 anos, Padre Fábio se mantém sereno e respeitoso sempre firme em sua missão espiritual. Mineiro da cidade de Formiga é sacerdote e professor, graduado em filosofia, pós-graduado em educação, hoje, escritor, cantor e apresentador de televisão.

PF: E filho da dona Ana.

MG: Filho da dona Ana. Padre Fábio, eu acabei de abrir o programa dizendo que você é um superstar e você é. A gente teve juntos naquele Sítio de Nazaré, aquele espetáculo de fé. Na varanda onde estávamos aquela multidão entrava em êxtase, gritava, aplaudia. Eu fico imaginando que deva ser pra você um exercício diário, difícil, o de controlar a vaidade.

PF: Com certeza. O ego é uma coisa que não para de crescer e ele é muito perigoso. Eu sempre digo que como liderança religiosa, o fato de nós sermos conhecidos se torna um risco muito grande. Eu tenho muito medo, sabe, Gabi. A vida que eu tenho, por causa das demandas que eu preciso ter. O fato de eu ter um trabalho artístico, um trabalho público. Eu tenho que ter assessores, eu tenho que ter um escritório, eu tenho que ter pessoas que cuidam de mim. Então, toda a vez que a vida me proporciona a autonomia dessa simplicidade, do despojamento, eu preciso viver senão eu corro risco das prisões do meu ego. De repente eu entro dentro de um contexto de ilusão porque a fama faz isso com uma pessoa e eu me desprendo daquilo que é o essencial e daquilo que é o fundamental. Sobre tudo, do motivo que me fez tornar-se conhecido, que é exercer uma liderança religiosa.

MG: Mas você tem por trás disso tudo, o exercício artístico era uma vocação...

PF: Era. Eu sempre me senti artista. Desde quando eu era criança. Acho que seria uma hipocrisia da minha parte dizer que sou um padre que não sou artista. Eu sou padre e também sou artista porque a arte faz parte da minha história. Eu, desde pequeno, sempre fui muito afeito às coisas belas, ao ofício de arquitetar as palavras, de compor. Então, eu não posso dizer que a arte não faça parte da minha vida. Eu acho que isso é tão religioso, né? Eu tenho muito medo quando a gente começa a seccionar a vida e começa a dizer: Isso é sagrado, isso é profano, isso é mundano. Isso não. A arte, ela é naturalmente religiosa.

MG: Mas quando é que a Igreja Católica aceitou isso como um fato e mais do que isso passou a usar esse talento artístico, permitir o talento artístico entre os seus pastores e tudo bem.

PF: Interessante que a beleza sempre fez parte do discurso religioso. Eu acho que a Igreja nasceu bonita, a Igreja nasceu bondosa. Ela nasceu verdadeira a partir das categorias aristotélicas de bondade, verdade e beleza. Eu acredito que nós tenhamos vivido e o Iluminismo foi o momento em que seccionou a beleza e a fé. E, desde então, a gente acabou vivendo...

MG: Acabou com a gente, acabou com as mulheres todas...

PF: Justamente, a gente viveu um período de muitas trevas do ponto de vista espiritual quando a gente começou a dissociar que o que é belo pode fazer mal ao coração do homem. A gente começou a entender assim. Muitos discursos religiosos supervalorizaram o sacrifício. Então, o ser humano tem que renunciar a tudo que é belo porque a beleza pode ser ardilosa, a beleza pode fazer mal e, infelizmente, a gente acabou vitimando muitas coisas boas e verdadeiras por causa desse discurso. Eu acredito que a gente tenha retomado muito isso, hoje, compreendendo a beleza como um ofício irrenunciável dentro do processo religioso. A retomada da beleza na liturgia, das vestes sacerdotais, então, e também da música presente dentro das nossas, nas liturgias pra gente rezar. Eu não consigo entender que nós podemos viver um processo religioso sem comportar essa dimensão estética.

MG: Mas você localiza historicamente quando é que começou a vir essa não apenas necessidade, mas tolerância ...

PF: Eu acho que quando a gente superou essa imposição que o iluminismo colocou.

MG: Mas é muito recente

PF: Muito recente, porque em outros tempos toda a arte que a humanidade conheceu era produzida dentro do contexto das Igrejas Católicas. A idade média, os monges, as produções literárias, as universidades, a arte sacra...

PF: Eu sou mineiro, eu sou barroco, eu tenho uma alma barroca. Então, eu sempre tive facilidade, Gabi, de entrar dentro de uma igreja e imediatamente identificar que eu estava dentro de um contexto sagrado porque a beleza me comunicava isso. A partir do momento que nós fomos retirando esses aspectos estéticos das nossas construções ou até mesmo uma preocupação um pouco mais apurada com a beleza dos lugares, a gente ficou muito prático, a gente construiu uns galpões e disse que aquilo ali era uma igreja. Então, hoje, a gente acaba vivendo um empobrecimento quando você não tem mais uma arte que te cala, que te proporciona uma experiência religiosa. Então é aquela necessidade...

MG: Ah, isso, acho que você colocou bem. Experiência religiosa.

PF: Eu não consigo distinguir, por exemplo, você vai a uma igreja, aquilo que você viveu no Sítio de Nazaré. Uma experiência religiosa, simples, popular, que mexe com a gente quando você vê. Cê tem elementos antropológicos riquíssimos e elementos teológicos riquíssimos. Só que quando você vai a um espetáculo de teatro, por exemplo, o mesmo acontece com você. Cê não consegue distinguir, aquele torpor que a arte proporciona ou quando você escuta uma orquestra sinfônica na sala São Paulo, o que aquilo lhe provoca? É religioso!

MG: Uma elevação

PF: Quando você sente que a sua alma, quando as suas escolhas, elas não cabem dentro do contexto que é objetivo. Eu sempre digo que os objetivos só são suportáveis quando eles estão permeados de realidades supérfluas.

MG: Muito bom! muito bom. Oh, Padre Fábio, você é o primeiro que vem aqui, primeiro religioso da Igreja Católica que vem aqui depois que o papa passou por esse país. Então, eu queria muito pra você explicar pra nós, o que é que se passou, o que existe por trás de cada fala do papa. Primeiro, você teve com ele?

PF: Sim, eu o recebi né? Eu cantei pra ele chegar. Eu fui convidado pela arquidiocese do Rio de Janeiro, na pessoa do Dom Irani, que eu fizesse uma música para receber o papa Francisco. Então, a primeira aparição pública dele, em Copacabana, eu o recebi. Tive essa graça de recebê-lo cantando.

MG: Quando você diz “Tive essa graça” é uma coisa sincera? Ele tem alguma coisa especial como o povo todo acha que tem ou não necessariamente é diferente de outros papas que você já viu?

PF: Eu, na verdade, eu acho que eu descobri o segredo dele no momento em que eu olhei pra ele. Até então, Marília, com toda a sinceridade, eu tava muito nervoso porque eu ia cantar para o papa, mas na hora que ele desceu do carro, que ele foi se dirigindo, que ele me olhou, que ele segurou na minha mão, eu acho que eu entendi o segredo dele. Ele não leva a sério o fato de ser papa. Ele considera antes de qualquer coisa é a autoridade que ele tem como cristão. É muito interessante, no mundo, o exercício do poder, ele tá muito associado dentro de um contexto, parece que o outro está, tem de me servir, quando na verdade, o contexto do serviço, a autoridade e o poder dentro do cristianismo. Se eu tenho poder, eu devo lhe servir. Eu acho que ali quando ele me olhou eu percebi que não estava cantando para o papa, por acaso ele é o papa, mas eu estava cantando para um cristão irrepreensível na sua conduta.

MG: Exemplar!

PF: Exemplar, um homem simples que mexeu muito com o Brasil, sobretudo, na simplicidade, porque ele não tem rodeios, ele não tem esses aparatos que a gente falava no início, que uma liderança naturalmente tem e que pode provocar essa cisão e até mesmo prejudica essa missão. Com o papa Francisco não corre esse risco, ele não leva a sério, e eu não quero ser mal interpretado, esse poder que ele tem. Ele leva a sério é a autoridade que o poder dele lhe concede. Ele é o papa e ele é o primeiro a demonstrar que o Cristianismo é um exercício de simplicidade.

MG: E a eleição dele, na sua opinião, vai dar uma chacoalhada na Igreja?

PF: Eu acredito que sim, ele tem uma coragem de mexer em feridas muito dolorosas. Não que o Bento XVI não tivesse, mas eu acho...

MG: Bento XVI, ele se retirou por que motivos? Você acha que era apenas um enorme cansaço ou realmente ele se viu ali enredado por situações e amizades que ele tinha que sair daquilo pra alguém tomar providências?

PF: Marília, o papa Bento XVI, ele é um dos homens mais preparados da história da Igreja. Ele pode ser comparado aos grandes nomes do início do Cristianismo, pela capacidade intelectual e pela capacidade teológica daquele homem. Você não pode imaginar como aquele homem é capacitado. Eu acho que ele foi muito coerente, eu acho que ele entrou pra história justamente por demonstrar que o poder é relativo, eu acho que um homem com a capacidade intelectual e mística que ele tem, ele jamais poderia se permitir

ir adiante no seu pontificado sem saber que dispunha das condições para isso. Eu acho que ele estava realmente cansado e ele se sentia já sem condições de dar os passos que a Igreja precisava que ele desse.

MG: Aí é eleito o papa Francisco e você ia dizer...

PF: E vem esse homem surpreendente.

MG: E a chacoalhada na Igreja que eu perguntei?

PF: A chacoalhada justamente por ele ser um homem que não tem rodeios. Eu acho que ele enfrenta de forma muito direta as questões que ele enfrenta. Então ele reconhece que a Cúria, a Cúria Romana tem feridas, tem chagas que se não forem tocadas com a verdade nós vamos perder ainda mais a credibilidade dentro da sociedade.

MG: Olha, em uma entrevista, o papa Francisco disse que a primeira reforma da Igreja deve ser a do comportamento. O que isso significa para pessoas como você, Padre Fábio?

PF: Quando ele me convida a pensar o meu comportamento como líder religioso, ele tem falado muito disso, ele tem pedido muito que nós padres, que nós bispos, nós cardeais. Quando eu falo nós, é na totalidade da Igreja, que a gente não se torne um burocrata da fé.

MG: O que é um burocrata da fé?

PF: É aquele que vive as obrigações. É aquele que se priva do serviço que presta. Eu acho muito interessante porque eu, como padre, eu sou convidado a servir o povo, só que eu antes de servir o povo, eu preciso me beneficiar do ponto de vista espiritual daquilo que eu ofereço ao outro. O burocrata não vive essa dimensão íntima da fé, ele apenas realiza, ele apenas executa, ele se torna alguém que cuida das dimensões práticas da fé, mas não consegue saborear o evangelho dentro do coração.

MG: Um autômato.

PF: Exatamente. A fé que eu proponho ao outro, Marília, precisa fazer bem a mim. Eu não posso propor isso ao outro como um fardo ou obrigações. Eu não posso interpretar o meu ministério sacerdotal dissociado da experiência de fé que eu proporciono aos outros, que é irrenunciável em mim. Então, é claro que quando eu observo essa dimensão mais íntima do Cristianismo, que é aquela que não passa pela fachada, aquela que não passa por aquilo que o outro está vendo de mim, mas por aquilo que eu vivo na minha intimidade. O papa Francisco nos convida a fazer uma leitura muito honesta de como somos cristãos, e por que sou padre, tenho uma responsabilidade ainda maior no momento em que eu vou analisar o meu ser cristão. Eu tenho um ofício a viver, um ofício a ser experimentado.

MG: Então, a reforma de um comportamento e me parece com sua explicação que é um retorno à simplicidade, é isso?

PF: Simplicidade, despojamento, com certeza.

MG: É uma coisa simples, seja simples no entendimento e na vivência da sua espiritualidade e do seu trabalho com a espiritualidade, é isso?

PF: Com certeza, pra nos despertar. Essa simplicidade me desperta na maneira como eu interpreto o outro. Se eu tenho uma simplicidade como estilo de vida natural, que eu não me sinta melhor do que ninguém. Eu tenho o direito de me sentir diferente, mas melhor que ninguém. Não é verdade? Isso é um ponto questão absolutamente necessário.

MG: Bom, venha cá, agora vou terminar com uma pequena fofoca aberta. O que era aquele bispo da Alemanha, lá? Aquele que foi cassado agora.

PF: Aaah, dos 31 milhões de euros na reforma da própria casa

MG: Na reforma da própria casa. Que loucura foi aquela?

PF: Mancada, né? Veja bem, a partir do momento que você administra um dinheiro que não é seu. A partir do momento que você está lidando com o dízimo dos outros, a sua responsabilidade, ela passa pelo bom senso, por uma administração pública, comunitária. Esse bispo jamais teria o direito de fazer o que fez.

MG: Achei que ele enlouqueceu, sabia?

PF: É.

MG: Aquele carro, aquela casa.

PF: Acontece em todos os lugares.

MG: Nossa, eu fiquei impressionada. Termina, aqui, o primeiro bloco de “de frente com o padre Fábio de Melo”. Nós voltamos daqui a pouquinho. Até já!

MG: De frente com o Padre Fábio de Melo. Sabe o que mais? O papa Francisco que auto se denomina...

PF: Bispo de Roma

MG: Bispo de Roma. E isso quer dizer o quê?

PF: Isso, teologicamente falando, tem um significado muito interessante porque dentro da... Quem é o papa? É aquele que é escolhido para ser o bispo de Roma e por acaso se estende a ele a responsabilidade, por ser Roma a sede, de ser responsável por toda a Igreja no mundo. Aí já tem uma simplicidade muito grande por parte dele. Quando eu digo que ele não leva a sério o fato de ser papa, não é por que ele negligencia a oportunidade de ser papa, é por que ele assume isso com muita simplicidade. Eu sou o papa

porque sou o bispo de Roma, e no exercício de ser bispo de Roma, ele interpreta que naquele momento a responsabilidade dele é cuidar bem dessa Igreja que lhe foi confiada.

MG: E aí ele diz uma coisa, ele usou uma imagem muito interessante na entrevista que eu citei anteriormente e que eu quero citar aqui. Ele disse que a Igreja é como se fosse um hospital de campanha, hoje, uma batalha que não dá pra perguntar a um ferido de guerra se o colesterol dele está alto. É preciso curar as feridas. Como é que um padre que reza a missa no interior de São Paulo, você continua rezando as suas missas?

PF: Continuo, continuo...

MG: Interpreta essas palavras?

PF: A ferida hoje dentro dessa Igreja, oh Gabi, passa pela experiência pessoal de cada um de nós. Nós somos Igreja. A Igreja está presente onde existe um coração humano. E hoje as feridas são muitas.

MG: Por quê? Foi bom você tocar nesse assunto. Por que há a necessidade das Igrejas? Porque nós humanos temos a necessidade da Igreja?

PF: Talvez pela...Eu acho muito interessante, que nós temos em Gênesis, a narração da perda do paraíso. Quando Adão e Eva, dentro dessa construção literária, que não importa a interpretação que fazemos, se foi assim ou não foi, ali existe uma história contada que nos ajuda a entender o presente. Quando Adão e Eva são expulsos do paraíso, o que eles percebem? A nudez! A nudez humana é muito desconfortável quando você percebe que você tem limites, que você tem dificuldade pra sofrer, que você tem dificuldade quando um filho morre. É interessante que o discurso religioso, ele se apresenta como um socorro a essa indigência. Não tô dizendo que nós inventamos o discurso religioso. Eu estou propondo que num determinado momento da história nós sentimos que nós carecemos de uma mão a quem a gente possa estender no momento da nossa fragilidade.

MG: Recorrer.

PF: Recorrer o tempo todo, Marília, o ser humano tem que dar conta da própria vida. Não é fácil ser quem a gente é, por isso a gente precisa da arte.

MG: Hoje mesmo, pouco antes de vir gravar aqui, eu disse hoje, que na próxima eu quero vir com alguém que tome conta de mim.

PF: Tá vendo? Você não acha que a religião está diretamente associada a essa frase? Quero que alguém tome conta de mim.

MG: Com certeza, eu acho que tá.

MG: Voltando ao hospital em que não pode perguntar do colesterol, mas sim curar a ferida.

PF: Ele fala de uma dimensão social urgente, onde a gente tem realidades no mundo, onde não adianta você pregar a fé com todas as suas elaborações teológicas, é preciso ir fazer a caridade. E aí você entra dentro de um contexto, há pouco estava conversando com um amigo, falando sobre isso, que nós temos urgências religiosas que não passam pelas denominações. O amor e a caridade, por exemplo, são duas urgências, não importa se você é espírita, se você é católica, se você é evangélica, se você estiver disposta a amar comigo um ser humano que precisa de nós, nós já somos irmãos.

MG: Padre Fábio, o papa fez uma coisa que eu achei admirável, isso repercutiu o mundo. Eu, lá na Escandinávia, vi e fiquei feliz.

PF: Surpresa?

MG: Surpresa e feliz.

MG: Ele disse: Quem sou eu para julgá-los? se referindo aos homossexuais. O que se deve esperar a partir dessa colocação do papa Francisco em relação ao casamento entre homossexuais?

PF: Eu acredito, Marília, que isso não mude exatamente nada do que a Igreja pensa sobre o assunto, agora eu acredito também que isso tenha que mudar dentro do contexto das Igrejas, o discurso que agride, eu acho que a gente tem que ser mais cauteloso a fazer qualquer discurso que a gente possa ofender as escolhas do outro. Eu, como padre, tenho o direito de me posicionar contra qualquer situação, desde que não me falte a caridade no meu posicionamento para que aquele que está me ouvindo seja capaz de compreender por que eu penso diferente dele. Que quando falta o amor, falta a caridade e prejudica a compreensão do nosso ponto de vista, do outro, que nós apresentamos a ele. O ódio macula tudo. A partir do momento que você abre mão de fazer esse julgamento e parte para o acolhimento, você ganha naturalmente o respeito daquela pessoa.

MG: Você acha que algum dia a Igreja Católica, a sua Igreja Católica...

PF: A nossa.

MG: Vai poder aceitar o final de um casamento, por exemplo?

PF: Hoje ela já aceita, já aceita. Ela não trabalha mais com a possibilidade de que duas pessoas infelizes, se machucando, fazendo mal, cometendo um sequestro de subjetividade, como é a proposta de um livro que escrevi, quando você tem um amor...

MG: Quero falar sobre o livro.

PF: Um amor na verdade, em muitos casamentos, a Igreja declara, Marília, que aquele sacramento nunca houve. A Igreja não pode anular um sacramento. Um sacramento que realmente existiu não pode jamais ser anulado, mas ela pode mediante um processo investigativo daquelas causas dizer: este casamento nunca houve, e ela faz isso muito.

MG: Nunca houve um divórcio, uma separação, que não passasse por um processo desses. O que eu tô perguntando é: divorciou a Igreja não casa mais?

PF: Não, casamento dentro da Igreja só há se houver um processo de anuidade.

MG: Anulado o casamento?

PF: Mas agora, a participação dessas pessoas na Igreja nunca será negada, nunca foi negada. Elas participam com limites. Não podem comungar, podem participar da missa, podem participar dos encontros. Hoje existe a pastoral dos recasados, dos divorciados. Então a Igreja ela tem um trabalho...

MG: É um tema interessante.

PF: Tem, tem. É que às vezes não vem a público, mas a Igreja sempre teve cuidado com as pessoas que teve a experiência do equívoco. Quem não se equivoca na vida?

MG: Você está dizendo sempre teve. Um tipo de cuidado que parece mais recente e deve ter, por favor, a ver com o crescimento de outras religiões entre o povo brasileiro e fora daqui, o crescimento de outras religiões no mundo.

PF: Marília, a Igreja não pode em nenhum momento, por mais autoridade que ela tenha, contradizer o que disse Jesus. Então quando nós, qual é o nosso exercício? Toda grande Instituição precisa naturalmente voltar às fontes, a gente não tem o direito de viver distante das fontes que nos geraram. Qual é a nossa fonte? É Jesus, a experiência dele, teologicamente falando nós somos fundamentados no verbo que se torna carne, que passa por nós, que faz discípulos e que deixa uma Igreja. Eu gosto de dizer que Jesus não queria a Igreja, Jesus queria o reino de Deus, mas a Igreja é o que a gente conseguiu dar pra ele. Quando você tem uma fundamentação nessa palavra, que nos pede o tempo todo, em nenhum momento você encontra Jesus rejeitando as pessoas, você pode até encontrá-lo com postura firme diante daqueles que escravizava o povo, diante daqueles que enganava, diante daqueles que eram injustos, que eram hipócritas, mas em nenhum momento você tem Jesus rejeitando os miseráveis.

MG: Mas você tem a Igreja de Jesus rejeitando.

PF: Mas é por isso que nós precisamos nos converter diariamente. A Igreja é santa e pecadora. E nós nesse influxo dessa ação do poder de Deus, nós acreditamos que vivemos assim. É Deus que o tempo todo me dá condições para eu reconhecer meu próprio pecado, por isso que a gente tem que ser honesto, por isso que papa Francisco seduz tanto nos dias de hoje, porque ele quer essa honestidade.

MG: Eu nem vou passar pelo assunto aborto porque eu sei que esse é fato concreto e acabado. Eu não vou tocar nesse assunto.

PF: Mesmo porque você me prometeu que me faria uma entrevista mais suave dessa vez.

MG: Mas você concorda que a Igreja deixa de ganhar fiéis por causa da oposição aos métodos de controle de natalidade como a pílula e a camisinha? E fora falar da saúde aí que passa pelo preservativo.

PF: É! Justamente. Eu acredito que, nós no momento em que nós temos uma postura, é natural contrariar muita gente. A Igreja não tem a pretensão de agradar o mundo todo. A única coisa que a gente precisa fazer, a gente, a partir do momento que nós escutamos a palavra do papa, ela não tem a pretensão de ser para todos, ela tem a pretensão de ser para aqueles que são liderados por ele. Então é só a gente esclarecer bem. Eu sou cristão católico, então a palavra do papa pra mim tem um peso, a palavra do papa me orienta. O papa não tem a pretensão do que ele diz pro mundo inteiro, não, pode ser como o homem que é, com a autoridade que tem, com o papel que tem como papa, ele até ser escutado por todos. É um homem que está fazendo uma liderança com a comunidade humana, mas agora, aquelas regras são para os católicos.

MG: Vou perguntar outra vez.

PF: Pode perguntar.

MG: Essa Igreja não perde fiéis sendo contra o uso de camisinhas e de controle da natalidade?

PF: Eu não sei se ela chega a perder fiéis. Eu acredito que muitos fiéis católicos, que vivem o dia-a-dia de uma fé, de um processo de fé, vai prestar atenção nisso, talvez outros que não tenham convicções mais profundas, se dizem cristãos católicos e façam essas práticas todas aí sem levar em consideração. Tudo depende, Marília, do nível de envolvimento que a gente tem com a fé.

MG: Você está dizendo...

PF: O relativismo existe em todos os lugares. Pode ser que algumas pessoas não chegue nem a se incomodar com essa palavra que proíbe, que restringe ou que pode ter um discurso positivo sobre a camisinha, por exemplo. Eu acredito, esse é meu ponto de vista. Eu tenho muito medo quando a gente acredita que a camisinha possa nos livrar dos problemas da sexualidade. Eu, como padre, nos bastidores, eu vejo que o que fere não é a possibilidade de você se contaminar com o vírus, disso ou aquilo, precisa ser cortado.

MG: É real, isso é real!

PF: É real, mas o grande problema da sexualidade é quando as pessoas vivem relações objetais. Quando não existe amor.

MG: Você está dizendo que quando não existe amor...

PF: Quando não existe respeito, o outro acabou sendo...

MG: O desejo pela sua fé nos foi dado por quem?

PF: O desejo da fé?

MG: O desejo, o desejo sexual, nos foi dado por quem?

PF: É. Faz parte da nossa natureza humana, foi dado por quem nos criou

MG: Quem nos criou? Quem nos criou?

PF: O deleite, claro, Deus.

MG: Então, estamos aqui no meio de um nó górdio.

PF: Justamente, porque agora você é convidado a aprofundar suas riquezas humanas e a sexualidade faz parte dessas riquezas e pode ser, você sabe disso, que ela pode ser a porta para muitas destruições.

MG: Ok. Mas você não nega a autoria desse...

PF: Não nego.

MG: Desse desejo, aqui está o desejo, leva.

PF: Sabor divino, imagina, imagina. Eu sou fruto de um desejo. Eu nasci de um desejo.

MG: E você sente desejo seguramente.

PF: Sim, o tempo todo. E como nós fazemos para articular os desejos no contexto de nossas escolhas e convicções? Quando eu acredito no valor da renúncia, quando eu acredito no valor do sacrifício, quando eu acredito no valor da sublimação.

MG: Você falou a palavra “sacrifício”. Então, é um Deus cruel esse que nos dá o desejo, mas exige de nós o sacrifício.

PF: Na verdade, eles nos propõe. Eu não sou obrigado a ser padre. Ninguém me levou ao altar de sacrifício. Eu quis ir, sacrificar algumas dimensões da minha vida, que eu sei que ela floresce em outras. Veja bem, a castidade não é uma questão só religiosa. Na Idade Média, você tem intelectuais fazendo a opção pela castidade porque eles compreendiam que a dedicação total ao conhecimento era importante. Eles não se dispersavam.

MG: Outras energias, oh God.

PF: Outras energias, já havia parado pra pensar nisso?

MG: Ok. É um ponto de vista. Termina aqui mais um bloco. Não. Termina aqui mais um bloco de frente com o Padre superstar Fábio de Melo, nós voltamos em seguida. Quero falar sobre o novo livro dele, que é uma proposta muito interessante.

MG: Estamos de volta e seguimos de frente com o padre Fábio de Melo. Eu quero falar sobre o seu livro, mas antes vou tocar num assunto que tem a ver com o momento atual da Igreja e tem a ver com a sua entrevista anterior aqui. Faz o que? Faz quanto tempo que você veio?

PF: Acho que uns dois anos.

MG: Uns dois anos né? Naquela época falar sobre a pedofilia ainda era um tabu. Falar sobre a pedofilia dentro da Igreja. Os escândalos tavam pipocando e a gente falou. Você falou comigo atenciosamente, mas com cuidado. Hoje me parece que o papa Francisco aborda o tema corrupção e pedofilia como uma das prioridades da Igreja, o combate a essas duas coisas, inclusive atacando feridas muito próximas.

PF: Tolerância zero.

MG: Os negócios do Vaticano, a corrupção descoberta e por que é na sua opinião que o assunto pedofilia deixou de ser tabu na Cúria Vaticana?

PF: Pela necessidade de se enfrentar a situação. Eu acho que nós não temos o direito de fingir que não existe. Eu acho que os bispos, hoje, especialmente, no Brasil estão muito atentos a qualquer denúncia que há. Algum padre com possibilidade de estar envolvido com pedofilia. Acho que é uma questão de polícia, é uma questão de justiça, eu como padre...

MG: O celibato, a perpetuação do celibato com a Igreja não colabora com isso?

PF: Não. Mesmo porque são duas coisas diferentes, a gente não pode associar.

MG: Mas eu quis fazer uma pequena associação aqui.

PF: Não. seria ingrato. Acho que a pedofilia não passa pela questão do celibato.

MG: É uma doença específica.

PF: É uma doença que precisa ser tratada e é um crime que precisa ser punido.

MG: E você acha que agora a Igreja tá cuidando disso?

PF: Eu acho que, mais uma vez, a exemplo do papa, a gente tem mais coragem de jogar luz sobre determinadas realidades. Eu acho que o papa está encorajando todo mundo a ser mais autêntico. Marília, eu tenho certeza que muitas indisposições da sociedade com a Igreja eram justamente por que a Igreja não tinha coragem de assumir os erros que cometia. Acho que é tão mais fácil a gente ir a público e dizer: oh, gente, erramos e nós queremos corrigir esse erro. Em algumas situações, a gente sabe que não tem como

corrigir. Então vamos pedir perdão, vamos tentar reencaminhar, vamos nos propor a fazer um novo caminho. Eu acho que a sociedade vai ficar muito mais disposta a ouvir o que a Igreja tem a dizer quando ela perceber que no coração dessa Igreja a hipocrisia está perdendo espaço.

MG: E a humildade, né?

PF: Com certeza. Reconhecer um erro é sempre difícil.

MG: Padre, como chama o livro? É quem me roubou de mim?

PF: Quem me roubou de mim? O sequestro da subjetividade e o desafio de ser pessoa

MG: Que trata?

PF: Que trata de um tema muito ardiloso que é a perda de pertença quando a gente quer amar ou até mesmo quando somos de alguma maneira orientados por outros. Eu falo dessa perda de pertença em algumas relações da vida. Nas relações de amizade, nas relações a dois, nas relações de pai e filho e também nas experiências religiosas.

MG: Vamos especificar. Na relação pai e filho, por exemplo?

PF: Quando o pai compreende o filho como extensão de si mesmo. Quando ele não é capaz de compreender que o filho não tem obrigação de corresponder as expectativas que ele tem e que ser pessoa é isso. A gente nasce indivíduo, significa que eu não tenho condições de me dar a ninguém. Isso é um processo de maturidade que não vem pelo tempo, o tempo pode não significar exatamente nada. A capacidade de sair da condição de indivíduo e ser pessoa, de acordo com a antropologia cristã. Quem é pessoa? Aquele que dispõe do que é e pode se oferecer ao outro. Então, se eu sou indiviso, se eu não consigo me dividir, eu jamais vou conseguir ser para alguém. Nas relações muitas vezes de pai e filho, Marília, a gente identifica esse processo. O pai jogando sobre os filhos todas as expectativas que ele tinha pra vida dele e querendo que o filho carregue o ônus de ter a realização dos sonhos dele. Esse é um caso.

MG: Esse é um caso. E no caso da relação amorosa?

PF: Quando movidos por um mito de amor romântico, né? Isso é horrível nessas relações idealizadas. A gente não enxerga quem o outro é, mas a gente enxerga quem a gente imaginou e faz com que o outro exerça um papel que não fira aquilo que a gente imaginou dele. Essas relações idealizadas são altamente prejudiciais porque não tem autenticidade.

MG: É nesse caso aí que entra a relação de quem vai dominar quem?

PF: É. Eu pego a experiência do sequestro do corpo, que é tão comum e todo mundo conhece tão bem, quando alguém é retirado do seu horizonte sentido, daquilo que funciona pra ela, da casa, dos amigos, as pessoas, cachorro, papagaio, balaio de manga e é colocado dentro de um cativoiro. O que é um cativoiro? Um lugar desconhecido, inóspito, onde ela vai ao ser confinada sendo submetida às violências desse agressor. Então, ela vai se acostumando com essa situação. É interessante porque no sequestro do corpo, há um determinado momento em que a vítima identifica isso. O meu sequestrador que vai decidir por mim.

MG: Você está falando sobre o casamento?

PF: Então...

MG: Você está falando contra o casamento?

PF: Os casamentos, muitos casamentos, muitos relacionamentos que deveriam ser um exercício de liberdade, acabam sendo isso, uma experiência de cativoiro.

PF: No geral, no geral.

MG: Você acha? É muito sério isso.

MG: De onde saiu essa ideia de escrever esse livro? Na observação

PF: Ouvindo as pessoas, na observação. Na verdade este é um livro que está sendo lançado e ficou durante 67 semanas na lista da Veja dos mais vendidos, em uma edição antiga. E, hoje, ele foi reescrito a partir de situações mais atuais também e ele está sendo relançado.

MG: A saber, situações mais atuais?

PF: Por exemplo, as relações virtuais.

MG: Ah, qual é a sua posição sobre essa prática?

PF: Eu tenho uma preocupação muito grande quando a gente percebe que as pessoas abdicam da realidade que possuem para poder investir o seu tempo, os seus sonhos, as suas expectativas, numa realidade que tá do outro lado porque a gente não sabe quem é e a gente não tem a menor ideia do que seja real naquilo que é dito. Então, muitos relacionamentos virtuais, eles são feitos a partir de idealizações. Eu não digo pra você quem eu sou, eu digo pra você quem eu gostaria de ser. E você corresponde a essa mentira, e às vezes as pessoas perdem tempo, um tempo precioso de suas vidas alimentando esses papéis.

MG: Você não está nas redes sociais?

PF: Estou. Eu tenho Facebook, Twiteer, Instagram.

MG: E como você pratica essa, essa?

PF: Inclusive no livro eu falo sobre isso. As palavras têm um poder muito grande sobre nós. Eu descobro você lá no Facebook e mando um pedido de amizade. Aí você me vê. Se você quiser me aceitar você me aceita, aí eu recebo aquele comunicado: Pronto! Agora vocês são amigos. Olha, que coisa mentirosa. Isso é muito mentiroso. E muita gente alimenta essa ilusão. É interessante que hoje...

MG: Mas se as pessoas tão se alimentando dessas ilusões, o que é que tá faltando?

PF: Nos falta realidade, nos falta oportunidade e disposição para lidar com o que é precário, pra você saber...

MG: Viver é precário?

PF: Viver é o tempo todo. É a história da nudez, nós estamos expulsos do paraíso e de alguma maneira, Marília, a gente tem que arrumar um jeito de encontrar uma roupa que nos abrigue desse frio existencial. Então onde estão as roupas que nos abrigam? Essas roupas precisam ser reais. Eu preciso ter amigos de verdade. Eu preciso ter amigos que eu conheci defeitos, qualidades e elegi pra estarem ao meu lado e muitas vezes, na relação idealizada, a gente não permite esse encontro. A gente abre mão do que é real e vamos viver imaturos a vida inteira com as frasezinhas do pequeno príncipe, que eu acho que deveriam ser abolidas da humanidade.

MG: Jura?

PF: Deus me livre

MG: Quais frases?

PF: Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Você quer...

MG: Você lembra disso? Você leu na sua adolescência também?

PF: É péssimo. E escuto isso toda hora porque os carentes de plantão me ameaçam com essas frases, pessoas desequilibradas emocionalmente. Há coisas que eu preciso que só eu posso me dar, não tenho o direito de esperar que você me dê, faz parte da minha dimensão pessoal. Eu sou uma pessoa, então eu tenho que dar conta da minha vida, eu não tenho que julgar sobre você fardos que são meus, então aquela pessoa que não faz o menor esforço pra viver esse equilíbrio, para se pertencer, ela vive eternamente imatura. Ela olha pra você e te joga essa frase de efeito. Olha, a partir do momento que você me conquista...

MG: Você é responsável por mim.

PF: Isso é uma mentira, isso não existe, isso é criminoso.

MG: Isso é a prisão, isso é o cativo do outro. É isso aí.

PF: Porque o outro quando ele não tem essa maturidade afetiva, ele vai funcionar a partir dessas frases de efeito, que nos retiram a responsabilidade de ser quem somos, de curar as nossas feridas. Volto a nossa conversa inicial? Quem não está ferido nessa vida, quem não foi traído, quem não foi enganado? Todos nós. Mas vamos fazer com que esse prejuízo, num primeiro momento, seja nosso, eu vou me articular pra ser um ser humano melhor nas minhas relações.

MG: Padre Fábio, você continua vivendo preferivelmente lá no meio do mato?

PF: Eu gosto, eu gosto muito do mato.

MG: Mas cada vez menos tá por lá?

PF: Não. Cada vez mais estou por lá.

MG: Ah, fala a verdade.

PF: Estou fazendo uma história de retorno já. Eu acho que essa vida pública, ela é necessária. Eu acabei entrando nisso e levo com muita responsabilidade isso, o fato de ser um padre público, de ter pessoas que me escutam. Isso é primoroso pra mim, mas eu cada vez mais, fico mais, preservo mais isso pra mim, a minha intimidade, a minha necessidade de ser eu.

MG: Eu vou te fazer uma pergunta muito íntima, mas só por que eu conheço a situação de perto e quero saber de você. Você é um cara atormentado?

PF: Se eu sou atormentado? De que ponto de vista você diz?

MG: Ué, pra você pensar o tempo todo em todas essas coisas e pra conviver.

PF: Sou. Nossa!

MG: Com o ser que você se tornou e que prometeu cumprir um papel, você tem que ser um cara atormentado.

PF: Sim, eu sou atormentado. Eu gosto de me ferir diariamente do ponto de vista intelectual. Eu gosto de ser aguçado, o tempo todo para que aquilo que eu penso, para aquilo que é a minha postura atual possa evoluir. Então, não tem como viver nesse mundo, problematizar as questões próprias do meu contexto religioso porque eu não sou adepto de uma fé que idiotiza. Eu gosto de uma fé que nos faça pensar quem somos nós.

MG: E quando a gente pensa em quem somos nós?

PF: E como a gente vai viver sem conflito? Eu gosto muito de uma frase de Karl Hanner, um teólogo alemão, que diz: toda palavra que diz sobre Deus é também uma palavra sobre nós. Como que você não vai viver atormentado com a possibilidade de saber quem é Deus a partir de quem eu sou?

MG: Muito bom. Termina aqui mais um bloco da nossa conversa “de frente com o Padre Fábio de Melo”. Esse superstar aqui (mostra a capa do DVD) Querendo Deus! quantas pessoas tinham aqui te assistindo?

PF: 60 mil.

MG: Olha aí. Agora vai pra casa e chicote nas costas pra passar a vaidade

PF: Vai limpar um banheiro depois que termina tudo isso que você volta ao normal.

MG: Nós voltamos já já.

MG: De volta para a parte final de frente com Fábio de Melo. Bate bola, jogo rápido

MG: Dogma?

PF: Uma estaca que me ajuda a segurar a morada.

MG: Você está dizendo um amuleto?

PF: Não. Uma estaca que me sustenta para que a minha morada continue em pé.

MG: Milagre?

PF: Milagre? Toda hora.

MG: Sucesso?

PF: Sucesso? Relativo!

MG: Relativo por quê?

PF: Porque tudo que eu coloco pra mim, na minha cabeça, como relativo, eu lido sem levar a sério.

MG: Quer dizer pode passar?

PF: Pode passar. Eu tô, quero que passe.

MG: Vaidade?

PF: A vaidade é a pior de todas. É quando a gente se sente melhor que o outro.

MG: Um medo?

PF: Um medo? De ser enterrado vivo. Tenho pânico.

MG: Que louco isso! Como é que é? Como patonia? Por exemplo.

PF: Eu não, Marília, é a coisa que mais me desespera. Se eu deitar aqui agora, numa cama e imaginar que estou sendo enterrado vivo. Eu perco o equilíbrio.

MG: Você teve alguma experiência?

PF: É a minha mãe que fez a gentileza de contar aquelas histórias pavorosas, que a gente, uma criança, eu brinco com ela, mãe a senhora me traumatizou tanto que se eu tivesse coragem, eu ia fazer um processo criminal pelos traumas que a senhora me fez.

MG: Qual a mãe né? Quais os pais na verdade?

PF: Ela não sabe a simplicidade que a criança não tem condições de ouvir a história.

MG: Felicidade?

PF: Felicidade? Viver confortável em mim mesmo.

MG: Sofrimento?

PF: Sofrimento? Perder as pessoas.

MG: E Padre Fábio de Melo por padre Fábio de Melo?

PF: Padre Fábio de Melo? Um homem que tem um desejo muito grande de fazer bem a quem passar por mim.

MG: Continua malhando?

PF: Continuo.

MG: Aquele lado da vaidade continua intacto ou não?

PF: Eu me cuido muito.

MG: Pela saúde, ok.

PF: Eu gosto muito da saúde, de preservar. Eu tenho o seguinte: de nada vale Deus preservar o dom se eu não cuidar bem. Eu acho que o corpo é um dom que se eu não cuido, Deus não pode fazer por mim isso.

MG: Eu costumo dizer que é a caixa.

PF: Claro.

MG: Se dentro tá funcionando ótimo ainda com um tormentozinho...

PF: Eu repudio toda e qualquer hipocrisia e ilusão de que Deus vai cuidar daquilo que não é dele. Eu digo, a única novena que nos emagrece é aquela que a gente reza correndo.

MG: Correndo de fato é isso?

MG: Brigada, Padre. Um beijo.

MG: Prazer imenso. E nós nos vemos no próximo programa. Até lá!

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM PASTOR SILAS MALAFAIA

Legenda:

MG: Marília Gabriela

SM: Silas Malafaia

MG: Tô de frente hoje com um pastor evangélico dos mais conhecidos e polêmicos do Brasil. Silas Malafaia, carioca de nascimento, mas abraçou uma fé que ultrapassa fronteiras. Malafaia tem o dom da palavra, poder que ele exerce há quase 30 anos em programas de televisão transmitidos aqui, nos Estados Unidos, Europa e África. É líder da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo e combate abertamente a homossexualidade e o aborto. Silas trouxe esses temas para as últimas campanhas eleitorais o que lhe rendeu alguns processos e muita publicidade. Recentemente ele foi citado pela revista americana Forbes como um dos pastores mais ricos do Brasil. Não deixou por menos, disse que vai ferrar a Forbes. Pastor, antes de mais nada, muito obrigada pela presença aqui nos nossos estúdios.

SM: Eu é que agradeço

MG: Vamos começar pelo assunto mais atual, pela Forbes, que é recentíssimo. A revista publicou que o senhor está em 3º lugar entre os pastores evangélicos mais ricos do Brasil com uma fortuna pessoal avaliada em 150 milhões de dólares, que dá em números brasileiros, 300 milhões de reais. E o senhor contestou essa informação?

SM: Sim. Deixa eu te falar, Gabi. Safado, sem vergonha, bandido, caluniador tem em tudo que é lugar. Pastor, padre, jornalista. Tem em tudo que é lugar. Quando a Forbes faz uma declaração dessas, não é uma declaraçãozinha qualquer. Eu vivo de que? Eu vivo de que as pessoas acreditem em mim para darem ofertas. Eu sou um pouco diferente dos outros pastores. As ofertas que eu recebo são mais de pessoas que não são da minha Igreja. Eu sou pastor de Igreja há 2 anos e meio. Então há 30 anos eu sou conferencista, tenho programas de TV e recebo verbas de gente que não me conhece de perto. 80% são evangélicos e 20% é gente de tudo quanto é religião. Então quando eles falam isso, o que que subentende-se? O ser humano é um ser inteligente, esse cara tem 300 milhões? Tá roubando de gente

MG: Roubando não...

SM: Tá metendo a mão. Eu gosto de ser, desculpa, eu sou muito franco. Esse cara tá com essa grana toda porque tá metendo a mão em alguma coisa. Onde está a mentira e a safadeza? Primeiro, minha declaração do imposto de renda, eu vou fazer porque você tem credibilidade. Se eu tivesse em outro programa, outro jornalista, como você é uma jornalista de muita credibilidade, exclusivamente, aqui pra você, e no meu programa de TV. Não devo nada, não tenho nada a temer. Está aqui o espelho de bens do meu imposto de renda. É uma coisa sigilosa que ninguém dá e ninguém abre. Meu imposto de renda, depois você pode olhar o patrimônio que eu tenho, no final tem, diz 4 milhões de reais. Desses quatro milhões de reais, dois do capital da gravadora Central Gospel, porque você é obrigado a declarar o capital quando você abre uma empresa. Qual o capital dessa empresa? Isso entra no imposto de renda. Então, eu tenho uma casa, seis apartamentos, três meus filhos moram, três eu comprei em comodato de construção, em prestações, de um amigo meu que é arquiteto. Eu tenho um apartamento em Boca Haton. A declaração de bens do banco central, ela tá aqui. Comprei por 149 mil dólares para pagar em 30 anos. Se eu pegar esse patrimônio atualizado, na declaração do imposto de renda, você põe o dia que você comprou. Se eu pegar esse patrimônio atualizar o valor da minha casa, que aqui tá 800 mil, o valor que eu comprei, eu vou ter de patrimônio atualizado, 4 milhões e meio. Aqui tem 4 milhões da minha participação da minha empresa. Então, se eu tirar isso e atualizar. Então, o que a Forbes tá falando, primeiro é mentira, o correspondente, o jornalista, acho que ele vai perder o emprego, porque eu vou processar a Forbes nos Estados Unidos. Eu não processar aqui. Aqui não tem graça. Eu vou fazer doer lá. Porque eu acho uma safadeza, você denegrir, porque se eu tivesse eu também diria que há 25 anos eu não tenho salário de pastor. Eu sou pastor há 30 anos, tive salário por anos, não é errado, isso é bíblico. A bíblia até diz que o pastor tem que ganhar muito bem, que ele tem que ser muito bem tratado, mas há 25 anos eu não tenho salário de pastor. Há 25 anos eu vivo de quê? Sou conferencista, há 25 anos sou o pastor que mais oferta recebe quando prego fora, porque tô na televisão, essa coisa toda e da minha editora. Pra você ter uma ideia em 25 anos eu vendi mais de um milhão de livros por ano, mais de um milhão. Eu sou o pastor que mais vende livros. Eu sou o pastor que mais vende palestras em CD e DVD, então, eu não posso aceitar que esses caras venham falar uma coisa com um objetivo, porque esse é o objetivo, colocar um bloqueio na sociedade que tudo que o pastor tem ou foi roubado dos fiéis, que me desculpe a expressão, é um bando de otários, eu fiquei irritado com esse negócio.

MG: Pastor, eu vou contestar um pouco. A revista Forbes é uma revista que trata basicamente de fortunas e não é novo associar a religião, todas as religiões, não tô isentando a católica. As religiões são associadas a fortunas, no caso da evangélica associada ao dízimo pago pelos fiéis, e levanta essa questão sempre, sempre tem esse mistério em torno desse dinheiro da religião evangélica, que vem com o dízimo.

SM: O católico também vem com o dízimo.

MG: Também, tô dizendo. Não é obrigatório, mas tem. No caso esse interesse por essas fortunas que aparecem nas pessoas associadas a religião. Por que não seria de interesse da Forbes? Ela trata de outras fortunas, ela trata de fortuna de muita gente. Ela cita o Eike. Como o Eike Batista, ela cita todo mundo. Por que não citaria os brasileiros associados à religião? Além do mais, a revista se defendeu citando fontes. Ela disse Ministério público.

SM: Mentira

MG: Polícia Federal

SM: Mentira

MG: Imprensa

SM: Mentira. Primeiro, nunca, não tem um dado na imprensa seja jornal ou revista, não tem um dado para ele declarar 300 milhões. Segundo, a polícia federal e o ministério público federal que são instituições de muita credibilidade, legalmente, eles não têm autoridade de falar nada de ninguém. Só tem um órgão: Receita Federal e pra falar do que eu tenho um juiz tem que autorizar porque sigilo fiscal, sigilos de patrimônio, sigilos bancários só um juiz pode quebrar. Então a Forbes pode falar da fortuna de qualquer um, mas fale dos que têm. Quando ele diz que eu tenho 300 milhões de reais, o que que a pessoa vai associar ? o ser humano, o cérebro humano, o ser humano é um ser que se diferencia dos animais porque ele tem inteligência e faz associações. Aí pensa: pô esse malandro aí, esse vagabundo aí, tem 300 milhões porque roubou os fiéis. Então essa é a ideia. Eu não vou receber fama daquilo que eu não tenho porque pro milionário, Gabi, pro empresário. Isso aí. Estou entre os 100 mais ricos do mundo, isso dá até crédito pro cara, os bancos. Esse cara aqui está entre os milionários. Pra mim é o contrário, o efeito é negativo.

MG: Mas oh pastor, você não devia estar fazendo esse tipo de não defesa da teologia da prosperidade.

SM: É diferente. Vem cá, quem disse que existe uma coisa, o besteirol da teologia da prosperidade e existe a teologia da prosperidade da bíblia

MG: Então, explica pra gente

SM: Eu explico pra você, qual o besteirol da teologia da prosperidade. Vem pra Deus que você vai ficar rico. Vem pra Deus que se você tem um emprego você vai ser patrão. Venha pra Deus que você vai ter um monte de casa. Então, isso é o besteirol da teologia da prosperidade. Agora, a prosperidade tá em toda a bíblia, o cerne da prosperidade tem, pastor me diga uma coisa que a bíblia mostra que a pessoa pode ser prospera. Então, o que faz uma pessoa ser prospera à luz da bíblia? A bíblia diz que prosperidade é obedecer às leis de Deus. Tem um salmo, salmo 112, que diz assim: “Bem aventurado o homem que teme ao senhor e que obedece os seus mandamentos. A sua geração será poderosa, a sua descendência será grande na terra. Fazenda e riqueza haverá na sua casa e a sua descendência permanece para sempre”. O salmo primeiro que é um salmo muito lindo que diz: “Aquele que medita dia e noite na lei do senhor. Olha o que que diz o salmo. É muito interessante, é como árvore plantada junto a ribeiros que dá o seu fruto na estação própria, cujas folhas não caem e tudo quanto fizer prosperará”. Eu sou a favor da prosperidade. Eu prego prosperidade. Eu não prego é besteirol, que prosperidade não é só finanças, prosperidade envolve bem estar, prosperidade é você viver bem, tem um monte de coisa junta.

MG: A minha pergunta é: os seus fiéis, os mais simples, você tem fiéis poderosos.

SM: Sim, todos os níveis sociais eu tenho.

MG: Fazem doações poderosas, sabem o que estão fazendo e querem fazer isso e podem fazer isso.

MG: Agora, quando você fala. Às vezes, eu misturo você e senhor.

SM: Você, pelo amor de Jesus.

MG: Quando você fala, quando você divaga em cima dessa teoria da prosperidade, você de alguma maneira não leva o povo, o fiel a crer que dando o dízimo a vida dele vai melhorar?

SM: Não sou quem digo isso, é a bíblia.

MG: Sim, mas.

SM: Existe uma coisa na vida, a bíblia, como qualquer outra coisa, qualquer ideologia ou religião, os comunistas ou a ideologia ateuista, ele crê naquilo. Ok? Quando você crê, existe um conjunto de crenças e valores que estão arraigados ali. Então, quando eu digo pro meu fiel que ele está dando dízimo e oferta para ficar rico, eu tô falando uma mentira. Agora quando eu digo pro meu fiel que ele está dando uma oferta pra Deus abençoá-lo, eu tô falando a verdade porque é isso que a bíblia me aponta. Eu não posso declarar isso nem nunca declarei porque eu não sou tolo. Eu tenho um certo conhecimento, eu tenho uma certa formação teológica e venho de uma família muito tradicional na formação teológica. Meus pais são pioneiros no ensinamento teológico.

MG: Eu sei disso.

SM: E também gente na área da educação.

MG: E você além do mais é formado em psicologia.

Sou psicólogo. Aí se eu chegar e falar: Minha gente, vem cá, me dá seu dízimo, sua oferta que você vai ficar rico. Isso é uma afronta. Mas quando eu digo a ele: se você for fiel naquilo que a Bíblia diz, Deus vai te abençoar porque aí eu digo assim

MG: Mas aí não tá?

SM: Não tá e eu te explico o porquê.

MG: Não tá passando uma ideia de que seus desejos serão satisfeitos?

SM: Não, não. Escuta uma coisa. Bem, a prosperidade, escuta uma coisa, Gabi, por isso que eu digo que a prosperidade. Se um pastor falar que prosperidade é só dinheiro, ele tá incorrendo num erro gravíssimo. Prosperidade, eu brinco, eu digo na Igreja. Sabe o que é prosperidade? Vou dar um exemplo bem simples e em tese. Você tá aqui e ganha mil reais, o cara da direita ganha cinco mil, o da esquerda ganha quatro mil e você vive melhor do que eles. Você tem paz na sua casa, você tem alegria de viver, você tem bem estar, uma coisa emocional aqui, equilíbrio emocional, você não deve a agiota, ganhando menos do que ele. Isso é prosperidade!

MG: Sim, eu sei.

SM: Isso que é prosperidade, e a gente tem que ensinar o povo isso.

MG: Sim, mas agora vamos ser honestos, honestíssimos. O dízimo, esse dízimo de cada fiel, repetido, repetido e repetido, sustenta e muito bem as igrejas evangélicas, como já sustentou as igrejas católicas e sustenta. Então vamos dizer que essa prosperidade chega mais para a igreja do que para o seu fiel. Vamos dizer, eu acho até um pouco herético, é uma heresia porque parece afinal que Deus protege mais a Igreja do que o fiel dela.

SM: Eis aí um engano. Esse é um engano redondo de muitos. Eu vou falar de uma Igreja que eu não tenho nada a ver com ela, tenho muitas discordâncias. Então vamo lá, eu vou usar porque todo mundo acha que é a mesma coisa. Você acha que o cara que é membro da universal tá dando oferta e dízimo apenas porque um cara muito inteligente e malandro, espetacular, fantástico e fenomenal consegue persuadi-lo para que durante 10, 15, 20, 30 anos o cara dá dízimo, ofertas especiais e não tem nada de benefício? Deus trabalha com uma lei de recompensa, o apóstolo Paulo diz uma coisa linda. Ele diz assim: “Uma coisa eu faço, eu deixo as coisas que para trás ficam e prossigo pelas que estão na minha frente pelo prêmio” Cê sabe que Deus fala por uma lei de recompensa o tempo todo, porque Deus conhece o ser humano.

MG: Então qual é a recompensa?

SM: A recompensa, eu mostro pra você, eu mostro pra você. Você pode ir a qualquer Igreja. Esse é o engano de muita gente. Você pode ir a qualquer Igreja. Eu desafio, a imprensa pode ir comigo.

MG: Oh, Silas.

SM: Querida, escuta.

MG: Muita gente já reclamou e já deu matéria dizendo que perdeu tudo.

SM: Você faz o seguinte, você pega o universo. Peraí, vamos pra lei da probabilidade. Então, você tem um grupo, assim que se faz as pesquisas. Você tem um grupo de mil pessoas, onde 30% perdeu a fé e reclamou que perdeu tudo. Você tem um grupo de mil pessoas onde um ou dois estão reclamando. Esse número, oh Gabriela, não são pastores, não somos nós. Eu não mudo vida de ninguém, eu não transformo ninguém. Na verdade é que Deus está interessado no bem estar do homem. O que eu digo pra você é o seguinte: vai lá no povo, como uma pessoa, Marília Gabriela fica 30 anos numa Igreja, 40 anos numa Igreja dando oferta e dízimo e não tem benefício nenhum? É um imbecil, um idiota?

MG: Não, Não.

SM: Então o maior beneficiado são as pessoas, não é a Igreja.

MG: Eu acho que encontra um conforto, um tipo de conforto.

SM: Encontro muito mais.

MG: Um estímulo, mas você falar que alguém não vai ficar numa Igreja por uma pessoa. Eu garanto que quem está nos vendo aqui está achando você muito mais interessante do que eu porque existe uma capacidade de liderança, uma maneira de se expressar que faz um líder.

SM: Mas você não consegue segurar eles dando dinheiro, você até consegue isso pra te seguir, mas agora o que que acontece. Vamo lá! Quais são os graves problemas da sociedade? Droga! É um grave problema, um gravíssimo problema que nem eles sabem o que vão fazer. Bebida! Um em quatro jovens...

MG: É droga.

SM: Droga. Tive que separar né porque bebida é uma droga diferenciada.

MG: É legal.

SM: É, porque é legal. Então, você tem as drogas não licenciadas. Boa a tua ajuda e tem a droga legal. Problema! Quais são os problemas? O desarranjo familiar. Minha filha, a Igreja trabalha para recuperar

essas pessoas sem o estado dar um real, de graça pro estado. Então o cara, Gabi. Nós temos essas experiências. O cara tem um único filho, aí ele diz: eu daria tudo que eu tenho pra tirar esse cara da cocaína, eu daria tudo que eu tenho pra tirar esse cara do crack, eu daria tudo pra tirar meu marido da bebida. Aí vai pra Igreja, o filho volta e é restaurado. Quanto vale isso? Aí você pergunta assim: é ele, eu fui beneficiado? Se eu der o dinheiro todo que eu ganho, não paga. Não é o pastor que fez. Eu não gosto dessa de pastor. Pastor é apenas o condutor, mas o que Deus faz na vida das pessoas. Eu não faço nada, Gabi. Eu creio em um Deus que faz.

MG: Oh, Silas, vou terminar esse bloco. Mas você anda de avião.

SM: Sim.

MG: Você é uma igreja que tem um avião próprio, você citou um apartamento nos EUA. Em uma outra matéria que eu li sua, você dizia que alguns apartamentos apagaram em 30 anos.

SM: Um apartamento e esse que eu te informei na Declaração do Imposto de renda. Um e outros aqui no Brasil.

MG: Não importa.

SM: É meu. Não foi com dinheiro de Igreja.

MG: Não tô dizendo que você não mereça. Você fez uma coisa convincente. Mas o que eu tô querendo dizer é se não é herético imaginar que você foi mais favorecido do que quem tá esperando também.

SM: É porque você não conhece as ovelhas e os membros da Igreja, o que que aconteceu na vida deles, você não tem ideia disso.

MG: Vamo lá. Tô chegando ao fim do primeiro bloco com o pastor Silas Malafaia. E a conversa está apenas começando. Eu já sabia que vinha bomba pela frente. Ele é forte. Nós voltamos em seguida. Até já!

MG: De volta e de frente com o pastor Silas Malafaia. Agora vem bomba. Vamo lá, oh, pastor ou Silas?

SM: Silas.

MG: No discurso de posse pro segundo mandato, o presidente americano Barack Obama disse textualmente: “Nossa jornada não estará completa até que nossos irmãos e irmãs gays sejam tratados como qualquer pessoa”. Na sua igreja ele não teria sido reeleito.

SM: Na minha igreja não. Ele não teria sido reeleito. Deixa eu falar sobre essa questão de homossexualismo.

MG: Lidade. Homossexualidade!

SM: Homossexualidade. Isso. Obrigado. Deixa eu te falar uma coisa. Primeiro: Ninguém nasce gay. Homossexualismo é um comportamento.

MG: Isso é contestável.

SM: Eu vou fazer uma definição. Então vamo lá. É contestável? Eu mando vim na Genética. Quem pode dizer se alguém nasce gay ou não? Não é a Psicologia. É a Genética. É a ciência. Igual aborto. Quem pode dizer onde começa a vida? É a biologia. Então, quem é que na ciência.

MG: Você sabe que as últimas pesquisas andaram mapeando cérebro de gente aí.

SM: Não deu nada.

MG: Deu sim.

SM: Deixa eu te falar uma coisa que é muito interessante. Não existe uma ordem cromossômica homossexual. Não existe gene homossexual. Existe ordem cromossômica de macho e de fêmea. Então, vou fazer uma definição de homossexualismo: um homem e uma mulher

MG: Homossexualidade.

SM: Homossexualismo, a prática. Eu posso falar homossexualismo ou homossexualidade. Não tem...

MG: É que homossexualismo caracteriza doença.

SM: Não. Mas eu não vejo como doença. Vejo como comportamento. Não há nada de doença. Então, a homossexualidade, um homem e uma mulher por determinação genética e homossexual por preferência aprendida ou imposta. Agora vamos para as pesquisas. 46% dos homossexuais foram violados, violentados quando criança. Como é que alguém nasce? 46%, 54% escolheram ser. Então, primeiro. Homossexualismo é comportamento. Então vamos para a Genética. Gêmeos iguais, eu tô falando de genética. Gêmeos iguais, embrião que se divide, é chamado geneticamente iguais. É homozigóticos. Então, o que que tinha que acontecer. Se um gêmeo é hétero, o outro teria que ser hétero. Se um gêmeo é homossexual, o outro teria que ser. Então, vamo lá. 35% dos gêmeos que são homossexuais, os outros 75% são heteros. Então como é que são iguais? Peraí. Eu tô falando é de nascer homossexual. Eu tô falando é de Genética.

MG: Tá bom.

SM: Não tem nenhuma fonte na Genética. Não tem nenhuma fonte, traços psíquicos, não sei o quê. Então vamo lá, 46% passaram a ser homossexuais e eles não falam. O dia que eu falei isso. A partir do dia que foram violados e violentados

MG: Então, a partir... Você já está dando outro dado. No geral, violentados por quem?

SM: Não. Por parentes, por vizinhos.

MG: Por ser homossexuais?

SM: Não .

SM: Então vamo lá.

SM: Nascer? Nascer é assim: eu vim a esse mundo e tenho essa vontade.

MG: Por que animais e nós somos mais um na natureza. Por que animais praticam sexo com o mesmo, muitos animais com animais do mesmo sexo e não são perturbados na outra sexualidade?

SM: E não é. Os animais não são considerados uma prática homossexual.

SM: Olha a pergunta que você me fez. Nós estamos conversando e você disse assim: Ninguém nasce homossexual. Foi minha resposta pra você.

SM: E eu disse que é incontestável isso.

SM: E eu tenho argumento. O que que é a ciência? Ciência tem que ter observação. Por que evolução é teoria? Por que você não pode comprová-la na observação. Então escute. Peraí, peraí, uai?

MG: Essa conversa não vai terminar nunca e eu quero saber de você.

SM: Você quer saber; eu vou responder.

MG: Eu quero saber qual é a tua questão com a homossexualidade.

SM: Eu vou dizer qual é a minha questão. A minha questão aqui no Brasil, a minha questão aqui no Brasil, é os direitos que eles querem em detrimento da coletividade. É outro papo.

MG: Quais são os direitos?

SM: Os direitos? Então eu vou dizer pra você

MG: Serem respeitados? Não serem mortos e agredidos?

SM: Não. Nada, nada disso. Você está falando de mortos? Quando eles falam de números. Eu não acho que ninguém deve morrer. Eu não quero que ninguém morra de nada. Mas quando eles utilizam números é contra eles, totalmente. Eu vou nessa de número, já já. Mas vamos aqui. O que eles querem na PLC 122. Número 1, lá no artigo 20, parágrafo 5º, tá dizendo o seguinte: “Se um homossexual sofrer constrangimento vexatório de ordem ética, moral, psíquica. Então tá lá, ok? 3 a 5 anos de cadeia. Então vamos para a Constituição, ninguém será privado por convicções filosóficas, religiosas e políticas. Então, o que é?”

MG: No caso deles? É que eles estão querendo ser tratados como os outros.

SM: Não, não. O que é constrangimento filosófico? Quem é que define isso? Significa o quê? Olhar na cara de um homossexual e falar: olha, você está me constrangendo filosoficamente. Que que isso? Outra, peraí um instantinho. Outra, o artigo 8...

MG: Você está exagerando, Silas.

SM: É o que tá lá...

MG: Não, você tá. Não, você tá botando...

SM: Tá aqui. Eu tô com ela.

MG: Você cita, mas a interpretação que você tá dando, é que o que você fala, com toda a propriedade e convicção possa, como você disse, não tenho nada contra homossexuais, você já disse mais de uma vez. Não tenho nada, não quero que eles sofram violência...

SM: Claro, cê louco.

MG: Mas acontece que todas as pessoas que têm a formação que você tem, ou tem esse tipo de disposição esclarecida. Você falando com essa convicção e dessa forma, e com essa sua interpretação, pode eventualmente, estar influenciando pessoas que podem sim praticar violência.

SM: Aí minha filha, você vai me desculpar. Mas vamos cortar programas de televisão, vamos cortar novelas, vamos cortar filmes que têm ação porque vai influenciar alguém a matar. Aí a sociedade para. Então, a televisão vai ter que parar agora. Vai ficar só a Marília Gabriela porque tem entrevista. O cara que mata não vai poder, não vai poder ter mais filme na TV.

MG: Você acha que os homossexuais que pagam impostos, trabalham não têm direitos? os mesmos direitos que você tem?

SM: Que direitos? Eles têm. Se eu tomar um tapa na cara, é igual um homossexual tomar um tapa na cara. Se alguém me xingar, a lei tá igualzinha pra eles. Se alguém xingar eles, filha.

MG: Não tem sido dessa maneira.

SM: Não, não. Se não tem sido

MG: Se não tivesse sido até agora, eles não estariam atrás de uma lei que os protegesse, Silas.

SM: Querida, querida, olha. Eu vou dizer uma coisa. Eu fui ofendido com a suástica. Na reunião da comissão com a cidadania. Botaram meu nome com a suástica que é crime no Brasil. Eles querem uma lei pra atacar, xingar, atingir quem eles querem e estarem protegidos acima de todos. Uma vírgula pra eles. Então, eles estão atrás apenas. Quer ver uma outra? Linha B do artigo do PL 22. Ninguém pode impedir afetividade de um homossexual, transgênicos, bissexuais. Este direito será dado a demais cidadãos. Quer dizer, a preferência passou a ser deles. Então, agora eu vou pro campo da realidade. O lugar do culto é

protegido pela Constituição, tá certo? O lugar do culto, lá dentro do culto, Ninguém entra, ninguém faz bagunça porque vai dançar. O pátio não é Igreja não. Então, Que que significa se essa lei estiver aprovada? Se no pátio da minha Igreja, tiver um casal de homossexuais se beijando e eu botar pra fora. 3 a 5 anos de cadeia. Que que eu vou dar esse mole pra eles? Nunca.

MG: Venha cá. Os seus fieis, imagino, entre eles deve haver homossexuais.

SM: Que foram ou que estão buscando sair.

MG: Mas existem...

SM: Mas estão buscando sair...

MG: Entre os pastores também. Pela lei da probabilidade.

SM: Se houver pastores homossexuais, se tiver pastor homossexual. Deixa eu falar. Na Bíblia, adultério, homossexualismo, prostituição, o cara é passível de ser excluído daquela congregação. Se um pastor tiver um caso com uma mulher, ele perde o cargo de pastor. Se um pastor tiver um caso de homossexualismo, ele perde o cargo de pastor. Se um pastor for solteiro e tiver uma relação sexual com qualquer uma, vai perder o cargo. Então, a Bíblia trata do mesmo nível.

MG: Algum fiel seu, homossexual, chegou a conversar com você sobre esse assunto ou não existe sequer conversa?

SM: O quê? É Claro, pede socorro. Olha, a Igreja está lotada de gente clamando por socorro.

MG: Você como psicólogo chegou a conclusão de que um homossexual deve e pode

SM: Ser reorientado?

MG: É.

SM: Olha, eu vou pedir. Desculpa a minha ousadia de falar com você. Um dia, Gabi, traga aqui, Joith. É um pastor que foi travesti na Europa e está casado há doze anos. Eu falando é uma coisa. Você tem que ver. Ele tem foto como travesti, bonitão, peitão, coxão, bá bá bá. Ele tem as fotos. Ouça alguém que foi reorientado.

MG: Ele era. Você aceita que ele podia ser um bissexual?

SM: Conversa com ele pra você ver.

MG: Não. Eu tô perguntando se você aceita que ele poderia ser um bissexual?

SM: Pode ser um bissexual. Agora um cara vai botar 380 de peito, botar bumbum e coxa e ser bissexual. Mas olha, vamo deixar pra lá?

MG: Mas depois não virou? Não casou e tudo?

SM: Casou.

MG: Agora eu vou fazer outra pergunta pra você. Você não acha outra vez, eu acho pouco herético que criaturas de Deus, digamos, sejam julgadas diante de Deus. Que autoridade, que autorização deu Ele para qualquer ser humano ficar julgando o outro nesse nível?

SM: Primeiro, a autoridade não é pra julgar a pessoa. A autoridade da Bíblia é pra condenar pecado. E eu vou dizer uma coisa pra você? Você sabia que Jesus falou mais sobre o inferno do que sobre o céu nos evangelhos? Por que Jesus falou mais sobre o inferno do que sobre o céu? Pra mostrar o perigo que é ele e pra quem vai pra lá. Então, a Bíblia define o que é pecado. Então, eu não estou aqui pra acusar A, B ou C. Estou aqui pra condenar o pecado. Então, na minha visão, ok? Crença e valores, da minha visão espiritual, do que eu creio na Bíblia. Homossexualidade, adultério, prostituição, são pecados claríssimos a luz da Bíblia.

MG: Então, um casamento que não der certo pra você tem que continuar lá pra sempre? A pessoa não pode se separar e fazer outra família?

SM: Pode. A Bíblia dá. A Bíblia dá margem, pode. Quem te disse que não pode?

MG: Mas essa interpretação é muito fortuita.

SM: Não. Não.

MG: Quando você diz assim: eu estou aqui para defender a família .

SM: Não, na minha Igreja tem vários divorciados.

MG: Eu tô aqui pra defender a família. Eu quero saber que família é essa? que conceito de família é esse que desde a época de Cristo não foi revisto?

SM: Conceito de família? Eu vou te dar. Conceito de família. Toda história da civilização humana, toda a história, o que eu tô te falando é antropológico , sociológico e teológico. Toda história da civilização humana está sustentada num homem, numa mulher e sua prole.

MG: Você está passando pela Grécia Antiga ai.

SM: Eu tô falando da história, que tinha homossexuais. A história da humanidade é isso, é isso aqui. Na faculdade, eu acho uma graça, na faculdade...

MG: Então você sabe que tem homossexuais sempre?

SM: Em todos os tempos desde que o homem, na época de Noé, quando Deus mandou o dilúvio, a depravação moral era de altíssimo grau. Deixa eu dizer uma coisa , Gabi. O que muda é a tecnologia. O homem é a mesma coisa, com suas loucuras, com seus desejos. O que muda é a tecnologia, o ser humano

é a mesma coisa. Então, a Bíblia, eu tô falando de Bíblia e do que eu creio. Eu tô falando daquilo que eu creio e daquilo que a Bíblia fala. A Bíblia é um livro pra quem quer crer e pra quem não quer crer. É um direito de cada um. Eu sigo aquele livro, é a única fonte de conhecimento filosófico, teológico, científico e vulgar. Não tem outro livro no mundo que não tem essas 4 fontes de conhecimento. Só a Bíblia. Nenhuma verdade científica da Bíblia até hoje foi derrubada. Nenhuma delas. Então, quando uma pessoa, na Igreja, uma pessoa. Tô falando da família, vou voltar pra família, a família, na faculdade...Ah, é isso. Me lembrando do que eu tava falando. Na faculdade eu ouvi, eu ouvi, durante cinco anos, isso que eu vou te falar. A criança quando nasce. O primeiro objeto de amor dela é a mãe, ela faz ruptura dela com a mãe, a partir da figura paterna. A partir da figura paterna, a criança faz diferenciação entre ela, a mãe e o mundo. Eu ouvi, eu cansei de ouvir isso. Sabe de Freud? Que tanto falam? Freud estudou o caso de uma paciente homossexual e descobriu que ela é homossexual pela relação dela com o pai. Manda rasgar o compêndio de Freud, manda eles rasgarem. Tá lá. Estudo de Freud. Ele reorientou a mulher e ela passou a ser heterossexual. Então, vai dizer que não pode ser reorientado? Gabi, eu não tô aqui pra impedir ninguém de ser homossexual, eu não tô aqui pra impedir ninguém de adular, eu não tô aqui pra impedir ninguém de prostituir, isso é problema de cada um.

MG: Eu vou propor um problema pra você, que é contra, inclusive, a legalização do aborto. Supondo que nasce uma criança e a mãe dessa criança não vai poder criá-la. Um casal homossexual se dispõe a criar essa criatura, senão vai ficar jogada, que seja numa instituição que vai tratá-la mal. Você acha que ainda assim um casal homossexual não pode ter essa criança e fazer dele um belo cidadão, uma bela cidadã e criar um cidadão digno com todos os seus direitos, com toda a sua inteligência, com todo o seu amor e com toda sua paixão pelo outro.

SM: Primeiro, tem mais na fila casais heteros esperando crianças.

MG: Eu não tô perguntando isso pra você. Eu tô perguntando, eu tô falando das novas famílias.

SM: Eu não acredito que dois homens possam criar uma criança perfeita, no sentido total que você quer, como você cita. Porque eu acredito que Deus fez homem e mulher e esses seres que se completam. Lá na França ninguém chamou de fundamentalista. Ninguém chamou de fundamentalista.

MG: Oh, Silas. As famílias mudaram, mudaram. A sociedade como um todo mudou, mudou tudo.

SM: Eu não acredito nisso. Vamos ver daqui 60, 70 anos o que vai acontecer.

MG: Mudou tudo, Silas.

SM: Mas daqui a 50, 60 anos, vamos ver.

MG: Mas daqui a 50, 60 anos o que pode acontecer?

SM: O que pode acontecer? Crianças, porque esse negócio de adoção é de agora, é de agora nova, 10 anos, 12 anos, não tem mais do que 15 anos isso no mundo. Então, não adianta vir agora com fotografia de jornal e mostrar dois caras com uma criança feliz. Essa história pra mim não me convence.

MG: Não tô falando só disso. Tô falando de duas mulheres ou dois homens

SM: Eu não acredito que dois homens ou duas mulheres têm capacidade pra desenvolver um ser humano, eu acredito que um homem e uma mulher, eu não acredito nisso.

MG: Eu conheço muitas pessoas que foram criadas dessa forma.

SM: Daqui 30 anos você pode me falar alguma coisa

MG: Você já está pré-julgando, Silas. Você é Deus, você está julgando, pré-julgando

SM: Quem está pré-julgando é você agora.

MG: Eu estou dizendo baseado no que eu aprendi, baseado no que eu vi.

SM: Não. Você está pré-julgando. Você está dizendo que uma criança ali criada daqui uns 30 anos vai ser o que?

MG: Eu não sei, tenho minhas dúvidas.

SM: Você está falando, vai ver o que vai acontecer.

SM: Assim como uma criança ser criada por um leviano, por um pai leviano, eu tenho minhas dúvidas sobre ela.

MG: Um pai bandido, que bate na mulher.

SM: Tenho minhas dúvidas, tenho minhas dúvidas.

MG: Uma família que tem um pai maldito.

SM: Tenho minhas dúvidas. Tenho minhas dúvidas do que vai dar essa criança. Eu até acredito que o ser humano, por ele ser um ser inteligente, ele possa romper uma história e construir uma história nova. Não significa que filho de bandido vai ser bandido e filho de bacana vai ser bacana. Um cara pode romper sua história pra melhor ou pra pior. Mas eu tô falando aqui na tese que você está me apresentando.

MG: Das novas famílias?

SM: Eu posso defender minhas teses com maior veemência possível e não significa que eu odeio as pessoas. Eu sou muito veemente pra defender meus princípios, você mesmo já falou. Eu sou polêmico, meu jeito, defendendo com muita vontade, eu amo demais. Uma vez um repórter me perguntou assim pra

mim: “Pastor, se seu filho for homossexual como o senhor agiria?” “Eu amaria 100% e discordaria dele 100%”. Quem disse que amar é dizer amém?

MG: Você ia fazer um inferno na vida do seu filho, nossa!

SM: Não, não. Eu ia mostrar ele, eu ia tentar ajuda-lo com meu amor, sabe por que, Gabi? O ser humano pensa que amar é falar o que o outro quer ouvir.

MG: Supondo que ele não seguisse...

SM: Ele ia continuar o caminho dele. Eu ia amar ele do mesmo jeito.

MG: Você ia continuar enlouquecendo seu filho...

SM: Não. Isso aí, você me julga . Agora, você que está me julgando, eu disse que meu amor

MG: Você falou isso, você falou: “vou discordar 100%” .

SM: Vou discordar mesmo, uai. O filho de um bandido, a mãe de um bandido vai na cadeia, e eu tenho trabalho em penitenciária, o filho é um assassino, fascínuo e ela o ama profundamente. Agora pergunta se ela concorda um milímetro com aquilo? Concordar com uma prática é uma coisa, amar a pessoa é outra. Eu amo os homossexuais, mas discordo 100% de suas práticas.

MG: Então, repita isso, por favor.

SM: Isso eles sabem.

MG: Não, diga de boca cheia.

SM: Eles sabem, não são bobinhos não, eles sabem.

MG: Então diga.

SM: Eu amo os homossexuais como amo os bandidos, amo assassinos. Eu aumento o leque, por que eu amo, o ser humano é a coisa mais importante.

MG: Você tá botando, você tá colocando, veja, você tá colocando o homossexual do lado de assassino , bandido.

SM: Mas é pra dizer, uai. Eu não gosto de uma prática, então tô dizendo pra você.

MG: Então, vamos parar por aqui, porque nós temos mais um bloco e eu juro que não vou bater nele e ele não vai deixar que batam em mim, não. Estamos terminando mais um bloco de de frente com o pastor Silas Malafaia. Nós voltamos já já.

MG: Estamos de volta com o pastor Silas Malafaia. Silas, nós temos 3 minutos porque estouramos todo o nosso tempo anteriormente. Eu queria falar sobre, primeiro: política e religião caminham bem juntas? Você acha que nós temos um estado laico, os evangélicos

SM: É laico, mas não é laicista. O estado é laico, mas não é laicista.

MG: Vai daí que?

SM: Vai dai que assim como um ateuista com as suas convicções pode trafegar na política, eu com minhas convicções religiosas posso, o que eu não posso é querer fazer com que a minha religião seja dominante, que minha religião entre pela guela das pessoas, mas eu agora como cidadão, o que eu e você somos

MG: Você não quer ser político, por exemplo?

SM: Não. Não. Nunca serei.

MG: Mas quer influenciar na política?

SM: Quero, com toda a certeza, não só na política, como na sociedade.

MG: Olha, Silas, vamo falar agora. Eu li uma matéria recentemente sobre a formação de novos pastores. O catolicismo investe muito na orientação de padres que levam em média cinco anos pra se formar, né? Um padre. Como é a formação na sua Igreja?

SM: Na minha igreja, o pastor, para consagrar o camarada pastor, no mínimo, no baratinho, um curso básico teológico, no mínimo.

MG: Um curso básico é o que? dois anos?

SM: Um curso de dois anos, um curso básico e na Igreja eu tenho um curso para prepará-lo que também não é um curso de muito tempo, que leva aí, uns quatro, cinco meses pra dizer pra ele o que a Igreja pensa. O que a gente é, como é. Isso é o seguinte, é uma caminhada pra eu chegar no nível, agora ainda não dá, não tem como fazer isso, mas na minha Igreja já já vai chegar pro cara ser pastor , vai ter que ter um bacharelado em teologia pra ele ser pastor. Biblicamente falando, o pastor, ele tem que ser um vocacionado por Deus. Ele tem que buscar se preparar pra vocação daquele exercício que ele deu. A minha Igreja, é uma Igreja muito fincada na palavra, isto é, lá não tem blá blá, de conversinha fiada, o cara tem que abrir a Bíblia e ensinar a Bíblia . Então requer nele...

MG: Conhecimento.

SM: Preparo, conhecimento e pesquisa.

MG: Agora Silas, eu quero, nenhum, eu juro, nenhuma capisciosidade na pergunta. Quero que você me responda honestamente e tamo pensando amplo, e tamo pensando de sobrevivência . Eu sei que é uma profissão bem assalariada, esses meninos, você já disse que um pastor ganha de

SM: quatro a 22 mil, na minha Igreja.

MG: E ai, as igrejas tem se desmembrado e têm surgido novas igrejas. É um bom negócio?

SM: O negócio não é bom, deixa eu te explicar porquê. Não é negócio. As igrejas, Gabi, é o seguinte. Tem gente enganada aí pra caramba. Quando alguém me vê ou quando alguém vê RR Soares, Valdemiro, Edir Macedo. É igualzinho tá vendo o Cristiano Ronaldo no futebol. Existe uma meia dúzia de pastores de alto nível de salário e tudo, mas a grande massa de pastores evangélicos do país não ganham mais do que cinco salários. Isso que muita gente tá enganado, existe como em todas

MG: As Igrejas são ricas, elas tem sedes em todo o país. A sua tem quantas?

SM: Nem todas. A minha Igreja, a minha tem 120 igrejas. 70 são alugadas, 50 são próprias. 70 são propriedades alugadas. Eu sou um camarada visionário que quero fazer com que meu pastor desempenhe a sua função com dignidade. Não quero que ele fique preocupado com comida de filho, com problema em casa pra ele dar atenção pra aquela ovelha, então eu quero dar dignidade ao cara. Mas Gabi, o que tem de pastor nesse país que ganha mil conto, que ganha mil e quinhentos reais, você não tem ideia. É por que a mídia quando olha, porque com todo respeito, sem querer saber nada, é igual você. Você é top como jornalista, mas tem um monte de jornalista que eu não vou falar, que só Deus sabe quanto eles ganham.

MG: Mas e a perspectiva dos que começam é chegar a ser Silas malafaia, ganham 1500, mas ele tá lá. É uma perspectiva.

SM: Não. Que pra ele poder, eu abdiquei do salário da minha Igreja. Eu, pessoalmente, minha Igreja é uma Igreja que paga muito bem o pastor, ao pastor presidente. Então ele sabe que pra chegar a um nível grande, presidir uma organização, aí é que tá enganado. Se fosse fácil, todo mundo fazia e não vai ser brincadeira, ele presidir uma organização.

MG: Você alguma vez na vida passou pela Igreja Católica? Teve alguma passagem pela Igreja Católica? O papa representa alguma coisa pra você?

SM: Não, não. Pra nós não. É um líder de uma religião, apenas isso.

MG: Com o respeito seu?

SM: Respeito porque é o líder de uma religião e eu tenho que respeitar. Agora não reconhecemos ele como sucessor de Cristo, não reconhecemos ele. Esse reconhecimento nós não damos a ele.

MG: Existe um sucessor de cristo?

SM: O sucessor de Cristo são seus discípulos, que ele mandou a gente aqui na Terra, imitá-lo e pregar o que ele deixou. Ele não deixou uma pessoa, ó esse cara aqui vai comandar, não teve essa e outra, se Pedro foi sucessor de Cristo, esqueceram de avisar eles que Pedro era casado. Jesus curou a sogra de Pedro, devia liberar eles pra casarem, mas vamo embora, é outra história.

MG: Outra história também, que devia ter homossexual a beça naquela época, hein?

SM: Podia ter, eu não tenho dúvida nenhuma disso.

MG: Tamo terminando mais um bloco de frente com o pastor Silas Malafaia. Nós voltamos daqui a pouquinho, até já.

MG: De frente para a parte final com o pastor Silas Malafaia. Esporte você praticou na vida ou não?

SM: Pereba jogando bola, sou ruim demais.

MG: O que é pereba?

SM: Pereba é ruim, o cara ruim. Sempre joguei. Gosto de futebol, mas sou ruim.

MG: Vamo ver lá. Agora. Bate bola, jogo rápido

MG: Divórcio?

SM: Sou contra.

MG: Casamento?

SM: Sou a favor.

MG: E morar junto?

SM: Sou contra! Por quê? A não ser que seja casado, sou contra. Tudo que sai fora da legalidade do casamento, sou contra. Tá me perguntando, eu tô respondendo. Sou contra.

MG: Judaísmo?

SM: É. O antecessor do cristianismo. O judaísmo foi fundamental pra chegar até o cristianismo, por isso nós ainda temos o antigo testamento na Bíblia.

MG: Islamismo?

SM: Acredito de um radicalismo muito horroroso para o que a gente chama de religião.

MG: Não tá falando de radicalismo não, né? Na minha frente? Vou deixar passar

SM: Tô falando de radicalismo que manda matar, que não aceita os outros. Isso que tô falando, pra matar. Não aceitar? Quem disse que na sociedade a gente aceita todo mundo?

MG: Ok.

SM: Quer dizer que ser bacana é aceitar todo mundo? É isso que é ser bacana?

MG: É ter um olhar condescendente com o outro. É entender. Você que é psicólogo devia entender isso. Não vamo começar a brigar de novo.

SM: Não, Não é assim não! A vida não é assim não.

MG: Parada gay, então. Diga pra mim

SM: Parada gay é uma publicidade acerca de algo que eles tão mentindo o tempo todo e que a Folha de S. Paulo fez a casa cair sobre o número.

MG: Silas Malafaia por Silas Malafaia

SM: Eu sou o seguinte, acho que de vez em quando, eu sou chato, de vez em quando eu sou muito duro pra questionar as coisas, assim num embate. Igual aqui com você, às vezes eu falo alto demais, quando eu tô num embate eu podia falar mais baixo. Silas, diminui um pouco o volume. Minha esposa diz assim. Mas acho que sou um idealista, eu tenho ideais e eu não abro mão da família, que é a coisa mais, é a base de sustentáculo da sociedade. Aí eu vou dizer uma palavra espiritual, é do mundo espiritual, o maior interessado em destruir a família é o diabo. Pois quando ele destroi a família, ele desarruma toda a sociedade. Crack, cocaína, bebida, vai até lá numa análise bem profunda pra ver se não tem uma participação dessa história da família. A família é uma coisa muito, muito importante.

MG: Olha aqui. Brigada pela entrevista.

SM: Deus te abençoe. Meu desejo é que esse Deus que eu creio se revele cada vez mais a você e que as pessoas que estão nos assistindo. Eu não conheço as pessoas, não sei o que está acontecendo com ela, mas eu, se você me permitir, eu quero liberar uma palavra. Talvez precisando de cura, talvez gente sem paz, talvez gente perturbada com as coisas da vida, que Deus manifesta em você trazendo paz, alegria e equilíbrio.

MG: Que o Meu, que eu não sei se é o mesmo seu, te perdoe.

SM: Ele perdoa porque sou pecador.

MG: Brigada Silas, a gente se vê aqui no próximo programa. Até lá.